

**DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**

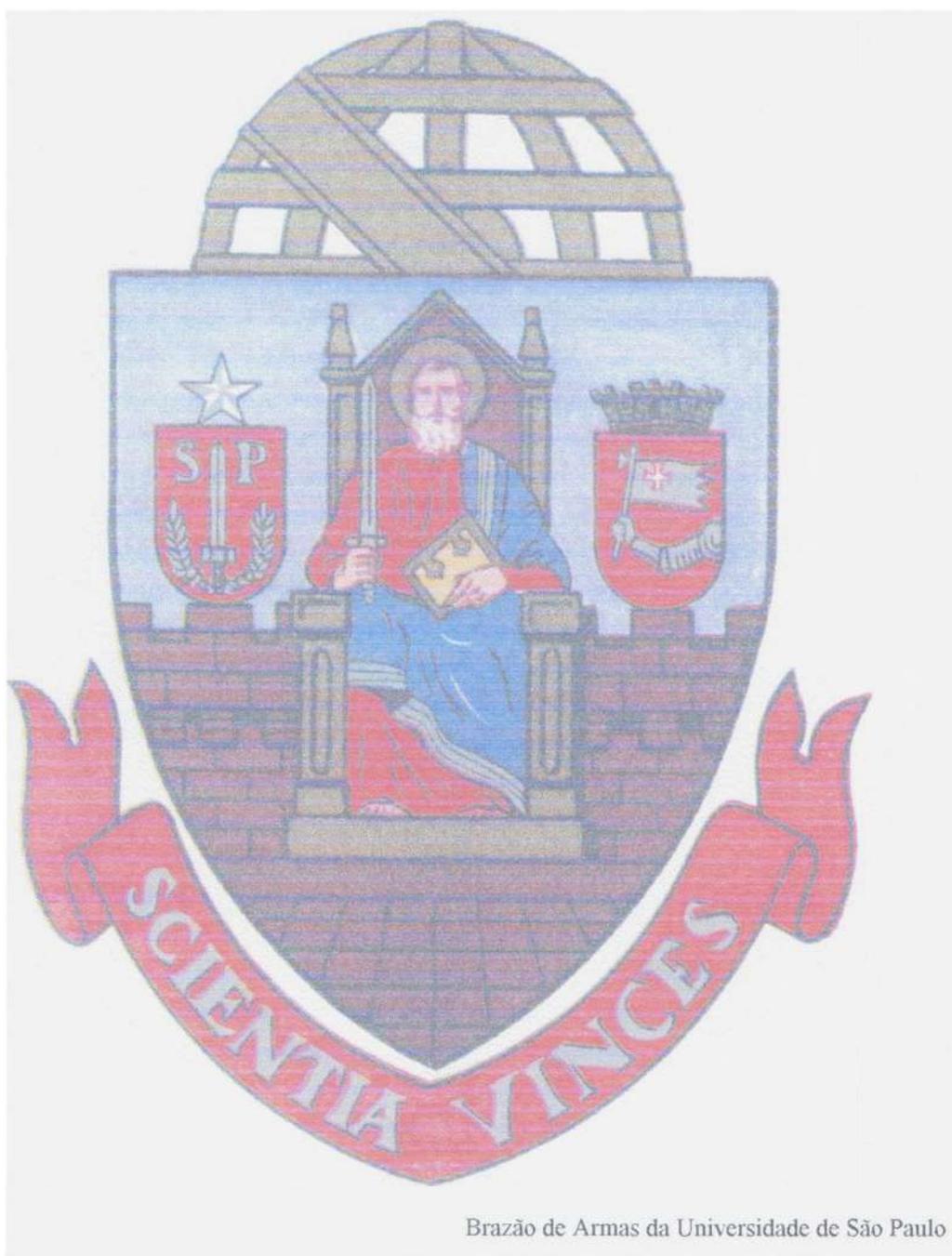
**ESBOÇO INICIAL DA CLIMATOLOGIA NA GEOGRAFIA DA FACULDADE DE
FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS DA
UNIVERSIDADE DE SAO PAULO**

Dissertação de Mestrado

Autor: Romeu Antônio de ARAUJO

Orientador: Prof. Dr. Tarik Rezende de AZEVEDO

março de 2005



Braço de Armas da Universidade de São Paulo

Departamento de Geografia
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Universidade de São Paulo

**Esboço inicial da Climatologia na Geografia da Faculdade
de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São
Paulo**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós Graduação em Geografia Física, do Departamento de Geografia, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para obtenção do diploma de Mestre.

Aluno: Romeu Antônio de ARAUJO
Orientador: Prof. Dr. Tarik Rezende de AZEVEDO

Em memória de César, meu pai, que, embora não tenha tido condições de acesso ao ensino formal, valorizava o conhecimento Universal e sabia, como poucos, usufruir do conhecimento de Mundo. Entre os valores que nos deixou estão: o amor à natureza; a noção de espacialidade; a Geografia das paisagens; a paixão pelas viagens; a importância da Geopolítica, pois de forma intuitiva, ajudou-nos na construção do conhecimento e lapidação da curiosidade quando, através da imaginação, viajava conosco e nos ensinava "tomando" os nomes dos países e suas Capitais, nas tarefas escolares.

AGRADECIMENTOS

Quando lemos uma Dissertação de Mestrado, ou uma Tese de Doutorado, deparamo-nos com uma página dedicada a agradecimentos, dirigido pelo autor a pessoas que com ele contribuíram, algumas até involuntariamente. Às vezes é interpretada como uma praxe em trabalhos acadêmicos. Porém, ao concluir um projeto de pesquisa e, para sua compilação, lembramo-nos dos que nos ajudaram nessa empreitada. A preocupação agora, é não cometer a injustiça do esquecimento.

A Alexandre, em uma conversa franca e aberta, quase um desafio, sugeriu a retomada à vida acadêmica.

A Flávia, uma das primeiras a incentivar a idéia, dispondo-se a colaborar na elaboração de projetos.

A Beatriz, pelo acompanhamento e ajuda nas ocasiões das "rebeliões" dos computadores.

A Wilma, pelo convívio de mais de 40 anos, sempre me incentivando e "empurrando" nos momentos de desânimo e hesitação.

A professora Maria Luisa Marcondes, que me convenceu a ingressar no magistério estadual, dando-me todo o apoio e votos de confiança.

Aos colegas professores Marcos Farinha e Vera Capura, que me ajudaram na decisão de adotar a Geografia como uma nova paixão.

A Ana Elisa que, pacientemente, acompanhou a revisão do texto, sugerindo alterações e aclarando idéias.

A Atilio Brunacci, pelos materiais de pesquisa e sugestões preciosas.

Aos funcionários do Arquivo Central da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, pela atenção que me dispensaram.

Aos funcionários do CAPH – Centro de Apoio e Pesquisa em História "Sergio Buarque de Holanda", pelo apoio nas consultas ao seu acervo.

Por fim, mas não por último, ao Professor Doutor Tarik Rezende de Azevedo. Jovem cientista, que tive o privilégio de conhecer durante um trabalho de campo, em Campos do Jordão – SP, quando aprendi a compreender melhor a Climatologia. A solicitude e, principalmente, a paciência desse professor serviram de norte e desafio para a conclusão dessa pesquisa. Estou certo que a Climatologia, como Ciência, irá usufruir, como eu, de sua dedicação e competência.

RESUMO

Este ensaio tem o objetivo de contribuir para o estudo da criação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, fator determinante para a fundação da Universidade de São Paulo, em janeiro de 1934, e a participação dos Professores europeus que, como Lentes, foram convidados a dar os contornos iniciais para as diversas áreas da recém criada Faculdade. Nos anos seguintes outros eminentes pensadores, ajudaram a consolidar o projeto da constituição da Universidade.

As pesquisas foram centradas na organização e desenvolvimento dos cursos de Geografia, realizados por professores franceses, cuja obra continuou através dos alunos por eles orientados, que se tornaram Docentes na própria Universidade, e formaram os membros da chamada Escola Paulista de Geografia, destacando-se aqueles cuja dedicação foi maior ao estudo da Climatologia.

Não apenas a chamada Escola Paulista de Geografia, mas a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras e a Universidade de São Paulo como um todo, formaram gerações de profissionais em todas as áreas do conhecimento, muitos deles dedicaram-se ao Magistério, tornando-se referenciais na construção da História da Educação em todo o Brasil.

Os professores que participaram dessa realização, enfrentando dificuldades de toda sorte, uma verdadeira "Epopéia", pertencem ao rol dos mais eminentes e lembrados nomes da Geografia.

A célebre "Escola Francesa de Geografia", teve nos primeiros orientados, os continuadores da obra realizada pelos professores que iniciaram os estudos da Geografia e, portanto, pioneiros na pesquisa dessa ciência no Brasil.

ABSTRACT

This essay has the objective of contributing for the study of the "Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras – FFCL" foundation in January, 1934 and the European professors contribution who, as Lentes, were invited to lead the first shaping for the different just created areas of the College. Throughout the following years other eminent thinkers helped to consolidate the project of the University constitution.

The researches were focused in the organization and development of the Geography courses, achieved by the French professors, whose works continued through the students by them oriented, who became also professors at the University later on, and formed the members of the "Escola Paulista de Geografia", standing out the ones who dedicated their studies on the Climatology subject.

Not only the "Escola Paulista de Geografia", but "Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras" and University of São Paulo overall, formed generations of professional all over the areas of the knowledge, lots of them dedicated their life to the teaching, becoming reference in the construction of the educational History in Brazil.

The professors who participated of this project, facing difficulties of all sorts, a real "Epopée", belong to the hall of the highest well know and recognized names of Geography.

In Brazil, the called "Escola Paulista de Geografia" had as first guided students, the continuators of the work done by the professors who began the Geography studies, therefore, pioneers in the research of this science.

RESUMO

Este ensayo tiene como objetivo contribuir para el estudio de la creación de la Facultad de Filosofía, Ciencias y Letras, factor determinante para la fundación de la Universidad de San Pablo, en enero de 1934 y la participación de los profesores europeos que, como foco fueron invitados a dar los bordes iniciales para las diversas áreas de la recién creada Facultad. En los años siguientes otros eminentes pensadores ayudaron a consolidar el proyecto de la constitución de la Universidad.

Las pesquisas fueron centradas en la organización y desarrollo de los cursos de Geografía realizados por profesores franceses, cuya obra continuó a través de los alumnos orientados por ellos, que se tornaron Docentes en la propia Universidad, y formó a los miembros de la llamada Escuela Paulista de Geografía, destacándose los que se dedicaron a los estudios de la Climatología.

No solamente a la llamada Escuela Paulista de Geografía, pero la Facultad de Filosofía, Ciencias y Letras, y la Universidad de San Pablo como un todo, formando generaciones de profesionales en todas las áreas del conocimiento, muchas de las cuales se dedicaron al magisterio, tornándose referencia en la construcción de la Historia de la Educación en todo Brasil.

Los profesores que participaron en esta realización enfrentando dificultades de todo tipo, una verdadera "Epopéya", pertenecen al rol de los más elevados nombres de la Geografía.

En Brasil, la celebre "Escuela Francesa de Geografía" tuvo en los primeros orientados, los seguidores de la obra realizada por los Profesores que iniciaron los estudios de Geografía, por lo tanto, pioneros en la pesquisa de esta ciencia.

SUMÁRIO/ÍNDICE

SUMÁRIO/ÍNDICE₁ - INTRODUÇÃO	9
1 - INTRODUÇÃO	13
1.1 CONSIDERAÇÕES:	13
1.2 DOS OBJETIVOS:	13
1.3 DOCENTES PIONEIROS	13
1.4 PRIMÓRDIOS DA GEOGRAFIA FRANCESA.....	14
1.5 OS GEÓGRAFOS PIONEIROS NO BRASIL.....	14
1.6 A CLIMATOLOGIA NO DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA.....	15
2.1 EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL	16
2.2 ENSINO SUPERIOR: EXPECTATIVAS.....	16
2.3 RIO DE JANEIRO: PRIMEIRAS ACADEMIAS.....	17
2.4 BRASIL INDEPENDENTE	18
3 - PRIMEIROS CURSOS SUPERIORES	20
3.1 FACULDADE DE DIREITO DO LARGO SÃO FRANCISCO: CONTEXTO HISTÓRICO.....	20
3.3 ARQUITETURA	21
4 - O ENSINO SUPERIOR NO CONTINENTE AMERICANO	24
4.1 UNIVERSIDADE NO DISTRITO FEDERAL.....	24
5.1 O ENCILHAMENTO (1890)	25
5.3 REVOLTA DE CANUDOS 1893/1897)	26
5.4 REVOLTA DA VACINA (1904).....	26
5.5 REVOLTA DA CHIBATA (1910).....	27
5.6 GUERRA DO CONTESTADO (1912-1916).....	27
5.7 GREVES OPERÁRIAS (1917).....	30
5.9 REBELIÃO EM SÃO PAULO (1924)	31
5.10 REBELIÃO NO RIO GRANDE DO SUL (1924).....	32
5.11 COLUNA PRESTES (1925-27)	32
5.13 REVOLUÇÃO PAULISTA OU CONSTITUCIONALISTA (1932).....	34
6.1 SEMANA DE ARTE MODERNA (1922).....	36
6.2 JULIO DE MESQUITA FILHO E "O ESTADO DE SÃO PAULO" – 1926.....	36
6.3 FERNANDO DE AZEVEDO (1894-1974).....	37
6.5 OUTRAS CONTRIBUIÇÕES.....	40
7.1 CONTEXTO HISTÓRICO SOCIAL.....	42
7.2 A FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS	42
7.3 O DECRETO DE CRIAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO.....	42
7.5 INCORPORAÇÕES.....	45
8.1 RESISTÊNCIAS À INCORPORAÇÃO.....	47
8.2 CRIAÇÃO DA FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS - DECRETO 6283 DE 25 DE JANEIRO DE 1934.....	48
8.3 FORMAÇÃO DO QUADRO DOCENTE – CONTRATAÇÃO DE PROFESSORES ESTRANGEIROS	49
8.4 INFLUÊNCIAS DA 2ª. GUERRA MUNDIAL.....	52
9.1 CORPO DISCENTE.....	53
9.2 PRIMEIRA GERAÇÃO DE NOTÁVEIS.....	54
9.3 ALGUNS NOTÁVEIS AUSENTES NA FORMATURA	55
9.3.2 <i>Marcello Dany de Souza Santos</i>	58
9.5 O INÍCIO	59
9.6 LOCALIZAÇÃO DAS PRIMEIRAS UNIDADES	59
PIERRE MONBEIG	63
10 - O DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA E SUA ORGANIZAÇÃO	64

10.1 PESQUISAS INICIAIS – DIFICULDADES.....	64
11 – CONTRIBUIÇÃO DOS MESTRES FRANCESES.....	65
11.1 PIERRE DEFFONTAINES (1894 – 1978).....	65
11.2 PIERRE MONBEIG (1908-1987).....	67
11.2.1 Cátedra Pierre Monbeig - Estudos do Solo.....	69
11.2.2 Pierre Monbeig segundo seus contemporâneos.....	69
11.2.3 Primeiros Orientandos.....	70
11.3 EMMANUEL DE MARTONNE (1873-1955).....	70
12 - EVOLUÇÃO DO DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA.....	72
12.1 ORGANIZAÇÃO CURRICULAR – INÍCIO.....	72
12.2 DESMEMBRAMENTO DA CADEIRA DE GEOGRAFIA FÍSICA.....	73
12.3 CRIAÇÃO DA CADEIRA DE GEOGRAFIA DO BRASIL.....	73
12.3.1 Esquema de Distribuição dos Programas.....	73
12.3.2 Pesquisas de Campo.....	74
13 - O ENSINO DE GEOGRAFIA – PROGRESSOS.....	75
13.1 O ENSINO SECUNDÁRIO DA GEOGRAFIA.....	75
14.1 GRADE CURRICULAR DA PRIMEIRA TURMA E RESPECTIVOS PROFESSORES:.....	80
14.2 OS PROGRAMAS DA GEOGRAFIA NA USP.....	81
14.2.1 Programa para 1934.....	81
14.2.2 Programas para 1935/1936.....	81
14.2.3 PROGRAMAS PARA 1937.....	87
14.2.4 PROGRAMAS PARA 1938.....	87
14.2.6 PROGRAMAS PARA 1940.....	87
14.2.7 PROGRAMAS PARA 1941.....	87
14.2.8 PROGRAMAS PARA 1942 – criada a Cadeira de Geografia do Brasil.....	87
14.2.9 PROGRAMAS PARA 1943.....	88
14.2.11 PROGRAMAS PARA 1945.....	88
14.2.12 PROGRAMAS PARA 1946.....	88
14.2.14 PROGRAMAS PARA 1948.....	89
14.2.15 PROGRAMAS PARA 1949.....	89
15 – A REUNIÃO PAN AMERICANA DE 1949 E A SÍNTESE DOS TRABALHOS.....	90
15.1.1 GEOGRAFIA FÍSICA.....	92
15.1.2 GEOGRAFIA HUMANA.....	92
15.1.3 GEOGRAFIA DO BRASIL.....	93
15.3 TRABALHOS JÁ REALIZADOS:.....	94
SEM FALAR NAS CONTRIBUIÇÕES APRESENTADAS EM CERTAMES GEOGRÁFICOS (COMO OS CONGRESSOS BRASILEIROS DE GEOGRAFIA E AS ASSEMBLÉIAS GERAIS DA ASSOCIAÇÃO DOS GEÓGRAFOS BRASILEIROS) E NAS PUBLICAÇÕES FEITAS EM REVISTAS ESPECIALIZADAS PELOS PROFESSORES E ASSISTENTES, COMO TAMBÉM NO ABUNDANTE ACERVO DE DADOS E OBSERVAÇÕES RECOLHIDOS PELOS ALUNOS, QUE CONSTAM DO ARQUIVO DO DEPARTAMENTO, QUEREMOS CHAMAR A ATENÇÃO PARA OS SEGUINTE TRABALHOS JÁ LEVADOS A EFEITO PELO DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA:.....	94
15.3.1 TESES DE CONCURSO E DE DOUTORAMENTO:.....	94
15.3.3 Trabalhos em andamento.....	95
15.3.4 O ensino da Cartografia.....	95
15.4 PROGRAMAS PARA 1953.....	96
15.4.1 Cadeira XXIII Geografia Física.....	96
IV – CURSO - CLIMA.....	99
15.4.2 PROGRAMAS PARA 1953 - CADEIRA XXIV – GEOGRAFIA HUMANA.....	101
15.4.3 - PROGRAMAS PARA 1953 -CADEIRA DE GEOGRAFIA DO BRASIL (XXV).....	104
15.5 PROGRAMAS PARA 1954.....	106

15.5.1 CADEIRA DE GEOGRAFIA FISICA (XXIII).....	106
15.6 PROGRAMAS PARA 1955	107
15.6.1 CADEIRA DE GEOGRAFIA FÍSICA.....	107
15.6.2 CADEIRA DE GEOGRAFIA HUMANA	108
I - CURSO: INTRODUÇÃO À GEOGRAFIA HUMANA	108
II – CURSO: GÊNEROS DE VIDA	108
16 – DOCENTES DA USP QUE ALI FORAM ALUNOS.....	110
17 - O DESMEMBRAMENTO DA FFCL E O SURGIMENTO DA FFLCH.....	114
17.1 PRIMEIRA REESTRUTURAÇÃO.....	114
17.2 SEGUNDA REESTRUTURAÇÃO.....	114
17.3 TERCEIRA REESTRUTURAÇÃO	115
17.4 A REESTRUTURAÇÃO DE 1965	116
17.5 CONTINUIDADE E RUPTURA	116
17.6 ESTRUTURA ATUAL	118
18 - O ESTUDO DA CLIMATOLOGIA.....	119
18.1 ESTUDOS ANTERIORES	119
18.2 PRIMEIROS OBSERVATÓRIOS METEOROLÓGICOS	120
18.3 VIAJANTES PESQUISADORES	121
18.3.1 Jean de Lery.....	121
18.3.2 Auguste François César Provençal de Saint Hilaire - (1779-1853).....	121
18.3.3 Alexander von Humboldt. - (1769-1859).....	122
18.3.4 Johann Moritz Rugendas (1802-1858).....	123
18.3.5 Jean Baptiste Debret. (1768-1848).....	123
18.3.6 Johann Baptist von Spix (1781-1826)	123
18.3.7 Karl Friedrich Philip von Martius (1794-1868).....	123
18.3.8 Jean Louis Rodolphe Agassiz (1807-1873).....	124
18.3.9 Charles Frederick Hartt (1840-1878).....	124
18.3.10 Augusto Emilio Zaluar (1826-1882).....	125
<i>Poeta e escritor, nasceu em Lisboa a 14 de Fevereiro de 1826 e faleceu no Rio de Janeiro em Abril de 1882. Augusto Zaluar matriculou-se no 1.º ano da Escola Médico-cirúrgica de Lisboa, disposto a seguir esses estudos, mas as ciências pouco o atraíam. Alistou-se nas tropas populares que fizeram a revolução de 1844, sob as ordens da Junta do Porto, abandonou o estudo da medicina para dedicar-se às letras. Colaborou em diversos jornais de Lisboa. Decidiu vir para o Brasil em 1849. Chegou em 1850. Passou a viver dos seus trabalhos literários e jornalísticos, conseguindo alcançar grande popularidade Fez parte algum tempo da redação do Correio Mercantil e do Diário do Rio de Janeiro. Em Petrópolis foi redator principal de Parahiba, e em Santos da Civilização. Em 1856, naturalizou-se cidadão brasileiro. Nunca mais voltou a Portugal. Publicou alguns dos seus trabalhos, sobre questões econômicas e administrativas do Brasil.</i>	125
18.4 OUTRAS PUBLICAÇÕES ANTERIORES À FUNDAÇÃO DA USP	125
18.4.1 José Nunes Belfort Mattos.....	125
18.4.2 Delgado de Carvalho (Carlos Miguel Delgado de Carvalho) 1884-1980.....	125
18.4.3 José Setzer	126
18.4.4 Adalberto B. Serra	127
18.4.5 Outros nomes de destaque e suas respectivas obras:	128
Honório de Souza Silvestre	128
1921 – Aspecto Físico. Rio de Janeiro	128
1922 – Notas à Geografia Física do Brasil. Pimenta de Mello & Cia. Rio de Janeiro.....	128
A. A. Silveira.....	128
H. Morize.....	128
J. de Sampaio Ferraz	128
A. Peixoto	128
Lucas Rodrigues Junot.....	128

1942 - <i>Estudo da Temperatura da Cidade de São Paulo;</i>	128
1943 - <i>As Chuvas da Cidade de São Paulo. Siqueira. São Paulo. 1943</i>	128
19 – A CLIMATOLOGIA A PARTIR DA SEGUNDA METADE DO SÉC XX	129
19.1 A INTER-RELAÇÃO ENTRE A GEOGRAFIA E A HISTÓRIA	129
19.2 DIFERENTES ENFOQUES DA MESMA ÁREA DO CONHECIMENTO	130
19.3 OS DISCÍPULOS DE PIERRE MONBEIG	130
19.3.1 <i>Maria Conceição Vicente de Carvalho</i>	130
19.3.2 <i>Ary França</i>	131
19.3.3 <i>Nice Lecocq Müller (Nice Magalhães Lecocq)</i>	132
19.3.4 <i>João Dias da Silveira</i>	133
19.3.5 <i>Renato da Silveira Mendes</i>	133
20- AROLDO EDGARD DE AZEVEDO (1910-1954) – FEZ "HISTÓRIA" NA GEOGRAFIA	135
21- ALGUNS DOCENTES ORIENTADOS PELO PROFESSOR AROLDO DE AZEVEDO	139
21.1 JOSÉ RIBEIRO DE ARAÚJO FILHO	139
21.2 AZIZ NACIB AB'SABER	139
21.3 ANTONIO DA ROCHA PENTEADO	140
22 - OUTROS NOMES DE DESTAQUE: ESPECIALIDADES	141
22.1 ELINA DE OLIVEIRA SANTOS	141
22.2 MARIA DE LOURDES PEREIRA DE SOUZA (RADESCA)	141
22.3 PASQUALE PETRONE	141
22.4 CARLOS AUGUSTO DE FIGUEIREDO MONTEIRO	141
22.5 LILIANA LAGANA (LILIANA LAGANA FERNANDES)	142
22.6 JOSÉ BUENO CONTI	142
22.7 GIL SODERO DE TOLEDO	143
22.8 JOSÉ ROBERTO TARIFA	143
22.9 AUGUSTO HUMBERTO VAIRO TITARELLI	144
22.10 MAGDA ADELAIDE LOMBARDO	144
22.11 REGINA ARAÚJO ALMEIDA (VASCONCELOS)	144
22.12 TARIK REZENDE DE AZEVEDO	145
22.13 EMERSON GALVANI	146
22.14 MARIA ELISA SIQUEIRA SILVA	146
23 - REFLEXÕES E CONSIDERAÇÕES	148
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	153
DECRETOS E PORTARIAS	156

1 - INTRODUÇÃO

1.1 Considerações:

Este ensaio não tem a pretensão de esgotar o assunto, entretanto a comemoração do 70^o. Aniversário da fundação da Universidade de São Paulo, no dia 25 de janeiro de 2004, concomitante à comemoração dos **450 Anos** da cidade, oportunizou resgatar-se um pouco da história de alguns precursores que dedicaram suas vidas à criação e consolidação dessa instituição.

A pesquisa tem a ver com a proposta da Comissão Organizadora dos eventos comemorativos da efeméride, na divulgação e democratização das informações contidas nos documentos do acervo do CAPH - Centro de Apoio e Pesquisa em História "Sérgio Buarque de Holanda", ligado ao Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo e aprofundar o estudo que trata da formação e o desenvolvimento da Universidade.

A lembrança da linha mestra do pensamento desses docentes explica porque a Universidade de São Paulo, desde o seu processo de constituição e através de sua existência, transpôs os limites do Estado de São Paulo, confundindo-se com a própria História da Educação no Brasil.

1.2 Dos objetivos:

Contribuir para o estudo do processo de constituição da Universidade de São Paulo, junto com a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, que contou com cientistas e pesquisadores de renome internacional, que atuaram nas diversas áreas da Faculdade: Filosofia; Sociologia; Psicologia; Geologia; História; Letras; Literatura; Física; Química; Zoologia; Botânica; Biologia e Matemática, entre outras.

Nas palavras do Professor Aroldo Edgard de Azevedo: "Luminosa geração, cujos reflexos chegaram até o Brasil, notadamente por discípulos verdadeiramente à altura dos Mestres que tiveram (...) Gloriosa geração que modelou os responsáveis pela fundação e sobrevivência da Associação dos Geógrafos Brasileiros, e formou os membros da chamada "Escola Paulista de Geografia".¹

1.3 Docentes pioneiros

Lembrar a história dos Docentes pioneiros que formaram no Brasil as primeiras gerações de pesquisadores nessa área, como o Professor Pierre Deffontaines da Cadeira de Geografia Física e Humana, que ministrou a aula inaugural do Curso de Geografia, nos porões do edifício da Faculdade de Medicina. Em local improvisado, o Professor Deffontaines dava início a um projeto de formação universitária, que graduou eminentes Professores.

¹ Boletim da AGB No. 50, março de 1976.

Resgatar concepções filosófico-educativas que, se aplicadas durante todas essas décadas, poderiam contribuir para minimizar a ocupação desordenada e demais fatores de destruição ambiental que têm modificado o clima e penalizado os habitantes de várias regiões.

O Professor Deffontaines foi convidado a ir para o Rio de Janeiro para também lá organizar, junto a Universidade do Distrito Federal, o mesmo que havia realizado em São Paulo. Seu substituto foi o Professor Pierre Monbeig que assinou um contrato inicial de 3 anos, entretanto permaneceu entre nós por 11 anos.

Nos anos seguintes o Departamento de Geografia teve o privilégio de receber outros renomados Geógrafos franceses: Emanuel de Martonne (genro e orientando de Paul Vidal de La Blache), Francis Ruellan, Roger Dion, Pierre Gourou, André Libault.

Esses professores foram contemporâneos e discípulos de homens que muito marcaram o estudo da Geografia: Maximilien Sorré (1880-1962); Lucien Febvre (1878-1956); Henri Baulig (1877-1962); Raoul Blanchard (1877-1958); Albert Demangeon (1872-1940); Frederic Leplay (1806-1882); Elisée Reclus (1830-1905); Albert de Lapparent (1839-1908).

1.4 Primórdios da Geografia Francesa

Jean Brunhes (1869-1930), orientador de Pierre Deffontaines, quando professor na Universidade de Lausanne, Suíça, em 1907, inaugurou a Cadeira de Geografia Humana, antes denominada Antropogeografia. Brunhes é apontado como o mais brilhante aluno de Paul Vidal de La Blache (1845-1918).

La Blache, considerado o renovador do estudo da Geografia, baseou-se nas obras de Alexander von Humboldt e Karl Ritter, conhecidos cientistas alemães.

1.5 Os Geógrafos pioneiros no Brasil

É fundamental destacar a contribuição dos primeiros Geógrafos formados pela Universidade de São Paulo, inclusive sua atuação na área Pedagógica, cuja visão interdisciplinar de Educação hoje permeia os Parâmetros Curriculares Nacionais.

Maria da Conceição Vicente de Carvalho, integrante do primeiro grupo do Curso de Geografia, foi a primeira Doutoranda desse Departamento. Teve sua vida pautada no magistério, exerceu suas atividades no Makenzie College, Colégio Universitário da USP, e também no Departamento de Geografia, foi Assistente do Professor Pierre Monbeig. Ambos elaboraram um rol de sugestões para o ensino da Geografia para os alunos do Ensino Médio.

Aroldo Edgard de Azevedo, prestou exame para o Provimento de Cátedra em 1945 e foi Chefe do Departamento de Geografia do Brasil. Elaborou junto com o Professor Monbeig e Maria Conceição Vieira de Carvalho o projeto para o ensino de Geografia para o Curso Médio. Destacou-se na autoria de livros didáticos de Geografia para todos os níveis escolares, materiais ainda inéditos no Brasil da época.

1.6 A Climatologia no Departamento de Geografia

Importante é destacar a evolução e a integração do ensino da Climatologia no Departamento de Geografia, a atuação do Professor João Dias da Silveira, também aluno da primeira turma de formandos e dos orientandos do Professor Pierre Monbeig.

João Dias da Silveira, no ano de sua Graduação e Licenciatura, lecionou Climatologia dentro da Faculdade. Foi o primeiro Professor Assistente contratado e o Primeiro Chefe do Departamento de Geografia Física.

Ary França, também sob a orientação do Professor Pierre Monbeig foi o autor da primeira Tese de Doutorado, tese essa de 1945 que trata do Clima com o tema: "Estudo sobre o Clima na Bacia de São Paulo."

2 - A EDUCAÇÃO NO BRASIL : ANTECEDENTES

2.1 Educação Fundamental

No início da colonização, a educação fundamental esteve a cargo dos missionários jesuítas que chegaram com as primeiras expedições. Além do caráter catequizador, acabavam por alfabetizar, não apenas os silvícolas, mas também os filhos dos colonizadores.

Os Padres da Cia. de Jesus foram expulsos de Portugal e de suas colônias em 1759, por Decreto do Marquês de Pombal, Ministro e homem forte do Rei D. José I. Passou para a História como Déspota Esclarecido, por realizar algumas reformas baseadas no liberalismo pregado pela filosofia Iluminista. A expulsão foi prejudicial à educação no Brasil, pois a sociedade laica não estava preparada para assumir a tarefa exercida pelos jesuítas.

As reformas de Pombal favoreceram mais o Pacto Colonial e o Mercantilismo, que os ideais pregados pelo Iluminismo. O governo português temia que no Brasil despertasse o interesse pela emancipação, uma vez que os indígenas eram catequizados e alfabetizados no idioma Tupi, do qual o Padre José de Anchieta compilou uma gramática. A “Língua Geral”, como era chamada, era falada pela maioria da população, inclusive pelos colonizadores, a ponto de alguns precisarem de intérprete para comunicar-se, o que aumentava a preocupação de Pombal em relação à independência da Colônia.²

“Onde quer que os jesuítas levantassem uma casa ou abrissem um colégio, inauguravam simultaneamente, com a catequese do gentio e as aulas para os próprios Irmãos da Companhia, delas ainda necessitando, a escola de primeiras letras que seria o germe da escola primária brasileira”. (Campos, 1954, pág.46).

2.2 Ensino Superior: expectativas

Ao contrário do ocorrido na América espanhola, o governo português preocupou-se em instalar faculdades em suas colônias ultramarinas. No Brasil não houve, desde o descobrimento até o Período Colonial, iniciativas para a criação de Escolas de Ensino Superior. As famílias mais abastadas enviavam seus filhos para Universidades na Europa e, ao voltarem, esses jovens ocupavam postos na administração pública, formando uma Elite dentro da sociedade brasileira.

² Conforme Afrânio Peixoto: Durante 210 anos no Brasil, de 1549 a 1759, quando foram expulsos, foram os jesuítas os educadores do Brasil (Campos, 1954, pág. 46).

Tomas Antônio Gonzaga, um dos líderes da Inconfidência Mineira, tomou contato com as idéias iluministas enquanto estudava na Europa. Lá conheceu o relator da Declaração da Independência dos Estados Unidos – Thomas Jefferson, já como Embaixador em Paris, para quem pediu ajuda para a causa brasileira. Jefferson recusou-se, alegando que seu país havia se emancipado da Inglaterra, mas pretendia reatar com ela relações diplomáticas. O apoio à causa dos inconfidentes contrariaria os interesses ingleses no Brasil. O projeto da Inconfidência Mineira incluía a instalação de uma universidade no Brasil.

José Bonifácio, outro brasileiro a estudar na Europa, teve o geógrafo e naturalista Alexander von Humboldt como colega de classe na Escola de Mineração em Freiburg, na Alemanha.

A transferência da família real portuguesa para o Brasil em 1808, que pode ser considerada o início do processo da Independência da colônia brasileira, criou uma grande expectativa de progresso em todos os segmentos da sociedade, inclusive na área da educação.

“Devido à ameaça das tropas de Napoleão Bonaparte em invadir Portugal, vieram junto com a Rainha D. Maria I, o Príncipe D. João, a nobreza, o alto funcionalismo, oficiais superiores com suas famílias, que formavam um numeroso grupo composto por mais de 10.000 pessoas, que embarcaram em 14 navios, trazendo suas riquezas, documentos, bibliotecas, coleções de arte e todos os bens que pudessem carregar”. (Arruda, 1995, pág.205).

A elevação do Brasil à categoria de Reino Unido a Portugal e Algarves e a conseqüente elevação da cidade do Rio de Janeiro a centro de decisão do Império Português e reduto da fidalguia, incutiu nos habitantes a idéia de quebra do pacto colonial. A permanência dessa elite incentivou a construção de várias obras e benfeitorias.

2.3 Rio de Janeiro: primeiras Academias

A cidade do Rio de Janeiro, enquanto reduto das elites, foi privilegiada por melhorias. Nesse período criou-se: a Academia Militar; a Academia da Marinha; o Hospital Militar; duas Escolas de Medicina; o Jardim Botânico; a Imprensa Régia; a Biblioteca Real, e o Banco do Brasil.

Os melhoramentos introduzidos foram mais em função da vida econômica, pela presença dos nobres portugueses, marcada por uma mentalidade colonialista muito forte, que por preocupações com o desenvolvimento e progresso da Colônia. O objetivo era satisfazer a Burguesia comercial interessada em europeizar o Brasil. Não foi cogitada a criação de Ensino Superior nos moldes europeus.

De volta a Portugal, o Rei D. João VI autorizou José Bonifácio de Andrada e Silva a providenciar aqui a criação de uma Universidade, da qual este seria o Reitor. Entretanto, como o processo de emancipação estava em curso com a permanência do Príncipe D. Pedro no Brasil, o projeto não se concretizou.

O projeto dessa primeira Universidade constaria de três Faculdades:

1. Filosofia, Ciências Matemáticas e Ciências Naturais.
2. Jurisprudência.
3. Medicina.

A Teologia seria ensinada no seminário do bispado. A Universidade contaria com tipografia, laboratório químico, observatório astronômico, museu de História e hospital. Esse projeto não foi adiante, por causa da resistência das classes interessadas na manutenção do estatuto colonial da sociedade brasileira.

Um centro nesses moldes, dedicado a pesquisas e estudos avançados, só seria efetivamente concretizado no Brasil mais de um século depois da estada da corte portuguesa.

O conceito de universidade compreendido como Instituição onde se ministra o ensino de nível superior, formado por um conjunto de escolas ou faculdades às quais se incorporam e através das quais se difundem, de mestres a alunos, conhecimentos científico-tecnológicos e os valores da cultura nacional e universal é órgão mais alto do sistema educacional de um país. Através dos tempos tem desempenhado um papel relevante como instrumento de integração e unificação nacional. Conforme o contexto em que se situa, pode constituir-se numa força conservadora ou num centro orientado para a crítica e a transformação da sociedade.

2.4 Brasil Independente

Proclamada a Independência, reascendeu-se a esperança da criação de instituições de Ensino Superior. Em 1823 a Assembléia Geral Constituinte e Legislativa decretou, depois de várias discussões, a criação de duas universidades, uma em São Paulo e outra em Olinda, Pernambuco. Assim era a proposta do projeto:

"INDICAÇÃO – Proponho que no Império do Brasil se crie, quanto antes, uma Universidade pelo menos, para assento da qual parece ser preferida a cidade de São Paulo, pelas vantagens naturais e razões de conveniência geral. Que na Faculdade de Direito Civil, que será sem dúvida uma das que comporá a nova Universidade, em vez de multiplicadas cadeiras de direito romano, se substituam, umas de direito público constitucional, outra de economia política. Paço da Assembléia, 12 de junho de 1823".³

Apesar dos tropeços gramaticais e o estilo de redação, o deputado Fernandes Pinheiro, em sua argumentação, defendeu e enfatizou a qualidade do clima paulistano, como um dos motivos para a instalação de uma universidade.

³ O deputado José Feliciano Fernandes Pinheiro nos debates esclarecia que São Paulo merecia o "privilegio", pela salubridade e amenidade do seu clima, feliz posição, abundância e barateza de todas as provisões e cômodos da vida ". (Campos, 1954, pág. 28)

As discussões da Assembléia revelaram uma batalha regionalista. São Paulo tinha deputados de grande prestígio como José Arouche de Toledo Rendon e José Feliciano Fernandes Pinheiro que, em discurso na Tribuna, sofreu um aparte descortês do Deputado pela Bahia, Francisco Gomes Brandão Montezuma, que afirmou: “Não sei por que aqui se anda sempre com São Paulo para cá e São Paulo para lá; em nada aqui se fala que não venha São Paulo”

O Imperador D. Pedro I, no entanto, descontente com o projeto de Constituição que limitava seus poderes, dissolveu a Assembléia, anulando todos os seus decretos. Prendeu e expulsou do país os que reagiram aos seus atos de força, inclusive José Bonifácio e seus irmãos Antônio Carlos e Martim Francisco.

3 - PRIMEIROS CURSOS SUPERIORES

Somente em 1827 o Imperador autorizou o funcionamento dos primeiros cursos superiores no Brasil. Assim, no dia 11 de agosto daquele ano foram criadas as faculdades de Direito: uma em Olinda, Pernambuco, e outra em São Paulo. Não eram Universidades como a Assembléia Constituinte havia sugerido, mas, de qualquer forma, foram esses os primeiros os cursos de nível superior no Brasil.

O curso jurídico em São Paulo deu origem à Faculdade de Direito e, a partir da sua criação, influenciou a vida cotidiana da cidade de São Paulo. A instituição funcionou inicialmente no Seminário dos Padres Franciscanos no Largo São Francisco. Depois, transferida para prédio próprio ao lado, onde está até hoje, teve como seu primeiro Diretor José Arouche de Toledo Rendon. A Faculdade de Direito tornar-se-ia o eixo principal da futura Universidade de São Paulo.

3.1 Faculdade de Direito do Largo São Francisco: Contexto histórico

Em virtude da corrida provocada pela descoberta de ouro e pedras preciosas na região de Minas Gerais, em fins do Séc. XVII e início do Séc. XVIII, a cidade de São Paulo sofrera um “esvaziamento”. A partir de 1770 a mineração entrou em declínio. Nas primeiras décadas do século XIX a cultura cafeeira despontava como o novo filão da economia brasileira. Essa atividade porém, não favoreceu inicialmente o progresso de São Paulo. O cultivo do café ocorria principalmente nas regiões do baixo Vale do Paraíba e sudeste de Minas Gerais. O embarque para exportação era feito pelo porto do Rio de Janeiro, que acumulava ainda a posição de Capital do Império. A cidade de São Paulo ficava à margem desse processo.

Nesse período a população da cidade decresceu. Em 1803 havia 24311 habitantes, e em 1836 baixou para 21933. O progresso voltaria após a instalação da Faculdade que transformou São Paulo em uma “cidade Acadêmica” criando novas expectativas e a revitalização econômica.⁴

As hospedarias, pensionatos, e o comércio em geral giravam em torno da vida estudantil e, por ocasião das férias acadêmicas, com os estudantes viajando para suas cidades de origem, a cidade sentia o “vazio” deixado pelos alunos.

⁴ “No velho edifício do Convento, que é de vastas proporções e tem ao rés do chão várias salas em que funcionam as aulas da Faculdade de Direito, que foi criada pelo Decreto de 11 de agosto de 1827, funciona também a Escola Prática de Comércio, fundada em 1º. de junho de 1902. (Hoje Escola de Comércio Álvares Penteado, em prédio próprio (Nota do apresentador)” (Martins, 2003, pág. 126).

“Não nos furtamos, entretanto, ao gosto de relembrar ainda que sumariamente alguns dos grandes homens do Brasil, que nessa tradicional casa de ensino forjaram suas armas, para servir como serviram ao nosso país, contribuindo para o nosso progresso e renome internacional. São tantos que se torna difícil a escolha de uma relação resumida. Projetaram-se no campo das letras jurídicas, no magistério doutrinário, na literatura, na política, na diplomacia, escrevendo páginas gloriosas na história pátria”. (Campos, 1954, pág.317).

3.2 Atuação dos alunos e Bacharéis nas atividades docentes

Grande parte do pensamento e da história da educação, principalmente em São Paulo, teve suas origens no ensino processado por estudantes da São Francisco, primeira semente da USP.

Os estudantes e os bacharéis da faculdade exerciam a atividade de professores nas escolas, ensinando Latim, Francês, Matemática, Gramática da Língua Portuguesa e Geografia.

O professor Décio de Almeida Prado, assim justificou – "O Direito, de certa forma, se associa à idéia de moral e, através da moral, à Filosofia. A Faculdade de Direito ainda era, naquele tempo, o celeiro, não só de advogados, de homens públicos, de políticos – era lá que se aprendia a discursar – mas também o celeiro de escritores, poetas, romancistas que, não tendo uma Faculdade apropriada para suas inclinações, acabavam fazendo Direito".

Manuel Antonio Duarte de Azevedo, estudante do 5º. ano, lecionou Francês, Aritmética, Gramática da Língua Nacional e Geografia no Colégio Santana. Recebeu posteriormente o grau de bacharel em 1856, o de Doutor em 1859. Tornou-se Lente da mesma faculdade, deputado provincial e geral.

José Cândido de Azevedo Marques recebeu o grau de Bacharel em 1853, também lecionou no Colégio de Santana: Francês, Aritmética, Gramática da língua Nacional e Geografia.⁵

3.3 Arquitetura

O prédio que abriga a Faculdade de Direito no Largo São Francisco é também conhecido pelo nome de “Arcadas”. Esse nome deriva dos vários arcos do seu pátio interno, que reproduzem as arcadas originais do claustro do antigo convento franciscano, onde a Faculdade foi criada em 1828. Foi realizada uma reforma nesse edifício em 1930 e essa característica correu o risco de desaparecer. As reformas e ampliações tornaram-se necessárias, pois as instalações já não comportavam a expansão da instituição.

⁵ Pai do Desembargador Joaquim Candido de Azevedo Marques. Nome de Escola Municipal na região de Santo Amaro, São Paulo.

O arquiteto Sérgio De Simone, do Condephaat – Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico, Arqueológico e Turístico do Estado de São Paulo narra a polêmica em torno da questão, inclusive cita que o jurista e historiador Alcântara Machado propôs, a princípio, uma demolição total para que se erguesse uma obra totalmente nova.

De um lado, defendia-se a construção de um edifício alto e imponente, condizente com o surto de desenvolvimento, verticalização e modernidade pelo qual passava a cidade. Como referência, citava-se o famoso edifício Martinelli, inaugurado em 1929, e a sede da Faculdade de Medicina na Avenida Dr. Arnaldo, entregue em 1930.

A outra corrente, ligada aos valores mais tradicionais, propunha uma reforma que preservasse as características originais do prédio (antes disso, os franciscanos já haviam feito várias intervenções arquitetônicas na casa, sendo a mais importante a realizada em 1886, pelo engenheiro Luigi Pucci, quando toda a fachada foi remodelada, em estilo Renascentista.

O engenheiro Ricardo Severo conseguiu apaziguar os ânimos, e tornou-se responsável pela reforma do edifício. Justificou seu rompimento com a escola acadêmica que importava padrões europeus na arquitetura em discurso proferido no Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. “A volta ao passado é necessária para a nossa arquitetura, pois as raízes lusitanas no Brasil são profundas, e delas extraímos lições para a criação de uma autêntica arte de construir, exclusivamente nossa”. (Cultura, jan. 2003, Pág. 21)

Ricardo Severo, português radicado no Brasil desde 1906, ganhou prestígio e fortuna em São Paulo. Parte desse sucesso está relacionada com as amizades que estabeleceu com as famílias tradicionais na sociedade paulistana, principalmente após o casamento com uma das filhas do cafeicultor Henrique Dumont, portanto irmã de Alberto Santos Dumont. A família Dumont possuía uma das grandes fortunas do Estado de São Paulo. Severo se tornou sócio de Ramos de Azevedo, formando um dos maiores escritórios de engenharia e arquitetura do Brasil, o escritório Severo & Villares.

A escolha de um edifício em estilo neocolonial para a tradicional Academia de Direito do Largo São Francisco, foi também uma resposta da elite paulistana ao regime de Getúlio Vargas, que, com sua Revolução de 1930, havia derrubado os paulistas da direção do País.⁶

Nessas condições, a reconstrução do prédio das Arcadas era uma metáfora para reerguer o prestígio intelectual e político da classe alta de São Paulo que, na época, precisava recuperar sua auto-estima.

⁶ A frase atribuída a Vargas: "A Lei, ora a Lei", representa o desprezo da nova ordem pelo sistema anterior, formado a partir da Faculdade de Direito de São Paulo e guiado em sua doutrina, antes de tudo, por princípios jurídicos.

As obras foram concluídas em 1940, com a colocação dos luxuosos vitrais encomendados à tradicional Casa Conrado, constituindo-se em ícone arquitetônico, um cartão postal da cidade, e suas arcadas continuam a ser, até hoje, o símbolo dos estudantes de Direito do Largo São Francisco.

3.4 Incorporação à Universidade

Após a sua fundação, constituiu-se uma Comissão para elaborar o projeto de construção da Cidade Universitária, prevista no Decreto, cujo objetivo era aglutinar, em um único “campus”, todas as Faculdades a ela pertencentes. Já na terceira reunião desse grupo, ficou clara a resistência em transferir a Faculdade de Direito do local originário, o Largo São Francisco, para o prédio a ela destinada no projeto.

“Aberta a sessão, o Dr. Ernesto Leme pede a palavra a fim de comunicar à Comissão que o pronunciamento unânime da Congregação da Faculdade de Direito, contrário à transferência da Faculdade para o local em que for instalada a Universidade. Explica o Professor Leme os motivos que levaram a Congregação a opinar desse modo, dividindo-os, segundo a sua ordem: em sentimentais e jurídicos. O de ordem sentimental têm origem na tradição centenária da Faculdade; os de ordem jurídica: a cessão do edifício ao Governo Imperial, pela Ordem de São Francisco, foi feita com a condição irrevogável de ser o mesmo aplicado, única e exclusivamente, ao funcionamento da Academia.(Campos, 1954, pág. 159).

4 - O ENSINO SUPERIOR NO CONTINENTE AMERICANO

O Brasil ficou em desvantagem em relação aos demais países do Continente americano na criação de escolas direcionadas ao ensino superior, que desde o período colonial, quando eram dependentes política e economicamente de suas Metrôpoles Européias, já contavam com Universidades.

- A Universidade de São Domingos, na República Dominicana foi fundada em 1538, quando a colonização no Brasil apenas se iniciava.
- Ainda no Século XVI era fundada a Universidade São Marcos, em Lima, Peru, Universidade Real e Pontifícia, no México.
- No Século XVII fundadas universidades na Guatemala, Argentina, Bolívia e Estados Unidos.
- No Século XVIII na Venezuela, Chile e Cuba, enquanto nos Estados Unidos elas se multiplicavam.
- No Século XIX novos centros universitários foram fundados no Uruguai, Equador, Paraguai e Honduras. Quatro na Colômbia e os Estados Unidos alcançavam a marca de 67 universidades.

Tentativas menos concretas e idéias vagas ocorreram intermitentemente ao longo do século XIX. Mas, na verdade, apenas no período republicano os projetos desse âmbito ganhariam contornos definidos, embora os empreendimentos se frustrassem.

Ainda nos primeiros anos da República, não houve progressos significativos. Pode-se apenas mencionar a fundação de uma universidade particular em novembro de 1911 e instalada a 23 de fevereiro de 1912. A universidade constituir-se-ia pelas seguintes escolas: Belas Artes; Ciências; Cultura Física; Filosofia; Medicina e Cirurgia; Engenharia; Direito; História e Literatura. De curta duração, embora fosse uma iniciativa privada, era denominada Universidade de São Paulo com 779 alunos matriculados.

4.1 Universidade no Distrito Federal

A Universidade do Rio de Janeiro foi impropriamente chamada "do Brasil", por analogia ao Colégio de França. Instituiu-se a 7 de setembro de 1920 sob uma só reitoria, quando foram apenas anexadas as faculdades ali existentes. Entretanto não havia uma Faculdade de Filosofia, obrigatória e indispensável como núcleo do sistema universitário.

Essa Universidade, à época do Distrito Federal, contou com a Faculdade de Filosofia somente a partir de 1935, fundada pelo professor Pierre Deffontaines, o mesmo que deu a aula inaugural na recém criada Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP.

5 - MOVIMENTOS SOCIAIS

O Brasil esperou muito pela constituição de uma Universidade, pública e de acordo com as suas necessidades, para a constituição do pensamento hegemônico e marcadamente nacional.

Desde a monarquia já havia agitações provocadas pela propaganda republicana, pelos ideais abolicionistas e o desejo de uma democracia. Essas crises provocaram o declínio da Monarquia e o final de Império, culminando com a Proclamação da República em novembro de 1889 e o exílio do Imperador D. Pedro II e sua família para a Europa.

Sem que o projeto de criação de uma universidade fosse concluído, mais uma vez as condições de melhoria do ensino no Brasil foram relegadas a segundo plano.

A Proclamação da República assemelhou-se a um golpe militar. Não teve a participação da maioria da população, constituída de gente simples e iletrada, nem mesmo os representantes das Províncias fizeram parte dessa “revolução”.

O regime político instalado não conseguiu solucionar os problemas sociais, gerou insatisfação e provocou inúmeras revoltas, tanto por parte da população civil, quanto da dos militares.

Assim foi que o Brasil iniciou o novo regime, adentrou no século XX tumultuado por manifestações em várias partes do seu território. Mesmo as que ocorreram somente na cidade do Rio de Janeiro, Capital Federal, provocavam conseqüências por todo o país, desestabilizando o governo que se ocupava em sufocar as revoltas e apaziguar os ânimos, deixando novamente de lado questões importantes como a educação.

Os Movimentos Sociais mais relevantes ocorridos no período da chamada "República Velha", também atravancaram a criação de instituições de ensino superior no Brasil.

5.1 O Encilhamento (1890)

Crise econômica provocada pela reforma elaborada pelo Ministro da Fazenda Rui Barbosa cujas medidas propostas tinham como objetivo estimular a industrialização do país. Aplicou uma política de emissão de papel moeda, de facilidades de crédito e aumento das tarifas alfandegárias. As alterações efetuadas, provocaram efeito contrário ao pretendido: em vez de estimular a indústria e a diversificação da economia nacional, as facilidades de crédito estimularam a especulação financeira, o que provocou inflação e aumento dos gêneros alimentícios. Diante dos protestos, o Presidente Marechal Deodoro acabou renunciando.

5.2 Revolução Federalista (1893/94)

Conflito ocorrido no Rio Grande do Sul, entre os Partidos Republicano e o Federalista. O Partido Republicano apoiava Floriano Peixoto que, na condição de Vice Presidente, assumiu o governo após a renúncia do Marechal Deodoro da Fonseca. O Partido Federalista representava os interesses dos estancieiros gaúchos, que sugeriam a adoção do Parlamentarismo no Brasil. Floriano acusou-os de monarquistas, conseguindo o apoio do Exército para combatê-los.

O conflito entre as facções expandiu-se para os Estados de Santa Catarina e Paraná. Provocou a morte de cerca de 10 mil pessoas, em quase dois anos de combates, terminando com a derrota dos Federalistas no célebre cerco federalista à cidade da Lapa, no Paraná, em janeiro de 1894.

5.3 Revolta de Canudos 1893/1897)

Antonio Conselheiro (Antonio Vicente Mendes Maciel), catalisou a religiosidade, o sentimento de revolta contra a miséria, a opressão e as injustiças sofridas pelo povo e, aplicadas pelos coronéis, líderes políticos e latifundiários. Carismático, conduziu os sertanejos a um dos mais representativos levantes de nossa história.

O grupo ocupou uma fazenda abandonada, no vale do Rio Vaza Barris, na Bahia, passando a viver de uma forma comunitária, dividindo a produção entre todos e morando em habitações próprias.

Um misto de messianismo e revolta social, esse agrupamento chegou a reunir uma população de 30 mil habitantes no Arraial de Canudos. Homens livres da exploração e da miséria, atraíam cada vez mais pessoas para o local. A acusação de serem Monarquistas serviu de pretexto para a violenta ação das tropas federais, até a completa destruição do Arraial.

5.4 Revolta da Vacina (1904)

A reforma para modernizar a cidade do Rio de Janeiro, projeto do Prefeito Francisco Pereira Passos, tinha também o objetivo de higienizar a cidade, constantemente assolada por doenças que adquiriram caráter endêmico: varíola, febre amarela, febre tifóide, impaludismo, peste bubônica, cólera e tuberculose.⁷

A reforma previa o alargamento de ruas e avenidas, sendo necessária a demolição de prédios antigos e mal conservados, utilizados como moradias coletivas, cortiços sem higiene. Os habitantes desses locais eram deslocados para a periferia da cidade, ou para as encostas dos morros.

⁷ O livro do professor Nicolau Sevcenko (História USP), A Revolta da Vacina, editada pela Editora Scipione, São Paulo, estuda esse episódio.

Oswaldo Cruz, como responsável pela parte sanitária, procurou eliminar os vetores das doenças e vacinar toda a população. O projeto de sua autoria para a vacinação obrigatória foi aprovado pelo Senado.⁸

Políticos oposicionistas aproveitaram-se para insuflar e tirar proveito da insatisfação popular em ter que se mudar para lugares distantes, somada ao medo em aceitar a aplicação das vacinas, que consistia na inoculação de vírus atenuantes.

Com o apoio da imprensa, os protestos aumentaram. Populares passaram a atear fogo em carroças, bondes, saquearam lojas, tumultuando a cidade entre os dias 12 e 15 de novembro daquele ano. No dia 16 de novembro o decreto de obrigatoriedade da vacina foi revogado.

5.5 Revolta da Chibata (1910)

A Marinha brasileira aplicava severos castigos como punição aos marinheiros. As faltas graves eram punidas com chibatadas, sob a vista de toda a tripulação e da tropa reunida. Ao som de tambores os condenados, sem camisa e de mãos amarradas, sofriam dezenas de chibatadas nas costas.

O marinheiro João Candido, depois apelidado de "Almirante Negro", liderou a revolta dos marinheiros que assumiram o controle de vários navios ancorados no porto do Rio de Janeiro, e apontaram os canhões para a cidade.

Os revoltados exigiam, não só o fim dos castigos corporais, como protestavam contra a má alimentação e os miseráveis soldos que recebiam.

A Câmara dos Deputados aprovou rapidamente um projeto que acabava com as chibatadas e concedia anistia aos revoltosos. O governo, porém, não cumpriu suas promessas. Reprimiu violentamente as manifestações de protesto, com a morte de vários marinheiros e o exílio de muitos outros para a Amazônia.

O líder João Cândido, julgado e preso, foi solto dois anos depois. A partir desse episódio a Marinha aboliu o "Castigo da Chibata"

5.6 Guerra do Contestado (1912-1916)

A questão de limites entre os Estados do Paraná e Santa Catarina teve relação meramente circunstancial na luta armada que se travou em vasta área disputada pelos dois Estados, daí o nome Contestado.

Assim como em Canudos, teve implicações messiânicas, sociais, políticas e econômicas. Estendeu-se por uma área de mais de 25 mil quilômetros quadrados, entre os Rio Iguaçu, ao norte, e o Rio Uruguai, ao sul.

⁸ O professor Tarik Rezende de Azevedo em sua Tese de Doutorado, anotou que, "o controle das endemias proposto pelo médico Oswaldo Cruz, era também considerado como uma questão de Clima Urbano, embora esse termo não fosse usado na época".

Grande parte desse território foi pleiteada pela Argentina, originando a Questão de Palmas em 1898. Arbitrada pelo presidente dos Estados Unidos Grover Cleveland, deu ganho de causa ao Brasil.⁹

O Contestado é menos conhecido que Canudos, embora tenha durado quatro anos e abrangido uma área mais extensa. Mobilizou 80% do efetivo do Exército (7000 soldados) em 1914, 1000 policiais dos Estados, e 300 vaqueiros. Empregou artilharia pesada: canhões, fuzis, metralhadoras, obuses e, pela primeira vez na América, aviões para reconhecimento e combate

Um dos fatores apontados para que a História dê maior destaque a "Canudos", é que o Contestado não contou com a genialidade de um "Euclides da Cunha", que na qualidade de repórter do jornal "O Estado de São Paulo" acompanhou os dias finais do Arraial de Canudos e, pelas anotações dos combates, escreveu um dos maiores épicos da literatura brasileira: "Os Sertões". Outro fator que ofuscou a importância desse movimento é que ele ocorreu concomitantemente à época da Primeira Guerra Mundial (1914 - 1918), e logicamente havia mais notícias sobre esse evento o que fez com que as atenções estivessem mais voltadas à Europa.

Do ponto de vista Geográfico, o Contestado teve origem em 1853, quando criada a Província do Paraná desmembrando-se de São Paulo. Os limites com Santa Catarina não ficaram bem definidos e os mapas da região indicavam apenas "índios". Não se sabia quantos índios havia, apenas que eles lá estavam.

No final do Império foi projetada a construção da Estrada de Ferro São Paulo Rio - Grande, para ligar as duas Províncias, mas o advento da República adiou o projeto.

A ferrovia, saindo de São Paulo pela Estrada de Ferro Sorocabana, seguia pelo ramal de Itararé, na divisa com o Paraná e daí para o sul, paralelamente aos caminhos utilizados pelos Tropeiros que vinham de Viamão (RS), ou dos campos de Palmas e Guarapuava, no Paraná. Esses caminhos convergiam no Capão da Ponta Grossa e daí formavam uma só trilha que conduzia à Feira de Muares.

A Feira de Muares, em Sorocaba, era importante porque nela negociavam-se animais para serem utilizados na Região das Minas, hoje Minas Gerais. Quando da decadência da mineração os animais passaram a ser aproveitados para o transporte necessário às lavouras de café. Além dos animais, outras mercadorias como charque, utensílios e alimentos também eram comercializados.

⁹ A cidade de Clevelandia, no Paraná tem o nome em homenagem ao Presidente Cleveland.

Em 1906, já no período republicano, o empresário americano Percival Farquahr adquiriu a concessão para a construção da ferrovia, e constituiu a Brazil Railway Co. A empresa receberia como pagamento, uma faixa de terras de 10 léguas (60 quilômetros) por onde fossem passar os trilhos.¹⁰

O "Sindicato Farquahr" fundou a Southern Brazil Lumber & Colonization Co.. O objetivo era extrair as madeiras e depois lotear a área, vendendo-a a agricultores e, às vezes, ao próprio governo para assentar os imigrantes que chegavam da Europa.

Foi montada no local a mais moderna serraria da América Latina. A madeira era exportada via porto de São Francisco, SC e, eventualmente vendida no mercado interno.

Para tomar posse das terras, o Sindicato expulsava os habitantes usando métodos violentos, aplicados pelas Milícias armadas, chefiadas por pistoleiros americanos contratados. Os moradores, mesmo os mais antigos, não possuíam títulos de propriedade, eram apenas posseiros, a grande maioria de analfabetos ou imigrantes que não dominavam o Português aqui falado.

As ações da Southern Brazil Lumber & Colonization Co. no Paraná e Santa Catarina causaram provavelmente a primeira grande devastação de florestas no Brasil. Em poucos anos calcula-se que 15 milhões de Araucárias (Pinheiros) foram derrubadas, e outros tantos milhões de Imbuías, Canelas, Cedros e demais madeiras nobres.

Em 1910 as obras da ferrovia terminaram em União da Vitória-PR. Os operários foram dispensados e em vista do baixo salário que recebiam, não tinham condições de voltar aos seus estados de origem, perambulavam então como indigentes pelos campos.

Os operários dispensados, e os camponeses expulsos, diante da situação de miséria e injustiça, iniciaram protestos contra o governo Republicano, o grupo de empresas, e os imigrantes estrangeiros, pois consideravam-nos responsáveis por suas desgraças.

A República era vista como a lei do mal, sob o argumento de que o Imperador jamais seria capaz de tomar medidas injustas contra a população brasileira, em favor dos estrangeiros. Por conta desse argumento os sertanejos foram chamados de Monarquistas.

¹⁰ Percival Farquhar (1864-1953) possuía empresas em vários países: A Cia. De Bondes em Nova York; Cia. De Eletricidade em Cuba; Estrada de Ferro na Guatemala. A maioria das atividades estava concentrada no Brasil: Cia. Light & Power, Societe du Gaz. E a Cia. Telefônica Brasileira, no Rio de Janeiro. Na Bahia montou a Bahia Tramway Light & Power Co. Em 1907 adquiriu a célebre Estrada de Ferro Madeira Mamoré, na Amazonia, sob denúncias de corrupção e atrocidades. Foi acionista da maioria das estradas de ferro. Era chamado de "o dono do Brasil". Seu império começou a ruir com a crise provocada pela 1ª. Guerra Mundial, entrando em Concordata em 1914. Seu último empreendimento no Brasil foi a Cia. De Aços Especiais Itabira – ACESITA, em Minas Gerais, que existe até hoje.

Os sertanejos, sem apoio das autoridades, encontraram refúgio no messianismo. A solidariedade e a crença em dias melhores, com a ajuda dos santos, curandeiros e “monges”, foram os laços que uniram milhares de pobres caboclos. Tornaram-se portanto presa fácil de Miguel Lucena Boaventura, um soldado desertor do exército, já com antecedentes criminais, que se fez passar por irmão do “Monge João Maria”, um velho curandeiro, que tinha a fama de Santo e era muito popular na região. Para isso adotou o nome de José Maria.

Esses sertanejos formaram grupamentos chamados “Quadros Santos”. Viviam em regime comunitário, ao que chamavam de “Monarquia Celeste”, numa clara oposição ao regime republicano e iniciaram ataques às instalações ferroviárias e às Serrarias.

Tropas do exército, policiais e milícias armadas pelas empresas, reagiram iniciando ataques aos agrupamentos. No primeiro enfrentamento dos sertanejos com as forças militares, morreram o líder José Maria e o comandante militar Coronel João Gualberto. Os combates, porém, não cessaram. Outros chefes sertanejos assumiram o comando, orientados por “virgens” que alegavam ter “visões” de José Maria, que “ordenava” a continuidade da luta.

A História do Contestado apresenta heróis e vilões. O Capitão João Matos Costa, militar que reconheceu as razões dos camponeses, chegou a disfarçar-se de vendedor para entrar nos redutos rebeldes e propunha uma solução pacífica para a questão. De outro lado o General Setembrino de Carvalho foi acusado de desviar verbas destinadas à compra de fardamentos adequados para enfrentar o CLIMA da região.¹¹

As armas dos revoltosos eram rudimentares: facões, enxadas, foices e espadas de madeira. Foram massacrados e, entre o saldo de 20 mil mortos, havia homens, mulheres e crianças.

Em 20 de outubro de 1916, foi assinado o acordo entre os Estados do Paraná e Santa Catarina, solução da questão de limites proposta por Wenceslau Braz, Presidente da República.

5.7 Greves operárias (1917)

Iniciaram-se em São Paulo, depois atingiram Santos, Rio de Janeiro, Curitiba e outras cidades do interior paulista. Cerca de 70 mil operários pararam para protestar contra o alto custo de vida e a queda do poder aquisitivo dos salários.

¹¹ Os livros de Geografia do Professor Aroldo de Azevedo indicavam as terras altas do Paraná como a região mais fria do Brasil. A falta de roupas apropriadas provocou a deserção de muitos soldados, que se juntaram aos revoltosos.

Em São Paulo, no bairro do Brás, que concentrava a maioria dos trabalhadores imigrantes, houve violentos tiroteios entre grevistas e a polícia. As reivindicações eram: aumento salarial; proibição do trabalho a menores de 14 anos; jornada de trabalho de 8 horas; pagamento de horas extras com acréscimo de 50%; fim do trabalho aos sábados à tarde; garantia de emprego; respeito ao direito de associação; medidas contra a carestia; redução dos preços dos aluguéis.

Ao final da greve, os líderes sindicais foram presos, alguns deportados para o Acre e, no caso os estrangeiros, expulsos do país.

5.8 Revolta do Forte de Copacabana (1922)

A oposição à política das Oligarquias foi acentuada na década de 1920. Nos grandes centros urbanos, a população não sentia diretamente as pressões da "política dos coronéis". O maior descontentamento atingiu as Forças Armadas, notadamente os militares de patentes mais baixas, como os Tenentes.

O Tenentismo foi um movimento político-militar que pretendia conquistar o poder e fazer as reformas na sociedade. Pregava a moralidade na política, o fim da corrupção eleitoral, o fim do voto aberto, o chamado voto de cabresto. Defendia ainda o nacionalismo econômico e uma ampla reforma na educação

Em 5 de julho de 1922 um grupo de tenentes, no comando de 300 soldados, decidiu protestar contra a posse do presidente Artur Bernardes. Resistindo à superioridade das forças do governo, o grupo saiu às ruas e entrou em luta corporal contra as tropas legalistas.

Dessa luta apenas dois revoltosos sobreviveram: Eduardo Gomes e Siqueira Campos, por ter sido liderada por 18 tenentes, o episódio passou a chama-se "**Os 18 do Forte**".

5.9 Rebelião em São Paulo (1924)

Dois anos depois da Revolta em Copacabana, também no dia 5 de julho, o General Isidoro Dias Lopes e o Tenente Juarez Távora, apoiados por políticos da oposição, lideraram em São Paulo outra rebelião em protesto contra a política das oligarquias.

Durante 23 dias, comandando cerca de 1000 soldados, os revolucionários ocuparam lugares estratégicos da cidade, onde travaram combates contra as tropas leais ao governo que, ao receberem reforços do Rio de Janeiro, obrigaram o General Isidoro Dias Lopes e seu grupo a fugir em direção ao interior do Estado. Como o objetivo de levar a revolução para outros Estados, esse grupo denominou-se "Coluna Paulista".

5.10 Rebelião no Rio Grande do Sul (1924)

Em outubro de 1924, unidades do Exército das cidades de São Borja, Uruguaiana e Santo Ângelo, rebelaram-se contra a política governamental. Foram liderados pelo capitão Luis Carlos Prestes e o tenente Siqueira Campos. Depois de alguns dias de combate retiraram-se para a cidade de Foz do Iguaçu, no Paraná

5.11 Coluna Prestes (1925-27)

A Coluna Paulista uniu-se à do Rio Grande do Sul sob a liderança de Luis Carlos Prestes. O objetivo era o mesmo: despertar na população a revolta contra o poder das oligarquias.

A Coluna Prestes percorreu 24 mil quilômetros, através de doze estados brasileiros. Sempre perseguida por tropas leais ao governo, nunca foi vencida, por isso chamada "Coluna Invicta" e seu líder de "Cavaleiro da Esperança". O grupo ingressou na Bolívia, onde foi aos poucos dispersando-se.

5.12 Revolução de 1930

Fim da "República do Café com Leite". Fim da "República Velha". Desde o final do Séc. XIX a exportação de café vinha sendo o principal sustentáculo da economia brasileira. Cultivado inicialmente no baixo Vale do Paraíba e escoado pelo porto do Rio de Janeiro.

No início do Séc. XX a produção cafeeira do Vale do Paraíba entrou em declínio, e o cultivo voltou-se para a região do Oeste paulista, e o sul de Minas Gerais.

O avanço das fronteiras agrícolas no Estado de São Paulo, representado pela cafeicultura era sempre acompanhado pela construção de estradas de ferro.¹²

A mudança do eixo econômico trouxe um rápido desenvolvimento para o Estado de São Paulo. Os cafeicultores e exportadores formaram uma nova elite no Brasil, e tornaram-se banqueiros, industriais, comerciantes e, mesmo o país vivendo o regime republicano, eram conhecidos como os "Barões do Café". Essa elite passou a ter forte influência política, tanto que apenas as pessoas por ela apoiadas predominavam nas eleições para cargos públicos. A Presidência da República era ocupada alternadamente por políticos de São Paulo, e Minas Gerais, por esse motivo chamada "política do café com leite"¹³

¹² Muitas cidades foram fundadas e desenvolveram-se ao longo dos trilhos da Cia Mogiana de Estradas de Ferro; Cia Paulista de Estradas de Ferro; Estrada de Ferro Araraquarense, passando o café a ser exportado pelo porto de Santos, servido pela São Paulo Railway, depois Estrada de Ferro Santos a Jundiá.

¹³ A política do "café com leite" era em alusão da alternância do poder entre políticos apoiados pela Elite cafeeira de São Paulo – produtor de café, e os de Minas Gerais – tradicional produtos de leite e seus derivados.

A produção de café do Brasil supria 60% do consumo mundial, mas a eclosão da Primeira Guerra, seguida da crise provocada pela Quebra da Bolsa de Valores de Nova York em outubro de 1929, causaram uma grande queda nas exportações. O principal comprador do café brasileiro era os Estados Unidos, que reduziu drasticamente as compras. Sem recuperar os níveis de exportação, houve uma queda do preço no mercado internacional em mais de 30%. O crédito externo foi suspenso. As dívidas, porém, tiveram que ser liquidadas.

Apesar das medidas protecionistas tomadas pelo governo brasileiro, mantendo o alto preço do café e estimulando a produção, o que causava uma falsa aparência de prosperidade, a realidade convergia para o progressivo endividamento e a dependência externa.

O Convênio de Taubaté em fevereiro de 1906, foi a primeira intervenção do Estado para valorizar o café, e beneficiar a classe de cafeicultores. Esse encontro reuniu os governadores de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro, que tomaram as seguintes medidas: garantia de preços mínimos para os produtores; criação de dificuldades para a exportação de café de baixa qualidade, que deveria ser consumido no país; serviço permanente de propaganda do produto; impostos elevados para dificultar o aumento das áreas de plantio; compra e retenção pelo governo das sobras de exportação. Para financiar essas medidas, o governo poderia obter crédito no exterior de até 15 milhões de libras esterlinas.

Nesse clima de insegurança gerado pela crise internacional que se seguiu após a Queda da Bolsa de Nova York, e a grande depressão, realizou-se no Brasil, em março de 1930, a eleição para a Presidência da República, que sucederia Washington Luis, apoiado pelos políticos paulistas.

Com a eleição de Júlio Prestes de Albuquerque, natural de Itapetininga-SP, do PRP- Partido Republicano Paulista, interrompia-se a "Política do Café com Leite", uma vez que o indicado era o político mineiro Antonio Carlos.

Os candidatos derrotados: Getúlio Vargas, do Rio Grande do Sul, e João Pessoa, da Paraíba; além dos políticos de Minas Gerais, Bahia, e os do Partido Democrático de São Paulo, alegando fraude na apuração e o "voto de cabresto", formaram a Aliança Liberal, a fim de impedir a posse do Presidente eleito e realizar novas eleições.

A Aliança Liberal apresentava um programa de reformas com alguns progressos: voto secreto para acabar com o coronelismo e as fraudes; criação de leis trabalhistas e incentivo à produção industrial. As promessas tiveram grande aceitação junto à classe média e aos militares ligados ao tenentismo.¹⁴

¹⁴ O "voto de cabresto" consistia em votar no candidato que o chefe político local indicasse. O eleitor era acompanhado até o local de votação e, recebia uma "Cédula" pronta com o nome do candidato a ser votado. Caso se recusasse sofria retaliações e, em alguns lugares do Brasil, até o risco de assassinato.

O assassinato de João Pessoa em Recife, PE, em julho de 1930, apesar de considerado um crime passional, acirrou os ânimos dos afiliados da Aliança Liberal, que acusaram Washington Luis como mandante do crime e iniciaram ações para impedir a posse de Júlio Prestes. Indicaram Getúlio Vargas como Delegado da Revolução.

No dia 24 de outubro, algumas semanas antes de encerrar seu mandato, Washington Luis renunciou à Presidência, e entregou o poder a uma Junta Militar. Em 3 de novembro, Vargas assumiu o poder, em caráter provisório, em nome do Exército, da Marinha e do Povo.¹⁵

5.13 Revolução Paulista ou Constitucionalista (1932)

O discurso dos políticos da Aliança Liberal era o de enfatizar os problemas trabalhistas, sociais, urbanos, a industrialização e convocar uma Assembléia Nacional Constituinte para dar novo ordenamento jurídico à Nação. Promessas assumidas por Vargas.

Porém, as primeiras medidas por ele tomadas foram: fechamento do Congresso Nacional, das Assembléias Legislativas Estaduais e das Câmaras Municipais; nomeação de ministros de Estado de sua inteira confiança; extinção dos partidos políticos; suspensão da Constituição Republicana de 1891 e indicação de interventores para chefiar os governos estaduais.

As atitudes de Vargas demonstravam que este não estava disposto a deixar o poder, nem a convocar a prometida Assembléia. Passada a euforia inicial, não tardaram a aparecer divergências entre os grupos que formavam a Aliança Liberal e que o haviam apoiado.¹⁶

A volta à constitucionalização do país era mais reclamada em São Paulo, onde os produtores de café queriam reconquistar a influência perdida. Caio Prado Junior foi um dos decepcionados que deixou de apoiar Vargas.

No dia 9 de julho de 1932, depois de algumas manifestações populares e estudantis, os generais Isidoro Dias Lopes e Euclides de Figueiredo lideraram uma Revolução, cujo objetivo era fazer o governo cumprir as promessas feitas em 1930, ou a sua deposição.

¹⁵ O Presidente Washington Luis teria sido persuadido a renunciar pelo Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro D. Sebastião Leme, para evitar uma Guerra Civil. Tropas de Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul estavam em Itararé, prontos para invadir o Estado de São Paulo.

¹⁶ "Provisório, mas nem tanto" conforme escreveu o professor Jobson Arruda (História-USP), Vargas enquanto candidato prometia a restauração da ordem jurídica através de uma nova Constituição, o que lhe valeu o apoio do Partido Democrata de São Paulo, e a formação da Aliança Liberal. As primeiras medidas tomadas, no entanto, mostraram o caráter despótico de Vargas e a disposição de permanecer no poder por tempo ilimitado.

“Apesar da mobilização da opinião pública, com propaganda em rádios, jornais e comícios, a revolução paulista não teve a unanimidade apregoada pelos protagonistas. Havia divergências dentro do próprio Partido Democrático, uma das principais forças do movimento”.(Arruda, 1995, pág.300).

“Em 70 dias de luta as forças legalistas sufocaram a revolta. Alguns líderes foram presos e outros exilados. Mesmo derrotados os revolucionários conseguiram parte dos objetivos, pois Getúlio convocou eleições para a Assembléia Constituinte”. (Arruda, 1995, pág. 299).

6 – MOVIMENTO RENOVADOR DA EDUCAÇÃO

6.1 Semana de Arte Moderna (1922)

O historiador Gilberto Cotrim chama a esse episódio de “A contestação cultural”. As diversas manifestações ocorridas nos primeiros anos da República tiveram caráter político, social ou militar. Junto à classe artística e cultural a grande manifestação de descontentamento contra a política foi o chamado **Movimento Modernista**.

A eclosão da Primeira Guerra Mundial, assim chamada por ter pela primeira vez na História, o envolvimento de países de todos os Continentes, ocorreu entre os anos de 1914 e 1918. Embora na Europa, um fato de tamanha magnitude provocou grandes transformações políticas, sociais e ideológicas em todo o Mundo. Houve ainda a Revolução Russa em 1917, com a queda do Czar Nicolau II e a subida ao poder dos bolchevistas liderados por Lênin.

No Brasil, o Movimento Modernista alterou, não só o comportamento da classe artística e intelectual, mas de toda a sociedade.

Entre os dias 11 e 18 de fevereiro de 1922, realizou-se no Teatro Municipal de São Paulo, a Semana de Arte Moderna, marco inicial do Movimento Modernista e que viria a ter grande influência na produção cultural nacional em todos os segmentos. A semana contou com recitais de poesia, exposições de pintura e escultura, festivais de música e conferências sobre arte. Constituiu um marco de ruptura e renovação nas artes.

Os segmentos intelectuais acompanharam o dinamismo da sociedade como um todo, principalmente na educação. Os esforços para a reordenação do ensino brasileiro e a discussão sobre a criação de uma universidade em São Paulo tornaram-se mais intensas.

6.2 Julio de Mesquita Filho e "O Estado de São Paulo" – 1926

O movimento para a melhoria da Educação no Estado de São Paulo contou com a fundamental colaboração de Júlio de Mesquita Filho, proprietário do Jornal O Estado de São Paulo que promoveu, no ano de 1926, um Inquérito sobre a Instrução Pública em São Paulo.

O grupo de "O Estado", liderado por Fernando de Azevedo, que também era redator do jornal, contava com alguns intelectuais ligados à educação e estudos pedagógicos como Anísio Teixeira e Manoel Bergstrom Lourenço Filho, responsável pela criação da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo. O grupo fundou o Movimento Renovador da Educação.

Júlio de Mesquita Filho defendia, desde 1922, a criação de uma universidade em artigos publicados pelo jornal de sua propriedade. "Artigos como "Comunhão Paulista" e "A Crise Nacional", publicados propositalmente no dia 15 de novembro de 1925, data de comemoração da Proclamação da República.

Nesses artigos Mesquita Filho discutia a crise da República Velha, atribuía um papel de liderança a São Paulo e criticava a resistência das oligarquias.¹⁷

6.3 Fernando de Azevedo (1894-1974)

Educador e humanista, nasceu em São Gonçalo de Sapucaí, MG. a 2 de abril de 1894, e morreu em São Paulo em 18 de setembro de 1974. É considerado um dos principais intelectuais empenhados na fundação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, **alma mater** da Universidade de São Paulo, onde foi Diretor de 1941 a 1943, e membro do Conselho Universitário.

Fez o curso ginásial no Colégio Anchieta, de Nova Friburgo, RJ. Ingressou na Companhia de Jesus, em Campanha, MG. Transferiu-se posteriormente para o Colégio São Luis, em Itu-SP, decidindo logo depois renunciar à vida religiosa.

Em 1914 lecionou Latim e Psicologia no Ginásio do Estado de Belo Horizonte. Prosseguiu seus estudos de Direito, diplomando-se em 1918. Sem se dedicar à advocacia, voltou-se para as atividades do ensino. Em 1920, novamente em São Paulo, lecionou Latim e Psicologia na Escola Normal. De 1922 a 1926 respondeu pela seção de crítica e história literária do jornal "O Estado de São Paulo".

Por sugestão do proprietário do jornal, Julio de Mesquita Filho coordenou, no ano de 1926 o Inquérito sobre a instrução pública em São Paulo e, durante quatro meses, realizou pesquisas e debates, objetivando a necessidade da criação de uma universidade, que alcançou grande repercussão em todo o país.

De 1926 a 1930, ao tempo em que Antonio Prado Junior foi prefeito do Distrito Federal, foi Diretor Geral da Instrução Pública, onde procedeu a reforma da instrução pública naquela cidade, vencendo todo tipo de dificuldades, inclusive a oposição de membros da antiga Câmara de Vereadores.

A reforma impôs-se como uma verdadeira revolução pedagógica nos campos do ensino primário, secundário e sobretudo no ensino normal e preparação de professores.

Após a Revolução de 1930, golpe que colocou Getúlio Vargas no poder, voltou a São Paulo, onde continuou suas atividades como pedagogo e jornalista. Foi fundador, organizador e diretor de duas importantes iniciativas editoriais: a Biblioteca Pedagógica Brasileira (BPB); e a Coleção de Estudos Brasileiros - Brasileiros, ambos da Companhia Editora Nacional.

Em 1933, assumiu as funções de diretor geral da Instrução Pública de São Paulo, quando conseguiu dotar o Estado do código de educação. Foi ainda fundador e primeiro diretor do Instituto de Educação.

¹⁷ Assim se manifestava Mesquita: Restabelecido o jogo natural das instituições constitucionais, pelo advento da opinião pública, restar-nos-ia dar início à construção do organismo concatenador da mentalidade nacional, representados, em todos os países de organização social completa, pelas Universidades (USP, 1985, pág. 22).

Como relator e um dos principais mentores do manifesto da Escola Nova em 1932, participou intensamente do movimento para a fundação da Universidade de São Paulo, da qual foi redator da Lei de criação. Participou na decisão da desapropriação da Fazenda Butantã, para a construção do que é hoje a Cidade Universitária Armando de Salles Oliveira.

Em 1945 foi Secretário da Educação e Saúde do Estado de São Paulo, embora divergisse do comportamento político do então governador Ademar de Barros. Em 1961 foi Secretário da Educação e Cultura da Prefeitura de São Paulo, na gestão de Francisco Prestes Maia.

Atuou como Professor Catedrático da Cadeira de Sociologia da Faculdade de Filosofia da USP, do qual foi diretor. Foi eleito pela Congregação da Faculdade "Professor Emérito da Universidade de São Paulo" em 1961. Membro da Academia Brasileira de Letras em 1968, eleito como terceiro ocupante da cadeira número 14, fundada por Clóvis Bevilacqua, tendo como Patrono Franklin Távora.

Além da sua autobiografia "História da minha vida", editada em 1971, Fernando Azevedo deixou vasta produção bibliográfica, destacando-se "A cultura Brasileira", obra originalmente escrita como introdução às publicações do Recenseamento Geral de 1940. A maioria de suas obras foi publicada pela Companhia Melhoramentos Editora, entre outras:

- A Educação Pública em São Paulo: problemas e discussões. São Paulo. Editora Nacional. 1937.
- Da Educação Física, 1960, 3ª. Edição;
- No tempo de Petrônio, 3ª. Edição;
- Jardins de Salústio, 2ª. Edição;
- Pequena História da Literatura Latina. 2ª. Edição;
- Ensaios – Críticas para "O Estado de São Paulo" (1924-1926) 2ª. Edição;
- A educação na encruzilhada (1960) 2ª. Edição;
- Novos Caminhos, novos fins, 3ª. Edição;
- A Educação e seus Problemas (1ª. Edição em 1945) 4ª. Edição em 1958;
- Princípios de Sociologia: pequena introdução ao estudo de sociologia geral. 7ª. Edição em 1956;
- Sociologia Educacional: introdução ao estudo dos fenômenos educacionais e de suas relações com outros fenômenos sociais, 7ª. Edição em 1965;
- Canaviais e Engenhos na vida política do Brasil: ensaio sociológico sobre o elemento político na civilização do açúcar, 2ª. Edição;
- Um trem corre para o Oeste: estudo sobre a Noroeste e seu papel no sistema de Viação nacional. São Paulo. Martins Editora. 1950.
- A Cultura Brasileira: introdução ao estudo da cultura no Brasil. Universidade de Brasília. 1963.
- A Cultura Brasileira. Edusp. São Paulo. 1971.
- As ciências no Brasil (org.). Obra em 2 volumes, escritos por vários autores.
- Na Batalha do Humanismo, 2ª. Edição. 1952;
- A Educação entre dois mundos (1958).
- Figuras do Real Convívio, 1ª. Edição em 1960.
- A cidade e o campo na civilização industrial e outros assuntos.

6.4 Fernando de Azevedo segundo seus contemporâneos de renome

Sobre a vida e a obra de Fernando de Azevedo, assim se expressaram alguns pensadores brasileiros:

Barbosa Lima Sobrinho: “Essa é a “batalha do humanismo”, que Fernando de Azevedo vem travando, armado de ponto em branco, com a sua profunda cultura e a segurança de seu estilo de ritmo largo, lembrando, pela firmeza de seus períodos, o desfile de unidades adestradas na festa das paradas. Sente-se aliás, que não estamos diante de uma peleja de diletante, mas de uma ação que lhe absorve toda a existência e a que ele se dedica com uma sinceridade absoluta, sem reservas, sem cálculos, como se aí estivesse a sua própria razão de viver.” (Azevedo, 1971, Contra capa).

Sérgio Buarque de Holanda: “...no caso da Noroeste, somos incessantemente arrastados ao plano nacional e mesmo continental. Fernando de Azevedo, que hoje, melhor talvez do que ninguém entre nós, oferece o exemplo cada vez mais raro de um espírito afeiçoado às boas letras, as letras clássicas, que não despreza as minúcias da investigação e da técnica científica mais rigorosas, pareceria excepcionalmente apto para abordar as duas faces da questão. Se a parte mais volumosa de sua obra se refere especialmente às questões técnicas da sociologia, o certo é que ela já nos apresentou uma ampla e importante contribuição em que aparecem aliados, sem violência, o rigor da Ciência e as virtudes intelectuais de uma formação de humanista. Não será preciso, para comprová-lo, invocar o caso de seu livro A Cultura Brasileira, que forma, juntamente com as obras mestras de um Gilberto Freyre e de um Caio Prado Jr., a clássica trindade dos grandes estudos recentes dedicados à melhor compreensão do Brasil” (Azevedo, 1971, Contra capa).

Franklin Leopoldo e Silva – Professor de História da Filosofia: “Até então não havia cursos de formação de professores de Português e de Ciências em geral, limitados ao Curso Normal. Comissioná-los na Universidade em tempo integral, para depois retornarem aos locais de origem, foi idéia do professor Fernando de Azevedo, um misto de geógrafo, cientista social, historiador e educador – figura típica de uma época em que as fronteiras do conhecimento ainda não estavam bem demarcadas... A USP era um projeto que, embora paulista, tinha repercussão nacional, e esse grupo de professores, liderado por Fernando de Azevedo, tinha entre suas propostas a criação de obras didáticas, um setor muito deficiente na época e que precisava recorrer à importação de material. Não se tratava propriamente de obras didáticas como entendidas hoje; a própria pesquisa gerava esse tipo de livro. Com Fernando de Azevedo instala-se na Universidade, ainda nos anos 40, a consciência crítica, dando início ao processo de pensar o Brasil de maneira ampla e radical, do que resultaram novos rumos para a Geografia (o próprio Fernando Azevedo), a Sociologia (Florestan Fernandes e Octavio Ianni), a Literatura (Antonio Candido) e a História” (Jornal da USP, 2003, pág. 2).

Fernando de Azevedo liderou o Movimento Renovador da Educação em São Paulo, cujo prestígio havia sido consolidado depois de ter ocupado o cargo de Diretor Geral da Instrução Pública no Rio de Janeiro, capital da República, entre os anos de 1923 a 1930 a convite do Prefeito daquela cidade Antonio Prado Jr., com o total apoio do Presidente da República Washington Luiz.

Nesse período implantou profundas e radicais reformas no ensino da cidade, com a criação da Escola Normal em 1927, com a finalidade de formar professores e influir na alteração da estrutura, mentalidade e técnicas pedagógicas.

Combateu o clientelismo político, que consistia na indicação de professores não habilitados para a função, sofrendo forte reação de grupos políticos oportunistas. Exerceu o cargo até os acontecimentos da Revolução, que colocou Getúlio Vargas no poder e o exílio de Washington Luiz; Antonio Prado Jr; Julio de Mesquita Filho e tantos outros.

De volta a São Paulo foi nomeado Diretor Geral da Instrução Pública. Com o retorno de Julio de Mesquita Filho do exílio em novembro de 1933, reiniciou-se a discussão sobre a fundação da Universidade de São Paulo

6.5 Outras contribuições

Em 1932 o Interventor era Laudo de Camargo e Antônio de Almeida Prado o Secretário da Educação, nesse ano foi constituída a Primeira Comissão Oficial para organizar o projeto de um sistema universitário para São Paulo. Dela faziam parte, além de Fernando de Azevedo, como relator, Julio de Mesquita Filho, Diretor do Jornal "O Estado de São Paulo", Antônio Alcântara Machado; Lúcio Martins Rodrigues; Raul Briquet. Essa comissão foi dissolvida com a eclosão da Revolução Constitucionalista, no dia 9 de julho.

Ao terminar a Revolução, nova Comissão foi constituída, já sob a Interventoria de Armando de Salles Oliveira e, como Secretário da Educação, Cristiano Altenfelder Silva. A Comissão tinha Fernando de Azevedo como Relator e Antonio F. Almeida Jr., ambos do Instituto de Educação; Teodoro A. Ramos e F. E. da Fonseca Teles da Escola Politécnica; Raul Briquet e André Dreyfus da Faculdade de Medicina; Vicente Rao; Waldemar Ferreira e Antônio de Sampaio Dória da Faculdade de Direito; Rocha Lima e J. Agesilao Bittencourt do Instituto Biológico, que elaboram o decreto de criação da Universidade de São Paulo.

7 - A CRIAÇÃO DA FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS COMO FUNDAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

"A Universidade de São Paulo foi fundada, antes de tudo, como um projeto político, aliás, talvez, o mais bem sucedido da história brasileira. Tem como função explícita ser, a partir de São Paulo, a formadora de uma determinada massa crítica e dirigente do país que, ocupando a administração pública de baixo para cima tem nos anos 90 do Séc. XX seu possível apogeu. Em sua fundação, entre outros motivos, como resposta ao doloroso processo de transmutação da identidade da elite cultural e econômica de São Paulo em 30 e 32, que na arte teve início em 22, recolhe-se um expressivo contingente francês de professores, sobretudo na FFLCH, que, no caso da Geografia, transformou-se numa verdadeira "escola francesa" de Geografia. Desnecessário seria dizer o óbvio: o universo de referência cultural do império não era apenas francês, mas em muito influenciado pela "historia natural" de língua inglesa. A "reciclagem" do conhecimento sobre o Brasil do período imperial e anterior a FFLCH foi feita sob um olhar, no mínimo, muito específico". (Azevedo, Tarik. 2001, pág. 55)

O contexto que permeou a origem da Universidade de São Paulo deve ser entendido no âmbito das sensíveis transformações ocorridas na década de 20: fundação do Partido Comunista; a realização da Semana de Arte Moderna em 1922; a Revolução de 1924; a Crise econômica e política que culminaria nas Revoluções de 1930 e 1932. Desde a sua criação, a história da Universidade de São Paulo vem sendo descrita em Dissertações de Mestrado, Teses de Doutorado e outras publicações, gerando "polêmicas" sobre os fatores que influenciaram sua fundação, dependendo do ponto de vista e da área de conhecimento escolhida para a análise e da referência bibliográfica acessada.

Alguns autores discutem a ideologia da cultura, ou um projeto político na constituição da Universidade de São Paulo, outros afirmam que a criação deu-se para recuperar a auto-estima perdida pela elite paulista com as derrotas em 1930 e 1932. Há ainda quem defenda o caráter mercadológico, apontando interesses comerciais, pela participação de pessoas ligadas à edição e publicação de livros didáticos.¹⁸

Grande parte da bibliografia existente considera a criação da Universidade como um projeto político construído a longo prazo, cujo principal objetivo era formar uma geração de cientistas e pesquisadores nas diversas áreas do conhecimento. Desse processo participaram vários educadores que, ultrapassando as fronteiras do Estado, tinham a aspiração de reconquistar a hegemonia perdida, ainda que em menor grau.

¹⁸ Fernando Magalhães Limongi em: Educadores e Empresários Culturais na Construção da USP, critica a Bibliografia que privilegia a dimensão política. Limongi dá maior ênfase a atuação de pessoas ligadas ao setor cultural, como Jornalistas, Editores e Educadores, alguns deles Empresários do setor como Julio Mesquita Filho, dono do maior jornal da época. Monteiro Lobato ligado à Cia. Editora Nacional e Sampaio Doria, Lourenço Filho e Almeida Junior como fundadores e proprietários de uma escola particular, o Liceu Nacional Rio Branco.

Simon Schwartzman foi um dos defensores da tese que aponta para a criação da Universidade num momento de intensa mobilização da elite econômica e intelectual de São Paulo. Após a derrota de 32 no conflito com Vargas, uma Universidade estruturada em torno de uma escola de ciências seria encarada como um projeto para devolver ao Estado sua merecida posição na liderança nacional.

7.1 Contexto histórico social

Irene Cardoso, em "A Universidade da Comunhão Paulista", discute o mito liberal-democrático da criação da Universidade. Identifica traços autoritários dos "fundadores" através de suas ações. Liberais que fizeram alianças e apoiaram Getúlio Vargas, empenhados na campanha anticomunista, contra a liberdade de pensamento e expressão.¹⁹

A idéia da criação da Universidade intensificou-se a partir da década de 1920, com o "Inquérito" promovido pelo jornal "O Estado de São Paulo", em 1926, e a publicação de artigos como "A Crise Nacional". Além disso as conferências proferidas por professores franceses, como Paul Fauconnet e George Dumas, ambos da Sorbonne, defendiam a fundação de uma Universidade em São Paulo.

7.2 A Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras

A criação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, fator essencial para a fundação da Universidade de São Paulo, contou com o apoio da sociedade política, social e cultural que, através de diversos representantes, dedicou-se ao desenvolvimento e aperfeiçoamento dos processos educacionais.

Nas palavras do Professor Campos "Não nos furtamos entretanto, ao gosto de relembrar, ainda que sumariamente alguns dos grandes homens do Brasil, que nessa tradicional casa de ensino forjaram suas armas, para servir como serviram ao nosso país, contribuindo para o nosso progresso e renome internacional. São tantos que se torna difícil a escolha de uma relação resumida; Projetaram-se no campo das letras jurídicas, no magistério doutrinário, na literatura, na política, na diplomacia, escrevendo páginas gloriosas na história pátria.

7.3 O Decreto de Criação da Universidade de São Paulo

"Finalmente, depois de tantos anseios, de tão vigorosa propaganda, concretizava-se a idéia pela conjugação, sob a égide de uma unidade universitária comum, das grandes e prestigiosas instituições de educação superior existentes em São Paulo, acrescidas de duas faculdades remodeladas e de uma nova, fundamental, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, laço de entrosamento científico cultural pelas suas secções numerosas e variadas". (Campos, 1954, pág. 100).

¹⁹ Transcrita na Dissertação de Freitas, 1992, página 22

No dia 25 de janeiro de 1934, data do aniversário da fundação da cidade de São Paulo, Armando de Salles Oliveira, assinou o Decreto 6283 que criava a Universidade de São Paulo e a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, que seria integrada ao sistema, incorporava alguns Institutos já existentes, que estavam sob a administração do governo federal ou estadual, outros foram gradualmente incorporados nos anos subseqüentes, constituindo-se o que é hoje a Universidade de São Paulo.

Considerada vitoriosa a reivindicação de Júlio de Mesquita Filho e seu grupo, Fernando de Azevedo assim escreveu: “Júlio de Mesquita e eu lutávamos por isso desde 1923: foi entre esse ano e o de 1926 que escrevi em “O Estado” artigos e estudos a respeito e promovi nesse jornal, em 1925, um largo inquérito, que durou meses, sobre a instrução pública em São Paulo e em que novamente levantava e discutia o problema do ensino superior e universitário em nosso Estado. (...) Pois realmente na encruzilhada encontrava-se, na época, a educação em São Paulo, e o caminho em que nos lançamos foi o de reformas radicais, da base à cúpula, com a renovação do ensino superior e a criação de uma Universidade, com sua Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras” (Azevedo, 1971 pág.119).

Assim se inicia o Decreto:

DECRETO No. 6283, de 25 DE JANEIRO DE 1934.

Cria a Universidade de São Paulo e dá outras providências.

“O doutor Armando de Salles Oliveira, Interventor Federal do Estado de São Paulo, usando das atribuições que lhe confere o decreto federal no. 19398, de 11 de novembro de 1930; e”,

- considerando que a organização e o desenvolvimento da cultura filosófica, científica, literária e artística constituem as bases em que se assentam a liberdade e a grandeza de um povo;*
- considerando que somente por seus instrumentos de investigação científica de altos estudos, de cultura livre, desinteressada, pode uma nação moderna adquirir a consciência de si mesma, de seus recursos, de seus destinos;*
- considerando que a formação das classes dirigentes, mormente em países de populações heterogêneas e costumes diversos, está condicionada à organização de um aparelho cultural e universitário, que ofereça oportunidade a todos e processe a seleção dos mais capazes;*
- considerando que em favor do grau de cultura já atingido pelo Estado de São Paulo, com Escolas, Faculdades, Institutos de formação profissional e de investigação científica, é necessário e oportuno elevar a um nível universitário a preparação do homem, do profissional e do cidadão,*

Decreta:

TÍTULO I

DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Art. 1º – Fica criada, com sede nesta Capital, a Universidade de São Paulo

Art. 2º – São fins da Universidade:

- a) Promover, pela pesquisa, o progresso da ciência;*
- b) Transmitir, pelo ensino, conhecimentos que enriqueçam ou desenvolvam o espírito ou sejam úteis à vida;*
- c) Formar especialistas em todos os ramos de cultura, e técnicos e profissionais em todas as profissões de base científica ou artística;*
- d) Realizar a obra social de valorização das ciências, das letras e das artes, por meio de cursos sintéticos, conferências, palestras, difusão pelo radio, filmes científicos e congêneres.*

TÍTULO II

DA COMPOSIÇÃO DA UNIVERSIDADE

Art. 3º - A Universidade de São Paulo se constitui dos seguintes institutos oficiais:

- a) Faculdade de Direito;*
- b) Faculdade de Medicina;*
- c) Faculdade de Farmácia e Odontologia;*
- d) Escola Politécnica;*
- e) Instituto de Educação;*
- f) Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras;*
- g) Instituto de Ciências Econômicas e Comerciais;*
- h) Escola de Medicina Veterinária;*
- i) Escola Superior de Agricultura;*
- j) Escola de Belas Artes.*

Parágrafo Único – As instituições enumeradas neste artigo são autônomas dentro das normas do presente decreto e podem expedir certificados, diplomas e conferir grau nas diversas atividades profissionais.

Art. 4º. – Além das Escolas, Faculdades e Institutos referidos no artigo anterior concorrem para ampliar o ensino e ação da Universidade:

- a) o Instituto Biológico;*
- b) o Instituto de Higiene;*
- c) o Instituto Butantã;*
- d) o Instituto Agrônomo de Campinas;*
- e) o Instituto Astronômico e Geofísico;*
- f) o Instituto de Radium “Dr. Arnaldo Vieira de Carvalho”;*
- g) a Assistência Geral a Psicopatas;*
- h) o Instituto de Pesquisas Tecnológicas;*
- i) o Museu de Arqueologia, História e Etnografia, que é o Museu Paulista;*
- j) o Serviço Florestal;*
- k) e quaisquer outras instituições de caráter técnico e científico do Estado.*

7.4 Fatores preponderantes segundo expoentes da época

“Vencidos pelas armas, sabíamos perfeitamente que só pela ciência e pela perseverança no esforço, voltaríamos a exercer a hegemonia que durante longas décadas desfrutáramos no seio da federação. Paulistas até a medula, herdáramos da nossa ascendência bandeirante o gosto pelos planos arrojados e a paciência necessária à execução dos grandes empreendimentos. Ora, que maior monumento poderíamos erguer aos que haviam consentido no sacrifício supremo para preservar contra o vandalismo que acabava de aviltar a obra de nossos maiores, das Bandeiras à Independência e da Regência à República, do que a Universidade?” (USP, 1985, pg.22).

Para Júlio de Mesquita Filho, paraninfo da primeira turma de formandos da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras em 1937, o fator decisivo para a criação da Universidade de São Paulo foi a derrota paulista na Revolução Constitucionalista de 1932, evidenciando o caráter político do projeto de criação da Universidade.

Fernando de Azevedo ainda acrescenta: “Se a verdadeira organização universitária foi instituída pelo Decreto 19851, de 11 de abril de 1931, do chefe do Governo Provisório, Dr. Getúlio Vargas, referendado por Francisco Campos, Ministro da Educação, a primeira Universidade que teve o Brasil, criada com um novo espírito e uma organização nova, e já sob o regime estabelecido por esse decreto, foi a de São Paulo”. (USP, 1985, pg. 22).²⁰

7.5 Incorporações

O Decreto Estadual determinava a incorporação de algumas instituições, que trabalhavam isoladamente, algumas reconhecidas internacionalmente, fundadas há vários anos e que, agora agrupadas à Universidade, poderiam desfrutar das vantagens da interligação. As escolas incorporadas foram:

1. Faculdade de Direito. Sob jurisdição Federal. Fundada em 11 de agosto de 1827 pelo Imperador D. Pedro I, juntamente com a Faculdade de Olinda (PE).
2. Faculdade de Medicina, fundada em 1913.
3. Faculdade de Farmácia e Odontologia, fundada em 1899.
4. Escola Politécnica, criada em 1893.
5. Instituto de Educação, fundada em 1933 pelo desmembramento da Escola de Professores, que funcionava no Instituto de Educação Caetano de Campos, anteriormente chamada Escola Normal de São Paulo, fundada em 1894.
6. Escola de Medicina Veterinária, criada em 1928.
7. Escola Superior de Agricultura, fundada em 1899.

²⁰ A Universidade do Brasil, no Distrito Federal, Rio de Janeiro foi a 2ª Faculdade de Filosofia Ciências e Letras, fundada em 1936.

Além dessas Escolas e Faculdades, foram incorporados para ampliar o ensino e a pesquisa científica, alguns institutos que igualmente já desfrutavam de renome internacional. Eram eles:

- a) Instituto Biológico. “No final da década de vinte, com a calamidade pública da broca do café corroendo o eixo mais produtivo da economia paulista, foi constituída uma comissão técnica que identificou o agente e iniciou a campanha de ataque ao inseto. Em dezembro de 1927, as instalações e o pessoal integrantes da campanha serviram de núcleo para a criação do Instituto Biológico de Defesa Agrícola e Animal, que também subsidiou as atividades de ensino e pesquisa da USP na área em questão, a partir de 1934”. (USP, 1985, PG.25).
- b) Instituto de Higiene. Criado em 1918 pelo professor norte-americano Samuel Taylor Darling, que realizou as primeiras experiências de ensino de saúde em São Paulo, quando assumiu a Cátedra de Higiene e Saúde Pública da Faculdade de Medicina. Era seu assistente o Professor Doutor Geraldo Horácio de Paula Souza, que foi indicado para fazer o curso de especialização na Johns Hopkins University, em Baltimore, nos Estados Unidos. Ao regressar a São Paulo assumiu a direção do Laboratório da Cadeira de Higiene da Faculdade de Medicina. A Disciplina tornou-se Instituto de Higiene em 1924 e em Escola de Saúde Pública em 1934. Em 1945 transformadas em unidades de ensino superior da USP como Faculdade de Higiene e Saúde Pública. (USP, 1985, pg. 28)
- c) Instituto Butantã, que substituiu o antigo "Instituto Serumtherapico", fundado por Vital Brasil, oficializado a 23 de fevereiro de 1901 (USP, 1985, pg.25). Centro de pesquisa e produção de vacinas e sorologia reconhecidas internacionalmente pelo seu nível de ensino e pesquisa.
- d) Instituto Agrônomo de Campinas, criado em 1893, em sucessão à Imperial Agrônoma de Campinas que funcionava desde 1887, criada por iniciativa do Conselheiro Rodrigues Alves, que se tornara um marco importante para a pesquisa Agropecuária no Brasil.
- e) Instituto Astronômico e Geofísico. O mais antigo desses Institutos, fundado em 1886, através de uma Lei Provincial de São Paulo que criou a Comissão Geográfica e Geológica de São Paulo. Exercia serviços geográficos, geológicos, botânicos e Meteorológicos.

8 – ENTRAVES

Não funcionaram efetivamente desde o decreto da criação da USP, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, a Escola de Belas Artes e o Instituto de Ciências Econômicas e Comerciais, esse só foi instalado em 1946.

A incorporação dos diversos cursos e Institutos de pesquisa já existentes constituiu a parte mais simples para a implantação da Universidade de São Paulo. Mas pelo Decreto Federal número 19851, assinado em 11 de abril de 1931, que regulamentou definitivamente o ensino universitário no Brasil, dando um estatuto às universidades brasileiras, estabeleceu-se que, uma Universidade teria que possuir Escolas de nível superior em todas as áreas do conhecimento e um centro de formação de profissionais de ensino. Naquele momento a área de Ciências Humanas estava incompleta, pela ausência de uma Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras.

8.1 Resistências à Incorporação

A maioria das Faculdades, Escolas e Institutos, em pleno funcionamento e que gozavam de prestígio e reconhecimento internacional, foram incorporadas à Universidade recém formada de maneira aparentemente pacífica e normal. No entanto algumas delas protestaram e recusavam-se a se agrupar ao projeto da Universidade. Esses protestos puseram em risco a constituição da Universidade, do modo como havia sido planejado.²¹

De acordo com o Professor Antonio Cândido, no começo as velhas faculdades tinham birra das mais novas: Medicina, Direito e Engenharia formavam uma aristocracia, torciam o nariz para a de Filosofia e outras consideradas mais modestas. Para muitos professores de Direito, sentar-se e deliberar junto com um professor de Veterinária, por exemplo, era um desaforo.

O Primeiro Reitor escolhido, o Professor Reynaldo Porchat, na condição de Diretor da Faculdade de Direito, poderia fazer valer sua influência para que não se concretizasse a incorporação dessa Unidade à Universidade recém criada. Entretanto, assim que foi constituída a Congregação da Universidade, o Professor Porchat, reconheceu a importância e o significado da fundação da Universidade, e integrou-se à luta que se travava pela sua manutenção.

²¹ Explicou o Professor Fernando Azevedo: "Mas, apesar de todas as cautelas tomadas para amortecer ou reduzir a resistência das antigas escolas superiores de formação profissional (Direito, Engenharia, Medicina e Agricultura), escolas, cuja autonomia teria de sofrer limitações com a criação da Universidade procuravam, por todos os meios, solapar o sistema de que passavam a fazer parte".

A nova Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras era a mais visada pelas escolas superiores de formação profissional. Esteve ameaçada de extinção por duas vezes. A Faculdade de Educação criada em 1933 foi incorporada à Universidade em 1934 e liquidada em 1937, durante o governo de Ademar de Barros por questões políticas e partidárias carregadas de ressentimentos pessoais. Assim, mais uma vez a Educação perdeu por conta de intransigências, vaidade e prepotência. Para a desagregação houve o apoio de um Secretário que, ironicamente, respondia pelo expediente da Secretaria da Educação.

Superadas as primeiras dificuldades, o passo mais complexo e ambicioso do projeto de implantação da Universidade de São Paulo foi a criação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras.

8.2 Criação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras - Decreto 6283 de 25 de Janeiro de 1934.

A Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo foi a primeira a funcionar no Brasil como instituto oficial de alta cultura, de caráter não profissional, apesar da existência de uma Faculdade de Filosofia fundada em 1933, de ordem religiosa "Sedes Sapientiae".

CAPÍTULO II DA FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS

Art. 6º. – A Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, da Universidade, terá os seguintes cursos, distribuídos por três secções, instalados progressivamente, de acordo com as necessidades do ensino:

- a) Filosofia;*
- b) Ciências;*
- c) Letras.*

Artigo 7º: A Seção de Filosofia será constituída das seguintes cadeiras:

- 1. Filosofia;*
- 2. História da Filosofia;*
- 3. Filosofia da Ciência e*
- 4. Psicologia.*

Artigo 8º estabelece as subseções das Ciências, com as seguintes cadeiras fundamentais:

- 1. Ciências Matemáticas;*
- 2. Ciências Físicas;*
- 3. Ciências Químicas;*
- 4. Ciências Naturais;*
- 5. Geografia e História;*
- 6. Ciências Sociais e Políticas.*

Artigo 9º Regulamenta a Seção de Letras, que compreende as seguintes cadeiras fundamentais:

- 1** - *Lingüística;*
- 2** - *Filologia Comparada;*
- 3** - *Filologia Portuguesa;*
- 4** - *Literatura Luso-Brasileira;*
- 5** - *Língua e Literatura Grega;*
- 6** - *Língua Literatura Latina;*
- 7** - *Língua e Literatura Francesa;*
- 8** - *Língua e Literatura Italiana;*
- 9** - *Língua e Literatura Inglesa;*
- 10** - *Língua e Literatura Alemã;*
- 11** - *Língua Tupi-Guarani;*
- 12** - *Técnica e Crítica Literária.*

Os cursos de Geografia e História, descritos no Artigo 8º eram regulamentados pelo Artigo 10º, Inciso VI, e assim estabelecidos:

Art. 10º: O curso para licença cultural será seriado e de três anos, em cada uma das seções e sub-seções que compõem a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, abrangendo todas as matérias de respectiva seção ou sub-seção e outras afins ou fundamentais, distribuídas da seguinte forma, pelos três anos:

VI - GEOGRAFIA E HISTÓRIA:

1º. Ano – Geografia Geral

Geografia Econômica;

História da Civilização (antiga e medieval).

2º. Ano - Antropogeografia;

Geografia Econômica do Brasil;

História da Civilização (Moderna e Contemporânea);

História da América (inclusive pré-história)

3º. Ano – Antropogeografia (especialmente do Brasil);

História da América

História da Civilização Brasileira.

8.3 Formação do Quadro Docente – contratação de professores estrangeiros

Outra dificuldade que surgiu quando criada a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, foi constituir o seu quadro de professores. Para muitas matérias, não havia no país mestres especializados e em condições de inaugurar novos cursos de alto nível e com as técnicas de pesquisa para assegurar uma contribuição constante aos progressos científicos. O perfil não era apenas de professores que pudessem dar cursos de alta qualidade, mas capazes, por seu espírito e suas técnicas, de aprofundar as pesquisas, concorrer para o progresso das ciências a cujo ensino teriam de dedicar-se. Por isso foram convidados professores estrangeiros.

O Conselho Universitário, professor Reynaldo Porchat, primeiro Reitor da Universidade de São Paulo, Fernando de Azevedo e outros fundadores da universidade, escolheram o Professor Teodoro Augusto Ramos, reconhecido nos meios científicos internacionais, para chefiar uma Comissão que viajou para a Europa com o objetivo de contratar os docentes necessários para a composição das Cadeiras para a recém criada Faculdade.

Na França, o professor de Psicologia George Dumas, ligado à família Mesquita, foi incumbido de reunir os nomes que viriam para o Brasil.

Da França vieram no primeiro momento os seguintes professores:

- Emile Coornaert, Doutor em Letras, "Agrége" da Escola de Altos Estudos da Sorbonne, para a Cadeira de História da Civilização.
- Roberto Garric, da Sorbonne e da Faculdade de Direito da Universidade de Lille, para a Cadeira de Literatura Francesa.
- Pierre Deffontaines, do Instituto Católico de Lille e da Universidade de Paris para a Cadeira de Geografia Física e Humana.
- Ettiene Borne, da Universidade de Paris, para a Cadeira de Filosofia e Psicologia.

Da Itália, vieram os seguintes professores:

- Francesco Piccolo, da Universidade de Roma e do Liceu Torquato Tasso, para a Cadeira de Latim e Língua e Literatura Italiana.
- Luigi Fantappie, da Universidade de Bologna, para a Cadeira de Matemática e Geometria.
- Ettore Onorato da Universidade de Cagliari, para a Cadeira de Mineralogia e Geologia.
- Gleb Wataghin, de nacionalidade russa. Formado pela Universidade de Turin, Professor da Academia Militar e da Universidade de Roma e Primeiro Prêmio da Academia Pontifícia. Teve a anuência do governo italiano para vir ao Brasil, onde ocupou a Cadeira de Física.

Da Alemanha foram contratados:

- Ernest Breslau, da Universidade de Colônia para a Cadeira de Zoologia.
- Heinrich Rheiboldt, da Universidade de Bonn para a Cadeira de Química Geral.
- Felix Rawister, da Universidade de Freiburg para a Cadeira de Botânica.

De Portugal foi contratado:

- Francisco Rebelo Gonçalves da Universidade de Lisboa para a Cadeira de Filologia Portuguesa, Gramática e Filosofia Grega e Gramática e Filosofia Latina.

O grupo de professores brasileiros era formado por:

- Teodoro Ramos, da Escola Politécnica para a Cadeira de Mecânica.
- Luiz Cintra do Prado da Escola Politécnica, para a Cadeira de Física.
- Antonio Soares Romeu, para a Cadeira de Física.
- André Dreyfus, da Faculdade de Farmácia e Odontologia, para a Cadeira de Biologia.
- Paulo Sawaya, para a Cadeira de Zoologia e Fisiologia Geral e Animal.

- Affonso D'Escragnolle Taunay, para a Cadeira de História da Civilização Brasileira.
- Plínio Marques da Silva Ayrosa para a Cadeira de Etnografia Brasileira e Língua Tupi-Guarani.
- Edgard Otto Gottsch para a Cadeira de Economia Política.
- Heinrich Hauptmann para a Cadeira de Química.

Para completar o Corpo Docente, vieram da França em 1935 os Professores:

- Pierre Monbeig da Universidade de Paris, para a Cadeira de Geografia Física e Humana. O professor Monbeig substituiu o Professor Pierre Deffontaines.
- Fernand Paul Achille Braudel para a Cadeira de História da Civilização.
- Pierre Hourcade para a Cadeira de Língua e Literatura Francesa.
- Jean Maugue, do Liceu de Montluçon para a Cadeira de Filosofia.
- Claude Levi Strauss, para a 2ª. Cadeira de Sociologia.
- Michel Bervellier, da Universidade de Paris para a Cadeira de Filologia Grega e Latim.

No ano de 1936 também vieram para compor o Corpo Docente, os Professores:

- Giacomo Albanese, da Faculdade de Matemática da Universidade de Pisa, Itália, para a Cadeira de Geometria.
- Luigi Galvani, da Faculdade de Economia e Comércio da Universidade de Nápoles, Itália, para a Cadeira de Estatística.
- Paul Vanorden Shaw, da Universidade de Columbia, Nova York, Estados Unidos da América, para a Cadeira de História da Civilização Americana.²²
- François Perroux, da Faculdade de Direito de Lion, França, para a Cadeira de Economia Política e Finanças.
- Michel Bervellier, da França, para a Cadeira de Letras Clássicas.
- Ernst Marcus, da Universidade de Berlin, Alemanha. Para a Cadeira de Zoologia. Substituiu o Professor Ernst Breslau falecido repentinamente no final do ano de 1935.
- Karl Arens, contratado como Assistente Científico do Professor Ernst Marcus.

Outros professores contratados em 1937:

- Giuseppe Ungaretti, italiano radicado no Brasil para a Cadeira de Língua e Literatura Italiana.
- François Perroux, da Faculdade de Direito de Montpellier, França, para a Cadeira de Economia Política.
- George Raeders, da França, para a Cadeira de Língua e Literatura Francesa.
- Ottorino de Fiori Caprani, da Itália, para a Cadeira de Geologia e Paleontologia.

²² Paul Vanorden Shaw nasceu em 11 de julho de 1898 em São Paulo. Fez seus estudos secundários em Lavras, MG, depois no Wellsbore High School, na Pennsylvania, Estados Unidos. Em 1919 tornou-se Bacharel em Artes no College of Wooster, Ohio. Mestre em Artes pela Universidade de Columbia, Nova York em 1926. Doutor em Filosofia em 1930. Foi convidado a lecionar na Universidade de São Paulo em 1936.

- René Courtin, para a Cadeira de Economia Política e Doutrinas Econômicas.
- Emmanuel de Martonne. Em visita ao Brasil, lecionou Geografia na USP como Professor Visitante. Ao final do ano redigiu um Relatório à Direção da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, em que comentou o andamento do Curso de Geografia e onde fez sugestões preciosas para a melhoria do Ensino.

Finalmente, em 1938, vieram da França:

- Roger Bastide para a 2ª. Cadeira de Sociologia.
- Alfred Bonzon para a Cadeira de Língua e Literatura Francesa.
- Pierre Fromont para a Cadeira de Economia Política e Finanças.
- Jean Gagé para a Cadeira de História da Civilização.

O Professor Antonio Cândido de Mello e Souza, Professor Emérito da FFLCH/USP, em entrevista à Revista Informe, assim se expressou: "...tomaram uma decisão sábia, só contratar para as Cadeiras que poderiam ter conotação ideológica professores de países democráticos. Dada a nossa tradicional ligação cultural com a França, foi a ela que se dirigiram ... "Com a Alemanha não houve contatos oficiais e lá foram contratados individualmente cientistas eminentes para Botânica, Zoologia, Química, todos judeus e, portanto, incompatibilizados com o governo nazista, recentemente chegado ao poder e claramente anti-semita.

8.4 Influências da 2a. Guerra Mundial

Em dezembro de 1941 o Brasil declarou guerra aos países do Eixo (Itália, Alemanha e Japão) e a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, por ter no seu quadro muitos professores estrangeiros, sofreu uma "caça às bruxas". Esse fato ocorreu em outros órgãos públicos, que foram intimados a informar às autoridades federais os professores e funcionários estrangeiros que compunham seus quadros, na busca de possíveis elementos ligados aos regimes fascistas europeus. Curiosa ou ironicamente, o Brasil vivia numa situação similar.

9 – PERFIL DA COMUNIDADE QUE FORMOU A UNIVERSIDADE

"A criação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, unidade integrante da recém fundada Universidade de São Paulo, alargou os horizontes do conhecimento paulista, despertando interesses e chamando a atenção de um público diversificado. A ela afluíram jovens estudantes, professores do nível secundário, bacharéis de outras escolas de ensino superior que passaram a compor a estrutura da universidade, como a de Medicina, a Politécnica ou a de Direito, interessados em obter uma profissionalização consagrada pelo ensino universitário, entusiastas e adeptos da cultura e das ciências, curiosos de todo tipo. Até aquela data, juntamente com o Paraguai, o Brasil era um dos países sul-americanos onde os projetos universitários não haviam entrado na agenda política e cultural da nação" (Martinez, 1998, pág. 188).

Em junho de 1934 ocorreu a consolidação institucional da Universidade de São Paulo. Instalou-se o Conselho Universitário que escolheu o Professor Reynaldo Porchat, da Faculdade de Direito, como seu primeiro reitor.

9.1 Corpo Discente

Em março de 1934 a recém formada Faculdade iniciou suas atividades. A princípio aceitava alunos já com título de ensino superior. Os que não tinham eram submetidos a um exame de admissão. Havia cursos preparatórios para esse fim em algumas faculdades já existentes em São Paulo. De acordo com o Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, nos anos de 1934, 1935 e 1936 estavam matriculados:

Faculdades	1934	1935	1936
Filosofia, Ciências e Letras (3 seções)	Matriculados: 182 Ouvintes: 67	1º. Ano: 218 2º. Ano: 37 Ouvintes: 39	1º. Ano: 79 2º. Ano: 86 3º. Ano: 31 Ouvintes: 31
3ª, Seção: Ciências (6 subseções)	Matriculados: 122 Ouvintes: 23	1º. Ano: 155 2º. Ano: 19 Ouvintes: 19	1º. Ano: 67 2º. Ano: 52 3º. Ano: 15 Ouvintes: 16
5ª. Sub-seção: Geografia e História	Matriculados: 16 Ouvintes: 8	1º. Ano: 29 2º. Ano: 11 Ouvintes: 7	1º. Ano: 16 2º. Ano: 17 3º. Ano: 8 Ouvintes: 3

Em 17 de junho de 1934, o Professor Pierre Deffontaines, Geógrafo francês, na qualidade de chefe das cadeiras de Geografia Física e Humana, ministrou a aula inaugural da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, então instalada nos porões da Faculdade de Medicina, na Av. Dr. Arnaldo. O Professor Deffontaines e seus pares, deram início à formação da chamada primeira geração de notáveis. Foram esses os professores, que disseminaram novas fontes de conhecimento e formas de pesquisa, tão necessárias à formação cultural do nosso povo.

No primeiro ano os alunos estavam assim distribuídos:

- 46 alunos na seção de Filosofia;
- 29 na de Matemática;
- 10 em Física;
- 29 na de Química;
- 15 na de Ciências Naturais;
- 16 na de Geografia e História;
- 18 na de Ciências Sociais e Políticas;
- 5 na de Letras Clássicas e Português;
- 9 na de Línguas Estrangeiras.

A partir de 1935 o Curso de Geografia e História passou a ser o Departamento com o maior número de alunos dentro da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, empatando no total com o de Ciências Químicas também com 40 alunos.

Inscreveram-se no Curso de Geografia e História os seguintes alunos:

ALUNOS REGULARES	OUVINTES
1 – Caio Prado Junior	1 – Maria da Conceição V. de Carvalho
2 – Astrogildo Rodrigues de Mello	2 – Francisco Cuscianna
3 – Carlos Peres Fernandes	3 – José Aparecido da Fonseca
4 – Domingos Ramos de Paiva	4 – Álvaro de Souza Lima
5 – Eurípidés Simões de Paula	5 – Branca do Couto e Melo
6 - Antonio de Paula Assis	6 – Antonio R. Müller
7 – Antonio Ferreira Cesarino Jr.	7 – Antonieta de Paula Souza
8 – João Dias da Silveira	8 – Henrique Doria de Vasconcellos
9 – Eddy de Freitas Crisciuma	
10 – Domingos Laurito	
11 – René Barreto Filho	
12 – Nelson Camargo	
13 – Rosendo Sampaio Garcia	
14 - Aurélio de Sálvio	
15 – Marcelino Ritter	
16 - José de Oliveira Orlandi	

9.2 Primeira Geração de Notáveis

Em 1937 foram Licenciados 26 estudantes assim distribuídos:

Filosofia – 10;

Matemática – 5;

Física – 1;

Geografia e História – 7;

Ciências Sociais – 1;

Letras 2.

A solenidade de formatura da Primeira Turma da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras realizou-se no dia 25 de janeiro de 1937. O seu primeiro Diretor era o Professor Antônio de Almeida Prado, e como Parainfo o jornalista Julio de Mesquita Filho, que se destacou para a constituição da Universidade de São Paulo, sendo considerada – “a menina dos olhos do Grupo do jornal “O Estado”, conforme discurso proferido no Seminário sobre a Universidade de São Paulo, por Julio de Mesquita Neto em 15 de novembro de 1984.

Da cerimônia solene participaram os seguintes alunos:

- 1 - Antonio Henriques Pinto;
- 2 - Amélio Guariento;
- 3 - Astrogildo Rodrigues de Mello;
- 4 - Euripedes Simões de Paula;
- 5 - João Cruz Costa;
- 6 - Rosendo Sampaio Garcia;
- 7 - Nelson Camargo;
- 8 - João Dias da Silveira;
- 9 - Oswaldo Ferraz Alvim;
- 10- Julio Rabin;
- 11- Raul Ferraz Mesquita;
- 12- Adélia Dranger;
- 13- Francisco Rodrigues Leite;
- 14- Candido Silva Dias;
- 15 - Mario Schenberg;
- 16 - Ofélia Ferraz do Amaral;
- 17 - João Barros Souza Aranha;
- 18 - Afonso Antonio Rocco;
- 19 - Décio Ferraz Alvim;
- 20 - Nicanor Miranda;
- 21 - Carmelo Damato;
- 22 - Livio Teixeira
- 23 - José Oliveira Orlandi.

Do grupo de formandos, 7 deles pertenciam à sub-seção de Geografia e História:

- 1 - Affonso Antonio Rocco;
- 2 - Astrogildo Rodrigues de Mello;
- 3 - Euripedes Simões de Paula;
- 4 - João Dias da Silveira;
- 5 - José Oliveira Orlandi;
- 6 - Nelson Camargo;
- 7 - Rozendo Sampaio Garcia.

9.3 Alguns notáveis ausentes na Formatura

Alguns alunos que constituíam a primeira turma da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, não participaram da seção solene de formatura por motivos diversos.

9.3.1 Caio Prado Junior (1907-1990)

O primeiro da lista dos inscritos no curso de Geografia e História, não colocou grau junto aos demais. cursou o primeiro e segundo anos, mas foi preso no ano seguinte durante uma viagem ao Rio Grande do Sul.

Caio Prado Junior nasceu em São Paulo a 11 de fevereiro de 1907. De família de influentes políticos paulistas, fez seus estudos secundários no Colégio São Luis, dos padres jesuítas e em Eastbourne, Sussex, na Inglaterra. Caio Prado Foi Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito de São Paulo em 1928. Matriculou-se no curso de Doutorado pela mesma Faculdade, junto à 2ª. Seção, nas Cadeiras de Teoria Geral do Estado, a cargo de Sampaio Doria, e Legislação Social, sob a orientação de Cardoso de Mello Neto.

A eleição realizada em outubro de 1928 para a escolha de Vereadores para a Câmara Municipal de São Paulo não elegeu nenhum dos 50 candidatos inscritos pelo Partido Democrático. A suspeita de fraude na apuração dos votos, provocou a adesão do Partido Democrático à Aliança Liberal em agosto de 1929 que apoiou Getúlio Vargas candidato à Presidência da República.

O envolvimento de professores e alunos com o movimento Constitucionalista que irrompeu em julho de 1932, paralisou as atividades estudantis. Caio Prado Junior preferiu retirar-se para uma fazenda da família no interior do Estado e abandonou o curso de Doutorado. Era filiado ao Partido Democrático desde 1928, adversário do PRP – Partido Republicano Paulista, composto por políticos ligados à elite cafeeira, que comandavam a chamada "Política do Café com Leite" e estava no centro das manifestações, por esse motivo não aderiu à Revolução.

Encontrava-se entre os ingressantes da primeira turma de alunos da FFCL, em 1934, matriculado na sub-seção de Geografia e História. Seu nome figurou também entre os matriculados em 1935. Não concluiu o curso, porque foi preso naquele ano, durante a onda de repressão ao movimento comunista de novembro, embora não atuasse diretamente na preparação dos levantes armados.

Em janeiro de 1937, a primeira turma de alunos saídos da FFCL foi diplomada. O nome de Caio Prado Junior não integrou a lista de formandos, entretanto, em junho desse mesmo ano, seu nome constou da lista de presos políticos beneficiados pela "macedada", assim chamado o decreto do ministro da Justiça, José Carlos de Macedo Soares, que colocou em liberdade acusados da rebelião de novembro de 1935 ainda não condenados.

Desde jovem distinguiu-se como grande representante intelectual do Marxismo no Brasil. Ainda estudante participou da organização do Partido Democrático (1926), cujo primeiro presidente foi seu tio-avô, o Conselheiro Antonio Prado. O interesse pela militância política foi despertado após viagens que fez pela Europa, interior do Brasil, e Buenos Aires, de onde voltou impressionado com o dinamismo da capital Argentina contrastando com o provincianismo e as desigualdades nacionais, sociais e culturais existentes no Brasil.

Mesmo pertencendo a uma família rica e tradicional de São Paulo, neto de Martinico Prado, Deputado por São Paulo à Assembléia constituinte de 1890/1891, sua militância política valeu-lhe várias prisões. A primeira quando saía de uma festa de passagem de ano 1929/1930. Solto na tarde do dia 1º. de janeiro. O episódio era uma forma de advertência das forças conservadoras.

Caio Prado ficou insatisfeito com os rumos tomados pelo Governo Provisório de Vargas, e se filiou ao Partido Comunista Brasileiro, que havia sido fundado em março de 1922. No entanto, pela divergência de suas opiniões com a direção do Partido, foi expulso em 1933.²³

Inscrito no curso de Geografia e História em 1934, reorientou seus interesses pessoais e intelectuais. Colaborou na fundação e organização da Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB) em setembro de 1934 e escreveu vários artigos, comunicações, críticas bibliográficas e notas informativas para a Revista Geográfica onde desempenhou o papel de secretário e assíduo colaborador. Usava sua casa para a correspondência da revista e algumas reuniões da entidade.²⁴

Dos textos publicados, cinco foram dedicados aos temas da Geografia Física e oito voltados ao estudo da Geografia Humana. Destacam-se dois artigos: "Distribuição da Propriedade Fundiária Rural no Estado de São Paulo" e "O Fator Geográfico na Formação e no Desenvolvimento da Cidade de São Paulo". Este último publicado na edição nº. 3 em setembro de 1935, ainda enquanto aluno.

Nesse artigo faz referências importantes sobre o clima da Bacia de São Paulo, do processo da formação da cidade e do seu entorno. Para Caio Prado, o Clima foi fator importante na fixação do colonizador europeu que cultivava trigo, frutas e produtos hortifrutigranjeiros, além da vinicultura. Esses fatores atraíam cada vez mais os habitantes do litoral, a ponto das autoridades temerem a descolonização daquela área, o que dificultaria a defesa da costa brasileira.

Na última semana de novembro de 1935, encontrava-se viajando pelo Rio Grande do Sul, em uma excursão de estudos da cadeira de Geografia, quando estourou a rebelião (Intentona Comunista). A Aliança Nacional Libertadora (ANL) de São Paulo, da qual era presidente, não participou dos preparativos do levante. Assim mesmo ele foi preso em dezembro de 1935 e exilado até 1939.

De volta ao Brasil, ainda na vigência do Estado Novo, trabalhou na sua obra mais importante, do ponto de vista historiográfico, "Formação do Brasil Contemporâneo" (1942) e "História Econômica do Brasil" em 1945.

²³ "Na opinião de Francisco Iglesias, o rompimento político de Caio Prado com o governo de Vargas e seus aliados, seguido pela adesão ao movimento comunista, foi uma opção que marcou toda a vida do historiador paulista" (Martinez, 1998, pág.82).

²⁴ Assim como Caio Prado Junior, outros Bacharéis em Ciências Jurídicas foram atraídos para o curso de Geografia e História, e nela seguiram marcante carreira acadêmica, destacando-se Eurípides Simões de Paula; Astrogildo Rodrigues de Mello. Em 1935 inscreveu-se Eduardo de Oliveira França. Em 1937 Aroldo Edgard Azevedo. Milton de Almeida Santos também tinha formação jurídica.

Eleito em 1947 como Deputado da Assembléia Legislativa de São Paulo pelo Partido Comunista, teve seu mandato cassado com a extinção do Partido pelo governo Dutra. Passou então a dedicar-se a atividades editoriais junto à Editora Brasiliense; à Gráfica Urupês e à Revista Brasiliense, período em que publicou: "Dialética do Conhecimento (1952); "Esboço dos Fundamentos da Teoria Econômica (1957); Notas introdutórias à "Lógica Dialética" (1959); "O Mundo do Socialismo" (1962); "A Revolução Brasileira" (1966); "Estruturalismo e Marxismo" (1971) e "História do Desenvolvimento" (1972). Este último foi apresentado como a Tese com que pretendeu concorrer à Livre Docência de História do Brasil pela Universidade de São Paulo em 1968. Já obtivera, pela Faculdade de Direito da USP em 1956, o título de Livre Docência com a tese: "Diretrizes para uma Política Econômica Brasileira". Recebeu o título de intelectual do ano em 1966 pela publicação do livro "A Revolução Brasileira", pelo qual foi agraciado com o prêmio *Juca Pato*.

Preso pelo Regime Militar em 1971 e condenado pelo Supremo Tribunal Militar, sob a acusação de exercer atividade subversiva, foi libertado em 1972 através de "habeas corpus" concedido pelo Supremo Tribunal Federal por unanimidade.

9.3.2 Marcello Damy de Souza Santos

Outro aluno da turma pioneira da FFCL que não participou das solenidades festivas da formatura e não aparece na fotografia histórica. Na época com 22 anos de idade, concluíra o curso de Física. Marcello Damy ainda hoje continua na USP, orientando gratuitamente alunos de pós-graduação do IPEN – Instituto de Pesquisas Nucleares.

Cursava o terceiro ano de engenharia na Politécnica, quando foi convidado por um professor para fazer o curso de Física da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Assim o fez.

Segundo reportagem do jornal "Folha de São Paulo", o formando não tinha dinheiro para comprar o "smoking" e pagar a festa de formatura. Assim, não saiu na fotografia da turma de formandos daquele ano. Fazia parte de família humilde, moradores em Campinas, que haviam fabricado morteiros para o Exército durante a Revolução de 1932. Comemorou em casa a conquista do diploma.

O Professor Damy sempre enfatizou a importância da criação e investimento na Universidade. Foi grande o impulso que representou para o campo da pesquisa acadêmica e a conseqüente formação de professores capazes de cumprir seu papel político e social. Afirmou em entrevista que os "novos professores" obrigavam os alunos a pensar, a questionar o conhecimento existente, a participar da aula e que a criação da USP não foi apenas uma medida burocrática de agregação de faculdades, foi antes uma revolução no ensino. Pela primeira vez discutia-se no Brasil a necessidade de pesquisa pura. Havia muito debate no meio acadêmico e nos jornais sobre o assunto.

9.4 Do Acesso à Universidade

O professor Antônio Candido afirma que era muito difícil o ingresso nas Faculdades. Depois do curso Ginásial, de cinco anos, havia o curso Complementar de dois anos para ingressar na Universidade. Apenas os grandes colégios e as Universidades tinham esse curso. O curso da USP funcionava na Faculdade de Direito e dava ingresso a ela e à Faculdade de Filosofia.

"Nos primeiros anos alguns cursos eram ministrados em francês ou italiano, pela presença de professores estrangeiros para fundar a Faculdade, por isso poucos alunos inscreveram-se, e muitos deles abandonavam a Faculdade. Conta ainda que, Fernando de Azevedo, então Diretor do Instituto de Educação, teve uma idéia genial e sugeriu-a ao Interventor Armando Salles de Oliveira:..."Eu pego os jovens professores primários que estão aí pelos grupos escolares, por escolas rurais, os bons entre eles, os que tiverem boas notas, e os comissiono na Faculdade como alunos. Eles receberão o salário, não para serem professores, mas para serem alunos".

A medida deu certo. A Faculdade recebeu, a partir de 1935 e 1936, um grande contingente de alunos, dos quais saíram alguns dos mais brilhantes professores. Hoje ainda cogita-se essa mesma estratégia como uma saída para combater a precariedade do Ensino Público no país.

9.5 O Início

Apesar da importância que a fundação de uma universidade traria para a cultura do Brasil, de uma maneira geral, e para o Estado de São Paulo em particular, não foram poucas as dificuldades e barreiras enfrentadas por seus idealizadores.

A criação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, indispensável para a constituição da Universidade de São Paulo, teve como primeira dificuldade a necessidade de buscar professores estrangeiros para a sua formação, pela ausência no Brasil de professores qualificados. Houve ainda a resistência de algumas conceituadas instituições, que funcionavam há vários anos e opunham-se à idéia da incorporação a uma Universidade recém criada, portanto, ainda sem conceito firmado. Por fim, faltavam locais para o funcionamento dessas novas escolas, dentro do espírito Universitário.

O Decreto 6283 afirmava que "a proximidade dos edifícios e vilas universitárias" seriam fatores indispensáveis para se formar um "ambiente e uma tradição de espírito universitário".

9.6 Localização das Primeiras Unidades

Além das dificuldades já citadas, foi necessário um esforço adicional dos fundadores, para acomodar todos os Departamentos, ainda em forma embrionária, para funcionamento em locais improvisados.

A história do início da Faculdade de Filosofia deu-se exatamente ao contrário do projeto de constituição. Sem local definido para funcionar, os cursos foram distribuídos por vários locais de São Paulo.

Quando do início dos cursos, as seções de Filosofia, Ciências Sociais, Geografia e História, Línguas e Literaturas alojaram-se no prédio da Faculdade de Medicina, na Avenida Dr. Arnaldo.

As seções de Matemática e Física funcionaram inicialmente no Prédio da Escola Politécnica, na Rua Três Rios.²⁵

A permanência dos cursos no prédio da Faculdade de Medicina provocou protestos dos estudantes e professores daquela Escola, pois temiam que a permanência provisória desses cursos em suas dependências se prolongasse por tempo indefinido.

Para acalmar os ânimos, houve um acordo entre os diretores da Faculdade de Medicina e de Filosofia, com aprovação do governo estadual, para a construção, no grande edifício dos laboratórios do planalto do Araçá, de um novo pavimento destinado temporariamente aos cursos de Filosofia, Ciências e Letras.

O uso do prédio reverter-se-ia, depois, para a própria Faculdade. A medida encontrou hostilidades por parte dos estudantes de Medicina, pois achavam que a Faculdade de Filosofia, uma vez instalada no edifício dos laboratórios do centro médico, jamais sairia dali. Revoltaram-se contra a obra em andamento.

Tendo em vista o acirramento das animosidades, a partir de 1938 foram obrigados a fazer a transferência para o 3º andar da Escola Normal Caetano de Campos, na Praça da República, que alojou as seções de Letras, Filosofia, Geografia e História, Ciências Sociais e Pedagogia.

As subseções de Física ocuparam um prédio existente na Avenida Brigadeiro Luiz Antônio. Em 1938 as seções de História Natural e Química mudaram-se para a antiga residência do industrial Jorge Street, na Alameda Glette, 463.

Finalmente, em 1949, após quase uma década de "co-moradia" no prédio da Escola Normal Caetano de Campos, alguns cursos foram instalados no antigo Liceu Rio Branco, Rua Maria Antonia, 294, onde passaram a funcionar as seções de História Natural; Letras; Química; Filosofia; História; Geografia; Ciências Sociais; Pedagogia e Psicologia.

²⁵ O Professor Benedito Castrucci afirmou: "Era uma distribuição meio caótica, resolvendo o problema com edifícios alugados. Estudava-se muito, com ensino de alta categoria, mas com muita deficiência material e de acomodação".(Freitas, 1992, pág. 149).

9.7 Rua Maria Antonia – Marco de uma Geração

O Prédio da Rua Maria Antonia, que marcou várias gerações de estudantes e professores, tornou-se célebre em virtude das históricas manifestações dos estudantes dos cursos ali instalados. Os protestos contra as agressões ao regime democrático e à Constituição após a instalação do Regime Militar em abril de 1964, são marcos incontestáveis da luta de toda uma geração de intelectuais de renome e heróis anônimos que construíram nossa história e influenciaram na formação de nossa sociedade atual.

No final da década de 1960, durante a repressão do regime militar e, após os incidentes da Rua Maria Antonia, a Faculdade foi transferida para a Cidade Universitária e ali, em locais improvisados, barracões precários, alguns cursos foram instalados, ainda que em precárias condições de ocupação.



Pierre Monbeig

10 - O DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA E SUA ORGANIZAÇÃO

Nos primeiros anos do século XX, surgiram no Brasil trabalhos de alto interesse geográfico, embora não metodologicamente geográficos. Delgado de Carvalho, nascido e formado na França, embora não fosse geógrafo de formação, mas diplomado em Ciências Políticas, iniciou a implantação do pensamento geográfico científico no país. Impressionava-o a nossa extensão territorial e o fato de grande parte do espaço brasileiro encontrar-se ainda desocupado ou em processo de ocupação.²⁶

10.1 Pesquisas Iniciais – dificuldades

O início do pensamento geográfico no Brasil foi profundamente marcado pela influência da escola francesa. As condições entretanto eram bem diversas, uma vez que não se dispunha de um conhecimento da realidade brasileira semelhante ao que havia em relação à realidade francesa: dados básicos sobre condições naturais e sociais, informações estatísticas, etc. Além disso, a Geografia era apenas uma disciplina desenvolvida no curso secundário e que ainda não adquirira o prestígio da cátedra universitária. Colocada em segundo plano, o acesso aos meios necessários às pesquisas implicava em um grau maior de dificuldade.

“Não existindo ensino em nível superior de Geografia, tornavam-se praticamente impossíveis as excursões didáticas com estudantes ao campo e até às pesquisas individuais dos estudiosos mais interessados. Não dispúnhamos de dados estatísticos sequer, de mapas detalhados nem de instituições que financiassem estudos ditos “desinteressados” de ciência pura, embora esses estudos pudessem ser, após a sua conclusão, de grande interesse para a solução dos problemas mais variados. Daí resumir-se, até então, a um catálogo de nomes de lugares e de localizações de montes, de rios e de cidades”. (Andrade, 2003, pág. 129).

As dificuldades para estender e aprofundar os trabalhos de pesquisa decorreram do conceito limitado acerca da Geografia, que não era vista como uma das principais áreas do conhecimento. Não havia o conceito de que, interligada a outras áreas, esta é fundamental para a preservação do meio ambiente. Assim, não foram levados em consideração importantes estudos na área de meteorologia, climatologia. O estudo da História da Geografia, ainda carece de complementação.²⁷

²⁶ O espaço indiferenciado de Bernard Kaiser e com a dominância de formas primitivas de exploração do solo, partiu Delgado de Carvalho a escrever uma fisiografia do Brasil, um estudo do Brasil Meridional e um pequeno trabalho de metodologia do conhecimento geográfico (Andrade, 2003, pág. 128).

²⁷ Sobretudo na Geografia, criou-se o mito de que tudo começou da “estaca zero”, transformando a “história” do atual Departamento de Geografia” da FFLCH em “história da Geografia brasileira” e, naturalmente, em “História da Geografia sobre o Brasil”. Outras “escolas” de interesse para a Meteorologia e Climatologia e, portanto, também da Geografia, não sofreram esse “corte” explícito, conforme sugere o texto. Fora dos gramados da FFLCH, outras tradições” mantiveram-se de forma mais explícita.” (Azevedo, 2001, pág. 55).

11 – CONTRIBUIÇÃO DOS MESTRES FRANCESES

A consolidação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, notadamente a subseção de Geografia e História, em função do estudo através da pesquisa de campo, muito deve aos mestres franceses que a ela se dedicaram. Entre os pioneiros podemos citar:

11.1 Pierre Deffontaines (1894 – 1978)

Nasceu em 21 de fevereiro de 1894 em Limoges, na França, e faleceu em Paris em 1978 .

- 1916 - Licenciatura em Direito, Universidade de Poitiers;
- 1918 - Doutorado em Direito Civil – Universidade de Poitiers;
- 1919 - Licenciatura em Geografia e História - Universidade de Paris;
- 1920 - Diploma de Estudos Superiores em Geografia. Universidade de Sorbonne e Diploma da Escola do Louvre, Seção de Pré-História; Prof. Salomon Reinach, Paris;
- 1920/1921 - "Agrége" em História e Geografia no Liceu de Metz;
- 1922/1925 - Pensionato da Fundação Thiers;
- 1924/1929 – Encarregado de Missões Científicas no Saara e Europa Central (Polônia, Iugoslávia e Tchecoslováquia);
- 1925/1939 – Fundador e Diretor do Instituto de Geografia nas Faculdades Católicas de Lille;
- 1932 - Doutor em Letras pela Sorbonne com "Mention très honorable";
- 1934 – Professor convidado a organizar o Curso de Geografia e História na Universidade de São Paulo;
- 1936/1938 – Fundador da Cadeira de Geografia Humana na Universidade do Distrito Federal (Rio de Janeiro);
- 1935/1938 - Membro do Conselho Executivo da Sociedade Geográfica;
- 1939/1964 – Diretor do Instituto Francês de Barcelona;
- 1948 – Fundador do Instituto de Geografia da Universidade de Quebec, Canadá;
- 1961/1963 – Chefe da Cadeira de Geografia na Universidade de Salamanca, Espanha;
- 1965 – Encarregado do Curso de Geografia na Universidade de Mendoza, Argentina;
- 1964/1967 – Professor de Geografia na Universidade de Montpellier, França;

Na qualidade de Chefe da Cadeira de Geografia Física e Geografia Humana, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, proferiu em 1934 a aula inaugural na sede provisória do Departamento, no prédio da Faculdade de Medicina, na Avenida Dr. Arnaldo.

Em 1935 mudou-se para o Rio de Janeiro para a instalação do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade do então Distrito Federal, conforme realizara junto à Universidade de São Paulo.

Apesar da curta permanência do Professor Deffontaines em São Paulo, sua atuação marcou profundamente o Departamento de Geografia, que passou a ser ponto de referência e pesquisa científica.

Em setembro de 1934 foi o principal mentor e fundador da Associação de Geógrafos Brasileiros, sedimentou ainda a base para o ensino da Disciplina e o resultado das pesquisas e observações realizadas pelos alunos tornaram-se fonte de estudos e divulgação.

O Professor Deffontaines mostrou a importância e a necessidade dos trabalhos de campo. Foi o primeiro professor a levar seus alunos em excursão ao Pico do Jaraguá, ponto mais alto da Região Metropolitana de São Paulo.

Chefiou inúmeras missões científicas, destacando-se a de 1946 em que visitou Brasil, Argentina e Uruguai. De 1950 a 1959 percorreu a América Latina, esteve no Canadá em 1960, na Noruega em 1962 e em 1963 em Israel .

Foi Membro correspondente do Ministério da Educação Nacional da França, Membro do Conselho de Administração do Instituto de Estudos Eslovacos em Paris e Membro de Honra de várias sociedades científicas tchecoslovacas, além de receber as Condecorações da "Ordem do Leão Branco" – Tchecoslováquia da "Ordem de Saint Sava" – Iugoslávia.

Autor de diversas obras científicas entre livros, transcrições de palestras e conferências e artigos para jornais e revistas.²⁸

11.2 Pierre Monbeig (1908-1987)

Pierre Monbeig nasceu em Merissel (Oise), França, em 15 de setembro de 1908 e faleceu em Paris, em 22 de setembro de 1987. Casou-se em 1930 com Juliette Janet (Historiadora), com quem teve quatro filhos.

- Fez seus estudos secundários no Liceu Montagne e Louis de Grand, em Paris
- 1927 - Licenciou-se em Letras (Geografia e História), pela Universidade de Paris, onde teve como professores Albert Demangeon e Emmanuel De Martonne para o ensino da Geografia e Henri Hauser para História Econômica
- 1928 – Obteve o Certificado de Estudos Superiores em Geografia Geral e Diploma de Estudos Superiores pela Universidade de Paris
- 1929 – “Agrégé” da Universidade em História e Geografia
- 1929/1931 – Membro da Escola de Altos Estudos Hispânicos, Casa de Velásquez
- 1931/1934 - Professor do Liceu Malherbe, de Caiena - Guiana Francesa
- 1935 - Realizou Conferências sobre Geografia no Instituto de Estudos sobre a Espanha na Universidade de Paris.

²⁸ Parte da bibliografia produzida pelo Professor Deffontaines, está relacionada no anexo D deste trabalho.

- 1935/1946 – Professor convidado pela Universidade de São Paulo para substituir o Professor Pierre Deffontaines
- 1947/1948 – Pesquisador “Agrégé” no Conselho Nacional de Pesquisas Científicas (CNRS)
- 1948/1952 – Professor Titular de Geografia Colonial na Faculdade de Letras da Universidade de Strassbourg
- 1950 – Doutorado em Letras
- 1952/1961 – Professor de Geografia Econômica no Conservatório Nacional de Artes e Ofícios
- 1957/1977 – Diretor do Instituto de Altos Estudos da América Latina da Universidade de Paris
- 1958/1966 – Vice-Presidente da União Geográfica Internacional
- 1961/1972 – Professor da Faculdade de Letras e Ciências Humanas de Paris, na Cadeira de Geografia Humana em consequência da transformação da Cadeira de Geografia Colonial
- 1963/1972 – Diretor Adjunto encarregado das Ciências Humanas no Conselho Nacional de Pesquisas Científicas (CNRS)
- 1972/1977 – Diretor de Pesquisas na CNRS

Pierre Monbeig chegou a São Paulo no final de 1935, em substituição ao Professor Pierre Deffontaines. Tinha um contrato para três anos, contrato esse renovado até 1946. Foi Chefe do Departamento de Geografia Física e Humana da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras entre 1935 e 1937 e Chefe da Cadeira de Geografia Humana de 1938 a 1946.

Exerceu importante papel no processo de sistematização do conhecimento geográfico brasileiro, marcando profundamente o pensamento e o ensino da Geografia no Brasil. Consolidou a organização da Subseção de Geografia da Faculdade, e da AGB - Associação dos Geógrafos Brasileiros.

Orientou toda uma geração que se iniciava nos estudos da Geografia ainda insipientes no Brasil. As primeiras teses de doutoramento e de cátedra, apresentadas à USP tiveram o Professor Monbeig como orientador. Os alunos analisavam o meio físico, aspectos humanos ligados à Geografia e as atividades humanas.

Publicou centenas de artigos em periódicos nacionais e estrangeiros, destacando-se: o jornal "O Estado de São Paulo"; Geografia; Boletim da AGB; O Observador Econômico e Financeiro; Revista Rumo; Revista do Arquivo Municipal; Boletim Geográfico; Annales de Géographie; Geographical Review, além de Livros, frutos de seu trabalho de observação e pesquisa como "Ensaio de Geografia Humana no Brasil (1940); La crise des Sciences de l'homme (1948).²⁹

²⁹ O anexo D deste trabalho, reúne os títulos de algumas importantes publicações do autor.

Sua obra "Pionniers et Planteurs de São Paulo", publicada primeiramente pela Librarie Armand Colin, de Paris em 1952, traduzida para o português anos mais tarde pelo Professor Ary França, apresenta uma análise de mudança de culturas com a expansão dos cafezais.

Dentre as inúmeras homenagens que recebeu, destacam-se:

- Prêmio da Fundação Nacional de Ciências Políticas de Paris – 1953.
- Premio Auguste Logerot (Sociedade Geográfica da França) – 1953
- Doutor Honoris Causa pela Universidade de São Paulo em 1963.
- Doutor Honoris Causa pela Universidade do Brasil – Rio de Janeiro – 1963

11.2.1 Cátedra Pierre Monbeig - Estudos do Solo

Em dezembro de 1990 foi doada à Universidade de São Paulo parte do acervo pessoal do Professor Pierre Monbeig. Essa doação foi feita pelo Banco Francês e Italiano para a América do Sul S/A (Banco Sudameris).

Esse material foi adquirido da Sra. Juliette Monbeig, viúva do professor, pelo Banco em questão. Em 1995 a coletânea foi completada, quando os filhos do Professor doaram o remanescente dos seus pertences à USP. Hoje esse acervo faz parte do Fundo Pierre Monbeig, do IEB – Instituto de Estudos Brasileiros, sob a responsabilidade da Professora Heliana Angotti Salgueiro.

Fazem parte dessa coleção: livros de sua autoria; livros de outros autores; fichas de arquivo; fichas de livros; anotações bibliográficas; anotações de estudo; apontamentos; textos de conferências; anotações de cursos; anotações de conferências; apostilas de cursos; anotações de viagens; anotações de mapas.

11.2.2 Pierre Monbeig segundo seus contemporâneos

a) **Antonio Cândido** relembra o seu relacionamento com o antigo Professor:

"Fiz exame de Geografia Humana, Sociologia, Filosofia, História. O de Geografia foi muito interessante e serve para mostrar como os professores franceses foram fecundos para nós.

O examinador, professor Pierre Monbeig, perguntou-me o seguinte: - Como se chama o vento que sopra no fim da tarde no litoral sul do Estado de São Paulo e ajuda a pesca?

E eu:- Não sei.

Ele: - Qual é a técnica que os caboclos usam para enrolar o fumo?

Eu: - Não sei.

Ele: - Este morro que o senhor esta vendo pela janela a que sistema pertence?"

Eu olhei e disse: - Não sei.

Ele: - O senhor pode me descrever o Maciço Central da França?

Eu o descrevi inteirinho.

Ele então, arrasador: - O Senhor não tem vergonha de ignorar as coisas mais simples do seu país e falar sobre coisas da França que não têm o menor interesse para o senhor?

O Professor Monbeig podia ser muito áspero. Mas eu quis com isto mostrar como os professores franceses nos ajudavam a ver a realidade local. Eles nos ensinavam a ver o Brasil". (Freitas, 1992, pág. 36).

b) **Aziz Nacib Ab'Saber**, por sua vez, lembra que suas aulas proporcionavam contato com os grandes nomes tanto da Geografia, quanto da História Francesa. Através dele tomamos contato com as obras de: Vidal de La Blache; Albert Demangeon; Max Sorre; Emmanuel de Martonne; Jean Dresch; Lucien Febvre; Marc Bloch e André Siegfries, ampliando a nossa visão de mundo e a inter-relação dessas áreas do conhecimento.

O professor Monbeig marcou profundamente o conhecimento geográfico gerado pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Monbeig contribuiu para a formação da Escola Francesa de Geógrafos na Universidade de São Paulo, que possui a característica predominante dos estudos empíricos, das monografias regionais, do estudo simultâneo de fenômenos naturais e sociais, da valorização do conhecimento da história e da realidade brasileira.

11.2.3 Primeiros Orientandos

Os primeiros alunos da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, da Subseção Geografia, orientados pelo professor Pierre Monbeig, tornaram-se Docentes na própria Universidade, dando continuidade aos trabalhos de pesquisa iniciados pelos professores franceses. Destacaram-se os seguintes alunos:

- Maria da Conceição Vicente de Carvalho: primeira Tese de Doutorado da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras em 1944.
- Ary França: defendeu Tese em 1945 com o Tema: "Estudo sobre o Clima da Bacia de São Paulo". O primeiro estudo sobre o Clima.
- Nice Lecocq Müller: defendeu Tese de Doutorado em 1946 com o tema: "Tipos de Sitiantes em Algumas Regiões do Estado de São Paulo".
- João Dias da Silveira: sua Tese de Doutorado em 1946 foi "Estudo Geográfico dos Contrafortes Ocidentais da Mantiqueira".

11.3 Emmanuel de Martonne (1873-1955)

Estudou na École Normale Supérieure (Escola Normal Superior), tornando-se Docente de História e Geografia em 1895. Doutor em Letras (1902) e em Ciências (1907), lecionou em Rennes e Lyon, antes de ser nomeado para a Sorbonne em Paris (1909). Criou em Rennes um Laboratório de Geografia, na Sorbonne, o Instituto de Geografia. Realizou numerosas viagens a diversos países, inclusive duas ao Brasil. Foi, desde 1900, Diretor dos Annales de Geographie (Anais de Geografia), publicados pelo Centre National de Recherches Scientifiques (Centro Nacional de Pesquisas Científicas). Secretário Geral, depois Presidente, da União Geográfica Internacional e da Sociedade Geográfica de Paris (1946). Entrou para a Académie des Sciences (Academia de Ciências) em 1930.

Em 1895 de Martonne fez extensos levantamentos dos Montes Cárpatos e dez anos depois criou a Excursão Anual Interuniversitária, que se tornou o ponto de partida para os trabalhos de campo dos Departamentos de Geografia das universidades francesas.

Sua obra "**Traité de Géographie Physique**" (Tratado de Geografia Física) escrita em 1910, serviu por mais de quarenta anos como manual de base do ensino da Geografia na França. Sua extensa obra aborda os problemas de Morfologia dos Alpes, o trabalho de erosão das geleiras e os variados processos que regem a evolução da forma dos relevos, segundo os diversos climas, o índice de aridez, etc.

Nas viagens ao Brasil, entre 1935 e 1937, fez levantamentos Morfológicos e deu conferências sobre questões gerais de Geografia e problemas especificamente brasileiros.

Professor Visitante da Universidade de São Paulo em 1936 e 1937, publicou **Problemas Morfológicos do Brasil Tropical Atlântico**, importante obra para o estudo de Geografia Geral, um dos primeiros de Geomorfologia Climática no Mundo. Poucos o precederam.

Além do Tratado de Geografia Física, escrito em três volumes, o último dos quais em 1932, Emmanuel de Martonne publicou: As Regiões Geográficas da França (1921); Os Alpes – Geografia Geral (1926); A Europa Central (1930/31) em dois volumes; Geografia Física da França (1945); Geografia Aérea (1948). Dirigiu ainda a publicação do Atlas da França (1948), onde consta a primeira carta morfológica relativa a um país inteiro, feita na escala de 1/1.000.000. Deixou mais de 150 trabalhos sobre Geografia, entre artigos e livros.

De Martonne foi aluno de Vidal de la Blache, considerado o renovador do estudo da Geografia na França e de quem recebeu forte influência. Na obra "Traité de Géographie Physique", editado pela Livraria Colin, Paris, o primeiro volume é denominado "Le Climat". Depois da morte do professor Vidal de la Blache, ele reuniu as anotações deixadas e escreveu "Princípios de Geografia Humana"

Foi Professor de Geografia Física na Sorbonne, das Universidades de Rennes e de Lion, e Diretor do Instituto de Geografia da Universidade de Paris; Diretor dos "Annales de Géographie"; Secretário da Associação dos Geógrafos Franceses; Secretário da União Geográfica Internacional.

Em setembro de 1937, ao retornar para a França, foi substituído por João Dias da Silveira, no Curso que estava ministrando – Relevo dos Solos. Em relatório dirigido ao Diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras recomendou a contratação de um especialista em Geografia Física.

Durante o Curso o Professor De Martonne dirigiu seus alunos para estudos de Geografia Física na Serra do Mar, Serra da Mantiqueira e pelo Vale do Paraíba.

12 - EVOLUÇÃO DO DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

O Decreto de constituição da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, determinava que a 5ª Seção, de Geografia e História constaria de 5 Cadeiras:

- 1 - Geografia Física e Humana;
- 2 - História da Civilização;
- 3 - História da Civilização Americana;
- 4 - História da Civilização Brasileira;
- 5 - Etnografia Brasileira e Língua Tupi-Guarani.

Desde o início o Departamento de Geografia contou com a contínua colaboração e determinação dos seus integrantes, que objetivaram o aprimoramento e aperfeiçoamento do ensino dentro da Faculdade. Assim temos fatos relevantes que impulsionaram o seu desenvolvimento.

12.1 Organização Curricular – Início

Ao iniciar suas atividades em 1934, a Geografia Física e a Geografia Humana eram ministradas em conjunto, o professor Pierre Deffontaines era o responsável pela Cadeira.

No ano seguinte, o professor Deffontaines transferiu-se para o Rio de Janeiro, pois fôra convidado a instalar o Departamento de Geografia, junto à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade do Distrito Federal, a exemplo do que havia realizado em São Paulo. Seu sucessor foi o geógrafo francês, professor Pierre Monbeig, igualmente responsável pela Cadeira de Geografia Física e Humana.

Em 1936 já havia para os Departamentos da Faculdade, a necessidade da contratação de Auxiliares de Ensino, uma vez que havia escassez de professores que pudessem trabalhar como Professores Assistentes. A contratação de pessoal auxiliar acabava barrada sempre pela “falta de recursos”. O Departamento de Geografia notabilizou-se por ser o primeiro a ter como Auxiliar de Ensino o aluno do último ano de Bacharelado e Licenciatura: o jovem João Dias da Silveira.

Em 1937 como 2º. Professor Assistente, João Dias da Silveira ministrou um Curso sobre Climatologia.

De Martonne retornou à França em setembro de 1938. Para substituí-lo foi indicado o professor João Dias da Silveira, promovido a 1º. Assistente que concluiu o curso sobre Relevo do Solo que estava em andamento.

12.2 Desmembramento da Cadeira de Geografia Física

O Professor De Martonne fez um Relatório sobre as atividades desenvolvidas durante a sua permanência na Universidade, elogiando a atuação do Professor Monbeig, que havia sido seu aluno em Paris, e acumulava a Chefia da Geografia Física e Geografia Humana. Na oportunidade sugeriu ao Diretor da Faculdade a criação da Cadeira de Geografia Física, que deveria ser ocupada por um especialista.

Contratado o Professor João Dias da Silveira para reger interinamente a Cadeira de Geografia Física em 1939, conforme sugestão do professor De Martonne, teve o contrato renovado até o ano de 1949, quando prestou Concurso de Títulos e Provas para Provimento de Cátedra, tornando-se efetivo da Cadeira de Geografia Física.

Elina de Oliveira Santos em 1942 tornou-se Professora Auxiliar de Ensino da Cadeira de Geografia Física. Professora Assistente Extra Numerário até dezembro de 1944, quando passou a 1ª. Assistente.

Em 1949 foi criado o Laboratório de Geografia Física. O Técnico era Aziz Nacib Ab'Saber e o Assistente Extra Numerário o Licenciado Paulo Pereira de Castro.

12.3 Criação da Cadeira de Geografia do Brasil

Em 1942 foi instalada e organizada a Cadeira de Geografia do Brasil, que passou a figurar no currículo de matérias do curso de Geografia e História, colocada no 3º. ano. Regida em caráter interino pelo professor Aroldo Edgard de Azevedo, por decreto de 24 de fevereiro de 1942, contou como Auxiliares de Ensino com os Licenciados José Ribeiro de Araújo Filho e Regina Carneiro.

Maria de Lourdes Pereira Radesca foi Auxiliar de Ensino do Curso de Geografia em 1944 e o licenciado José Ribeiro de Araújo Filho ocupou o Cargo de 1º. Assistente da Cadeira de Geografia do Brasil.

Em outubro de 1945 o professor Aroldo Edgard de Azevedo prestou o Concurso de Títulos e Provas para provimento da Cátedra de Geografia do Brasil. Aprovado, foi nomeado Catedrático efetivo da Cadeira.

A partir de 1946, a disciplina de Geografia do Brasil foi incluída no Curso de Especialização e, a partir de 1947, lecionada aos alunos da 2ª. Série do Curso Fundamental.

12.3.1 Esquema de Distribuição dos Programas

Os programas da Cadeira de Geografia do Brasil foram assim distribuídos:

- 2º. Ano – Geografia Geral do Brasil
- 3º. Ano – Geografia Regional do Brasil
- 4º. Ano e Especialização – Estudos Monográficos.

O Departamento de Geografia, criado em fevereiro de 1946, passou a contar com as Cadeiras de Geografia Física; Geografia Humana e Geografia do Brasil.

Em 1949, Regina Carneiro pediu dispensa do cargo de Auxiliar de Ensino da Cadeira de Geografia do Brasil. O cargo foi ocupado por Antonio Rocha Penteadado, e nomeada como Assistente extranumerária a licenciada Ely Goulart Pereira de Araújo.

Entre 1939 e 1949 os cursos eram monográficos. A partir de 1939 era usado o sistema de cursos gerais na 1ª Série, e Monográficos na 2ª. e 3ª. Séries., os trabalhos práticos eram desenvolvidos à parte. Foram ainda introduzidos Cursos de Seminários e Prática das Excursões.

Esse Sistema, relacionado à exigência da pesquisa bibliográfica combinada com trabalhos de campo, permitiu atender, não só à formação do professor secundário, como também à formação de pesquisadores.

12.3.2 Pesquisas de Campo

Apesar da falta de um corpo de pesquisadores e escassez de recursos materiais, bibliográficos e de referência, várias pesquisas foram efetuadas e colhido precioso material. Destacaram-se as seguintes excursões:

1. Estudo do Maciço de Itatiaia.
2. Estudo da área da Serra da Mantiqueira.
3. Estudo no Litoral Paulista.
4. Estudo no Nordeste Brasileiro.
Todos sob a responsabilidade do professor João Dias da Silveira.
5. Pesquisa para a Divisão Regional do Estrado de São Paulo, realizada por diversos membros do Departamento.
6. Técnica de ensino de Geografia em Nível Superior, realizada pelos professores Pierre Monbeig e João Dias da Silveira.
7. Estudo sobre a Depressão Periférica no Estado de São Paulo e Estudo sobre o Vale do Paraíba, realizados pela professora Elina de Oliveira Santos.
8. Estudo sobre Regimes Fluviais, realizado pelas professoras Elina de Oliveira Santos e Maria de Lourdes Pereira Radesca, além da colaboração de diversos alunos.
9. Estudos sobre Regimes Climáticos no Estado de São Paulo, realizado pelos professores João Dias da Silveira, Elina de Oliveira Santos e Maria de Lourdes Pereira Radesca.
10. As Fontes de Energia Utilizada na Cidade de São Paulo, estudo realizado pela professora Maria de Lourdes Pereira Radesca.
11. Estudo sobre a Região do Baixo Amazonas, pelo professor João Dias da Silveira.
12. Estudos na Região da Ribeira de Iguape, pelo professor João Dias da Silveira.
13. Estudos no Vale do Paraná: professor João Dias da Silveira.
14. Estudo na Serra do Mar, realizado por diversos membros da Cadeira.
15. Regiões de Circunsdesnudação Pós-Cretácea no Planalto Brasileiro, realizado pelo professor Aziz Nacib Ab'Saber.
16. Algumas Observações Geológicas e Geomorfológicas, realizado pelo professor Aziz Nacib Ab'Saber.

13 - O ENSINO DE GEOGRAFIA – PROGRESSOS

A fundação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, através do Departamento de Geografia e História, pelo trabalho de seus professores e desempenho dos alunos, logo mostrou sua eficácia. Sugestões para reformar e melhorar a qualidade do ensino secundário no Brasil, foram apresentadas através da elaboração de um projeto de ensino da Geografia, acompanhado das respectivas instruções e encaminhadas às conclusões às várias autoridades do Ensino Federal, do Estado de São Paulo, e do Distrito Federal.

13.1 O ENSINO SECUNDÁRIO DA GEOGRAFIA

O objetivo dessa comissão era dar às várias autoridades do ensino, um suporte para modernizar o ensino da Geografia, substituindo o antigo sistema puramente de decorar nomenclaturas, por uma compreensão científica da matéria.

Essas sugestões foram transcritas na Seção "Críticas e Notas" da publicação "**Geografia**", editada pela Associação dos Geógrafos Brasileiros, São Paulo, nº. 4, páginas 77/83 em dezembro de 1935, e reeditadas em edição especial sobre o ensino de Geografia, nº. 79 em julho de 2003. É o seguinte o teor do Documento:

Trata-se no momento da reforma do ensino secundário no Brasil. A Associação dos Geógrafos Brasileiros não quis alhear-se do assunto e, na parte que lhe toca, trazer sua contribuição à reforma. Justifica-se tanto mais esta intervenção quanto o ensino da Geografia passa atualmente, em todo o mundo, por uma fase de transformações. Substituiu-se o antigo sistema puramente de nomenclatura e Mnemônico, por uma compreensão científica da matéria. E nestas condições é dever de todos que se interessam pela Geografia auxiliar os poderes públicos na difícil tarefa de modernizar seu ensino.

Com tal objeto, a A.G.B. constituiu uma comissão composta dos membros Profs. Pierre Monbeig, Aroldo de Azevedo e Maria Conceição Vicente de Carvalho, que elaborou um projeto de programa que abaixo transcrevemos acompanhados das respectivas instruções. Este trabalho foi devidamente encaminhado às várias autoridades do ensino federais de São Paulo e do Distrito Federal.

INSTRUÇÕES PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA

Os presentes programas de Geografia foram redigidos tendo em vista dois princípios comuns a todas as disciplinas incluídas no curso secundário. Antes de tudo é preferível conhecer bem poucas coisas do que saber mal muitas outras. Em segundo lugar, cumprir ter presente que o ensino secundário é um ensino de cultura geral e não de especialidades; cada educador, qualquer que seja a matéria que venha a ensinar, não deve jamais esquecer que sua missão consiste em formar personalidades, e não recrutar geógrafos, matemáticos ou naturalistas.

Os novos programas conservavam as disposições essenciais dos precedentes, embora modificando-os em numerosos pontos.

Os alunos que entram para a **primeira série** do curso secundário são, em regra, ainda extremamente jovens; não seria possível ensinar-lhes mais que noções elementares, princípios fundamentais que lhes deverão ser tão conhecidos como a tábua de multiplicação, de tal sorte que, nas séries ulteriores, não sinta o professor necessidade de voltar a tais assuntos. Mas torna-se preciso evitar, por todas as maneiras, as abstrações: a geografia geral ministrada a meninos de doze anos deve partir de fatos concretos e que lhes sejam familiares; sempre que possível, o professor se esforçará por começar pela geografia local ou, pelo menos brasileira, para conduzir o aluno, pouco a pouco, à generalização.

O estudo dos continentes, efetuado na **segunda série**, será inspirado em diretrizes análogas; competirá de forma especial a de cada educador escolher inteligentemente, entre os vários assuntos, aqueles que forem mais acessíveis à compreensão de sua classe. Deverá ser evitado todo trabalho mecânico que só se baseie na memória. Isto não significa, porém, que se despreze o conhecimento dos nomes de lugares, de rios, de montanhas, dá algumas cifras; não se torna preciso rejeitar toda nomenclatura sob o único pretexto de que se trata de nomenclatura, mas sim incorporá-la ao ensino de modo inteligente e refletido.

Os alunos da **terceira série**, que já não são mais crianças, podem perfeitamente estudar a Geografia de seu próprio país, desembaraçada da multidão sufocante e desorientadora das minúcias inúteis. Convém acentuar que, nesta série, mais ainda que nas precedentes, é necessário, antes de tudo, descrever e explicar, tendo-se a preocupação de abrir o espírito e não de o sobrecarregar excessivamente.

Mas já é tempo de encarar um aspecto mais científico da Geografia, de fazer compreender aos alunos o que é uma ciência e o que é a ciência geográfica. O ano consagrado à Geografia Geral – **a quarta série** – tornará possível não somente aumentar os conhecimentos adquiridos nos anteriores, como também fazer sentir aos futuros alunos do curso superior que existe uma idéia do saber que não é exclusivamente escolar, que há outras razões para o trabalho intelectual além do desejo de recompensa e do receio de punição; mais ainda: que sempre e em tudo, somente um método rigoroso e claro a par de um espírito de crítica orientada permite a obtenção de um resultado valioso e compensador.

Resta a **quinta e última série**. Já o estudante sonha com a Universidade e, por isso, sente de modo confuso que vai se tornar membro de uma certa comunidade intelectual; alguns meses mais, e ele entrará em contato com todos os problemas que apaixonam a cidade, desejará discuti-los, tornar-se-á logo um cidadão. Por isso mesmo, a tarefa final do curso de Geografia consistirá em lhe transmitir, com serenidade, quais são as questões econômicas, com suas relações políticas, que se apresentam ao país e ao mundo inteiro. Ainda se trata, no presente caso, de ministrar uma cultura geral e de formar um homem, no sentido completo da palavra. Estudando as principais potências do mundo, particularmente sob o ponto de vista econômico, mas sem esquecer de examinar o meio físico, o professor procurará demonstrar exatamente os pontos de vista diferentes debaixo dos quais as nações consideram os grandes problemas econômicos atuais e encerrará o curso com uma exposição precisa da situação do Brasil perante tais potências.

Durante todo o curso, o professor nunca deverá esquecer que é preciso, antes de tudo, fazer um apelo à reflexão e à inteligência, ao espírito crítico, os quais se hão de exercer com rigor lógica e ordem. Somente quem adotar tais diretrizes poderá ser considerado um verdadeiro professor de ensino secundário. Mas, ao mesmo tempo, não seria um bom geógrafo o professor que evitasse o curso "ex-catedra"; o ensino da Geografia deverá ser sempre vivo e descritivo, desde que se trata do ensino daquilo que é real, que existe verdadeiramente.

Por isso tudo, deverá o professor recorrer ou fazer recorrer ao mapa, não como obra artística, mas como processo de representação dos fatos, do mesmo modo que as projeções luminosas, desde que saiba selecionar as gravuras com prudência e comentá-las com cuidado.

Enfim, poderá ler ou fazer ler textos que, por suas qualidades propriamente literárias, são mais suscetíveis de forçar a atenção do que simples frases banais (descrição de viagens e, mesmo, romances); as leituras geográficas figuram já em certos manuais e podem facilitar o trabalho do mestre. Além disso, o professor deverá escolher, dentro do programa, os pontos que considera indispensável tratar pessoalmente em aula, sejam porque sua compreensão lhe parecera difícil sem esta exposição, seja porque sua importância exige que sobre os mesmos se insista; outras vezes, ao contrário, poderá recomendar aos alunos que estudem a matéria diretamente no livro adotado, mas tendo sempre o cuidado de verificar se o aluno efetivamente leu o livro e compreendeu a lição.

Uma aula semanal de exercícios práticos deverá ser reservada para a quarta série. Com efeito, o professor de Geografia necessita de trabalhos práticos tanto como professor de Química precisa de aulas de laboratório e o de História Natural de dissecações ou exames microscópicos. Os trabalhos práticos consistirão essencialmente em leituras de cartas topográficas: primeiramente, os alunos procurarão se habituar a ler um mapa como se fossem turistas, isto é, limitar-se-ão a reconhecer os sinais convencionais e a se orientar; em seguida, deverão saber encontrar no mapa os traços essenciais da geografia física (natureza do solo, relevo e suas formas, vegetação) e da geografia humana ("habitat", produções, vias de comunicação). Ao mesmo tempo. Poder-se-á ir familiarizando os alunos com a leitura de boletins meteorológicos, com a explicação de estatísticas, com a construção e comentário dos gráficos. Sempre que possível, além disso, o professor organizará uma excursão a fim de melhor concretizar o que ensinou. Finalmente – e isto nos dois últimos anos – será conveniente acostumar os alunos a falar em público, encarregando-os de uma exposição oral, em que resumirão um ou dois capítulos de livros ou artigos indicados pelo professor.

Em tais aulas de exercícios práticos, não convém aprofundar muito porque, em caso contrário, a maioria dos alunos se desinteressaria rapidamente: por isso mesmo, os programas reservam-nas para a quarta série, uma vez que os alunos das classes inferiores não têm, em geral, capacidade de atenção e de observação para praticá-las de modo útil. No que se refere às classes de principiantes, o manuseio e confecção de mapas, os comentários em torno das gravuras do livro ou pequenos exercícios (como procurar a hora de tal cidade sendo dada a sua longitude, comparar a extensão ou a despesa fluvial de quatro ou cinco rios) soa os únicos possíveis, desde que desejemos que todos os alunos deles tirem proveito.

Em síntese: nesses exercícios práticos, como nas aulas propriamente ditas, o professor de Geografia só poderá obter resultados sólidos e duráveis se realizar um ensino prudente, modesto e vivo.

DISTRIBUIÇÃO DA MATÉRIA

1ª Série

Elementos de Cosmografia, Geografia Física, Biológica e Humana:

I – Universo. Sistema solar. Terra. Lua. Linhas e círculos da esfera terrestre. Longitude e Latitude. Dias e noites. Estações. Orientação.

II – Estrutura da Terra. Relevo. Costas. Oceanos e Mares. Rios e Lagos. Atmosfera: o Clima e as grandes Zonas Climáticas.

III – Distribuição dos vegetais e dos animais sobre a Terra.

IV – População da Terra. Raças. Religião. Graus de civilização

2ª. Série:

Geografia Geral dos Continentes:

Estudo dos Continentes (América, Europa, Ásia, África, Oceania).

Situação geográfica. Relevo. Costas. Hidrografia. Climas. Riquezas Naturais. Populações. Divisões políticas. Principais Centros Urbanos. Recursos Econômicos.

Dentro de cada continente será estudada com maior minúcia, os principais países, a saber: Estados Unidos, Canadá, Argentina, Ilhas Britânicas, França, Alemanha, países da Europa Central, Itália, países Ibéricos. U.R.S.S., Japão, China, Índia, Egito, União Sul Africana, Austrália e Nova Zelândia.

3ª Série:

Geografia Geral do Brasil:

I – Situação geográfica. Fronteiras terrestres. Relevo. Costas. Hidrografia. Climas. Riquezas naturais.

II – População. Formação territorial e questões de fronteiras. Governo. Produtos agrícolas. Criação de gado. Indústrias extrativas. Vias e meios de comunicação e transporte e comunicação. Comércio.

III – Geografia Regional, focalizando as feições físicas, a evolução histórica e os problemas econômicos e sociais de cada uma das seguintes regiões: Brasil Setentrional; Brasil Norte-Oriental; Brasil Oriental; Brasil Meridional e Brasil Central.

4ª Série:

Cosmografia e Geografia Física, Biológica e Humana:

I - A Geografia: histórico conceito e divisão.

II - Sistema solar. Terra. Coordenadas geográficas. Movimentos da Terra. Mecanismo das Estações.

III – Crosta terrestre: Origem e Composição. Eras Geológicas. As formas de Relevo; Tectônica e Erosão. Oceanos e Mares. A água do Mar. Movimentos do Mar. Relevo submarino. Rios, Lagos, Atmosfera: Temperatura e Pressão. Meteoros. Climas.

IV – Geografia Humana: Conceito e Objeto. Raças. Línguas e Religiões. O Homem e o Meio: Gêneros de Vida e Graus de Civilização. Habitações. Centros Urbanos. Centros de Povoamento: Fronteiras e Movimento da Humanidade. O Estado e suas Formas. Fins Político-econômicos dos Estados. Móveis Políticos das potências. Política Internacional Contemporânea. Culturas Alimentícias. Plantas Industriais. Criação de Animais. Caça e Pesca. Explorações Minerais. Utilização das Forças Naturais. Vias e Meios de Comunicação e de Transporte.

PARTE PRÁTICA: Leitura de Cartas Topográficas. Leitura de Cartas Meteorológicas. Explicação de Estatísticas e de Gráficos. Excursões.

5ª Série:

Geografia dos principais países:

Estudo especial de cada uma das seguintes potências, nas suas feições físicas e políticas particulares, salientando em cada uma delas os problemas de natureza social ou econômica que mais lhe caracterizam a vida internacional:

Império Britânico (Ilhas Britânicas, Canadá, União Sul Africana, Índia, Austrália e Nova Zelândia), França e colônias (África do norte e Indochina), Bélgica e Holanda, Suíça, Alemanha, países da Europa Central, Itália, Portugal, U.R.S.S., Japão, China, Estados Unidos, Argentina e o Brasil perante as principais potências.

São Paulo, 15 de Novembro de 1935.

Pela Associação dos Geógrafos Brasileiros:

***Pierre Monbeig**, Professor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP*

***Aroldo de Azevedo**, Professor do Colégio Universitário da Universidade de S.*

Paulo.

***Maria da Conceição Vicente de Azevedo**, Professora do Mackenzie College.*

14 - O PROGRAMA DE GEOGRAFIA E HISTÓRIA NA USP

Ao iniciar as atividades da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, o Curso da 5ª Seção, Geografia e História, teria a duração de três anos e estavam previstas 5 Cadeiras.

No ano seguinte, Fernand Braudel, Professor de História da Civilização sugeriu uma maior flexibilidade entre as duas disciplinas, possibilitando aos alunos condições de direcionar seus estudos, conforme a vocação de cada um. As Cadeiras eram:

- 1 - Geografia Física e Humana;
- 2 - História da Civilização;
- 3 - História da Civilização Americana;
- 4 - História da Civilização Brasileira;
- 5 - Etnografia Brasileira e Língua Tupi Guarani.

As disciplinas estavam assim distribuídas:

Primeiro Ano	Geografia Geral Geografia Econômica História da Civilização (Antiga e Medieval)
Segundo Ano	Antropogeografia Geografia Econômica do Brasil História da Civilização (Moderna e Contemporânea) História da América
Terceiro Ano	Antropogeografia (Brasil) História da América (Moderna e Contemporânea) História da Civilização Brasileira

Por uma questão de ajuste, a disciplina História da Civilização Brasileira, programada para o 3º. ano, foi implantada no 2º ano. A Cadeira de História da Civilização Americana, prevista para o segundo ano, só foi instalada em 1936, com a chegada do Professor Paul Vanordem Shaw, da Universidade da Califórnia.

14.1 Grade Curricular da Primeira Turma e respectivos professores:

Anos	Disciplinas	Professores
1934- 1º.Ano	Geografia Física/Humana Historia da Civilização(Grécia/Roma/Contemp.) Etnografia Brasileira Noções de Tupi-Guarani	Pierre Deffontaines Emile Coornaert Plínio Ayrosa Plínio Ayrosa
1935- 2º.Ano	Geografia Física/Humana Historia da Civilização Grécia/Roma/Contemp. Tupi Guarani História da Civilização Brasileira	Pierre Monbeig Fernand Braudel Plínio Ayrosa Afonso Escragnole Taunay
1936- 3º.Ano	Geografia Física/Humana História da Civilização Roma e Contemporânea	Pierre Monbeig Fernand Braudel Plinio Ayrosa

Tupi Guarani História da Civilização Americana	Paul Vanorden Shaw
---	--------------------

Em 1936 houve uma alteração no currículo: a disciplina História da Antiguidade (Grécia e Roma) era estudada no 1º. Ano; História da Idade Média no 2º. Ano e Idade Moderna no 3º. Ano. Essa estrutura prevaleceu até a década de 1950.

O Professor Pierre Monbeig defendeu desde o início a implantação de um curso dedicado à Geografia Regional, com o objetivo de estudar particularmente a América do Sul. Essa proposta de compartimentalização didática possibilitaria, na opinião de Monbeig, melhor transmissão do conhecimento e preparação dos alunos para a pesquisa científica. Em sua opinião, isto seria possível porquanto os objetivos da Geografia Física e Humana serem os mesmos: conhecer e valorizar a terra, a paisagem geográfica. Esse ideal foi alcançado parcialmente em 1942, com a criação da Cadeira de Geografia do Brasil, tendo como Primeiro Catedrático o Professor Aroldo de Azevedo.

14.2 OS PROGRAMAS DA GEOGRAFIA NA USP

Documentos nos arquivos da Administração da FFLCH apresentam os programas do Curso de Geografia e História, desde a sua fundação, onde consta a seguinte observação:

*"Foi feito um levantamento pelos professores do Departamento, devido ao credenciamento junto ao CREA, ficando os programas resumidos em três volumes, abrangendo todos os anos da Faculdade, desde sua criação, **separados pelos três períodos de mudanças programáticas: Período de 1935/1955; 1956/1968; 1969/1981**". Inicialmente estavam assim programadas:*

14.2.1 Programa para 1934

Geografia Física e Humana constituíam uma Cadeira única.

Professor responsável: Pierre Deffontaines.

1º. Ano – Relevo e população.

2º. Ano – Clima e Vegetação; geografia da circulação.

3º. Ano – Hidrografia econômica; geografia da energia; os grandes produtos.

Observação: Destes cursos, constarão excursões geográficas e trabalhos práticos.

14.2.2 Programas para 1935/1936

Geografia Física e Humana: Responsável: Pierre Monbeig

Com a chegada do Professor Pierre Monbeig, o Currículo do Curso de Geografia sofreu uma reordenação, ficando assim distribuído:

Biogeografia (Curso comum aos 3 anos):

- Definições e generalidades, o passado geológico. Extensão e disseminação das espécies.. O meio, a sociologia dos vegetais e dos animais.
- (Os vegetais e o meio geográfico (fatores atmosféricos e fatores fisioterápicos); as classificações das plantas segundo o calor, o ritmo das estações; higrófitos; xerófilos, etc.). As zonas de vegetação. Os solos e suas relações com a vegetação; classificação dos solos. Os grupos de plantas, as associações vegetais.
- O homem e os vegetais (a dispersão das plantas tropicais; a origem das plantas cultivadas e as hipóteses de Vavilof). Os sistemas de culturas. Classificação dos domínios botânicos (estudo de vegetação da África, segundo as classificações de De Martonne, de Gausseu).
- Geografia dos animais; recordação de noções gerais e de princípios. A vida animal e o meio; o meio aquático (o meio marítimo principalmente). O meio atmosférico. Os domínios zoológicos.

Geografia Humana (1º e 2º anos da Subseção Ciências Sociais).

- A Geografia moderna: definição geral. Diversas direções de investigação geográfica (morfologia, climatologia, geografia das plantas, geografia humana, geopolítica).
- A Geografia Humana: tentativas de definição. O imperialismo geográfico e a ignorância em que se está dos trabalhos dos geógrafos.
- O povoamento da terra; limites do ecumênico; repartição dos homens; modos de representação cartográfica dos fenômenos considerados; Os movimentos demográficos (teoria demográfica – Malthus). População e super população; as migrações; estudo de conjunto e monografias (por exemplo: o povoamento dos EUA, os movimentos da população asiática).
- O estudo regional, trabalho essencial do geógrafo. A unidade de região e o problema da região (região administrativa; região histórica; nomes de regiões; vias de comunicação; regiões naturais; modos de vida).
- Os Gêneros de vida: o homem e o mar; o homem e a montanha; o homem e o deserto. O homem e o passado (o campo francês); o homem e a produção industrial moderna (estudo de um grande centro de industria: Ruhr; Sarre; Pays Noir Anglais, por exemplo); O homem e a conquista do solo (o solo brasileiro).
- O “habitat” humano: o problema das aglomerações rurais e a morfologia do povoamento rural (concentração, dispersão, formas de aldeias).
- A casa rural: a casa e o solo (materiais de construção, aspecto exterior e planta); a casa; o clima e a vegetação; a casa e o modo de exploração agrária (as herdades francesas e as fazendas brasileiras; fazendas de café; de cacau e engenhos).
- A casa urbana e a aglomeração urbana: a habitação urbana reflexo da história da cidade (exemplo: a arquitetura civil de Roma). Localização das cidades, a situação e o lugar (o rio, a encruzilhada, o fator estratégico). A função urbana. Tipos de cidade (São Paulo; Chicago; Paris; Londres; Berlim, por exemplo), para mostrar diferentes exemplos de localização, diferentes modos de evolução de povoamento e da função urbana, diferentes tipos de bairros.

- O ensino da Geografia e o lugar da Geografia Humana nesse ensino (instituições primárias, secundárias e superior). O método da interpretação geográfica humana.³⁰

A bibliografia indicada para o curso era extensa, pressupunha o domínio de mais de uma língua, e tinha a seguinte observação: "De uma maneira geral, os estudantes que tenham a intenção de se especializar em Geografia e de efetuar investigações pessoais, deverão adquirir uma cultura geográfica ao mesmo tempo um método de trabalho. Indicamos nesta lista apenas as obras gerais e facilmente acessíveis. No decorrer do ano, indicações bibliográficas precisas serão igualmente fornecidas, tendo-se sempre o cuidado de indicar obras que figurem nas bibliotecas públicas paulistas".

A América do Sul (para o 2º e 3º Ano).

1ª Parte – Generalidades

- O solo e o relevo: os maciços de Leste, as planícies (Amazônia; Orinoco; Prata; Pampas), os platôs austrais.
- Clima e vegetação, as zonas típicas.
- As formas de povoamento: as condições do povoamento, os índios, os brancos.
- As vias de comunicação (exceto as estradas de ferro brasileiras, que devem ser estudadas especialmente no curso sobre a Geografia Geral das vias de comunicação).
- As relações comerciais da América do Sul: as condições dos mercados tráfego das mercadorias, a orientação das trocas.

2ª Parte – As regiões e os Estados.

- As regiões andinas: os Andes do Sul, os Andes dos altos platôs, os Andes do Peru e do Equador, os Andes da Colômbia e da Venezuela.
- O Chile.
- A República Argentina: estrutura nacional e econômica. O norte (Chaco), os Pampas, a Patagônia, Buenos Aires.
- O Brasil. Daremos em tempo útil um plano preciso das lições sobre a geografia do Brasil.³¹

³⁰ Para esse curso era indicada a seguinte bibliografia: Krebs: Geografia Humana (coleção Labor); Jean Brunhes: La Géographie Humaine; Vidal de la Blache: Principes de Géographie Humaine, e L'homme et les Iles; Lucien Febvre: La Terre et l'évolution humaine, introduction géographique à l'histoire; De Martonne: Traité de Géographie Physique; Valloux: Les sciences géographiques; Huntigton: Principles of Human Geography, The Human Habitat; Pierre Deffontaines: Coleção de Geografia Humana, e L'homme et la forêt; Hardy: Géographie et Colonisation.

³¹ Para o curso sobre a América do Sul era indicada a seguinte bibliografia: Pierre Denis – L'Amérique du Sud (Géographie Universelle de Gallois et Vidal de La Blache).

As vias de Comunicação – 3º Ano

- I Introdução ao curso: importância das vias de comunicação como fenômeno geográfico. Distribuição das lições do estudante.
- II As condições de navegação marítima.
- III Os centros da via marítima.
- IV O lugar do Mediterrâneo na história das relações marítimas e seu papel atual.
- V O navio do Mar.
- VI Os portos.
- VII Um grande porto: monografia típica de um ou dois grandes portos, como Londres, Marselha, Antuérpia. Nova York, Hamburgo, etc.
- VIII Os canais inter oceânicos.
- IX As estradas.
- X As estradas da França.
- XI Os meios de transportes primitivos.
- XII A roda e os veículos de rodas.
- XIII As estradas de ferro, estudo histórico.
- XIV As condições de exploração das vias férreas.
- XV As estradas de ferro no Brasil.
- XVI As vias férreas na Ásia.
- XVII As vias férreas transalpinas.
- XVIII A navegação fluvial.
- XIX A navegação fluvial nos Estados Unidos.
- XX A navegação aérea.
- XXI A concorrência entre os diversos meios de transporte

Para esse curso a recomendação bibliográfica vinha assim descrita:

"Indicações preciosas serão encontradas nos livros clássicos de Vidal de la Blache, Brunhes e Lucien Febvre. Ver também os volumes da "Geographie Universelle" de Vidal de la Blache e Gallois e "Economic and Social Geography" de Huntington. A indicação entre parênteses significa que o assunto deverá ser tratado oralmente por um estudante. O tempo para exposição será limitado a 45 minutos, rigorosamente. Essas exposições orais servirão para nota de aproveitamento. Para tais trabalhos os estudantes deverão procurar, eles próprios, a bibliografia. Entretanto, a título de orientação geral, vão aqui algumas indicações."

Exercícios práticos:

.Duas vezes por mês, para cada uma das turmas de estudantes do 1º Ano: leitura de cartas topográficas servindo de aplicação aos cursos (relevo de "cuesta", relevo de folhas, estudo de meandros, relevo "karstico"; transformação de uma região pela industrialização; morfologia do "habitat" rural; influência do relevo sobre a via de comunicação, etc.)

Excursões:

A participação dos estudantes nas excursões é sempre facultativa, seja porque elas têm lugar aos domingos, seja porque o número dos participantes é limitado.

Em 1936 as principais excursões foram: A ascensão ao Pico do Jaraguá e explicação da paisagem; visita aos trabalhos de construção da linha Mayrink a Santos (ramal da Estrada de Ferro Sorocabana), com a colaboração do Dr. Teodoro Knecht (Comissão Geográfica e Geológica); visita aos trabalhos da Cia. Light and Power.

Alguns estudantes efetuaram investigações precisas. Assim, alunos do 2º Ano estudaram a região de Piracicaba e o Alto da Serra do Leste (Paraibuna, São Luís do Paraitinga e Cunha). Um grupo de 10 estudantes do 1º e 2º Ano foi encarregado de elaborar, sob a direção do Assistente uma série de mapas mostrando a evolução do povoamento do Estado de São Paulo há um século.

Enfim, os estudantes do 3º Ano especializados em história, estudaram questões precisas e limitadas (carta do algodão no Estado, baseado em recenseamento de 1934, acabamento de uma monografia, efetuada em 1935, sobre o Município de Cornélio Procópio, Paraná; as tentativas de colonização da Cia. Paulista de Estradas de Ferro; a vinha no Estado de São Paulo; as estradas); os estudantes do 3º Ano fizeram igualmente exposições orais (ver curso sobre as vias de comunicação).

Nota:- Curso comum aos 3 anos da subseção de Geografia e História, e aos 2 primeiros anos da subseção de Ciências Sociais.

- As possibilidades de colonização do mundo e a questão das matérias primas;
- Situação presente da Geografia. O papel dos estudos geográficos nos problemas do momento.
- O estudo das zonas pioneiras. Características gerais das zonas pioneiras e a possibilidade de valorizar e povoar.
- Os estudos regionais serão consagrados à América do Sul; à Ásia; à Austrália; ao próximo e extremo Oriente;
- O problema das matérias primas: como ele se passa? Estudo da produção, do comércio e do consumo das grandes matérias primas: matérias primas da energia (hulha, petróleo), dos tecidos (lã, algodão, etc.), os produtos tropicais (borracha, óleos, etc.).

SEMINÁRIOS DE GEOGRAFIA PARA O ESTUDANTE DO 2º ANO

A África³²

I – Estados do nosso conhecimento.

II – Estudo geral do Continente africano: estrutura e relevo, os climas e as paisagens, vegetais, população e gêneros de vida. Divisões regionais.

III – Estudo regional:

a – A África Mediterrânea: tratados geográficos da África do Norte francesa, os problemas de valorizar (gêneros de vida nômade e sedentária, demografia, etc.); As tentativas italianas.

³² Deve ser considerado o fato desse Programa ter sido elaborado antes da 2ª. Guerra Mundial, que alterou significativamente o Continente Africano.

- b – O Saara: evolução geológica, pré-histórica, e história, formas do relevo, a vida no deserto.
- c – os países sudaneses: estudo das possessões inglesas e francesas na África Ocidental.
- d- A grande floresta equatorial e Congo (Cold Coast, Cameron, Gabon, Congo, Katanga).
- e – As regiões dos lagos e montanhas do leste (colônias inglesas, Etiópia)
- f - O vale do Nilo, Egito moderno.
- g- A África Austral: tipos de Clima, sub solo, o problema das raças.

IV – Conclusão: Gêneros de vida indígena: as rivalidades européias.

SEMINÁRIOS DE GEOGRAFIA PARA O ESTUDANTE DO 3º ANO

A Europa Ocidental

Esse curso será constituído, após uma exposição geral do professor, por lições de estudantes. Essas lições não deverão sair em erudição, e mesmo elas não serão obstinadas a serem exercícios exclusivamente pedagógicos. Elas deverão, portanto, guardar sempre em caráter científico, tudo de maneira compreensível aos outros alunos, animadas e completadas na medida do possível, por mapas, projeções, etc.

O tempo de palavras não deverá ser inferior a 45 minutos, nem exceder a uma hora. Cada lição será seguida de uma exposição crítica do professor, e receberá uma nota entrando em conta para o estabelecimento da nota de aproveitamento semestral.

- I A influência da glaciação na Geografia Física das Ilhas Britânicas.
- II A Irlanda.
- III A vida rural na Inglaterra.
- IV Londres.
- V As costas das Ilhas Britânicas. Estudo da Geografia Física.
- VI As indústrias inglesas.
- VII A população da Inglaterra.
- VIII A luta contra as águas nos países baixos.
- IX Os grandes portos holandeses.
- X O relevo e a estrutura da Bélgica.
- XI As riquezas do sub solo na Bélgica e nos países baixos..
- XII A vida rural na Bélgica e nos países baixos.
- XIII A estrutura demográfica e política da Bélgica.
- XI Climas da França.
- XV A estrutura e o relevo da França.
- XVI O relevo da Bacia parisiense.
- XVII A Bretanha.
- XVIII Os Alpes franceses – estudo da Geografia Física.
- XIX A vinha na França.
- XX A população da França.
- XXI O maciço Central – um estudo da Geografia Física.
- XXII A indústria na França.
- XXIII A Europa Ocidental e Europa Oriental.

14.2.3 PROGRAMAS PARA 1937

Geografia Física e Humana: Responsável: Pierre Monbeig

Em 1937 o Professor Emmanoel De Martonne, geógrafo francês, lecionou a disciplina: Relevo do Solo. Nesse ano foi contratado como Auxiliar de Ensino o Bacharel João Dias da Silveira, que ministrou um curso de Climatologia.

14.2.4 PROGRAMAS PARA 1938

Geografia Física e Humana:- Responsável: Pierre Monbeig

Assistente:-João Dias da Silveira, que em setembro substituiu o Professor Emmanoel De Martonne.

Auxiliar de Ensino:- Renato da Silveira Mendes

14.2.5 PROGRAMAS PARA 1939

Geografia Física – Responsável :João Dias da Silveira (contratado).

Cadeira criada conforme sugestão do professor Emmanoel De Martonne em relatório ao Diretor da Faculdade, Professor Antonio de Almeida Prado.

Geografia Humana – Responsável: Pierre Monbeig

Assistente: Maria Conceição Vicente de Carvalho.

Auxiliar de Ensino: Renato da Silveira Mendes

14.2.6 PROGRAMAS PARA 1940

Geografia Física – Responsável : João Dias da Silveira

Geografia Humana: Responsável: Pierre Monbeig

Assistente: Maria Conceição Vicente de Carvalho

Auxiliar de Ensino: Renato da Silveira Mendes

14.2.7 PROGRAMAS PARA 1941

Geografia Física – Responsável: João Dias da Silveira

Geografia Humana - Responsável: Pierre Monbeig

Assistentes: Maria Conceição Vicente de Carvalho

Nice Lecocq Müller

Auxiliar de Ensino: Renato da Silveira Mendes

14.2.8 PROGRAMAS PARA 1942 – criada a Cadeira de Geografia do Brasil

Geografia Física – Responsável: João Dias da Silveira

Assistente: Elina de Oliveira Santos

Geografia Humana – Responsável: Pierre Monbeig

Assistentes: Maria Conceição Vicente de Carvalho

Nice Lecocq Müller

Auxiliar de Ensino: Renato da Silveira Mendes

Geografia do Brasil – Responsável: Aroldo Edgard de Azevedo (interino)

Auxiliares de Ensino: José Ribeiro de Araújo Filho

Regina Carneiro

14.2.9 PROGRAMAS PARA 1943

Geografia Física - Responsável: João Dias da Silveira

Assistente: Elina de Oliveira Santos

Geografia Humana – Responsável: Pierre Monbeig

Assistentes: Maria Conceição Vicente de Carvalho

Nice Lecocq Müller

Ary França

Auxiliar de Ensino: Renato da Silveira Mendes

Geografia do Brasil - Responsável: Aroldo Edgard de Azevedo

Auxiliares de Ensino: José Ribeiro de Araújo Filho

Regina Carneiro

14.2.10 PROGRAMAS PARA 1944

Geografia Física - Responsável: João Dias da Silveira

Assistente: Elina de Oliveira Santos

Geografia Humana - Responsável: Pierre Monbeig

Assistentes: Maria da Conceição Vicente de Carvalho

Nice Lecocq Müller

Ary França

Auxiliares de Ensino: Maria de Lourdes P. de Souza Radesca

Renato da Silveira Mendes

Geografia do Brasil - Responsável: Aroldo Edgard de Azevedo

Assistente: José Ribeiro de Araújo Filho

Auxiliar de Ensino: Regina Carneiro

14.2.11 PROGRAMAS PARA 1945

Geografia Física - Responsável: João Dias da Silveira

Assistente: Elina de Oliveira Santos

Geografia Humana – Responsável: Pierre Monbeig

Assistentes: Maria Conceição Vicente de Carvalho

Nice Lecocq Müller

Ary França

Auxiliar de Ensino: Renato da Silveira Mendes

Geografia do Brasil – Responsável: Aroldo Edgard de Azevedo (Catedrático)

Assistente: José Ribeiro de Araújo Filho

Auxiliar de Ensino: Regina Carneiro

14.2.12 PROGRAMAS PARA 1946

Geografia Física - Responsável: João Dias da Silveira

Assistente: Elina de Oliveira Santos

Geografia Humana – Responsável: Pierre Monbeig

Assistentes: Nice Lecocq Müller

Ary França

Auxiliar de Ensino: Renato da Silveira Mendes

Geografia do Brasil – Responsável: Aroldo Edgard de Azevedo

Assistente: José Ribeiro de Araújo Filho

Auxiliares de Ensino: Regina Carneiro

Antonio da Rocha Penteado

A partir de 1946 passou a ser adotado um novo regime:

A - Curso Fundamental - administrado em quatro anos, no qual os três primeiros possuem matérias obrigatórias, e o último ano as disciplinas Didática e Psicologia Educacional, ao final o aluno recebe o diploma de Licenciado em Geografia e História;

B - Curso de Especialização – Terminado o curso básico de Geografia e História, o aluno poderia cursar dois anos e, após a realização de Estágio, obter o Diploma de Especialização em Geografia.

14.2.13 PROGRAMAS PARA 1947

Geografia Física – Responsável: João Dias da Silveira

Assistente: Elina de Oliveira Santos

Geografia Humana – Responsável: Roger Dion (em substituição a Pierre Monbeig)

Assistentes: Nice Lecocq Müller

Ary França

Renato da Silveira Mendes

Geografia do Brasil - Responsável: Aroldo Edgard de Azevedo

Assistente: José Ribeiro de Araújo Filho

Auxiliares de Ensino: Regina Carneiro

Antonio da Rocha Penteado

14.2.14 PROGRAMAS PARA 1948

Geografia Física - Responsável: João Dias da Silveira

Assistente: Elina de Oliveira Santos

Geografia Humana - Responsável: Pierre Gourou

Assistentes: Nice Lecocq Müller

Ary França

Renato da Silveira Mendes

Geografia do Brasil - Responsável: Aroldo Edgard de Azevedo

Assistentes: José Ribeiro de Araújo Filho

Auxiliares de Ensino: Regina Carneiro

Antônio da Rocha Penteado

14.2.15 PROGRAMAS PARA 1949

Geografia Física - Responsável: João Dias da Silveira (Catedrático)

Assistentes: Elina de Oliveira Santos

Paulo Pereira de Castro

Maria de Lourdes Pereira de Souza Radesca

Técnico de Laboratório: Aziz Nacib Ab'Saber

Geografia Humana - Responsável: Aroldo Edgard de Azevedo (interino)

Assistentes: Nice Lecocq Müller

Ary França

Renato da Silveira Mendes

Geografia do Brasil - Responsável: Aroldo Edgard de Azevedo

Assistentes: José Ribeiro de Araújo Filho

Auxiliares de Ensino: Antônio da Rocha Penteado

Ely Goulart Pereira de Araújo

15 – A REUNIÃO PAN AMERICANA DE 1949 E A SÍNTESE DOS TRABALHOS

Em setembro de 1949 foi realizada a 1ª. Reunião Pan Americana de Consulta sobre Geografia, na cidade do Rio de Janeiro. Os professores Aroldo de Azevedo e João Dias da Silveira apresentaram uma síntese de todos os trabalhos executados pelo Departamento de Geografia desde a sua criação.

Essa apresentação teve um significado particular muito importante, pois descrevia todos os trabalhos elaborados e, em elaboração, realizados por professores brasileiros, os primeiros alunos que tiveram orientação dos mestres franceses, representando uma mostra da produção resultante das pesquisas e do esforço dos primeiros professores formados pelo Departamento de Geografia e História da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.

Esta síntese foi publicada no Boletim Paulista de Geografia nº 3 em outubro de 1949, com a seguinte redação:

O ENSINO DA GEOGRAFIA NA FACULDADE DE FILOSOFIA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

O presente trabalho dá uma idéia sintética de como se vem processando o ensino da Geografia na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo e foi elaborado especialmente para a 1ª. Reunião Pan Americana de Consulta sobre Geografia, reunida na cidade do Rio de Janeiro, em setembro de 1949.

Seus autores, sócios efetivos da A.G.B. são os atuais ocupantes das cátedras de Geografia naquele estabelecimento oficial de ensino.

O Departamento de Geografia e sua organização – Fundada a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, em 1934, entre as cadeiras figurou uma dedicada à Geografia. Em 1939, desdobrou-se ela em duas outras: a de Geografia Física e a de Geografia Humana. A partir de 1942, uma terceira passou a ter existência autônoma: a de Geografia do Brasil.

No desejo de resolver em comum os mesmos problemas, foi criado em 1946, o **Departamento de Geografia**, destinado a "coordenar as atividades das cadeiras que se dedicam ao ensino e às pesquisas de Geografia", dentro de nossa Faculdade. De acordo com o Regimento ora em vigor e que teve a aprovação do Conselho Técnico Administrativo, cada uma das cadeiras do Departamento goza de completa autonomia didática.

No ponto de vista administrativo, o Departamento é constituído por seis Seções distintas: 1. Biblioteca; 2. Mapoteca; 3. Fichário Geográfico; 4. Fotografia; 5. Arquivo; 6. Instrumental Científico e Material de Excursão. Além disso, dispõe o Departamento de uma Secretaria.

A administração interna do Departamento é exercida por um Diretor Administrativo escolhido anualmente dentre os titulares das cadeiras, obedecido o sistema rotativo. É de sua competência:

- a) superintender todos os assuntos de caráter administrativo do Departamento;
- b) nomear e dispensar os chefes das Seções, sendo a escolha feita entre os Assistentes que trabalham junto às três cadeiras;
- c) zelar pela exata aplicação das verbas concedidas pela Reitoria da Universidade;
- d) despachar a correspondência do Departamento

Ao assumir suas funções, no início do ano, o Diretor Administrativo designa os Assistentes que devem ficar, durante horas determinadas e em cada dia da semana, à disposição dos alunos que desejarem estudar no Departamento.

Pelo menos uma vez em cada semestre, o Diretor Administrativo convoca os demais Professores e os Assistentes para uma reunião coletiva, na qual são discutidos assuntos referentes à marcha dos serviços administrativos do Departamento.

Os cursos de Geografia e seu “currículo”.

Atualmente, os cursos da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras dividem-se em duas categorias: a) curso fundamental

b) curso de especialização

a) O curso fundamental é realizado em quatro anos, dos quais os três primeiros possuem matérias obrigatórias e o último constitui-se pelos cursos de Didática e Psicologia Educacional, além de duas outras matérias de livre escolha do aluno. Uma vez terminado, o aluno recebe o diploma de LICENCIADO em Geografia e História.

Dentro desse curso, assim se distribui o ensino da Geografia:

- 1º. Ano – Geografia Física
Geografia Humana*
- 2º. Ano – Geografia Física
Geografia Humana
Geografia do Brasil*
- 3º. Ano – Geografia Física
Geografia Humana
Geografia do Brasil*

O 4º Ano de Geografia pode ser dado ou não, conforme as preferências dos licenciados.

*Por iniciativa do Departamento, os alunos do 1º. Ano estudam duas matérias afins:
Elementos de Geologia
Elementos de Cartografia.*

b) O curso de especialização em Geografia destina-se a todos quantos hajam terminado o curso básico de três anos de Geografia e História, feito em Faculdade de Filosofia oficial ou reconhecida. Tem a duração de dois anos e compreende o ensino de três disciplinas, a serem escolhidas pelo aluno dentre as seguintes: Geografia Física; Geografia Humana; Geografia do Brasil; Cartografia; Geologia; Topografia e Geodésia; Etnografia; Sociologia; Economia Política e Estatística, consideradas as três primeiras como fundamentais.

Além dos cursos regulares, o aluno deverá estagiar em um departamento especializado (que se dedique a estudos geográficos ou afins), no qual terá que demonstrar assiduidade, interesse e competência; compete aos professores do Departamento de Geografia, de comum acordo, escolher o local desse estágio e fixar o tempo de sua duração.

Na hipótese do aluno escolher uma só das matérias consideradas fundamentais ou apenas matérias consideradas subsidiárias, o estágio será obrigatoriamente de um ano, no mínimo. Ao aluno que obtiver aprovação nas matérias do curso e realizar o estágio de maneira satisfatória será concedido o diploma de ESPECIALIZAÇÃO em Geografia.

15.1 PROGRAMAS PARA 1950

Os programas das cadeiras que formam o Departamento contêm uma parte fixa (noções básicas) e uma parte móvel, que varia para cada ano letivo. A seguir uma síntese desses programas para o próximo ano escolar:

15.1.1 GEOGRAFIA FÍSICA

Titular da Cadeira: João Dias da Silveira

Assistentes: Elina de Oliveira Santos

Aziz Nacib Ab'Saber

Maria de Lourdes Pereira de Souza Radesca.

I - Relevo do solo – Introdução. Topografia Fluvial. Influências Estruturais. Topografia Vulcânica. Movimentos de conjunto e suas conseqüências topográficas; Evolução topográfica nas regiões chamadas tropicais

II. Hidrografia:- Introdução. Oceanos e Mares. Os Lagos. Os Rios.

Seminário

III. Clima – Introdução. A Atmosfera; Tipos de Clima. A carta climática do globo e suas relações com a distribuição das paisagens geográficas.

IV .Biogeografia – Introdução. A Biosfera e os seres vivos. Geografia das plantas. Geografia dos animais. Importância dos fenômenos biológicos para a caracterização dos quadros geográficos; Relações com o homem.

V. Estudo regional da África – Introdução. Aspectos físicos gerais da África. Estudos regionais de detalhe.

Observação:- O presente programa será ministrado dentro do seguinte "currículo"

1ª. Série	2ª. Série	3ª. Série	4ª. e 5ª. Séries
Relevo do solo	Relevo do solo	Climatologia	Geografia da África
Hidrografia	Climatologia	Geografia da África	Seminário
Seminário	Seminário	Seminário	

15.1.2 GEOGRAFIA HUMANA

Responsável: Ary França.

Assistentes: Nice Lecocq Müller

Renato da Silveira Mendes

1ª. Série

I. Introdução – Evolução da ciência geográfica. Os princípios da Geografia moderna. Os grandes quadros climático-botânicos.

II. Os conceitos fundamentais – Os fatos da Geografia Humana. Relações entre o homem e o meio. A população e seus problemas. Geografia das cidades. Os produtos alimentares. As matérias primas. Os transportes.

III. Metodologia – Orientação para pesquisas e trabalhos de campo. Trabalhos práticos.

2ª. Série

I – Gêneros de Vida - Os gêneros de vida e seu conceito. A vida nos Desertos. A vida nas Florestas. A vida nas Montanhas.

II – Produtos alimentares e matérias primas - O açúcar. O café. O cacau. A borracha. O carvão.

III – Metodologia – Técnicas de estudo em Geografia Humana e Econômica

3ª. Série

I – O “habitat” rural e urbano - Tipos de povoamento rural. A habitação rural. Geografia das cidades. Monografias urbanas.

II – Geografia da indústria - A Indústria: conceito e evolução. Tipos de indústria. O petróleo e sua indústria. Indústrias têxteis.

III – Seminário – Estudo de problemas de geografia humana e econômica em seus aspectos gerais ou regionais.

4ª. Série

I – Estudos monográficos regionais - Paisagens de Portugal. A população da Índia. Paisagens da Austrália. A vida econômica da União Soviética.

II – Geografia dos transportes – Evolução das vias e dos meios de transporte. As estradas. Vias férreas. Rodovias. Vias férreas transcontinentais. Os transportes e o meio geográfico.

III – Seminário – Estudo de problemas de Geografia Humana e Econômica em seus aspectos gerais ou regionais.

5ª. Série

Geografia Social Geografia Política – Geografia Lingüística. Geografia das Religiões. Nações e Estados. Fronteiras. A expansão colonial e o imperialismo

15.1.3 GEOGRAFIA DO BRASIL

Professor Catedrático: Aroldo de Azevedo

Assistentes: José Ribeiro de Araújo Filho

Antonio Rocha Penteado

Ely Goulart Pereira de Araújo

2ª. Série

I – As bases físicas – O “Continente” brasileiro; visão de conjunto. Os grandes traços da geologia brasileira. As grandes unidades do relevo. O Atlântico Sul. Morfologia do litoral. O clima e as regiões climáticas. A rede hidrográfica e os regimes fluviais. A vegetação e as regiões botânicas.

II – Os fatores humanos e econômicos – A população. Os tipos étnicos. O homem brasileiro e o meio. O “habitat” rural. As cidades. Os ciclos econômicos e a sua importância geográfica. As regiões geoeconômicas. A Agricultura e seus problemas. A criação de gado. As indústrias extrativas. Indústrias de transformação. Os transportes. O comércio.

III – Seminário – Aspectos da Geografia brasileira.

3ª. Série

I – Introdução - O problema das divisões regionais do Brasil.

II – Estudos regionais – Amazônia. Nordeste. Região Leste. Região Sul.

4ª. Série

I – Estudos de Geografia Geral. – A cidade do Rio de Janeiro. O carvão. O ferro. Transportes terrestres.

II – Estudos de Geografia Regional – Baixo-Amazonas. Vale do São Francisco. O litoral meridional e a Serra do Mar. Vale do Paraíba.

5ª. Série

I – Estudos de Geografia Regional – Nordeste Ocidental. O sul da Bahia. Espírito Santo. Pantanal Mato-Grossense. Sul de Goiás.

II – Seminário. – Problemas da Geografia Brasileira.

15.2 Para orientação do ensino

Inaugurados os cursos de Geografia pelo Professor Pierre Deffontaines (1934), a Faculdade contou depois com a colaboração dos professores Pierre Monbeig (1935-46), Emmanuel de Martonne (1937), Roger Dion (1947) e Pierre Gourou (1948), todos representantes ilustres da ciência geográfica francesa.

Nada mais natural, por isso que, à época, a orientação dada ao ensino obedeça, em suas linhas mestras, à metodologia francesa. Entretanto, aproveitando inúmeras vezes os ensinamentos dos autores ingleses e norte americanos e através da contribuição dos professores e assistentes do Departamento que vêm ao longo do tempo construindo uma linha pedagógica própria de trabalho que oriente o ensino no sentido de atender plenamente aos reclamos da Geografia brasileira, naquilo que apresenta *de particular, original e premente*.

As aulas teóricas são dadas sempre da maneira mais objetiva e concreta possível, através do manuseio de mapas (gerais e regionais) e do uso intensivo de projeções. Para cada assunto do programa, recebem os alunos uma bibliografia selecionada e fundamental.

Nas aulas de Seminário, fazem-se trabalhos práticos (leitura e interpretação de cartas e de gráficos) e discutem-se problemas de caráter geográfico.

Sempre que as possibilidades financeiras da Faculdade o permitem, realizam-se excursões, algumas iniciativas partem de cada uma das cadeiras e outras são organizadas pelo próprio Departamento. Dentre elas cumpre distinguir: a) as excursões de caráter didático, destinadas a mostrar aos alunos aspectos típicos da paisagem, habituando-os à interpretação do que observam; b) excursões de pesquisa, destinadas à coleta de material para análise e ampliação da capacidade de observação, dentro de um plano pré-fixado. Para isso, dispõe o Departamento de um automóvel – um “station Wagon” Ford, com capacidade para transportar 9 pessoas.

No campo das pesquisas, inicialmente, o Departamento objetiva familiarizar os alunos quanto ao manuseio de dados já recolhido. Em seguida, lança-os na tarefa mais difícil, que é a pesquisa própria. Em qualquer dos casos, os alunos recebem a necessária orientação por parte dos professores e assistentes.

15.3 Trabalhos já realizados:

Sem falar nas contribuições apresentadas em certames geográficos (como os Congressos Brasileiros de Geografia e as Assembléias Gerais da Associação dos Geógrafos Brasileiros) e nas publicações feitas em revistas especializadas pelos professores e assistentes, como também no abundante acervo de dados e observações recolhidos pelos alunos, que constam do arquivo do Departamento, queremos chamar a atenção para os seguintes trabalhos já levados a efeito pelo Departamento de Geografia:

15.3.1 Teses de concurso e de doutoramento:

- 1944 – Maria da Conceição Vicente de Carvalho: Santos e a Geografia Humana do Litoral Paulista
- 1945 – Aroldo de Azevedo: Subúrbios Orientais de São Paulo.
 - Ary França - Estudo sobre o clima da Bacia de São Paulo
- 1946 – João Dias da Silveira – Estudo Geográfico dos Contrafortes Ocidentais da Mantiqueira
 - Nice Lecoq Muller – Tipos de Sítio em Algumas Regiões do Estado de S. Paulo

15.3.2 Publicações

1944 – Geografia nº 1- (Boletim no. XXXVIII da Faculdade), contendo estudos monográficos sobre uma fazenda paulista (**Maria Luiza Pires do Rio Pinho**), e sobre Gopouva, trecho da Cantareira (**Maria Galdina Xavier**), uma síntese a respeito do Recôncavo da Bahia (**Aroldo de Azevedo**) e uma bibliografia referente ao Brasil Meridional.

1946 – Geografia nº 2 - (Boletim no. LXV da Faculdade), contendo um estudo sobre a região de Juazeiro e Petrolina (**Aroldo de Azevedo**).

1947 – Geografia nº 3- (Boletim no. LXX da Faculdade), contendo um estudo sobre o Clima da Bacia de São Paulo (**Ary França**).

1947 – Publicação avulsa, sob o título “Considerações em torno da Geografia e do seu ensino” (**Aroldo de Azevedo**).

1949 – “Mapa Mundi”, na escala de 1:75.000.000, em projeção azimutal eqüidistante e oblíqua, tendo por centro a cidade de São Paulo. (**João Soukup**).

15.3.3 Trabalhos em andamento

O Departamento de Geografia tem em execução um “Estudo Geográfico da Cidade de São Paulo”, a ser publicado em janeiro de 1954, a fim de comemorar o 4º. Centenário da capital paulista, devendo nele colaborar todos os professores e assistentes, sob a direção geral do Prof. **Aroldo de Azevedo**.

Além disso, encontram-se em andamento os seguintes trabalhos de pesquisa:

I – Na Cadeira de Geografia Física: **JOAO DIAS DA SILVEIRA** – “Os quadros naturais do Litoral paulista”; “Geografia Física da Serra do Mar” e “O Pontal paulista: estudo de geografia regional” **ELINA OLIVEIRA SANTOS** – “Contribuição ao estudo geográfico da região de Sorocaba”; **AZIZ NACIB AB’SABER** – “Santa Izabel: um município serrano dos arredores da capital paulista”, “O sitio da cidade de São Paulo”; “A região de Itu” e “O relevo do Estado de São Paulo: síntese didática”.

II – Na Cadeira de Geografia Humana: **ARY FRANÇA** – “Ocupação do solo na planície do Perequê, no litoral paulista” e “Climatologia Humana da Bacia de São Paulo”. **NICE LECOCQ MÜLLER** – “Colônia, velho núcleo de colonização alemã nos arredores de São Paulo” e “Paisagens Rurais do município de Piracicaba”; **RENATO DA SILVEIRA MENDES** – “A Função Industrial da Cidade de São Paulo”.

III – Na Cadeira de Geografia do Brasil: **AROLD DE AZEVEDO** – “O Vale do Paraíba em São Paulo”; **JOSE RIBEIRO DE ARAUJO FILHO** – “Geografia Humana na Baixada do Itanhaém”; **ANTONIO ROCHA PENTEADO** – “A Região de Rio Claro” e a “A região de Bragança Paulista”.

15.3.4 O ensino da Cartografia

Desde 1947, os alunos do 1º. Ano do curso de Geografia e História vêm recebendo um curso de Elementos de Cartografia, ministrado pelo Prof. **JOÃO SOUKUP**, dentro do seguinte programa:

1. Estudo da Carta da França
2. Os Processos de Engenharia Necessários à Cartografia: noções gerais.
3. Representação Gráfica da “Situação” ou Parte Planimétrica.
4. Representação Gráfica do Relevo.

5. *Os Letreiros dos Mapas.*
6. *Leitura de Cartas e Possibilidades da Cartometria em Cartas de Pequena Escala.*
7. *Projeções Cartográficas: Estudo Sintético.*
8. *O Material de Desenho e o Manejo dos utensílios indispensáveis à Cartografia.*
9. *Desenho de Mapas Fisiográficos e construção de Blocos-diagrama e de Perfis Hipsométricos.*
10. *Esboços Panorâmicos e "croquis" Topográficos.*

Conclusão:- *Do exame dos programas das três cadeiras de Geografia e da relação dos trabalhos já realizados ou em elaboração, dentro dos Departamentos, depreende-se a importância que nele se dá aos estudos regionais, considerados como a expressão mais fiel da paisagem geográfica. Por isso mesmo, não é de hoje que os seus professores vem pleiteando a criação, com caráter autônomo, de uma quarta cadeira – a de Geografia Regional, que seria o coroamento do curso básico realizado na Faculdade.*

15.4 PROGRAMAS PARA 1953

15.4.1 Cadeira XXIII Geografia Física

Professor: João Dias da Silveira (Catedrático)

Assistente: Elina de Oliveira Santos.

Auxiliares: Maria de Lourdes Pereira de Souza Radesca;
João Soukoup (Cartografia).

1º Ano

I – CURSO; INTRODUÇÃO À GEOGRAFIA FÍSICA.

Parte a)

- 1 – Introdução. Fontes
- 2 – Noção de Relevo. Classificação das Topografias
- 3 – O vale fluvial. Ciclo de erosão. Noção de Peneplano. Relevo Policíclico.
- 4 – Influências das Rochas na Topografia.
- 5 – Influência do Clima na Topografia.
- 6 – Os Desertos. Noção e Distribuição no Globo. Mecanismos e Tipos.
- 7 – Noção de relevo vulcânico.
- 8 - Nivação e Glaciação: Formas Nivais e Tipos de Glaciação.
Aparelhos e Topografia Glaciais.
- 9 – O Relevo Litorâneo: Mecanismo. Ciclo dos Litorais e Tipos de Costas.
- 10 – Tipos de Estruturas e Topografias Estruturais.
- 11 – Formas Tabulares e "Cuestas"
- 12 – Blocos falhados.
- 13 – Dobramentos e formas derivadas.
- 14 – Estruturas discordantes; Efigênia.
- 15 – Montanhas rejuvenescidas.

Parte b)

- 16 – Noção de Clima: seus fatores
- 17 – Radiação solar e outros fatores cósmicos.
- 18 – Fatores locais; climas oceânicos e continentais.
- 19 – A temperatura do ar
- 20 – Pressão atmosférica. Ventos.

- 21 – Umidade do ar e precipitações.
- 22 – Massas de ar e tipos de tempo.
- 23 – Bases para a classificação dos climas.
- 24 – Principais tipos de clima.
- 25 – Hidrosfera e suas regiões.
- 26 – Os oceanos: relevo e distribuição.
- 27 – Água do mar: propriedades e movimentos.
- 28 – Os lagos.
- 29 – Os rios.
- 30 – Noção de Biogeografia. A Biosfera.
- 31 – Os vegetais e o meio.
- 32 – Áreas de vegetação no Globo.
- 33 – Os animais e o meio.
- 34 – Zonas Faunísticas Continentais.

2º Ano

II – CURSO: MORFOLOGIA

Nota:- No desenvolvimento desse programa, a Cadeira, tendo em vista que se trata de ensino para Geógrafos e não para Geomorfólogos, procurará sempre:

- a) – relacionar as formas de terreno com os demais elementos do quadro natural e com o homem;
- b) conduzir os estudos para o exame de casos regionais típicos, onde a percepção global das paisagens permita maior contribuição para a formação de geógrafos;

Parte a:

Introdução: Conceitos gerais e importância geográfica das formas de terreno.

Princípios de Classificação.

1. Topografia Fluvial. Importância da ação fluvial.

a) Aparelho Fluvial e Bacia Fluvial

b) Evolução da Topografia Fluvial numa região homogênea; princípios gerais da erosão fluvial; conceito de nível de base; níveis de base gerais e locais; conceito de perfil de equilíbrio; evolução dos perfis; expansão das Drenagens e Captações; Aluvionamento; Princípios Gerais do Ciclo de Erosão e Conceito de Peneplano; Relevos Policíclicos.

c) Influência das Rochas; Propriedades Gerais das Rochas e suas influências no modelado; estudo de exemplos.

2. Topografia Eólica: Noção Geral

a) mecanismo da evolução topográfica nas regiões áridas e semi-áridas e formas topográficas resultantes;

b) Desertos: Ciclo Árido e Tipos de Deserto. O Saara;

3. Topografia Litorânea: Noção de Litoral.

a) Agentes de esculturação litorânea. Mecanismo geral da evolução dos litorais

b) Influências diversas na formação dos Tipos de Costas

c) Ciclo dos Litorais e Tipos de Costas do ponto de vista Geográfico

4. Topografia Glacial: Importância desse tipo de Relevo na superfície do Globo.
a) Mecanismo da ação Topográfica da Neve e do Gelo.
b) Tipos de Glaciação de Formas Topográficas características.

3º Ano

II – CURSO: MORFOLOGIA

5. Influências Estruturais: Noções sobre tipos de estruturas de interesse Geográfico. Critérios para a interpretação da erosão diferencial.
a) Topografias Características das Regiões de Estrutura Concordante; Plataformas Estruturais e Topografias de "Cuestas";
b) Topografias Características das Regiões de Fraturas; Tipos e Evolução das Zonas de Falhas.
c) Topografia Característica das Regiões de Dobramento; Evolução das Formas.
6. Topografia Vulcânica: Distribuição Geográfica do Vulcanismo.
a) Papel dos Vulcões na Topografia
b) Forma de Relevo Características do Vulcanismo.
7. Movimento de conjunto e suas conseqüências Topográficas: Generalidades.
a) Efigênia e Formas "Fósseis"; Gênese das Depressões Periféricas.
b) Topografia chamada Apalachiana
8. Noções sobre evolução topográfica nas regiões chamadas Tropicais.

III – CURSO: HIDROGRAFIA

Introdução: Conceito e importância da Hidrosfera.

1 - Oceanos e Mares

- a) Relevo do fundo dos Mares e Noções sobre sedimentos marinhos.
- b) Propriedades gerais da água do Mar.
- c) Características das águas das grandes profundidades.
- d) Movimentos das águas marinhas.
- e) Os mares: características originais e tipos.
- f) Estudo particular do Oceano Atlântico

2 – Os Lagos

- a) Condições Topográficas e Tipos de Lagos.
- b) Condições gerais da água dos Lagos e seus regimes.
- c) Variação dos níveis lacustres.
- d) Salinização e extinção dos Lagos.

3 – Os rios

- a) Lençóis e Fontes.
- b) Escoamento: fatores e princípios gerais; tipos de drenagens.
- c) Regime fluvial; fatores da oscilação dos débitos.
- d) Tipos de regimes fluviais

IV – CURSO - CLIMA

De acordo com o Programa dos Cursos para o Ano de 1953:

"Nesse Curso, a Cadeira, tendo em vista a grande significação do Clima para os demais aspectos geográficos da paisagem, insistirá nas correlações, particularmente nos **estudos regionais**. Atendendo ao interesse geográfico, o curso procurará caracterizar os grandes padrões climáticos, mas lembrará a formação **dos micro climas**".

Introdução: Importância do estudo do clima para a Geografia.

1 – A Atmosfera: conceitos gerais

- a) Radiação Solar e outros fatores CósMICOS.
- b) Fatores Geográficos dos Climas.
- c) Temperatura do Ar; estudo das Cartas Isotérmicas; Regimes Térmicos.
- d) Pressão Atmosférica; Estudo das Cartas Isobáricas e dos Ventos.
- e) Umidade do Ar e Precipitações; Regimes Pluviométricos.
- f) Noção de Massas de Ar. A importância para a formação dos Tipos de Tempo.
- g) Conceituação dos Tipos de Clima em função das diferentes combinações das Condições do Ar.

2 – Tipos de clima

- a) Critérios para as distinções.
- b) Climas quentes: interpretação e estudo de uma região característica.
- c) Climas sub tropicais; o Clima Mediterrâneo.
- d) Climas de Monções nas áreas quentes e subtropicais; a Ásia de Sudeste.
- e) Climas Temperados Oceânicos; a Europa Ocidental.
- f) Climas Temperados Continentais; a Europa Oriental.
- g) Climas frios; a Sibéria.
- h) Os Climas Desérticos: distribuição no Globo e características gerais; o Saara
- i) Climas de Montanha; o Clima Alpino.

3 – A Carta Climática do Globo e suas relações com a distribuição das Paisagens Geográficas.

2° e 3°s. Anos (rotativo)

V – CURSO: Biogeografia

No desenvolvimento desse programa, a Cadeira se afastará, o quanto possível, das noções de interesse puramente das ciências naturais, procurando por meio de comparações, oferecer aos alunos o conhecimento geral da vida na superfície da Terra e a sua significação para os estudos puramente geográficos.

Introdução:

Conceito de Biogeografia. A Biogeografia no estudo dos quadros naturais.

1 – A Biosfera e os seres vivos.

- a) Conceito, limites e composição da Biosfera.
- b) As espécies: aparecimento e evolução; áreas; relações com o meio.
- c) Associações: tipos e evolução; perturbações

2 – Geografia das Plantas.

- a) Relação entre os Vegetais e o Meio.
- b) O Homem e a Vegetação Natural.
- c) Correlação entre as Paisagens Vegetais e outros elementos do quadro Geográfico; Tipos de Paisagens Vegetais.
- d) Estudo dos quadros Regionais para caracterizar as correlações entre Paisagens Vegetais e os quadros gerais:
 - I a Floresta Equatorial; estudo da Floresta do Congo;
 - II a Vegetação do Sudão;
 - III Vegetação nas Áreas Subtropicais: a Vegetação Mediterrânea;
 - IV Paisagens Vegetais nas Regiões Temperadas: a Vegetação nos Estados Unidos;
 - V Paisagens Vegetais das Regiões Frias: Vegetação do Canadá e do Norte da União Soviética.

3 – Geografia dos Animais

- a) A Relação da Vida Animal com o Meio; o Meio Aquático e o Meio Terrestre.
- b) As grandes Regiões Zoológicas do Globo.

4 - Importância dos fenômenos biológicos para caracterização dos quadros geográficos; relações com o homem.

3º Ano

VI CURSO: GEOGRAFIA REGIONAL

1. Escandinávia
2. A Bacia do Congo
3. A Região dos Apalaches
4. Os Desertos da Ásia Ocidental
5. Madagascar

4º Ano e 1º de Especialização

VII – CURSO: GEOGRAFIA REGIONAL

1. Os Deltas da Ásia das Monções
2. O Maghreb
3. A Martinica
4. A Região de Taiga

4º Ano - Seminário:

1. Orientação para o ensino.
2. Dissertações orais a cargo dos alunos, sobre temas de Geografia Física previamente estabelecidos.

1º Ano de Especialização

Trabalhos práticos em coordenação com a Cadeira de Geografia Humana.

Seminários: Orientação Científica.

- 1- Utilização e Interpretação de Cartas Geográficas.
- 2- Interpretação de Gráficos e de Dados Numéricos.
- 3- Interpretação e Discussão de Textos.

2o. Ano de Especialização

Trabalhos práticos em coordenação com a Cadeira de Geografia Humana

- 1- Interpretação de Cartas e de Fotografias.
- 2- Interpretação de Gráficos e de Dados Numéricos.
- 3- Discussão de Temas de Pesquisas.

ELEMENTOS DE CARTOGRAFIA

Curso a cargo do Professor João Soukoup

I – CURSO DE ELEMENTOS DE CARTOGRAFIA GERAL

1. Introdução ao Curso; Orientação Bibliográfica e Material necessário para os Trabalhos Práticos
2. Conteúdo Planimétrico dos Mapas; Problemas de Escala e das Convenções Cartográficas.
3. Conteúdo Altimétrico dos Mapas: Representação Gráfica; Leitura e Cartometria.
4. Processos de levantamento necessários à Construção de Mapas.
5. Estudo detalhado de Cartas Topográficas.
6. Projeções Cartográficas.
7. Diagramas e Cartogramas Geográficos.

Trabalhos práticos:

Trabalhos gráficos.

Trabalhos de Campo;

Treinamento de cartografia de campo.

15.4.2 PROGRAMAS PARA 1953 - CADEIRA XXIV – GEOGRAFIA HUMANA

Professor: Ary França (catedrático)

Assistente: Nice Lecoq Müller

Auxiliar de Ensino: Renato da Silveira Mendes

1º Ano.

I – CURSO: INTRODUÇÃO À GEOGRAFIA HUMANA

- 1 – Conceito e Campo da Geografia Humana.
- 2 – Os Elementos Humanos da Paisagem.
- 3 – Repartição da População do Globo: o Efetivo Humano, o Ecúmeno e seus Limites; Movimentos de População.
- 4 – Elementos de Geografia Urbana: Sítio e Situação; Estrutura; as Cidades e a Circulação; as Cidades como Meio Social.
- 5 – "Habitat" Rural Disperso e Aglomerado: os Tipos, as Habitações

2º Ano

II – CURSO:- GÊNEROS DE VIDA

1. As Paisagens Clímatobotânica como Quadro Natural para os Gêneros de Vida.
2. Conceito de Gênero de Vida. Gênero de Vida. Gênero de Vida e Civilização.
3. Regiões Tropicais: Povos Coletores, Agricultura de subsistência, Criadores e Agricultura de Jardinagem.

4. Regiões Áridas e Semi Áridas: Gênero de Vida nos Desertos e na Região Mediterrânea.
5. Regiões de Clima Temperado: Agricultura de Pastoreio.
6. Regiões Boreais: Caçadores e Criadores.
7. Gêneros de Vida Montanheses.

1º Ano

III – CURSO; FONTES DE ENERGIA

1 – A hulha:

- a- Distribuição Geográfica;
- b- Condições Geográficas da exploração;
- c- Utilização e Comércio;
- d- Estudos Regionais;

2– O Petróleo:

- a - Distribuição Geográfica
- b - Condições Geográficas de exploração
- c - Utilização e Comércio
- d- Estudos Regionais

3– A Energia Hidroelétrica:

- a - Distribuição Geográfica
- b - Condições Geográficas de exploração
- c - Utilização e Consumo
- d - Estudos Regionais

2º Ano

IV – CURSO: GEOGRAFIA DA CIRCULAÇÃO

1 – Circulação Marítima e a das Águas Interiores:

- a) Aspectos Gerais
- b) Circulação do Atlântico Norte
- c) Os Grandes Canais
- d) Circulação das Águas Interiores

2 - A Circulação Terrestre.

- a) Aspectos Gerais
- b) A Circulação Ferroviária
- c) As Rodovias

3– A Circulação Aérea.

3º Ano

V – CURSO: GEOGRAFIA DOS GRANDES PRODUTOS E DA INDÚSTRIA

1 - Culturas Alimentícias:

- a) Arroz
- b) Trigo
- c) Banana

2 - Culturas e Produtos Industriais:

- a) Cana de Açúcar
- b) Algodão
- c) Borracha
- d) Seda

3- Indústrias

- a) Tipos
- b) A Indústria Metalúrgica
- c) A Indústria Têxtil

3º Ano – rotativo

VI – CURSO: MONOGRAFIAS URBANAS

1. Cidades da América
2. Cidades da Europa
3. Cidades da Ásia
4. Cidades da África.

VII – CURSO: GEOGRAFIA DA COLONIZAÇÃO

1. A Colonização no Passado
2. Tipos de Colônias Modernas
3. Problemas Demográficos da Colonização
4. Transformações Modernas na Vida Econômica das Colônias
5. Aspectos Geopolíticos da Evolução Moderna do Problema Colonial
6. Organizações Coloniais Modernas.

VIII – CURSO: PROBLEMAS E TÉCNICAS DE CONQUISTA DO MEIO:

QUESTÕES REGIONAIS :

1. A Conquista dos Desertos
2. A Irrigação nas Regiões Mediterrâneas
3. Os Problemas da Água na Ásia das Monções
4. O Exemplo do Tennessee
5. A Conquista do Solo nos Países Baixos

4º Ano

Seminário:

- 1 - Orientação para o Ensino
- 2 - Dissertações Orais a cargo dos alunos sobre temas da Geografia Humana previamente escolhidos.

1º Ano de Especialização

Seminário:

- 1 - Orientação Científica
Trabalhos práticos em coordenação com a Cadeira de Geografia Física.
 - a) Utilização e Interpretação de Cartas Geográficas.
 - b) Interpretação de Gráficos e de Dados Numéricos.
 - c) Interpretação e Discussão de Textos.

2º Ano de Especialização

Trabalhos práticos em coordenação com a Cadeira de Geografia Física.

- 1 - Interpretação de cartas e de fotografias
- 2 - Interpretação de gráficos e de dados numéricos
- 3 - Discussão de temas de pesquisas.

15.4.3 - PROGRAMAS PARA 1953 -CADEIRA DE GEOGRAFIA DO BRASIL (XXV)

Professor:- Aroldo Edgard de Azevedo (catedrático)

Assistente:- José Ribeiro de Araújo Filho

Auxiliares: Antônio Rocha Penteado

Aziz Nacib Ab'Saber

2º ano

I – CURSO; GEOGRAFIA GERAL DO BRASIL

Introdução: O “Continente” Brasileiro: Visão de Conjunto

Parte a) – As Bases Físicas:

- 1 - Traços Essenciais da Estrutura Geológica
- 2 - As Grandes Unidades do Relevo
- 3 - O Atlântico Sul e as Ilhas Oceânicas
- 4 - Morfologia do Litoral
- 5 - Características Gerais do Clima
- 6 - A Rede Hidrográfica e os Regimes Fluviais
- 7 - A Vegetação e as Regiões Botânicas
- 8 - Regiões Clímatobotânicas

Parte b) – A população e a vida econômica.

- 9 - A População
- 10 - Os Tipos Étnicos
- 11 - O Homem Brasileiro e o Meio
- 12 - O “Habitat” Rural
- 13 - As Cidades
- 14 - Os Ciclos Econômicos e sua Importância Geográfica.
- 15 - As Regiões Geoeconômicas
- 16 - A Vida Agrícola: Importância e Problemas.
- 17 - A Industrialização: Características e Problemas.
- 18 - Os Transportes.
- 19 - O Comércio Interno e Externo.

3º Ano

II – CURSO: GEOGRAFIA REGIONAL DO BRASIL

Introdução: O Problema das Divisões Regionais do Brasil

Parte a – Amazônia (rotativo)

- 1 - “Terra incógnita”
- 2 - O Rio Amazonas e sua Bacia.
- 3 - A grande Planície e os Planaltos Marginais
- 4 - A vegetação.
- 5 - O Clima.

- 6 - As Sub-Regiões Naturais.
- 7 - O "Deserto" Amazônico. A Conquista do Território e as Cidades.
- 8 - Homem Amazônico e seus Problemas.
- 9 - Gêneros de Vida.

Parte b – Nordeste (rotativo)

- 1 - Características Gerais
- 2 - O Quadro Natural e os seus Contrastes.
- 3 - A População e os Gêneros de Vida.
- 4 - Os Dois Nordestes.
- 5 - A Zona da Mata e o Litoral: Aspectos Físicos.
- 6 - A Zona da Mata e o Litoral: Aspectos Humanos
- 7 - A Zona da Mata e Litoral: Aspectos Econômicos
- 8 - O Sertão: Aspectos Físicos
- 9 - O Sertão: a Luta Contra as Secas
- 10-O Sertão: Aspectos Humanos.
- 11-O Sertão: Aspectos Econômicos.

Parte c – Região Leste (rotativo)

- 1- Uma Região Complexa: Aspectos Gerais
- 2- Região do São Francisco
- 3- O Recôncavo Baiano
- 4- O Sul da Bahia.
- 5- O Espírito Santo.
- 6- A Zona da Mata e a Região Auro-ferrífera de Minas Gerais.
- 7- A Baixada Fluminense.O Sul de Minas e o Triângulo Mineiro.

Parte d – Região Sul (rotativo)

- 1- Características gerais
- 2- O Litoral Paulista
- 3- O Vale do Paraíba
- 4- A Depressão e o Planalto Ocidental de São Paulo
- 5- O Paraná e suas Regiões
- 6- Santa Catarina e suas Regiões
- 7- O Rio Grande do Sul e suas Regiões

Parte e – Região Centro-Oeste (rotativo)

- 1- Características Gerais
- 2- O Sul de Goiás.
- 3- A Região do Araguaia-Tocantins
- 4- O Sul de Mato Grosso.
- 5- O Pantanal Mato-grossense.

3º Ano e 1º de Especialização.

III – CURSO: GEOMORFOLOGIA APLICADA AO BRASIL.

4º Ano e 1º de Especialização

IV – CURSO: ESTUDOS MONOGRÁFICOS ROTATIVOS.

- 1– O Ferro e a Siderurgia no Brasil.
- 2– Transportes Terrestres no Brasil.
- 3- A Região do São Francisco.
- 4- O Pantanal Mato-grossense.

Seminário: 4º Ano

- 1 – Orientação para o Ensino.
- 2 – Dissertações Orais feitas pelos alunos sobre temas previamente escolhidos.

1º e 2º Ano de Especialização

Seminário:

- 1 – Orientação científica.

Trabalhos práticos (2º Ano)

- 1 – Interpretação de Cartas e de Fotografias.
- 2- Exposição e discussão de problemas referentes a temas do curso teórico.

3º Ano e 1º de Especialização

Trabalhos práticos

- 1 – Interpretação de fotografias aéreas.

15.5 PROGRAMAS PARA 1954

15.5.1 CADEIRA DE GEOGRAFIA FÍSICA (XXIII)

Professor: João Dias da Silveira (Catedrático)

Assistente: Elina de Oliveira Santos

Auxiliares de Ensino: Maria de Lourdes Radesca

João Soukoup (Cartografia)

Geografia Regional: Renato da Silveira Mendes (Contratado)

Curso Básico

1º. Ano

A – INTRODUÇÃO À GEOGRAFIA FÍSICA (2 horas semanais)

Parte a) Introdução. Fontes.

Curso a cargo do Professor João Dias da Silveira

Parte b)

Curso a cargo da Professora Elina de Oliveira Santos

- a) Noção de Clima: seus Fatores
- b) Radiação Solar e Outros Fatores Cósmicos
- c) Fatores Locais; Climas Oceânicos e Continentais.
- d) A Temperatura do Ar
- e) Pressão Atmosférica. Ventos.
- f) Umidade do Ar e Precipitações
- g) Massas de Ar e Tipos de Tempo

- h) Bases para a Classificação dos Climas.
- i) Principais Tipos de Climas.

Parte c).

Curso a cargo do Professor João Dias Silveira e Maria de Lourdes Radesca

- a) Hidrosfera e suas Regiões
- b) Noção de Biogeografia. A Biosfera.
- c) Aulas Práticas:- Duas horas semanais para Interpretação de Cartas e Dados Climáticos e Topográficos.

B – ELEMENTOS DE CARTOGRAFIA

Curso a cargo do professor João Soukoup

I – Curso: Elementos de Cartografia Geral.

2º Ano

CURSO: MORFOLOGIA

Curso a cargo do Professor João Dias da Silveira

- a) Influências Estruturais. Noções sobre Tipos de Estruturas de interesse Geográfico. Critérios para a Interpretação de Erosão Diferencial.
- b) Topografia Vulcânica: Distribuição Geográfica do Vulcanismo.
- c) Movimento de Conjunto e suas Conseqüências Topográficas: Generalidades.
- d) Noções sobre Evolução Topográfica nas Regiões Chamadas Tropicais.

15.6 PROGRAMAS PARA 1955

15.6.1 CADEIRA DE GEOGRAFIA FÍSICA

Professor: Renato da Silveira Mendes (contratado)

Assistente: Elina de Oliveira Santos

Auxiliares: Maria de Lourdes Radesca

João Soukoup (Cartografia)

1º. Ano

As Grandes Regiões Naturais e a Vida Humana

1 – As Regiões Intertropicais Quentes e Úmidas

- a) Condições Climáticas, Paisagens Vegetais e Problemas do Solo
- b) A Vida Humana – Distribuição Geográfica. Problemas de Adaptação ao Solo
- c) Os Gêneros de Vida nas Florestas e nas Savanas
- d) Os Gêneros de Vida relacionados aos Mares
- e) A Exploração Agrícola Moderna e a Mineração

2 – As Regiões Áridas

- a) Características Gerais do quadro Natural dos Desertos Quentes
- b) Os Desertos das Zonas Temperadas: Aspectos Físicos
- c) Os Gêneros de Vida nos Desertos
- d) A Circulação nos Desertos
- e) A Exploração Econômica Moderna nos Desertos

3 – As Regiões Mediterrâneas

- a) Condições Climáticas e as Paisagens Vegetais
- b) A vida Agrícola e seus Problemas

- 4 – As Regiões Temperadas e Frias
 - a) Características do Quadro Natural
 - b) A Vida Agrícola Tradicional
 - c) A Vida Agrícola nas Regiões de Colonização Recente
 - d) A Exploração Econômica da Floresta Boreal
 - e) As Relações com as outras Regiões e Conseqüências Econômicas
- 5 – As regiões polares
 - a) Características do Quadro Natural
 - b) Os Gêneros de Vida das Populações Árticas
 - c) A Conquista Econômica Moderna
- 6 – As regiões montanhosas
 - a) Características do Quadro Natural das Regiões de Montanhas
 - b) Povoamento e Ocupação do Solo nas Montanhas das Regiões Temperadas
 - c) A Exploração Econômica nas Montanhas e Planaltos das Regiões Intertropicais
 - d) As zonas Montanhosas e a Circulação

15.6.2 CADEIRA DE GEOGRAFIA HUMANA

Professor Catedrático: Ary França

Assistente: Nice Lecocq Muller

Auxiliar de Ensino: Pasquale Petrone

1º Ano

- I - Curso: Introdução à Geografia Humana
 - a) Grandes Etapas da Evolução da Geografia
 - b) Conceito e Campo da Geografia Moderna. Normas da Metodologia Geográfica
 - c) Geografia Humana: Conceito, Campo, Diretrizes, Relação com as Ciências dos Homens
 - d) O Efetivo Humano do Globo
 - e) Regiões Humanizadas, Limites e Vazios do Ecúmeno
 - f) Movimentos de População
 - g) O "Habitat" Urbano: Conceito e Problemas
 - h) "sitio" e Situação Geográfica das Cidades
 - i) O Espaço e a Estrutura das Cidades
 - j) Funções Urbanas, especialmente a Comercial e Industrial
 - k) Problemas Urbanos, especialmente o Abastecimento e a Circulação
 - l) O "Habitat" Rural: Conceito, Relações com o Meio Geográfico
 - m) "Habitat" Rural Aglomerado
 - n) "Habitat" Rural Disperso.
- II – Curso: Gêneros de Vida
 - 1- Problemas da Divisão Regional em Geografia.
 - 2- Problemas da Divisão Regional do Globo em quadros Clímato-Botânicos;
 - a) a Floresta Tropical Úmida
 - b) As Savanas
 - c) As Estepes
 - d) Os Desertos

- e) As Florestas Temperadas e Frias
- f) A Tundra
- g) Os Quadros Naturais das Montanhas
- 3- Conceito e Diretrizes no Estudo dos Gêneros de Vida
- 4- Regiões Quentes e Úmidas
 - a) Gêneros de Vida ligados à Agricultura Itinerante
 - b) A Agricultura da Jardinagem
 - c) Exemplos Brasileiros de Gêneros de Vida em Regiões Tropicais
- 5- Regiões desérticas
 - a) Gêneros de Vida ligados ao Nomadismo Pastoril
 - b) A Agricultura em Regiões de Desertos
 - c) Gêneros de Vida Ligados ao Comércio e à Indústria
- 6- Regiões Sub Tropicais
 - a) Gêneros de Vida na Região Mediterrânea
 - b) Gêneros de Vida nas Montanhas Mediterrâneas
- 7- Regiões Temperadas e Frias
 - a) Gêneros de Vida Ligados à Agricultura
 - b) Gêneros de Vida Urbanos
- 8 – Regiões Frias
 - a) Gêneros de Vida Primitivos no Ártico
 - b) Gêneros de Vida Ligados à instalação de Brancos nas Regiões Polares

16 – DOCENTES DA USP QUE ALI FORAM ALUNOS

Os registros de alunos do Departamento de Geografia, até os dias atuais, consta do Catalogo de Dissertações de Mestrado e as Teses de Doutorado da Universidade de São Paulo. Contém uma série enorme de nomes ilustres. Destacamos os alunos que se tornaram docentes na própria Universidade:

ALUNOS ORIENTADOS	ORIENTADORES
Adilson Avansi de Abreu	Renato da Silveira Mendes - Mestrado Carlos A.F. Monteiro - Doutorado
Adyr Aparecida Balastrieri Rodrigues	Renato da Silveira Mendes – Mestrado Mario de Biasi - Doutorado
Ailton Luchiari	Renato Herz
Alfredo Pereira Queiroz Filho	Dourado em Engenharia de Tráfego USP
Amália Inês Geraiges de Lemos	Pasquale Petrone
Amélia Luisa Damiani	Armando Correa da Silva – Mestrado Manoel F. Gonçalves Seabra- Doutorado
Ana Fani Alessandri Carlos	Léa Goldenstein
Ana Maria Marques Camargo Marangoni	Pasquale Petrone
André Roberto Martin	Armando Correa da Silva
Andréas Attila de Wolinsk Miklos	Graduação: 1984. Agronomia - UNESP Mestrado: 1986. Universidade Poitiers – Doutorado: 1992. Universidade de Paris: Ciências da Terra- Pedologia. Orientador: Alain Ruellan
Antonio Carlos Colangelo	Olga Cruz – Mestrado Augusto H. Vairo Titarelli - Doutorado
Antonio Carlos Moniz	Rui Ribeiro Franco – Inst. Geociencias
Antonio Carlos Robert de Moraes	Armando Correa da Silva
Antonio Rocha Penteado	Aroldo Edgard Azevedo
Antonio Miguel Vieira Monteiro	
Antonio Olívio Ceron	Ariovaldo Umbelino de Oliveira
Ariovaldo Umbelino de Oliveira	Pasquale Petrone
Armando Correa da Silva	Dirceu Lino de Mattos
Armen Mamigonian	Graduado em Geografia pela USP. Especialização em Geografia Humana. Doutor em Geografia Industrial pela Univ. de Paris
Aroldo Edgard de Azevedo	Livre Docência c/ Título de Doutor (1945)
Ary França	Pierre Monbeig
Augusto Humberto Vairo Titarelli	Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro
Aziz Nacib Ab'Saber	Aroldo Edgard de Azevedo
Brás José de Araújo	
Cacilda Margarida R.S. Machado	
Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro	Aziz Nacib Ab'Saber – Doutorado (1967)
Carlos Carreras Verdguer	
Claudete Barriguela Junqueira	Pasquale Petrone

Cleide Rodrigues (de Lima)	Lylian Zulma Doris Coltrinari
Débora Oliveira	José Pereira de Queiroz Neto
Dirceu Lino de Mattos	Defendeu Cátedra em 1951
Eduardo Abdo Yazigi	Graduado em História (USP). Mestrado: 1969; Universidade de Paris. Doutorado: 1972. Universidade de Paris. Tema: - Planejamento Urbano Orientador: Pierre Monbeig
Elina de Oliveira Santos	João Dias da Silveira
Elvio Rodrigues Martins	Armando Correa da Silva
Ely Goulart Pereira de Araújo	
Emerson Galvani	Grad.Geo. Univ. Est.Maringá-PR Mestrado na ESALQ – USP. Doutorado UNESP
Felisberto Cavalheiro	
Fernando Facciola Kertzman	José Pereira de Queiroz Filho
Flavio Sanmarco Rosa	Mario de Biasi
Francisco Capuano Scarleto	Manoel Fernando Gonçalves Seabra
Gil Soderro de Toledo	Aziz Nacib Ab'Saber
Gloria da Anunciação Alves	Ana Fani Alessandro Carlos
Heinz Dieter Heidemann	
Helmut Troppmair	
Ibsen Adão Tenani	
Iraci Gomes de Vasconcelos Palheta	Antonio Rocha Penteado
Ivone Gebara	
Izidoro Blikstein	
Jean Respons	
João Antonio Rodrigues	Antonio Rocha Penteado
João Cipriano de Freitas	
João Dias da Silveira	Pierre Monbeig
João José Bigarella	Léa Goldenstein
João Soukoup	
Jorge Gustavo da Graça Raffo	Flávio Sanmarco Rosa
José Bueno Conti	Carlos A.F. Monteiro - Doutorado
José Carlos Mantovani	
José Pereira de Queiroz Neto	Graduado pela ESALQ –USP – 1952 Doutorado USP-1969 – Ciências do Solo. Orientador Guido Ranzani
José Ribeiro de Araújo Filho	Aroldo Edgard de Azevedo
José Roberto Tarifa	Carlos Augusto Figueiredo Monteiro
José Setzer	Cátedra em 1949
José William Vesentini	Manoel Fernando Gonçalves Seabra
Judith de La Corte	
Julio César Suzuki	Sandra Lencioni
Jurandyr Luciano Sanches Ross	Adilson Avansi de Abreu
Laurent Barbiero	
Lea Francesconi	Lea Goldstein – Mestrado

	Heinz Dieter Heidemann - Doutorado
Lea Goldenstein	Pasquale Petrone
Liliana Lagana (Fernandes)	Nice Lecocq Muller – Mestrado Pasquale Petrone – Doutorado
Luis Antonio Bittar Venturi	Felisberto Cavalheiro
Luiz Augusto de Queiroz Ablas	Nice Lecocq Müller
Lylían Zulma Doris Coltrinari	Aziz Nacib Ab'Saber
Magda Adelaide Lombardo	Liliana Lagana – Mestrado José Roberto Tarifa – Doutorado
Manoel Fernando Gonçalves Seabra	Pasquale Petrone
Manuel Garred de Azevedo Marques	
Manuel Garred Mendes de Araújo	
Manuel Venezuela Rúbio	
Marcello Martinelli	Pasquale Petrone
Margarida Maria de Andrade	Pasquale Petrone
Maria Adélia Aparecida de Souza	Grad.Geografia (USP)1962. Dout. Univ. de Paris (1967.Orientador: Celso Furtado
Maria Beatriz Rocha Trindade	
Maria Cecília França	Nice Lecocq Müller
Maria Conceição Vicente de Carvalho	Pierre Monbeig
Maria de Lourdes P. de Souza Radeska	
Maria Elena Ramos Simielli	Mario de Biasi – Mestrado José Bueno Conti – Doutorado
Maria Elisa Siqueira Silva (Sales Amaral)	Eduardo Abdo Yazigi
Maria Laura Silveira	Milton Almeida dos Santos
Maria Lúcia Aparecida Montes	
Maria Mônica Arroyo	Milton Almeida dos Santos
Maria Regina Cunha de Toledo Sader	Nice Lecocq Müller – Mestrado Lea Goldenstein – Doutorado
Mario de Biasi	André Libault
Marta Inez de Medeiros Marques	Ariovaldo Umbelino de Oliveira
Milton Almeida dos Santos	
Moacyr Marques	Pasquale Petrone
Nelson de La Corte	
Nelson Massatake Yoshikae	
Nice Lecocq Müller	Pierre Monbeig
Nidia Nacib Pontuschka	Lea Goldenstein
Noris Costa Diniz	
Odette Carvalho de Lima Seabra	Lea Goldenstein
Olga Cruz	Aziz Nacib Ab'Saber
Pasquale Petrone	Ary França
Paulo Nakashima	José Pereira de Queiróz Neto – Mestrado Selma Simões de Castro – Doutorado
Paulo Pedro Perides	Pasquale Petrone
Regina Araújo	José Willian Vesentini
Regina Araújo de Almeida (Vasconcellos)	Augusto H. Vairo Titarelli – Mestrado José Roberto Tarifa – Doutorado

Regina Carneiro	
Reinaldo Paul Perez Machado	Mario de Biasi
Renato da Silveira Mendes	Pierre Gourou
Renato Herz	José Pereira de Queiróz Neto
Rita de Cássia Ariza da Cruz	Eduardo Abdo Yazigi
Roberto Lobato Correa	
Rosa Éster Rossini	José Ribeiro de Araújo Filho
Roseli Pacheco Dias Ferreira	José Pereira de Queiroz Neto
Sandra Lencioni	Léa Goldenstein – Mestrado Ana Fani Alessandri Carlos - Doutorado
Selma Simões de Castro	José Pereira de Queiroz Neto
Sonia Maria Furlan Dias	Olga Cruz
Sonia Maria Vanzella Castelar (Rufino)	Maria Elena Ramos Simielli
Sueli Ângelo Furlan	Augusto Humberto Vairo Titarelli
Tarik Rezende de Azevedo	José Roberto Tarifa
Vincenzo Raffaele Bochicchio	José Ribeiro de Araújo Filho
Wagner Costa Ribeiro	José William Vesentini
Wanda Silveira Navarra	Pasquale Petrone
Wanderley Messias da Costa	Armando Correa da Silva
Yuri Tavares Rocha	Felisberto Cavalheiro – Mestrado José Bueno Conti – Doutorado

17 - O DESMEMBRAMENTO DA FFCL E O SURGIMENTO DA FFLCH

De acordo com o decreto da sua fundação, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras estava dividida em 3 seções:

Seção de Filosofia – Constituída das seguintes Cadeiras: Filosofia; História da Filosofia; Filosofia da Ciência e Psicologia.

Seção de Ciências – Constituída por 6 subseções, composta pelas seguintes Cadeiras Fundamentais: I - Ciências Matemáticas; II - Ciências Físicas; III - Ciências Químicas; IV - Ciências Naturais; V – Geografia e História; VI - Ciências Sociais e Políticas.

Seção de Letras – Composta por 2 subseções e as seguintes Cadeiras Fundamentais: subseções: 1 - Letras Clássicas e Portuguesa; 2 - Línguas Estrangeiras.

17.1 Primeira Reestruturação

O Decreto 12511 de 21 de janeiro de 1942 dá nova regulamentação aos Cursos da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, com a inclusão da Pedagogia, e passa a contar com 4 seções:

- I – Filosofia
- II – Ciências (Matemática; Física, Química; História Natural; Geografia e História; Ciências Sociais).
- III – Letras (Letras Clássicas; Neo Latinas e Anglo Germânicas).
- IV – Pedagogia.

17.2 Segunda Reestruturação

Os Cursos da Faculdade de Filosofia são novamente alterados através do Decreto Federal 9092 de 1946, estipulando as Disciplinas para o Curso Fundamental, ministrado em 3 anos, e o Curso de Especialização e Licenciatura.

A - Assim os Alunos de Geografia e História terão nos 3 primeiros anos:

1º Ano

Geografia Física;
Geografia Humana;
Antropologia;
História da Civilização Antiga e Medieval;
Elementos de Geologia;
Elementos de Cartografia;

2º Ano

Geografia Física;
Geografia Humana;
História da Civilização Moderna;
História da Civilização Brasileira;
Etnografia;
História da Civilização Americana;
Geografia do Brasil

3º Ano

Seminários:

Após exposição do Professor, os alunos deverão discorrer sobre assuntos previamente relacionados.³³

B – Para o 4º Ano assim será desenvolvido o programa:

Na quarta Série os alunos optarão livremente, por 2 ou 3 Cadeiras ou Cursos dentre as Ministradas pela Faculdade. Quando aprovados, terão direito ao Diploma de Bacharel. Além disto, poderão cursar as Cadeiras de Psicologia Educacional; Didática Geral e Didática Especial; neste caso, terão o Diploma de Licenciado

C – Cursos de Especialização

Os Cursos de Especialização destinam-se aos alunos que, tendo concluído um dos Cursos Ordinários, desejam obter o Diploma de Especialista, em uma das Matérias constantes nas Portarias Ministeriais nº. 328 de 13 de Maio de 1946.

As condições para obtenção deste Diploma são as seguintes:

Aprovação nos três primeiros Anos do Curso de Geografia e História, e mais em três Cursos livremente escolhidos, entre os seguintes:

Cursos especializados em Geografia Física; Geografia Humana; Geografia do Brasil; Geologia; Etnografia; Cartografia, ou ainda em Cursos de Sociologia; Estatística; Topografia; Geodésia; Economia Política.

Ter estagiado em Departamento especializado, de conformidade com a orientação dos professores de Geografia.

17.3 Terceira Reestruturação

O Decreto datado de 1952 determina que as 4 Seções sejam redistribuídas. Nesse momento a subseção de Geografia e História, tornam-se Cursos separados:

1 Filosofia: Cursos de Filosofia e Psicologia.

2 Ciências: Continua com 6 Sub-seções, mas a Seções de Geografia e História tornam-se Cursos separados. O Curso de Geografia tem acrescentados os Cursos de Geologia e de Ciências Biológicas.

³³ Conforme o Programa para o Curso de Geografia anexo

- 3 Letras: Subdividida em Letras Clássicas; Anglo Germânicas; Neo Latinas e Estudos Orientais.
- 4 Pedagogia:- Curso de Pedagogia.

17.4 A Reestruturação de 1965

Em 1965 a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras sofre outra reestruturação: agora com 13 Departamentos; 9 Cadeiras e 2 Cursos.

Departamentos:

- 1- Biologia;
- 2- Botânica;
- 3- Educação;
- 4- Estatística;
- 5- Filosofia;
- 6- Geografia;
- 7- Geologia;
- 8- História;
- 9- Letras;
- 10- Matemática;
- 11- Mineralogia;
- 12- Química;
- 13- Zoologia.

Cadeiras:

- 1- Antropologia;
- 2- Economia Política;
- 3- História Civil Americana;
- 4- História Moderna e Contemporânea;
- 5- Política;
- 6- Psicologia;
- 7- Psicologia Educacional;
- 8- Sociologia I;
- 9- Sociologia II;

Cursos:

- 1- Psicopatologia Técnica e Projetada;
- 2- Psicologia Clínica.

17.5 CONTINUIDADE E RUPTURA

Em 1969 a Faculdade passou por uma profunda reforma Pedagógico Institucional. O modelo de Cátedras Vitalícias adotado pela USP desde o início, passou a seguir padrões norte americanos, criando-se Departamentos.

Os Cursos de Graduação e Pós Graduação, conforme modelo europeu, deram lugar a Cursos Semestrais, créditos por disciplina, e matérias optativas.

"Por sua vez, a Faculdade foi dividida: os cursos de Ciências Exatas e Biológicas, juntamente com a Psicologia e a Pedagogia, deixam a célula "mater" para se constituírem em novos Institutos de Ensino e Pesquisa. A Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL), ficou restrita aos cursos de Ciências Sociais, História, Geografia, Filosofia e Letras, e passou a chamar-se Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - FFLCH e assim permanece até hoje, quando completa 70 anos de uma vida, nem sempre tranqüila, mas sempre inspiradora".(Memória,2002, pág.12).

O Decreto 52326 de 16 de Dezembro de 1969 fixa novo Estatuto para a Universidade de São Paulo. Esse Estatuto dá aos Institutos, Faculdades e Escolas o caráter de Unidades Universitárias autônomas, e cria a Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH).

Artigo 1º. Na Universidade de São Paulo, o ensino de todas as Disciplinas será ministrado em períodos letivos semestrais.

O Artigo 14º da Lei 52326 determinou:

"Os Departamentos das Unidades Universitárias e as Disciplinas por elas ministradas serão codificadas por meio de 3 Letras e 3 Algarismos."³⁴

Com a reforma de 1969 a Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas passou a contar com nove Departamentos:

- 1 – Filosofia
- 2 - Letras Clássicas e Vernáculas
- 3 - Letras Modernas;
- 4 - Línguas Orientais;
- 5 - Geografia;
- 6 – Ciências Sociais;
- 7 - História;
- 8 - Graduação;
- 9 – Pós Graduação

O Decreto 52483 de 03 de julho de 1970 altera a estrutura da hierarquia dos Docentes. Conforme o Artigo 85, a carreira Docente compreende os seguintes cargos e funções:

NOVA DENOMINAÇÃO	DENOMINAÇÃO ANTERIOR
1 – Professor Assistente	Professor Assistente Docente
2 – Professor Assistente Doutor	Professor Assistente Doutor
3 – Professor Livre Docente	Professor de Disciplinas
4 – Professor Adjunto	Professor Associado
5 – Professor Titular	Professor Catedrático

³⁴ A primeira relação das siglas que determinavam os Departamentos está contida no anexo

Em 1970 foram criados os Institutos, alguns deles posteriormente incorporados aos Departamentos já existentes. Permanecem até hoje os Institutos: de Biociências; de Física; de Química; de Matemática e Estatística; de Geociências e de Psicologia.

17.6 Estrutura Atual

Em 1989 foi elaborada outra reforma estrutural, que permanece até hoje. Nessa reforma houve alguns desmembramentos, foram criados alguns Departamentos e outros excluídos. Formaram-se 11 Departamentos:

- 1 - Antropologia
- 2 - Ciência Política
- 3- Filosofia
- 4- Geografia
- 5- História
- 6- Letras Clássicas e Vernáculas
- 7- Letras Modernas
- 8- Lingüística
- 9- Sociologia
- 10- Teoria Literária
- 11-Letras Orientais

18 - O ESTUDO DA CLIMATOLOGIA

No livro publicado em 2001 "Os Climas na cidade de São Paulo: Teoria e Prática", organizado pelos Professores José Roberto Tarifa e Tarik Rezende de Azevedo, o Prefácio, escrito pelo Professor Adilson Avansi de Abreu, Pró Reitor de Cultura e Extensão Universitária da Universidade de São Paulo, resume desta forma a evolução do estudo da Climatologia dentro do Departamento de Geografia, desde sua fundação:

*"O estudo dos climas e dos tipos de tempo tem sido um eixo de atuação forte do **Departamento de Geografia**, desde sua constituição, ainda no âmbito da antiga **Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras**, sendo que a cidade de São Paulo sempre recebeu atenção especial de seus pesquisadores, que aparecem referenciados nas citações dos diferentes capítulos. É, todavia, relevante citar-se o trabalho pioneiro do **Prof. Ary França** sobre o clima da Bacia de São Paulo (1946), retomado em 1958, na obra **"A cidade de São Paulo – Estudo de Geografia Urbana"**, sob a coordenação do **Prof. Aroldo de Azevedo**.*

*Na década de 60, o ensino da Climatologia no Departamento de Geografia passou por importante revisão conceitual sob a orientação da **Profa. Dra. Elina de Oliveira Santos** que, como responsável pela Cadeira de Geografia Física, esforçou-se em contratar novos talentos para esta área. A partir do final dos anos 60 e pelos próximos vinte anos, o **Prof. Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro** consolidou os estudos dinâmicos do clima e dos tipos de tempo e sua abordagem nos espaços transformados pela ação humana, merecendo destaque especial os estudos voltados para o clima urbano, no qual a cidade de São Paulo recebeu a merecida atenção. Muito importante foi seu papel no **Laboratório de Climatologia e Biogeografia**, tendo atuado fortemente na formação de novos pesquisadores, entre os quais o **Prof. José Roberto Tarifa**, que o sucedeu na condução do referido espaço de pesquisa".*

18.1 Estudos Anteriores

Estudos referentes ao Clima e aos Tipos de Tempo já haviam sido feitos anteriormente aos trabalhos de pesquisa dos alunos pioneiros. Esses documentos são extremamente relevantes para compor a história da trajetória da Geografia enquanto ciência e eixo de conhecimento para o estudo de outras áreas e a sua trajetória dentro do Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo.

Em 1886 foi instituída por Orville Derby, a Comissão Geográfica e Geológica de São Paulo, através de Decreto Provincial. Derby veio ao Brasil a convite de Charles Frederick Hartt, contratado pelo Imperador D. Pedro II.

"Dentre outras influências de Orville Derby, podemos destacar que foi fundador e membro vitalício do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, que, a despeito de ser ignorado pela Geografia acadêmica, existe e funciona até hoje no centro de São Paulo, abrigando rico acervo e arquivo da Geografia brasileira, sobretudo a "pré-USP". (Azevedo. 2001, pág. 56).

A Comissão Geográfica e Geológica de São Paulo (CGG), embrião do Instituto Astronômico e Geofísico de São Paulo, depois transferido para a Universidade de São Paulo prestava serviços nas áreas de Geografia, Geologia, Botânica e Meteorologia.

"Dentre outros trabalhos e atividades que eram imprescindíveis à expansão da economia cafeeira, coube à Comissão Geográfica e Geológica a exploração e representação detalhada, sobretudo cartográfica, nos moldes próprios do século XIX, de todos os elementos naturais: relevo, geologia, hidrografia, vegetação, clima, etc. O material produzido direta e indiretamente pela CGG é, em grande parte, a síntese e origem de boa parte do conhecimento detalhado e representação cartográfica do Estado de São Paulo. A própria CGG é a "célula mater" de numerosas instituições de ensino e pesquisa do Estado de São Paulo e portanto, de alguma forma, ainda está viva" (Azevedo, 2001, pág. 56)

18.2 Primeiros Observatórios Meteorológicos

As primeiras observações meteorológicas em São Paulo começaram na residência do cientista sueco, Albert Loefgren, à Rua da Consolação 38. Loefgren sucedeu Orville Derby na direção da Comissão Geográfica e Geológica.

O primeiro observatório Meteorológico aqui instalado situava-se no Jardim da Luz, onde permaneceu até 1894, depois transferido para o edifício da Escola Normal de São Paulo (Colégio Caetano de Campos), na praça da República.

Em 1901 a estação meteorológica passou a funcionar na residência do Engenheiro José Nunes Belfort Mattos, funcionário da Comissão Geográfica e Geológica, na Avenida Paulista 133. Na década de 1920 o local já era considerado inadequado em virtude da iluminação urbana que prejudicava as observações. O novo local escolhido foi o Parque do Estado, bairro da Água Funda, onde funciona até hoje.

O Instituto passou por várias alterações. Em 1907 foi anexado à Diretoria da Agricultura, transformado em órgão complementar da USP em 1934 e incorporado definitivamente em 1946 e transformando-se em Unidade Universitária em 1972.³⁵

Entretanto em 1927 funcionava na Secretaria da Agricultura a Diretoria do Serviço Meteorológico e Astronômico do Estado de São Paulo, com sede no Observatório, situado na Avenida Paulista, transferido em 1930 para a Escola Politécnica, com a atual denominação. Em 1931 passou para a responsabilidade da Secretaria da Viação e Obras Públicas.

³⁵ O Instituto Astronômico e Geofísico conta atualmente com os Departamentos de Astronomia; Geofísica e Meteorologia, instalados no Campus da Cidade Universitária; no Parque do Estado na Água Funda e na cidade de Valinhos-SP.

A transferência para o Parque da Água Funda ocorreu em 1932 com a abertura de um crédito inicial para a construção do novo observatório. Retornou em 1933 à Secretaria da Agricultura e em 1934, foi agregado como Instituto complementar à Universidade.

No ano de 1935 retirado da Secretaria da Agricultura e recriado com o respectivo acervo na Secretaria da Viação. Foi para a Secretaria da Educação em 1940. Através do Decreto-lei nº 16622, de 30 de dezembro de 1946, o Instituto foi incorporado à Universidade de São Paulo.

18.3 Viajantes Pesquisadores

"As primeiras observações do clima e da fisionomia vegetal sul americana com caráter "científico" foram realizadas, possivelmente no século XVII. Mas, é em meados do Séc. XIX que o estilo "viajante pesquisador" se institui, sendo Humboldt e Darwin seus mais importantes expoentes, não por acaso, respectivamente, o "pai da geografia" e o "pai da biologia moderna".(Azevedo, 2001, pág. 54).³⁶

Alguns aspectos geográficos e referências ao Clima do Brasil, foram feitos pelos chamados "viajantes pesquisadores", que em missões científicas visitaram o Brasil desde o período Colonial; durante o Império, até as vésperas da República, destacando-se:

18.3.1 Jean de Lery

O francês Jean de Lery veio ao Brasil para juntar-se à comitiva do Almirante Villegaignon com o intuito de povoar a França Antártica – tentativa de colonização francesa no Brasil. Aqui permaneceu durante nove meses e, em 1578 publicou as anotações da viagem com o título – Viagem à Terra do Brasil -, reeditado em 1961 pela Biblioteca do Exército do Rio de Janeiro. Na obra, traduzida por Tristão de Alencar Araripe, o autor faz curiosas e interessantes referências aos costumes dos nativos, principalmente em relação à antropofagia. A obra serviu de referência ao cineasta Néelson Pereira dos Santos para a produção do filme "Como era Gostoso o meu Francês".

18.3.2 Auguste François César Provençal de Saint Hilaire - (1779-1853).

Naturalista francês, teve as primeiras noções de Morfologia Vegetal através da obra de Goethe. Viajou entre 1816 a 1822 pelos Estados do Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Espírito Santo, Goiás, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, classificando as espécies vegetais.

Em seu livro Lições de Botânica, descreve pelos documentos de viagem a vida e os costumes brasileiros, além de observações sobre a peculiaridades das paisagens. Data de 1822 a obra "Segunda Viagem do Rio de Janeiro a Minas Gerais e a São Paulo", reeditada pela Cia. Editora Nacional em 1932.

³⁶ A carta de Pero Vaz de Caminha ao Rei D. Manuel, relatando a "descoberta", considerada a Certidão de Nascimento do Brasil", faz menção ao tamanho, relevo, hidrografia e à fertilidade do solo brasileiro.

Conforme o caderno "E" do jornal "A Folha de São Paulo" de 11/06/2005, o governo de Goiás fechou um acordo com a França para reconstruir a viagem do naturalista Saint Hilari ao Estado. O estudo seria feito por pesquisadores franceses e brasileiros. Saint Hilaire "descobriu" o Estado por meio de pesquisas realizadas em sua flora.³⁷

18.3.3 Alexander von Humboldt. - (1769-1859).

Geógrafo e naturalista alemão, estudou na Universidade de Göttingen e na escola de Minas de Freiburg, onde teve como colega o brasileiro José Bonifácio de Andrada e Silva. Visitou vários países hispano americanos, navegou pelos rios Amazonas e Orenoco. Subiu a Cordilheira dos Andes para fazer observações atmosféricas. Escalou o monte Chimborazo (5863m) onde realizou medições barométricas. Cientista respeitado por Napoleão, amigo do poeta Goethe, e dos maiores cientistas de seu tempo: Laplace; Gay Lussac.

São fundamentais as suas contribuições para a Geografia Física, Geologia, Climatologia, Meteorologia e Oceanografia. Foi o primeiro a utilizar: as isotermas para representar regiões de temperaturas iguais; a demonstrar a diminuição de intensidade magnética do Pólo ao Equador e a situar o Equador Magnético no Peru em 1802.

É considerado o iniciador da Geografia Sistemática da América, um dos maiores estudiosos das Camadas da Terra; do Vulcanismo; das Correntes Marítimas (a Corrente da Costa Sul Americana do Pacífico, tem o seu nome); pesquisou a distribuição geográfica das plantas e deu impulso ao desenvolvimento da Fitogeografia.

Escreveu Ensaio político sobre a Nova Espanha (1811). Conheceu líderes políticos "criollos"³⁸ empenhados na independência de seus países, como José de San Martín; Simon Bolívar; Bernardo O'Higgins; o americano Thomas Jefferson, e o brasileiro José Bonifácio.³⁹

Sem tomar atitudes intervencionistas, ofereceu sugestões aos líderes "criollos", empenhados na emancipação de seus territórios.

Suas principais publicações:

- 1808 - Quadros da Natureza, com Expedições Científicas. Em 1950 foi feita uma reedição pela W.M. Jackson Inc. Editores, Rio de Janeiro.
- 1817 – Sobre a Distribuição Geográfica das Plantas.
- 1817 – Sobre as Linhas Isotérmicas.
- 1834 – Viagem de Humboldt e Bonpland (1805-1834) em 30 volumes, que é também conhecida pelo título da 6ª. parte: Viagem às Regiões Equinociais do Novo Continente.

³⁷ É atribuída a Auguste Saint Hilaire a frase: "Santa Catarina tem as mais belas paisagens do Brasil".

³⁸ Termo utilizado para designar os filhos de espanhóis nascidos na América.

³⁹ Na opinião do Prof^o Werner Altmann (História USP), toda cidade na América Latina deveria ter um logradouro que levasse o nome do geógrafo e naturalista alemão que estudou profundamente o espaço ainda desconhecido.

- 1855 – Cosmos: Ensaio de uma descrição Física do Mundo.

18.3.4 Johann Moritz Rugendas (1802-1858)

Pintor, gravador e desenhista. Nasceu em Augsburg, Alemanha. Visitou o Brasil em 1821 com a Expedição Langsdorff. Seus primeiros trabalhos foram feitos no Rio de Janeiro e arredores até 1834. Depois percorreu as Províncias de Minas Gerais, Espírito Santo, Bahia e Pernambuco. Elaborou mais de 500 desenhos sobre as paisagens, usos e costumes do Brasil, retornando à Europa em 1835. Realizou outra excursão à América em 1831, e percorreu vários países no período de 16 anos. Entre 1845 e 1847 visitou novamente o Brasil. Desta vez levou para a Europa cerca de 3.400 esboços, desenhos e aquarelas.

Alguns dos seus trabalhos constam do Livro "Viagem Pitoresca ao Brasil". Editada em Paris em 1827 (Editora Engelmann). A edição Alemã foi publicada em 1835. No Brasil o livro teve a tradução de Sergio Milliet, publicado em 1946. Assim como Debret, suas gravuras são importantes documentos iconográficos para o estudo da História no Brasil.

18.3.5 Jean Baptiste Debret. (1768-1848)

Pintor e desenhista francês, foi um dos "viajantes pesquisadores" que visitaram o Brasil em 1816 a convite do Príncipe Regente D. João. Foi nomeado Professor Lente de Pintura Histórica na Academia de Belas Artes no Rio de Janeiro em 1820. Debret deixou muitos discípulos no Brasil e, ao voltar para a França, publicou em 1831: Viagem Pitoresca ao Brasil, também chamado: Estada de um Artista Francês no Brasil.

Sua obra tem valor inestimável tanto Documental Histórico, quanto Iconográfico e Sociológico para o estudo da História do Brasil.

18.3.6 Johann Baptist von Spix (1781-1826)

Zoólogo alemão que em 1817 acompanhou von Martius na viagem ao Brasil. Encarregado da Zoologia, durante três anos navegou pelos rios Solimões e Rio Negro. Ao voltar para Europa fez o inventário de 3381 espécies de animais brasileiros e começou a preparar o livro sobre suas experiências. Morreu antes de completar o trabalho, que foi terminado em 1831 por von Martius.

Suas obras:

1821 – O Desenvolvimento do Brasil desde o Descobrimento até a nossa Época.

1831 – Viagem pelo Brasil

18.3.7 Karl Friedrich Philip von Martius (1794-1868)

Botânico alemão. Viajou para o Brasil em 1817 como integrante da missão científica e encarregado da seção de Botânica, enquanto Spix chefiava a parte da Zoologia. Reuniu cerca de 6500 espécies de plantas, estando a principal coleção conservada no Museu Real de Munique. Sobreviveu a Spix 40 anos e concluiu sua obra.

Dirigiu a Coleção: "Flora Brasiliensis", de 1840 a 1848, constituída de 15 volumes. Contou com diversos patrocínios: Fernando I - Imperador da Áustria; Luis I - Rei da Baviera e Pedro II - Imperador do Brasil.

Suas obras foram:

1831 - Viagem pelo Brasil (1817-1820), elaborada por Spix.

1843 – Sistema dos Remédios Vegetais Brasileiros.

1863 – Glossário das Línguas Brasileiras

18.3.8 Jean Louis Rodolphe Agassiz (1807-1873)

Nasceu na Suíça, estudou Medicina em Munique, Alemanha, especializando-se em Ciências Naturais, Geologia e Paleontologia. Lecionou também em Harvard (EUA) de onde veio para o Brasil.

Em 1865 chefiou uma expedição patrocinada por D. Pedro II. Durante 15 meses viajou pelo Rio Amazonas e Ceará. Classificou mais de 1800 espécies de peixes. Calculou a existência de mais de 4000 espécies nos rios e lagos da Amazônia.

Escreveu em 1868 – A journey in Brazil (Boston - EUA), traduzida para o Francês em 1869 - Voyage au Brésil – (Paris – França) e para o Português em 1938 – Edição brasileira – Viagem ao Brasil (1865-1866).

18.3.9 Charles Frederick Hartt (1840-1878)

Geólogo e Geógrafo americano, foi aluno de Jean Louis Agassiz a quem acompanhou na viagem que realizou no Brasil como Geólogo da Expedição Thayer em 1865, a convite do Imperador D. Pedro II. Realizou pesquisas Geológicas no Rio de Janeiro, Espírito Santo e Bahia, tornando-se autoridade em História Natural da América do Sul. Sua obra é considerada por Capistrano de Abreu a primeira rigorosamente científica sobre a Geografia Física do Brasil. Em 1870 percorreu regiões do Paraná e Amazonas.

Em 1871 retornou às mesmas regiões em companhia de Orville Derby. Em agosto de 1874 foi convidado para chefiar a Comissão Geológica e Geográfica do Império. Em 1876 dirigiu o Museu Nacional, doando sua importante coleção Geológica.

A Comissão Geológica iniciou trabalhos de campo em 1876/1877, interrompidas por falta de verba. Deixou diversos trabalhos Geográficos, Geológicos, Arqueológicos; Etnográficos e Lingüísticos.⁴⁰

Algumas das principais obras publicadas:

-1868 – Relatório de uma Conferencia sobre a Glaciação do Brasil.

-1870 – Geologia e Geografia Física do Brasil. Cia Editora Nacional. S.Paulo. 1941.

-1872 - Teoria da Origem Glacial da Bacia Amazônica.

-1874 – Contribuições à Geologia à Geografia Física do Baixo Amazonas.

⁴⁰ Em sua Tese de Doutorado o Professor Tarik afirma que Hart deixou mais de 50 trabalhos sobre o Brasil e Agassiz superou a 100 obras sobre o mesmo Tema.

18.3.10 Augusto Emilio Zaluar (1826-1882)

Poeta e escritor, nasceu em Lisboa a 14 de Fevereiro de 1826 e faleceu no Rio de Janeiro em Abril de 1882. Augusto Zaluar matriculou-se no 1.º ano da Escola Médico-cirúrgica de Lisboa, disposto a seguir esses estudos, mas as ciências pouco o atraíam. Alistou-se nas tropas populares que fizeram a revolução de 1844, sob as ordens da Junta do Porto, abandonou o estudo da medicina para dedicar-se às letras. Colaborou em diversos jornais de Lisboa. Decidiu vir para o Brasil em 1849. Chegou em 1850. Passou a viver dos seus trabalhos literários e jornalísticos, conseguindo alcançar grande popularidade. Fez parte algum tempo da redação do *Correio Mercantil* e do *Diário do Rio de Janeiro*. Em Petrópolis foi redator principal de *Parahiba*, e em Santos da *Civilização*. Em 1856, naturalizou-se cidadão brasileiro. Nunca mais voltou a Portugal. Publicou alguns dos seus trabalhos, sobre questões econômicas e administrativas do Brasil.

Obras relevantes para a Geografia:

1862- Peregrinação pela Província de São Paulo 1860-1861. Livraria de R.L. Garnier, Rio de Janeiro. Reimpresso em 1943; 1952; 1953; 1954; 1975.

1865 – Uruguayana. Typographia Universal Largment. Rio de Janeiro.

18.4 Outras Publicações anteriores à Fundação da USP

Em período mais recente, mas anterior à fundação da Universidade de São Paulo, além dos Relatórios da Comissão Geográfica e Geológica de São Paulo (CGG), alguns Geógrafos publicaram trabalhos que tratavam do Clima do Brasil e de São Paulo em particular, destacando-se:

18.4.1 José Nunes Belfort Mattos

Engenheiro. Funcionário da Comissão Geográfica e Geológica do Estado de São Paulo. Foi Diretor do Observatório Astronômico de São Paulo, que funcionava desde 1912 em sua residência à Avenida Paulista.

Publicou algumas obras resultante das observações feitas durante suas atividades profissionais, destacando-se:

1907 - A Primavera de 1907. In:- Dados Climatológicos, série 2, no. 5

1910 - Em Defesa do Clima de São Paulo. In:- Boletim do Serviço Meteorológico, série II, no.16. Secret. da Agricultura Com. e Obras Públicas do Estado de S. Paulo.

1925 - O Clima de São Paulo. In:- Boletim do Serviço Meteorológico, série II no. 38. Secretaria da Agricultura e Comércio e Obras Públicas do Estado de São Paulo.

18.4.2 Delgado de Carvalho (Carlos Miguel Delgado de Carvalho) 1884-1980

Sua contribuição à Geografia brasileira foi singular. Em 1935 esteve à frente da cadeira de Geografia Humana. Nesse mesmo ano, Delgado de Carvalho também aparece como responsável da cadeira de Sociologia Educacional, da Escola de Educação.

Com uma formação intelectual bastante erudita atuou em diversas frentes de trabalho, transcendendo mesmo a História e a Geografia. Formou-se na Escola de Ciências Diplomáticas de Paris e na Escola de Economia e Política de Londres. Com idéias liberais que se coadunavam ao espírito de progresso e liberdade do homem presentes na época, chegou ao Brasil em 1906 e desenvolveu sua tese de doutorado exigida pela Escola de Ciências Políticas de Paris.

Considerado um dos precursores da moderna ciência geográfica brasileira. Entretanto a qualidade de suas obras, só tiveram merecida repercussão posteriormente a partir de 1935. Contemporâneo a Pierre Deffontaines na Universidade do Distrito Federal quando os estudos e as pesquisas geográficas tomam impulso, através da implantação dos cursos universitários de Geografia, da Associação dos Geógrafos Brasileiros e da criação do IBGE, instituições básicas de modernização da ciência geográfica no Brasil.

Algumas de suas obras:

1913- Geografia do Brasil – Livro adotado no Colégio D. Pedro II. Livraria Francisco Alves. Rio de Janeiro. Teve várias edições.

1920- Esboço Histórico da Origem e Formação da Língua Inglesa.

1923- Aspecto Físico: Contribuição para a Geografia do Brasil. Anuário do Colégio Pedro II. Rio de Janeiro.

1925 – Metodologia do Ensino Geográfico.

1929 - Corografia do Distrito Federal.

1933 - Geografia Humana.

1933 – Sociologia.

1934 – Fisiografia do Brasil.

1934 – Sociologia Experimental.

1940 – Textos- Atlas de Geografia

1940 – Sociologia Educacional. Cia. Editora Nacional. São Paulo

1943 – Geografia Física e Humana. Cia. Editora Nacional. São Paulo

1959 – Idade Média.

1959 – História Geral

1965 – Leituras Geográficas.

1971 – Organização Social e Política Brasileira.

1971 – Relações Internacionais.

1994 – História da Cidade do Rio de Janeiro. Secretaria Municipal de Cultura – 2ª. Edição. Rio de Janeiro

18.4.3 José Setzer

Apresentou Tese de Livre Docência no Departamento de Geografia Física da USP em 1949 com o Tema: A Origem das Terras Pretas de Bagé – RS.

Algumas de suas obras publicadas:

1941 – As Características dos Principais Tipos de Solo do Estado de São Paulo. Boletim do Instituto de Agronomia do Estado de São Paulo, vol. I, 4. Campinas.

1944 – Os Problemas dos Cafezais Novos em Terras Roxas Cansadas. Boletim do Curso de Aperfeiçoamento e Especialização. No. 3. Min.da Agricultura. R.Janeiro.

1944 – A Importância das Propriedades do Solo.

1945 – Noções Gerais de Pedologia no Brasil. Boletim Geográfico. Ano II, no. 3.

- 1946 - Contribuição para o Estudo do Clima do Estado de São Paulo. Escolas Profissionais Salesianas, São Paulo.
- 1946 - A Distribuição Normal das Chuvas no Est. de S.Paulo – IBGE. Ano 7 ,no.1.
- 1949 – Sobre a Ecologia do Café. Boletim da Secretaria da Agricultura. São Paulo.
- 1949 – Solos do Estado de São Paulo. Conselho Nac. de Geografia, no. 6. Série A.
- 1949 – Pequeno Curso de Pedologia
- 1949 – Os Solos dos Grupos 19 a 22.
- 1951 – Alguns Problemas de Recuperação do Solo no Estado de São Paulo (com sugestões para a sua solução) Gráfica São José. São Paulo.
- 1955 - A Natureza e o Aproveitamento Racional dos Solos da Bacia Paraná/Uruguai. Estudo elaborado pela AGB São Paulo. 1955.
- 1966 – Atlas Climático e Ecológico do Estado de S.Paulo. Comissão Interestadual da Bacia Paraná Uruguai e Centrais Elétricas de São Paulo.
- 1976 – Atlas de Evapotranspiração Efetiva no Estado de São Paulo.

18.4.4 Adalberto B. Serra

Meteorologista brasileiro. Nasceu em 2 de junho de 1909 no Rio de Janeiro, cidade onde permaneceu até sua morte, em 15 de setembro de 1989. cursou o secundário no Colégio Batista e formou-se como engenheiro civil e geógrafo na Escola Politécnica, em 1930. Ainda durante o período de estudos universitários, trabalhou no antigo Departamento de Correios e Telégrafos, inicialmente como desenhista e, mais tarde, na seção de Rádio. Em 1931, entrou como auxiliar de meteorologista na antiga Diretoria de Meteorologia, onde trabalhou até 1961, quando se aposentou como engenheiro, depois de exercer diversas chefias, como a de climatologia e a de pesquisas meteorológicas. Deixou uma importante e extensa obra meteorológica, na qual destacam-se o Atlas Climatológico do Brasil, em três volumes, e o Atlas Internacional, em dois volumes.

Outras obras:

- 1938 – A Circulação Secundária do Sudoeste Brasileiro.
- 1941 – As Ondas de Frio da Bacia Amazônica.
- 1941 – Turbulência Atmosférica no Brasil.
- 1942 -(& Ratisbonna, L.) Massas de Ar na América do Sul. Serv.de Meteorologia do Ministério da Agricultura. Rio de Janeiro. (59 paginas).
- 1945 -(& Ratisbonna,L.)–Ondas de Frio na Bacia Amazônica. Serv.de Meteorologia do Ministério da Agricultura. Rio de Janeiro. Transcrito no Boletim Geográfico 26, pág. 172-206).
- 1945 – Meteorologia do Nordeste Brasileiro. Tese Preparada para a IV Assembléia Geral do Instituto Pan Americano de Geografia e História. IBGE. Conselho Nacional de Geografia. Rio de Janeiro.
- 1946 – Atlas de Meteorologia relativo ao período de 1910-1934. IBGE R. de Janeiro
- 1948 – Previsão do Tempo. Boletim Geográfico No. 6, pág. 822-904. IBGE. Rio de Janeiro. Conselho Nacional de Geografia.
- 1948 – Circulação Superior. Revista Brasileira de Geografia No. 15. IBGE Conselho Nacional de Geografia. Rio de Janeiro.

18.4.5 Outros nomes de destaque e suas respectivas obras:

Honório de Souza Silvestre

1921 – Aspecto Físico. Rio de Janeiro

1922 – Notas à Geografia Física do Brasil. Pimenta de Mello & Cia. Rio de Janeiro

1923– Aspecto Físico: contribuição para a Geografia do Brasil. In: Anuário da Coleção Pedro II, no. V. Rio de Janeiro.

A. A. Silveira

1923 – Fontes, Chuvas e Florestas. Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais. Belo Horizonte

H. Morize

1927 – Contribuição ao Estudo do Clima do Brasil: Observatório Nacional do Rio de Janeiro do Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio.

E. dos S.Saraiva

1930 – Um Novo Aspecto de Nossa Organização Meteorológica. Serviço Meteorológico e Astronômico do Estado de São Paulo. São Paulo

J. de Sampaio Ferraz

1914 – Instruções Meteorológicas. Ministério da Agricultura.

1934 - Meteorologia Brasileira: esboço elementar de seus principais problemas. Biblioteca Pedagógica Brasileira, série V, vol. XXXIII, Cia Editora Nacional

A. Peixoto

1938 – Clima e Saúde. Biblioteca Pedagógica Brasileira Brasileira, série V. Volume Cia Editora Nacional. São Paulo

Lucas Rodrigues Junot

1942 - Estudo da Temperatura da Cidade de São Paulo;

1943 - As Chuvas da Cidade de São Paulo. Siqueira. São Paulo. 1943

1944 – Matemática. Editora do Brasil. São Paulo. 1944.

19 – A CLIMATOLOGIA A PARTIR DA SEGUNDA METADE DO SÉC XX.

A partir da segunda metade do Século XX, os estudos de Climatologia foram aprofundados pelos trabalhos publicados, resultado das pesquisas realizadas pelos alunos formados em nível superior pelo Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo.

“Nas décadas de 40 e 50, as principais contribuições ao desenvolvimento do conhecimento geográfico estão contidas nas teses e contribuições ligadas à Universidade de São Paulo e nos artigos publicados na Revista Brasileira de Geografia. Trabalhos esparsos, em número bem menor, embora de igual valor científico, podem ser assinalados na Bahia, em Pernambuco e em Minas Gerais, conduzidos geralmente pela atividade desenvolvida pela Associação dos Geógrafos Brasileiros, em suas reuniões anuais com um grande trabalho de recrutamento de geógrafos em potencial e de professores de Geografia e com a publicação de relatórios de pesquisas feitas durante as suas Assembléias anuais”. (BPG no. 68 pág. 131).

19.1 A inter-relação entre a Geografia e a História

“A formação histórica, ministrada paralelamente à Geografia (...), produziu Teses como a de Renato Silveira Mendes (1950) e a do próprio Monbeig (1952), em que os estudos eram realizados com muita ênfase histórica, de vez que eram feitas sob a forma de uma análise de processo, no primeiro caso com mudanças de culturas, e no segundo com a expansão dos cafezais. Influência que se estende até o livro-guia do Congresso Internacional de Geografia sobre a Marcha do Café, elaborado pelo professor Ary França (1960), apesar de este geógrafo ter sido bastante influenciado pelo pensamento de Max Sorre, muito biológico ou ecológico, como demonstrou em sua tese de cátedra em 1954”. (Andrade, BPG. No. 68 pág. 131).

Maximilien Sorré, Geógrafo francês, que orientou Ary França assim se expressou: "Clima é a série dos estados atmosféricos acima de um lugar em sua sucessão habitual". Escreveu também diversas obras que falam sobre esse tema, como: Introduction – Livre Premier: Climatophysique et Climochemie (1934); Lê Climat Urbain (1934); Lês Fondements de la Geographie Humaine: Essai d'une Écologie de l'Homme; Lês Fondements de la Geographie Humaine: l'Habitat.

Dessa forma, o estudo da Climatologia de uma forma mais completa e dinâmica, evoluiu com os trabalhos de pesquisa elaborados pelos geógrafos formados pela Universidade de São Paulo, que logo se transformou na principal instituição brasileira, em diversas áreas e que proporcionou o aperfeiçoamento de estudiosos de todo o Brasil.

As primeiras pesquisas foram efetivadas, ainda sob a orientação dos mestres franceses, pioneiros nos estudos científicos do Clima. Escritos por alunos formados pelo Departamento de Geografia da USP, embora o professor Manoel Correia de Andrade considere que deixam de ter o caráter Histórico-Geográfico, uma vez que o curso na Universidade era um só, a divisão desses estudos passa por um processo de especialização em 1939 com o desdobramento da Cadeira de Geografia em duas: Geografia Física e a de Geografia Humana e depois, em 1942, passou a contar com uma terceira: Geografia do Brasil.

19.2 Diferentes enfoques da mesma área do conhecimento

Em 1937 o renomado geógrafo francês Emmanuel De Martonne, ministrou como professor convidado, um curso de Geografia Física: Relevo do Solo. Ao final do ano fez um Relatório à Direção da Faculdade, sugerindo a separação dos cursos de Geografia Física e Geografia Humana para dar maior consistência na formação dos alunos.

Ao voltar para a França, foi substituído por João Dias Silveira, que concluiu o Curso em andamento sobre Relevo do Solo. João Dias da Silveira, quando no último ano de Licenciatura dirigiu um curso de Climatologia. Depois de formado tornou-se o Primeiro Chefe do Departamento de Geografia Física.

19.3 Os discípulos de Pierre Monbeig

Alguns alunos formados pelo curso de Geografia e História tornaram-se Docentes na própria Universidade, alguns deles dedicaram-se especificamente ao estudo da Climatologia. Os primeiros formandos que, após o Doutorado, ainda sob a orientação do Professor Pierre Monbeig, seguiram a carreira acadêmica foram: Maria Conceição Vicente de Carvalho; Ary França; Nice Lecocq Muller e João Dias da Silveira

19.3.1 Maria Conceição Vicente de Carvalho

Ingressou como ouvinte na primeira turma de alunos em 1934.

No ano seguinte seu requerimento para cursar o 2º Ano foi indeferido.⁴¹

Prestou os exames Vestibulares exigidos e tornou-se aluna regular em 1936.

Concluiu o Bacharelado e Licenciatura em 1938 e fez a Especialização em 1939.

Doutorado em Geografia Humana em 1944 com o Tema:- Santos e a Geografia Humana do Litoral Paulista. Orientador: Pierre Monbeig.

⁴¹Assistiu o Curso como aluna Ouvinte. Prestou espontaneamente os Exames Finais, obtendo Média 8,5 nas Provas Escritas e Orais em Geografia Física, e 9,0 em Geografia Humana. Sua Tese escrita: La Culture de la Banana sur le Litoral de L'Etat de Saint Paul, foi elogiada pelo Professor Pierre Deffontaines, não poderia se matricular como regular no segundo ano por ter feito o Exame de Ingresso. Cursou Química Industrial no Mackenzie College, de Nível Médio e não Superior como exigido para matricular-se sem prestar exame vestibular. A Carga Horária e o Currículo também não eram equivalentes ao curso de Engenharia Química da Escola Politécnica. A aceitação do pedido para se tornar regular, após um ano como ouvinte, abriria um precedente, e outros alunos na mesma situação poderiam pleitear esse privilégio.

Áreas de Atuação:- Autora da primeira Tese de Doutorado defendida do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Assistente Adjunta do Departamento de Geografia Humana da USP. Professora de Geografia no Mackenzie College e do Colégio Universitário, ajudou a elaborar o Programa para o Ensino de Geografia nos cursos secundários.

Teve os seguintes trabalhos publicados:-

1944 – O Porto de Santos. Anais do IX Congresso Brasileiro de Geografia. Volume IV, pág. 707/720. Conselho Nacional de Geografia. Rio de Janeiro.

1944 – O Progresso da Cultura e do Comercio da Banana no Litoral Paulista. Anais do IX Congresso Brasileiro de Geografia.

1944 – O pescador no Litoral Paulista. Anais do IX Congresso Brasileiro de Geografia.

19.3.2 Ary França

Ingressou na Universidade em 1936. Concluiu o Bacharelado e Licenciatura em 1938. Apresentou a Tese de Doutorado em 1945 sob Orientação de Pierre Monbeig com o Tema: - Estudos sobre o Clima da Bacia Sedimentar de São Paulo. Esse Trabalho foi o primeiro no Estudo da Climatologia no Departamento de Geografia.

Em 1946 recebeu uma Bolsa de Estudos do Governo Francês para estudar Geografia Geral, Geografia Humana e Cartografia no "Institut de Géographie" da Universidade de Paris, onde realizou pesquisas em Climatologia e Ecologia Humana sob a orientação do Professor Maximilien Sorré.

De 28 de Novembro a 7 de Dezembro de 1951, prestou Exames para o Concurso de Títulos e Provas para Provimento de Cátedra na Área de Geografia Humana com o Tema: A Ilha de São Sebastião: Estudo de Geografia Humana. A Comissão julgadora era composta pelos professores Aroldo Azevedo e João Dias da Silveira, nomeados pela Congregação, e Francis Ruellan, Jose Veríssimo da Costa Pereira e Fernando Flávio Marques de Almeida, indicados pelo Conselho Técnico Administrativo.

Ary França nasceu em 30 de março de 1917 em São Luis do Paraitinga, SP. e formou-se pela Escola Normal de Pirassununga, SP. em 1933.

Áreas de Atuação:- Depois de concluir o Bacharelado em Geografia e História foi Professor do Ginásio Estadual de Pirajuí-SP de 1939 a 1941 e Professor do Colégio Universitário anexo à Faculdade de Direito da USP em 1942 e Professor do Colégio Estadual de S. Paulo, depois Colégio Pres. Roosevelt (1943).

No Magistério particular lecionou Geografia no Ginásio Saldanha da Gama; Colégio Bandeirantes; Colégio Paulistano; Colégio Makenzie e na Faculdade de Filosofia São Bento, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Assistente Extranumerário de Geografia Humana na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de 1944 a 1946. Primeiro Assistente da Cadeira de Geografia Humana de 1946 a 1951. Professor interino em Geografia Humana em 1951, quando prestou Exames de Títulos e Provas para Provimento de Cátedra com o Tema: A Ilha de São Sebastião, tornando-se Professor efetivo da Cadeira XXIV - Geografia Humana a partir de dezembro de 1951 e Chefe do Departamento de Geografia em 1952. Sócio efetivo da Associação dos Geógrafos Brasileiros, e do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.

Teve os seguintes trabalhos publicados:

1943 - Aspectos do Povoamento da Noroeste: a Região de Pirajuí. Boletim da AGB no. 4, (49-58). São Paulo.

1944 - As Ondas de Frio da Bacia Amazônica – Resenha Bibliográfica e Comentários. Boletim da AGB no. 4, (105-106). São Paulo.

1944 - Notas sobre Freqüência dos Ventos na Cidade de São Paulo. Boletim da AGB no. 5, (29 a 34). São Paulo.

1944 - Notas sobre Geografia da Ilha de São Sebastião. Boletim da AGB no. 5, (49-59). São Paulo.

1944 - Programa de Geografia para os Colégios. Boletim da AGB. No. 5 (90-94). São Paulo.

1946 Tese de Doutorado: Estudo sobre o Clima da Bacia de São Paulo. Boletim LXX. Geografia No. 3. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. S. Paulo.

1950 - Novas Diretrizes em Geografia Humana. Boletim Paulista de Geografia nº 5, pág. 3 a 11. São Paulo.

1951 - Paisagens do Litoral Norte de São Paulo. Boletim Paulista de Geografia nº 7, pág. 67 a 73. São Paulo.

1951 – Tema para Exame de Cátedra:- A Ilha de São Sebastião: Estudo de Geografia Humana. Boletim 178 da FFCL-USP.

1952 – Paisagens Humanizadas da Ilha de São Sebastião. Boletim Paulista de Geografia, No. 10. Março de 1952.

1958 – A Cidade de São Paulo – Estudo de Geografia Humana.

1958 – O Quadro Clímato Botânico, cap. III.

1960 – A Marcha do Café e as Frentes Pioneiras. Guia de Excursão No. 3 do XVIII Congresso Internacional de Geografia. Rio de Janeiro. IBGE.

19.3.3 Nice Lecocq Müller (Nice Magalhães Lecocq).

Ingressou na Universidade em 1938, obtendo o Bacharelado e Licenciatura em 1940, e Especialização em 1941.

Em 1946 defendeu Tese de Doutorado em Geografia Humana com o Tema:- Tipos de Sitiantes em Algumas Regiões do Estado de São Paulo, sob a Orientação de Pierre Monbeig.

Defendeu a Tese de Livre Docência em 1967 com o Tema: Contribuição ao Estudo do Fato Urbano e da Organização do Espaço no Vale do Paraíba. Est. de S. Paulo.

Áreas de atuação:- Obteve Bolsa de Estudos pela Escola de Sociologia e Política de São Paulo para estágio na Inglaterra (1948). Professora Auxiliar de Geografia Humana, depois Assistente da Cadeira de Geografia Humana.

Teve os seguintes trabalhos publicados:

1951 – Imprensa – O Incunábulo e a Emancipação do Livro Impresso.

1952 – Paisagens Rurais no Município de Campinas. Anais da AGB, Vol. II.

1956 – Contribuição ao Estudo do Norte do Paraná. Boletim Paulista de Geografia, nº 22, março de 1956.

1966 – Bairros Rurais do Município de Piracicaba-SP. Boletim Paulista de Geo. nº 43.

1969 – Industrialização do Vale do Paraíba-SP. IGUSP.

1969 – O Fato Urbano no Vale do Paraíba-SP.

19.3.4 João Dias da Silveira

Ingressou na Universidade como aluno da turma pioneira da FFCL em 1934. Obteve o Bacharelado e Licenciatura em 1936. Doutorado em Geografia Física em 1946. Tema:- Estudo Geográfico dos Contrafortes Ocidentais da Serra da Mantiqueira. Sob a Orientação de Pierre Monbeig.

Prestou Concurso para Provimento de Cátedra em 1950 com o Tema:- Baixadas Litorâneas Quentes e Úmidas. Vista Geral. O Panorama Brasileiro. A Ribeira de Iguape.

Áreas de atuação:

Foi o 1o. Professor contratado pelo Departamento de Geografia como Assistente Adjunto de 1a. Categoria em 1937, tendo realizado nesse ano um Curso de Climatologia. Em outubro de 1938 substituiu o Professor De Martonne, quando do seu retorno à França, completando o Curso iniciado por ele sobre Relevo do Solo. Foi Assistente do Professor Monbeig. Professor Interino da Cadeira de Geografia Física. Chefe da Cadeira de Geografia Física.⁴²

A Comissão Julgadora do Concurso de Cátedra em Geografia Física foi composta pelos Professores: Aroldo Azevedo e Viktor Leinz (Catedrático de Geologia e Paleologia), escolhidos pela Congregação. Professores: Francis Ruellan (Universidade de Paris); José Veríssimo da Costa Pereira (Presidente do Instituto de Geografia do Brasil); Octavio Barbosa (Catedrático de Geologia e Mineração da Politécnica), escolhidos pelo Conselho Técnico e Administrativo da FFCL.

O Professor João Dias da Silveira orientou vários alunos que se tornaram Docentes na Universidade, e teve publicadas em 1951 a obra: Considerações em torno da Geografia Tropical. Boletim Paulista de Geografia, nº 8.

19.3.5 Renato da Silveira Mendes

Ingressou na Universidade em 1936, obtendo a Licenciatura e Especialização em 1938. Defendeu Tese de Doutorado em Geografia Humana em 1948 com o Tema:- Paisagens Culturais da Baixada Fluminense, sob a orientação do Professor Pierre Gourou, Geógrafo francês, professor contratado pela Universidade naquele ano.

⁴² A partir de 1937 os Cursos da FFCL já estavam consolidados. Os Departamentos reclamavam a Contratação de Assistentes. Os pedidos não eram atendidos sob a alegação de falta de Verba. João Dias da Silveira foi o Primeiro Assistente a ser contratado, na Sub Seção de Geografia.

Áreas de atuação:

Obteve uma Bolsa de Estudos pelo governo francês (1939).

3o. Prêmio Fabio Prado (1948)

Auxiliar de Ensino (1949)

Professor Assistente Extranumerário da Cadeira de Geografia Humana

Algumas de suas obras publicadas:

1944 – A Conquista do Solo na Baixada Fluminense. Anais do IX Congresso Brasileiro de Geografia.

1944 – As Estradas de Rodagem do Estado de São Paulo. Anais do IX Congresso Brasileiro de Geografia.

1944 – Viajantes e Paisagens Modernas na Baixada Fluminense. Artigo em "O Estado de São Paulo" de 14-12-1944.

1949 – Cultura e Comercio da Laranja na Região da Guanabara. Boletim Paulista de Geografia. No. 1. São Paulo.

20- Aroldo Edgard de AZEVEDO (1910-1954) – Fez "história" na Geografia.

Nasceu em Lorena, Estado de São Paulo em 3 de março de 1910 e faleceu na cidade de São Paulo no dia 4 de outubro de 1954. Terminou seus estudos primários no Rio de Janeiro. Fez o Curso Preparatório no Instituto Lafayette, para ingresso no Colégio Pedro II. Estudou Ciências Jurídicas e Sociais na Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro, obtendo o Bacharelado em 1931.

De volta a São Paulo em 1936, ingressou no Curso de Geografia e História da USP graduando-se em 1939, quando também obteve a Licenciatura em Geografia.

Para receber o Título de Doutor, prestou Concurso de Títulos e Provas para Provimento de Cátedra em Geografia do Brasil, entre os dias 22 a 26 de outubro de 1945, com o Tema; Subúrbios Orientais de São Paulo. A Comissão Examinadora do Concurso era composta por: Ernesto de Moraes Leme; Francisco Borges Vieira; Octavio Barbosa; Francis Ruellan e Alberto Ribeiro Lamego.

Áreas de Atuação:- Após ser Licenciado, foi Professor no Colégio Universitário da USP, e Professor Assistente da Cadeira de Geografia. Quando foi criada a Cadeira de Geografia do Brasil em 1942, foi Chefe Interino da Cadeira até 1946, quando se tornou efetivo.

Dedicou-se profundamente ao desenvolvimento do ensino da Geografia, não só em nível acadêmico, como também no ensino Fundamental e Médio. Fundou o Boletim Paulista de Geografia em 1949. Fundador e primeiro diretor do Instituto de Geografia da USP em 1961. Recebeu o Título de Doutor "Honoris Causa" pela Universidade de Bordeaux em 1952. Membro do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo; Membro do Instituto Histórico e Geográfico da Bahia; Membro do Instituto Histórico e Geográfico de Campinas; Membro da Sociedade Geográfica Brasileira; Membro da Association des Geographes Français; Fundador do Instituto de Geografia da USP, onde foi Diretor de 1963 a 1967.

Aroldo de Azevedo destacou-se na produção de livros didáticos, com boa aceitação junto ao magistério nacional, e responsável pela formação de várias gerações de estudantes. Os livros eram elaborados após a realização de pesquisas, viagens, Congressos e Conferências por todo o Brasil. (Vide Anexo D).⁴³

⁴³ Foi no setor do livro didático de Geografia para o antigo curso secundário, que o Prof. Aroldo Azevedo deixou uma produção colossal. Em 1936, antes mesmo de licenciar-se, elaborou sua primeira obra intitulada "Geographia", para a primeira série ginasial, editada pela Companhia Editora Nacional, com uma tiragem de 10 mil exemplares. A exatidão do conteúdo, o cuidado na escolha das ilustrações, a adequação ao programa vigente, além de outras qualidades, fizeram com que o livro tivesse imediata aceitação". (Conti, 1976, pág. 31-35)".

“Aroldo Azevedo, com sua fecunda produção de livros didáticos, para todos os níveis de ensino, que tiveram inúmeras edições, escritas e aperfeiçoadas pelas constantes pesquisas, que era uma das propostas de Fernando de Azevedo, quando da fundação da Universidade, pois esse setor era muito deficiente na época, precisando se recorrer à importação de material “. (Franklin Leopoldo e Silva In: Jornal da USP. No 647, Julho 2003).

“O período em que vigorou a reforma Capanema, de 1942 a 1962, foi a época de maior repercussão dos livros didáticos de Geografia de autoria do professor Aroldo de Azevedo(...) O trabalho caracterizou-se por uma renovação nos padrões gráficos de apresentação dos conteúdos geográficos, segundo a linha pioneira de Delgado de Carvalho. Redigindo seus trabalhos em linguagem simples e empregando corretamente a terminologia Geográfica, o autor soube apresentar a Geografia em um estilo próprio, agradável e motivador, conseguindo ao longo de quatro décadas divulgar por todo o Brasil, entre as gerações contemporâneas, uma Geografia atualizada, precisa e documentada. As suas obras tiveram, no período considerado a preferência absoluta do magistério brasileiro de Geografia e a sua adoção na maioria das escolas fez com que se sucedessem centenas de edições.”(Issler, B. In: A Geografia e os Estudos Sociais. Tese de Doutorado. FFCL, Presidente Prudente, 1972. In: Santos, W. 1984, Rio Claro).⁴⁴

Aroldo Azevedo aposentou-se de suas atividades de Docente em março de 1967. Continuou, porém a produzir livros e artigos para publicação até o final da sua vida. Na manhã do dia 4 de outubro de 1974, dia em que faleceu, entregou para publicação no Boletim Paulista de Geografia, o artigo: A Geografia Francesa e a Geração dos Anos Setenta.⁴⁵

Nessa derradeira obra, Aroldo Azevedo fez uma reminiscência dos grandes nomes da Geografia mundial, como destacamos nos excertos:

..... Nessa França amargurada e espezinhada, no ano de 1876, o livreiro J. Hetzel, de Paris, entregou ao público uma Géographie Illustrée de la France et ses Colonies, grosso volume de 775 páginas, em grande formato, enriquecido por muitos mapas e por belíssimas gravuras a traço. Seu autor? . . . JULES VERNE, então com 48 anos de idade.

Sim, é isso mesmo. Exatamente o escritor JULIO VERNE, de todos conhecido, delícia de inúmeras gerações, o gênio fabuloso e inventivo que escreveu: Cinco Semanas em um Balão; Viagem ao Centro da Terra; Da Terra à Lua; Miguel Strogoff; Aventuras de três Russos e de três Ingleses na África do Sul; Atribulações de um Chinês na China; A volta ao Mundo em 80 Dias, e tantos outros romances de aventura, nos quais a Geografia estava quase sempre presente.

⁴⁴ O Ministro Gustavo Capanema criou a Lei Orgânica do Ensino Secundário, dentro do contexto do Estado Novo, que enfatizava o ensino patriótico, "capaz de crias nas gerações novas a consciência da responsabilidade diante dos valores maiores da pátria: a sua independência, a sua ordem e o seu destino".

⁴⁵ O ultimo artigo escrito pelo professor Aroldo Azevedo foi republicado no Boletim Paulista de Geografia No. 50 em março de 1976, comemorativo aos 25 anos da Fundação da AGB.

Quando Jules Verne publicou sua “Geografia Ilustrada da França e de suas Colônias”, 17 anos haviam decorrido da morte dos dois grandes mestres da Geografia alemã – ALEXANDRE VON HUMBOLDT e CARL RITTER, ambos falecidos em 1859 e apontados como pioneiros da Geografia moderna.

. . . . Em 1883, a Livraria Delagrave, sob o patrocínio do Instituto Geográfico de Paris, publicou um pequeno livro, sem ilustrações, com 304 páginas, intitulado – La Terre – Géographie Physique et Économique. Seu autor tinha 38 anos de idade e era “maitre-de-conférences” na Escola Normal Superior, de Paris. Chamava-se, simplesmente: PAUL VIDAL DE LA BLACHE.

Também sem grandes estardalhaços, lentamente, evoluiu a Geografia entre os franceses – ainda hoje considerados entre os maiores na Ciência Geográfica.

. A verdadeira Escola Francesa de Geografia começou a tomar corpo ao findar o século XIX. Seus expoentes pertenceram à geração nascida na década de 1840 e seguintes, particularmente na década de 1870, havendo produzido os melhores trabalhos em plena maturidade, já no século XX. Com raras exceções, faleceram setuagenários e octogenários, após longa, útil e proveitosa existência.

ALBERT DE LAPPARENT, nascido em 1839 e falecido em 1908, encabeça a lista dos grandes geógrafos oriundos da primeira metade do século XX. . . . Sua principal obra, publicada em 1896, intitulou-se: Leçons de Géographie Physique, nome bastante modesto para um grosso volume de 700 páginas em que foram abordadas 30 importantes temas. . . . Um grande livro, digno de ser lido até hoje.

Da geração de DE LAPPARENT, embora seis anos mais moço, foi a figura impar, exponencial, de PAUL VIDAL DE LA BLACHE (1845-1918).

Após estudar longamente as obras de ALEXANDER VON HUMBOLDT e de CARL RITTER, enfrentou com coragem as idéias deterministas de FRIEDRICH RATZEL, criando uma doutrina nova, a que LUCIEN FEBVRE deu o nome de Possibilismo – logo adotado com entusiasmo por seus discípulos.

VIDAL DE LA BLACHE fundou em 1891, a revista mestra da Geografia francesa – Annales de Géographie, em cuja direção permaneceu até o seu falecimento em 1918.

Póstumas também foram suas duas maiores obras, somente elas capazes de honrar a memória de um homem e de toda uma longa vida dedicada à Geografia: os Príncipes de Géographie Humaine, publicados em 1922 e coordenados por EMMANUEL DE MARTONNE, seu genro; e a Géographie Universelle, que não contém uma só linha escrita por Vidal de La Blache, mas que foi por ele cuidadosamente planejada e que reflete sua genial inspiração. Escolhera os colaboradores e chegou a ler alguns manuscritos.

Após sua morte, reuniram-se seus discípulos e, sob a direção de LUCIEN GALLOIS, a monumental obra planejada foi levada a cabo. Entre 1927 e 1948, sucederam-se 15 tomos, constituindo 23 volumes em grande formato, fartamente ilustrados, impressionantemente uniformes, como se apenas um autor os houvesse escrito. É que suas 7600 páginas saíram das mãos de discípulos que souberam honrar a memória do Mestre: ALBERT DEMANGEON; EMMANUEL DE MARTONNE; HENRI BAULIG; MAXIMILIEN SORRE; JULES SION; RAOUL BLANCHARD; FERNAND MAURETTE, e muitos outros, a maioria correspondendo à fina flor da Geografia francesa da primeira metade desde século.

EMMANUEL DE MARTONNE analisou os Princípios de Geografia Humana, a obra prima de Vidal de La Blache. Acentuou “a maneira pela qual o ponto de vista histórico penetra, domina, inspira o exame, a classificação e a explicação de todos os fatos”. Ninguém antes havia mostrado, no mesmo grau, a preocupação de encarar os fenômenos da Geografia Humana atuais como estádios de uma longa evolução.

A geração que podemos denominar de Geógrafos dos Anos Setenta, pois nasceram aproximadamente há um século atrás, numa França agitada e dilacerada por graves acontecimentos militares, políticos e sociais. Geração que sofreu durante a Primeira Guerra Mundial e cujos expoentes, na maioria, também conheceu os horrores da Segunda Guerra Mundial.

A essa geração que foi orientada por Vidal de La Blache pertenceram entre outros: Jean Brunhes; Albert Demangeon; Emmanuel de Martonne; Henri Baulig; Raoul Blanchard; Lucien Febvre; Jules Sion; Camille Vallaux e Maximilien Sorré.

Jean Brunhes, considerado o mais brilhante dos discípulos de Vidal de La Blache, que lecionou na Universidade de Lausanne, Suíça, e em 1907 inaugurou a primeira cadeira de Geografia Humana de toda a Europa e da América, substituindo por essa expressão aquela que até então vinha sendo utilizada, criação de Ratzel, a Antropogeografia.

A coleção dirigida por Gabriel Hannotaux – a Histoire de la Nation Française – coube a Jean Brunhes a tarefa de escrever os dois primeiros volumes: Géographie Générale et Géographie Regionale (1920), e Géographie Politique et Géographie du Travail (1926), este último com a colaboração de PIERRE DEFFONTAINES, seu discípulo amado.

Luminosa geração, cujos reflexos chegaram até o Brasil notadamente por discípulos verdadeiramente à altura dos Mestres, que tiveram – Pierre Deffontaines, Pierre Monbeig, Francis Ruellan, Roger Dion, Pierre Gourou, Louis Papy.

Gloriosa geração que modelou os responsáveis pela fundação e sobrevivência da Associação dos Geógrafos Brasileiros e formou os membros da chamada Escola Paulista de Geografia.

21- Alguns Docentes orientados pelo Professor Aroldo de Azevedo

Além de sua obra científica e pedagógica, o **Professor Aroldo de Azevedo** orientou vários alunos, alguns dos quais também se tornaram Docentes na Universidade de São Paulo, destacando-se:

- 1- José Ribeiro de Araújo Filho, Doutorado em 1950.
- 2- Aziz Nacib Ab'Saber, Doutorado em 1956.
- 3- Antonio Rocha Penteado, Doutorado em 1963.

21.1 José Ribeiro de Araújo Filho

Ingressou na Universidade em 1939 obtendo o Bacharelado e Licenciatura em 1941. Defendeu Tese para Título de Doutor em Geografia Humana em 1950 com o Tema:- A Baixada do Rio Itanhaém: Estudo de Geografia Regional, sob orientação do Professor Aroldo Edgard de Azevedo. Defendeu Tese para Livre Docência em 1967 com o Tema:- Santos: o Porto do Café.

Prestou Concurso de Títulos e Provas para Provimento de Cátedra em 1968 com o Tema:- O Porto de Vitória. O Concurso teve como Comissão Julgadora os Professores: Aroldo de Azevedo; João Dias da Silveira e Ary França, escolhidos pelo Conselho Técnico Administrativo da FFCL, e Alfredo Ellis Junior, José Veríssimo da Costa Pereira pela Congregação da Universidade.

Áreas de atuação:- Professor Assistente da Cadeira de Geografia do Brasil (1945).
Diretor da AGB de 1974 a 1976.

Suas principais publicações:

1943 – Andradina. In: Boletim da AGB, Ano 3, No. 3, Novembro, páginas 59-63.

1944 – O Perigo Japonês (Resenha Bibliográfica). In: Boletim da AGB, ano IV. nº. 4. Maio de 1944. São Paulo.

1949 – O Caiçara na Região de Itanhaém. In:Boletim Paulista de Geografia. No. 2, julho. São Paulo.

1956 – O Café – Riqueza Paulista. BPG. No. 23

1958 – A População Paulistana. In: A Cidade de São Paulo.

1967 - Santos: o Porto do Café. IBGE. Rio de Janeiro.

1968 - O Porto de Vitória. IGUSP (Tombo 413 A.4619)

1976 – Editorial. BPG. No. 50. 5-6. São Paulo

21.2 Aziz Nacib Ab'Saber

Ingressou na Universidade em 1942, obteve o Bacharelado em 1944 e Licenciatura em 1945, e Especialização em Geografia em 1947.

Defendeu Tese para Doutorado em Geografia Física em 1956 com o TEMA:- Geomorfologia do Sítio Urbano de São Paulo, sob a orientação do professor Aroldo Edgard de Azevedo.

Apresentou Tese de Livre Docência em 1965 com o Tema:- Da Participação das Depressões Periféricas e Superfícies Aplainadas na Compartimentação do Planalto Brasileiro.

Prestou Concurso de Títulos e Provas para Provimento de Cátedra em 1968 com o Tema:- Bases Geomorfológicas para o Estudo do Quaternário no Estado de São Paulo.

Área de Atuação:- Em 1949 foi Técnico de Laboratório de Geografia Física, e em 1950 Professor Auxiliar em Geografia. Professor Auxiliar em Geografia do Brasil em 1953; Professor Assistente do Departamento de Geografia. Professor Emérito da USP. Escreveu extensa bibliografia das quais se destaca no Anexo D.

21.3 Antonio da Rocha Penteadó

Ingressou na Universidade em 1942 obtendo o Bacharelado e Licenciatura em 1944. Doutorado em Geografia Humana em 1963, sob a orientação do Professor Aroldo Azevedo com o Tema:- Problemas de Colonização e de uso da Terra na Região Bragantina do Estado do Pará.

Áreas de atuação:-Auxiliar de Ensino em Geografia do Brasil de 1946 a 1954. Chefe do Departamento de Geografia em 1978/79.

Dentre sua obras publicadas se destaca:

1948 – Aspectos do Baixo-Amazonas. In: Filosofia Ciências e Letras, no. 11, novembro. São Paulo.

1949 – Manual de Geografia Geral. Destinado à 1ª. Série Ginásial. Editora do Brasil S/A. São Paulo.

1949 – Manual de Geografia Geral. Destinado à 2ª. Série Ginásial. Editora do Brasil S/A. São Paulo.

1949 – Belém do Pará. In: Anuário da Faculdade de Filosofia "Sedes Sapientiae". São Paulo.

1949 – Vigilangas do Baixo-Amazonas. In: Boletim Paulista de Geografia no. 2, julho. São Paulo.

1949 – O Porto de Caraparú. In: CLAN. Órgão do Centro Acadêmico Horacio Berlinck. Abril, São Paulo.

22 - Outros nomes de destaque: Especialidades

22.1 Elina de Oliveira Santos

Ingressou na Universidade em 1938. Obteve o Bacharelado e Licenciatura em 1941. Especialização em Geografia em 1948.

Defendeu Tese para Doutorado em Geografia Física em 1950 sob a orientação do Professor João Dias da Silveira, com o Tema:-A Industrialização de Sorocaba - Bases Geográficas. Participaram da Comissão Examinadora:- Viktor Leinz; Aroldo Azevedo; Ari França e Eduardo Alcântara de Oliveira.

Área de atuação:- Professora Assistente de Geografia Física a partir de 1942.

22.2 Maria de Lourdes Pereira de Souza (Radesca)

Ingressou na Universidade em 1938, obteve o Bacharelado e Licenciatura em 1940.

Áreas de atuação:- Professora Auxiliar de Geografia Humana a partir de 1942, e Professora Assistente em Geografia Física em 1944..

22.3 Pasquale Petrone

Ingressou na Universidade em 1944. Obteve o Bacharelado e Licenciatura em 1947, e Especialização em Geografia em 1951.

Defendeu Tese para Doutorado em Geografia Humana em 1961 com o Tema:- A Baixada do Ribeira: Estudo de Geografia Humana, sob a orientação do Professor Ary França.

Áreas de atuação:- Professor Auxiliar de Ensino na Área de Geografia Humana a partir de 1954. Muitos de seus alunos Orientandos de Mestrado e Doutorado tornaram-se Docentes na Universidade.

Dentre suas obras destacam-se:

1949 – Anotações para Estudo da Cidade de Santos. Boletim da FFCL No. 12. Páginas 99 a 109.

1962 – Aspectos Geográficos da área de Colonização Antiga do Estado do Espírito Santo. Boletim da AGB. No. 3.

1964 – Aldeamentos Paulistas e suas Funções na Valorização da Região Paulistana.

1965 – África. Boletim da AGB. Pág. 38-46.

1975 – O Aparecimento da Megalópole Nacional.

22.4 Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro

Graduado em Geografia e História pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Florianópolis, atual Universidade de Santa Catarina em 1950. Teve na UFSC como orientadora a professora Lysia Cavalcante Bernardes. José Veríssimo da Costa Pereira na Universidade do Centro Oeste.

Entre 1951 a 1953 estudou como Bolsista na Faculte des Sciences da Universidade de Paris (Sorbonne).

Em 1967 defendeu Tese de Doutorado em Geografia Física da Universidade de São Paulo sob a orientação do Professor Aziz Nacib Ab'Saber com o Tema:- O Ritmo Hibernar da Frente Polar e as Chuvas na Fachada Sub-tropical Atlântica do Brasil: Contribuição Metodológica à Análise Geográfica dos Tipos de Tempo no Brasil.

Em 1975 apresentou a Tese para Livre Docência na USP com o Tema:- Teoria e Clima Urbano.

Área de atuação:- Professor de Geografia na UNESP – Rio Claro -SP entre 1960/64.

Professor na Faculdade Catarinense de Filosofia, atual Universidade Federal de Santa Catarina entre 1962 e 1963. Professor da Universidade de Brasília. Professor de Geografia, na disciplina de Climatologia na Universidade de São Paulo. Além de orientar diversos alunos em Mestrado e Doutorado.

No período em que lecionou na USP, o Professor Figueiredo produziu inúmeras obras sobre Climatologia, relacionadas no Anexo D.

22.5 Liliana Lagana (Liliana Lagana Fernandes)

Ingresso na Universidade:-

Bacharelado e Licenciatura:- 1962.

Mestrado em Geografia Humana:- 1969. Tema:- O Bairro Rural dos Pires: Estudo de Geografia Agrária.

Orientador do Mestrado:- Nice Lecocq Müller

Doutorado em Geografia Humana:- 1972. Tema:- Bairros Rurais do Município de Limeira: Estudo Geográfico.

Orientador do Doutorado:- Pasquale Petrone.

Publicações:

1996 – Terra Vermelha. Revista do Imigrante. Centro de Estudos Migratórios IX, no. 26, páginas 5-6.

22.6 José Bueno Conti

Ingressou na Universidade em 1955 obtendo o Bacharelado e Licenciatura em 1958. Defendeu Tese de Doutorado na área de Geografia Física em 1973 com o Tema:- Circulação Secundária e o Efeito Orográfico na Gênese das Chuvas na Região Lesnordeste Paulista, sob orientação do Professor Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro.

Apresentou Tese para Livre Docência em 1995 com o Tema:- Desertificação em áreas Tropicais. Proposta de Metodologia de Estudo Aplicada ao Nordeste Brasileiro.

Área de atuação:- Bolsista na Universidade Fermon Clermont (Paris). Fez Estágio no Departamento de Geografia entre 1960 e 1963 com: Estudos do Quadro Natural e Organização Espacial no Estado de São Paulo. Colaborador no Instituto Geográfico e Geológico do Estado de São Paulo entre 1960 e 1963; Instrutor no Departamento de Geografia de 1964 a 1970; Auxiliar de Ensino de 1971 a 1972;

Professor Colaborador em 1973; Professor Doutor de 1973 a 1995; Professor Associado de 1995 a 1996; e Professor Titular a partir de 1997.

Disciplinas Ministradas: Fundamentos Naturais da Geografia; Climatologia I; Climatologia II; NÍVEL DE POS GRADUAÇÃO: Climatologia da Faixa Intertropical.

O Professor Conti é autor de diversos artigos e trabalhos sobre Climatologia, e algumas de suas obras estão relacionadas no Anexo D.

22.7 Gil Sodero de Toledo

Bacharelado e Licenciatura em 1959. Defendeu Tese de Doutorado na Área de Geografia Física em 1974 com o Tema:-Tipos de Tempo e Categorias Climáticas na Bacia do Alto Tiete: Ensaio Metodológico, sob orientação do Professor Aziz Nacib Ab'Saber.

Áreas de atuação:-Professor de Geografia Física Integrada, com ênfase em Climatologia Sistemática e Regional. Materiais e Processos Pedagógicos relativos ao Curso de Geografia em todos os Níveis. Foi Coordenador do Laboratório de Climatologia.

Algumas de suas obras publicadas:

Fatores Climáticos;

Geografia – Telecurso 2º. Grau;

A Geografia serve para fazer a Guerra?

Aspectos da Geografia Urbana Paulistana. Aerofotointerpretação.

Os Climas da Terra (I e II partes). Fundação Padre Anchieta.

O Mundo Tropical. Curso Supletivo de I Grau. Fundação Padre Anchieta.

Caracterização e Representação de Volumes Pedológicos em Marília – SP.

Revista do Departamento de Geografia.

Zoneamento do Meio Físico da Estação Ecológica da Jureia. Um Projeto Integrado de Pesquisa e Ensino de Geografia.

22.8 José Roberto Tarifa

Mestrado em Geografia Física:- 1972.Tema:- Sucessão de Tipos de Tempo e Variação do Balanço Hídrico no Extremo Oeste Paulista.

Doutorado em Geografia Física: 1974. Tema:- Fluxos Polares e as Chuvas de Primavera-Verão no Estado de São Paulo: uma Análise Quantitativa do Processo Genético.

Orientador:- Carlos Augusto Figueiredo Monteiro

Livre Docência: 2002. Tema:- Os Climas nos Maciços Litorâneos da Jureia Itatins: um Ensaio de Ritmanálise.

Professor da Disciplina de Climatologia.

Coordenador do Laboratório de Climatologia e Biogeografia.

Publicações: Vide Anexo D

22.9 Augusto Humberto Vairo Titarelli

Bacharelado e Licenciatura em 1957.

Mestrado em Geografia Física:- 1972. Tema:- A Onda de Frio de Abril de 1971 e sua Repercussão no Espaço Geográfico Brasileiro.

Dourado em Geografia Física:- 1975. Tema:- O Vale do Parateí: Estudo Geomorfológico.

Orientador: Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro

ATUAÇÃO PROFISSIONAL

Professor de Geografia Física.

Publicações:

1972 – A Onda de Frio de Abril de 1971 e sua Repercussão no Espaço Geográfico Brasileiro. Climatologia 4, São Paulo. IGUSP.

1982 - Alteração do Clima Local nos Centros Urbanos: Efeitos Adversos da Urbanização. Caderno Prudentino de Geografia, no. 3, IPEA-UNESP. Pp.28-35. Presidente Prudente.

1982 - Air Pollution Episodes in São Paulo's Metropolitan Area. 24th. International Geographical Congress. Brazil. Agosto/82.

22.10 Magda Adelaide Lombardo.

Graduação em Geografia: 1972 – UNESP.

Especialização em Cartografia:- 1974 – UNESP.

Mestrado-Geografia Humana:-1978. Tema: Economia de Mercado e Organização do Espaço Agrário: o exemplo de Cordeirópolis.

Orientador do Mestrado: Liliana Lagana Fernandes

Doutorado-Geografia Física -1984 Tema: A Ilha de Calor da Metrópole Paulistana.

Orientador do Doutorado:- José Roberto Tarifa

Pós Doutorado:-1992 – Universidade de Maryland -EUA.

Pós Doutorado:- 1993 - Universidade da Califórnia – (Berkeley)-EUA.

Livre Docência:- 1995 – Universidade de São Paulo. Tema: Ilha de Calor na Metrópole de São Paulo.

Pós Doutorado:- 1997 - Universidade de Kassel (Alemanha).

Pós Doutorado:- 2000 - Universidade Columbia – New York- EUA.

ATUAÇÃO PROFISSIONAL

Pesquisadora do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE) de 1978 a 1984.

Professora no Departamento de Geografia da USP; Instituto de Geociências e Ciências Exatas da UNESP-Rio Claro

Disciplinas Ministradas: Cartografia; Sensoriamento Remoto; Geoprocessamento; Reestruturação Econômica Global e Cidade Mundial..

Publicações: Vide Anexo D

22.11 Regina Araújo Almeida (Vasconcelos)

Graduação em História: 1976

Graduação em Geografia: 1982

Mestrado Geografia Física: 1988. Tema:-O Tratamento Gráfico do Conforto Térmico no Estado de São Paulo. Um Ensaio Metodológico.

Orientador do Mestrado:- Augusto Humberto Vairo Titarelli

Doutorado: 1993 – Tema: A Cartografia Tátil e o Deficiente Visual: uma Avaliação das Etapas de Produção e Uso de Mapas.

Orientador do Doutorado:- José Roberto Tarifa

Áreas de Atuação:

Professora de Climatologia; Cartografia; Viagens e Turismo; Cartografia para Deficientes Visuais; Populações Indígenas; Percepção Espacial.

Publicações:

1983 – Estimativa e Representação da Temperatura no Brasil. In: Revista do Departamento de Geografia da USP, No. 2, pág. 19-44. Orient. José Roberto Tarifa.

22.12 Tarik Rezende de Azevedo

Ingressou na Universidade em 1988.

Bacharelado em 1995. Trabalho de Graduação Individual: Determinação e Representação da Distribuição da Chuva: um Estudo de Caso.

Licenciatura em Geografia; 1996. TGI 1 – Determinação e Representação da Distribuição Espacial da Chuva: Um Estudo de caso.

Doutorado na área de Geografia Física: 2001.

Orientador: José Roberto Tarifa.

Tema: Derivação Antrópica do Clima na Região Metropolitana de São Paulo Abordada como Função do Ritmo Semanal das Atividades Humanas

Áreas de Atuação:

Professor na Universidade Paulista – UNIP (1997-2001); Professor Doutor no Departamento de Geografia da FFLCH/USP desde 2001. Membro da Sociedade Brasileira de Climatologia.

Disciplinas Ministradas: Climatologia I; Climatologia II; Fundamentos Naturais de Geografia; Estágio Supervisionado em Climatologia; Iniciação à Pesquisa em Geografia II; Trabalho de Graduação Individual em Geografia I e II.

Coordenador do Laboratório de Climatologia e Biogeografia.

Publicações:

2001 – O Fluxo de Calor Gerado pelas Atividades Humanas. In: Tarik Rezende de Azevedo; José Roberto Tarifa (org.). Os Climas da Cidade de São Paulo. – Teoria e Prática. 1ª. Edição. São Paulo, 199 páginas. GEOUSP. Coleção Novos Caminhos, no. 4, no qual apresenta dois artigos ensaio metodológico.

2001 – A distribuição Espacial da Chuva: um ensaio metodológico. In: Tarik Rezende de Azevedo; José Roberto Tarifa (Org.). Os Climas da Cidade de São Paulo – Teoria e Prática. 1ª. Edição. São Paulo, pág. 155-164.

2001 – O Ritmo Semanal das Atividades Humanas e O Clima na Região Metropolitana de São Paulo. Revista da GEOUSP. No. 9

2003 – & Ribeiro, Helena. O Patrimônio em Áreas Verdes de São Paulo e a Atmosfera Urbana. In: Ana Lucia Duarte Lanna (Org.). Meio Ambiente: Patrimônio Cultural da USP; 1ª. Edição. Pág. 19-40. São Paulo

2004 - A Frota de Automóveis e o Pó que São Paulo respira. In: Ana Fani Alessandri Carlos; Ariovaldo Umbelino de Oliveira (Org.). Geografias de São Paulo, 1ª. Edição. Pág. 73-88. São Paulo.

22.13 Emerson Galvani

Graduação em Geografia pela Universidade Estadual de Maringá-PR:- 1993.

Mestrado em Agrometeorologia pela Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, ESALQ-USP:- 1995.

Tema:- El Niño Oscilação Sul (ENOS) e seus efeitos nas Chuvas de Piracicaba-SP.

Orientador:- Antonio Roberto Pereira.

Doutorado em Agronomia (Energia na Agricultura) pela Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho – UNESP – Botucatu – SP. 2001.

Tema:- Avaliação Agrometeorologica do Cultivo de Pepino (*Cucumis sativus* L.) em Ambientes Protegidos e a Campo, em Ciclos de Outono-Inverno e Primavera-Verão.

Campos de Atuação:

Professor no Centro Universitário Mont Serrat – UNIMONTE (1999-2003); Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT (1995); Universidade Estadual de Maringá – UEM – Maringá – PR(1992-1994); Colaborador na Universidade de São Paulo (2001-2002); Professor Doutor desde 2003.

Disciplinas Ministradas:- Climatologia I; Climatologia II; Agrometeorologia; Iniciação à Pesquisa em Geografia; Estatística

Publicações:

1995 – R\$407,71 – Este deveria ser nosso novo Salário Mínimo. Artigo publicado na Tribuna de Rondonópolis. Rondonópolis – MT. 23 de maio de 1995.

1997 – "El Niño": que diabos é isso? Artigo publicado no Jornal de Piracicaba, Piracicaba-SP. 01 de fevereiro de 1997.

1997 – O Papel da Cidade como ponto de atração/repulsão do homem do campo. Artigo publicado no Jornal de Piracicaba. Piracicaba-SP. 10 de abril de 1997.

2004 – Considerações acerca dos estudos Bioclimaticos. In: Ana Fani Alessandri Carlos e Ariovaldo Umbelino de Oliveira (Org.): As "Geografias" da Metrópole. 1ª. Edição. São Paulo. Vol. 2, pág. 221-229.

2005 – Zonas Climáticas. In: Instituto Sócio Ambiental (Org.). Almanaque Brasil Sócio-Ambiental. 1ª. Edição. São Paulo, pág. 294.295.

2005 – Sistematização de Dados Quantitativos. In: Luis Bittar Venturi (Org.). Manual de Técnicas de Campo e Laboratório em Geografia. 1ª. Edição. S.Paulo, pág. 79-86.

22.14 Maria Elisa Siqueira Silva

Graduação em Meteorologia pela Universidade de São Paulo: 1989.

Mestrado em Meteorologia – USP/SP:- 1994

Tema:- Previsão Probabilística da Precipitação no Estado de São Paulo, baseada em Componentes principais.

Orientador:- Pedro Leite da Silva Dias.

Doutorado em Meteorologia – USP/SP:- 2002

Tema:- Impacto Climático na Região Amazônica, considerando a inclusão de um esquema de hidrologia de superfície em um modelo estatístico médio zonal.

Orientador:- Sergio Henrique Franchito.

Campos de Atuação:

Professora Doutora MS-3 no Departamento de Geografia da FFLSC/USP desde 2003. Participa de Projetos de Pesquisa no Instituto Astronômico e Geofísico, Departamento de Ciências Atmosféricas da USP.

Disciplinas:- Climatologia II; Estagio Supervisionado em Climatologia.

Publicações:

1996 – Estudo da Previsibilidade da Precipitação sobre o Estado do Ceará. Relatório Científico – CNPQ.

2005 – (Rocha, H.R.;;) Modelagem da Interação Biosfera-Atmosfera. In: Ana Fani Alessandri Carlos (Org.).

23 - REFLEXÕES E CONSIDERAÇÕES

Ao pesquisar o Esboço Inicial da Climatologia, no Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, deparamo-nos com um dado curioso, se não se refletisse na atual qualidade de vida e preservação do meio em que vivemos. O dado, que não é surpresa para ninguém, é a ausência total de referências a instituições de ensino superior no Brasil por longos anos, desde a posse de Portugal desta terra, a educação nunca recebeu a devida e necessária atenção por parte dos governantes.

Logo após o chamado "descobrimento", o Pacto Colonial acordado era bem claro quanto às intenções das metrópoles européias em relação ao novo continente. Não havia realmente interesse em desenvolver-se aqui algum tipo de sociedade que pudesse concorrer com a Metrópole, o desejo de independência precisava permanecer adormecido e a educação poderia acirrará-lo.

Entretanto, nas colônias espanholas, houve um progresso gradual nessa área. Já na América do Norte, essas instituições foram implantadas paulatinamente, mostrando desde logo que ali havia um pensamento diferente com relação à educação dos colonizadores. O objetivo era incorporar as novas terras e não apenas explorar os seus recursos.

Os movimentos sociais e políticos, violentamente sufocados, certamente concorreram para o atraso na criação de instituições de ensino e a tomada de decisão quanto a uma educação que refletisse a nossa identidade e as peculiaridades dessa terra tão diferente quanto à fauna, flora, relevo, clima, miscigenação.

Mesmo conquistando a emancipação política e, posteriormente a proclamação da República, o Brasil não conseguiu instituir as reformas necessárias para construir uma educação que tirasse o país do atraso social e econômico. Outros países também passaram por agitações de grande envergadura, entretanto São Domingos, entre outros, já no século XVI, criara seu Ensino Superior.

Aqui, a educação foi sendo sempre deixada de lado. Não que não houvesse projetos nesse sentido, apenas educar nunca foi prioridade. As elites tinham condições de mandar seus filhos à Europa e não lhes interessava que as classes menos privilegiadas tivessem acesso à formação superior. A cultura da mão de obra barata é antiga e permeia ainda hoje a nossa sociedade.

A primeira universidade brasileira, a Universidade de São Paulo, surgiu de um projeto político, que muitas vezes já fôra postergado. Foi instituído após a derrota do Estado de São Paulo, na Revolução Constitucionalista de 1932 e ainda no rastro do impacto causado pela Semana de Arte Moderna de 1922 Com o orgulho ferido e a auto-estima ofendida, os pensadores e políticos paulistas encontraram no projeto de fundar a tão sonhada Universidade, uma motivação para superar o problema e reconquistar a hegemonia, ainda que de maneira indireta.

O decreto de constituição encontrou de pronto um problema fundamental: não havia no país professores com formação suficiente para suprir o número de profissionais necessários para um ensino atualizado das ciências conforme a universidade se propunha.

A subseção de Geografia e História, particularmente, contou com professores de renome, ligados a personalidades internacionalmente conhecidos da escola francesa, principalmente no campo da Geografia.

Ao se iniciar a universidade em 1934, o ensino da Geografia esteve a cargo do professor Pierre Deffontaines, que enfrentando as adversidades, deu início ao curso. Num primeiro momento, a Geografia Humana e a Geografia Física eram dadas em conjunto. No ano seguinte, com a chegada do jovem geógrafo Pierre Monbeig, que continuou a obra iniciada por Deffontaines, as diferentes áreas da Geografia eram ainda assim lecionadas.

Em 1937 a USP contou com outro renomado geógrafo em seus quadros, Emmanoel De Martonne, especializado em Geografia Física. Nesse ano foi ministrado sob sua orientação, pela primeira vez, um curso específico de Climatologia. As aulas estiveram a cargo do aluno Licenciado João Dias da Silveira.

Ao retornar para a França em fins de 1938, De Martonne sugeriu a divisão da ciência Geografia em Física e Humana, o que foi ocorreu a partir de 1939. João Dias da Silveira foi o primeiro professor auxiliar contratado, depois Assistente do Departamento de Geografia Física. Assumiu a chefia da Cadeira de Geografia Física, em caráter interino até 1949, quando prestou Concurso de Títulos e Provas para provimento de Cátedra, efetivando-se no cargo.

Até o surgimento da Universidade de São Paulo, os fenômenos climáticos eram estudados através das medições e pesquisas efetuadas por profissionais ligados aos observatórios meteorológicos. Esse tipo de pesquisa e a documentação dela proveniente, são até hoje preciosas para os climatologistas.

O Clima e os Tipos de Tempo passaram a ser estudados pelo alunos. A partir de 1942, a Cadeira de Geografia Física contou com a colaboração da Professora Assistente Elina de Oliveira Santos, doutoranda em 1950, sob a orientação do professor João Dias da Silveira. A Professora Elina permaneceu por muitos anos no Departamento, período em que o estudo da Climatologia adquiriu maior relevância.

Em 1949 a Geografia Física contou com a colaboração da professora Maria de Lourdes Pereira de Souza Radesca, do Profº Paulo Pereira de Castro e em 1950 com Aziz Nacib Ab'Saber, que foi o Técnico do Laboratório do Departamento.

Sob a orientação do professor Monbeig, Ary França defendeu em 1945 sua tese de doutoramento, com o Tema: Estudo sobre o Clima na Bacia de São Paulo, resultado de suas pesquisas sobre o Clima. Em 1946 recebeu uma Bolsa do governo francês para estudar Geografia Geral, Geografia Humana e Cartografia no Instituto de Geografia na Universidade de Paris, onde realizou pesquisas de Climatologia sob a orientação do geógrafo Maxuimilien Sorré.

Ao retornar ao Brasil, prestou exames de títulos e provas para provimento de cátedra, tornando-se chefe do Departamento de Geografia Humana. Apesar da Climatologia estar mais ligada à Geografia Física, o Professor Ary França sempre colaborou com seu conhecimento dessa área.

Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro defendeu tese de doutorado em 1967 sob a orientação do Professor Aziz Nacib Ab'Saber, com o tema: O ritmo hibernal da frente polar e as chuvas na fachada sub-tropical Atlântica do Brasil: contribuição metodológica à análise geográfica dos tipos de tempo no Brasil. depois de suas experiências na Universidade Federal de Santa Catarina (Florianópolis), Unesp de Rio Claro e Universidade de Brasília.

O professor Figueiredo permaneceu na Universidade de São Paulo de 1968 a 1987. Durante esse tempo dedicou-se ao estudo da Climatologia e orientou outros alunos. Esses especializaram-se nessa área e tornaram-se Docentes na própria Universidade como: José Bueno Conti, doutorado em 1972, e José Roberto Tarifa, doutorado em 1974; Gil Sodero de Toledo (1974); Augusto Humberto Vairo Titarelli (1975); Magda Adelaide Lombardo (1984); Regina Araújo Almeida (1993)

Atualmente o Departamento de Geografia conta com os seguintes especialistas em Climatologia: professores José Bueno Conti; Tarik Rezende de Azevedo; Emerson Galvani e Maria Elisa Siqueira Silva.

Em discurso na aula inaugural aos alunos da disciplina de Climatologia, do curso de Geografia da Universidade Federal de Santa Catarina, proferida em 24 de março de 1998, o Professor Figueiredo afirmou: "... minha obra Clima e Excepcionalismo, uma revisão e avaliação autocrítica do que eu, pessoalmente, e com os meus orientandos, havia produzido na pesquisa climatológica no Brasil. Ao lado disto expunha ali os resultados dos esforços que eu fizera para sondar as novas possibilidades que se abrem atualmente, no campo da Ciência, para incrementar os estudos da atmosfera para o futuro próximo. Tudo naquela obra visava passar o bastão para os jovens interessados na pesquisa naquele setor do conhecimento". (Monteiro, 1999, pág.)

O tratado dos climas ou da sua influência sobre a economia animal – a Climatologia, objeto desse estudo, sempre teve papel importante na vida dos grupos humanos e influenciando sua História. O ser humano, embora possa adaptar-se praticamente em qualquer parte da superfície da Terra, procura fixar-se em locais onde as temperaturas sejam mais confortáveis. "Aproximadamente 40% da população do globo habita a faixa intertropical e aí se distribui de forma muito desigual, fato já conhecidos de todos". (Conti, 1997, pág.19).

A História da humanidade apresenta muitos fatos importantes influenciados, entre outros fatores, por condições climáticas. “Durante o longo período entre o início da era cristã e os séculos XIV e XV, houve inúmeras migrações de populações nômades das estepes asiáticas em direção à Europa, em busca de áreas menos frias e mais férteis”. (Conti, 1988 pág 29).

A crise do Feudalismo no Século XIV, que pode ser considerada como determinante para a decadência do sistema feudal, teve como motivo a seqüência de verões chuvosos, que provocaram estragos nas colheitas, a ponto de quase faltar sementes para a semeadura seguinte.

Em 1588, a “Invencível Armada” da Espanha, foi atingida por um grande temporal no Mar do Norte, grande parte dos seus navios afundou, possibilitando a vitória militar da Inglaterra. A partir de então a Inglaterra consolidou sua hegemonia naval no mundo.

Os fatos históricos são resultado de processos, muitas vezes demorados, e alguns fatores determinantes nem sempre são lembrados, como as provocadas pelas condições climáticas, por exemplo, como a que ocorreu na Europa, particularmente na França que sofreu um inverno rigoroso em 1788, provocando escassez de alimentos e aumento dos preços. A população que já enfrentava outras dificuldades, teve na falta do produto que constituía a base da alimentação, o pão, um fator desencadeador maior para demonstrar sua insatisfação. Faminta e revoltada articulou a Tomada da fortaleza da Bastilha em 14 de julho de 1789, auge da revolta popular, marco inicial da Revolução Francesa.

A contenção do avanço das tropas de Napoleão sobre a Rússia em 1812 costuma ser atribuída ao “General Inverno”, pelo rigor do inverno daquele ano em toda a região. Situação semelhante ocorreu a partir de dezembro de 1941, quando o rigoroso inverno russo passou a castigar duramente as tropas alemãs.

O famoso “Dia D”, operação em código que marcou a invasão da Europa pelos exércitos aliados durante a Segunda Guerra Mundial, foi realizada no dia 6 de junho de 1944. A data escolhida é próxima ao início do Verão no hemisfério norte, período de dias mais longos, com boa visibilidade para operações aéreas e navais, e tempo bom necessário para a consolidação das bases conquistadas. Por outro lado o mau tempo que antecedeu o dia marcado para a invasão, confundiu a espionagem nazista, que não acreditou que as tropas aliadas pudessem realizar uma manobra de tão grande envergadura com tempo chuvoso. Assim, as condições meteorológicas foram elementos de grande importância para o sucesso das operações militares.

“O clima é apenas uma das características do nosso ambiente natural e deve ser usado de forma sábia (...). A degradação do meio ambiente em qualquer região da Terra pode influir sobre o comportamento da atmosfera de outro local”. (Declaração da Conferência Mundial do Clima, Genebra, 1979, in Conti, 1988, pág. 33)

“A preocupação com o meio ambiente e as relações entre sociedade e natureza constituem atualmente temas de indiscutível relevância”.

A compreensão dos fenômenos naturais como secas, enchentes, elevação de temperaturas e outras, não devem ser preocupação apenas dos cientistas e pesquisadores da área, mas de todos os cidadãos. É necessário que a sociedade perceba em que medida as ocorrências naturais são produzidas por fatores naturais, ou pela ações antrópicas provocadas pelo próprio homem.

Após conhecer as várias dimensões dos fenômenos climáticos, cada cidadão será capaz de exigir, tanto das autoridades governamentais, como de toda sociedade, uma ação eficaz voltada para a preservação do meio ambiente e, conseqüentemente, da vida ". (Conti, 1998, pág.3).

As pesquisas realizadas até o presente momento, revelam que muito ainda pode e deve ser realizado para o desenvolvimento do estudo da Climatologia. As possibilidades trazidas com novas tecnologias trazidas pela Ciência nos dão essa possibilidade que precisa ser aproveitada pelos estudiosos dessa disciplina.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LIVROS

AFONSO, Eduardo José. O Contestado. Editora Ática S. A. São Paulo. 1994.

ARRUDA, José Jobson de; PILETTI, Nelson. Toda a História. Editora Atica. São Paulo, 1995.

AYOADE, J.O. Introdução à Climatologia para os Trópicos. 8ª. Edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2002.

AZEVEDO, Fernando. História de minha vida. José Olympio, Rio de Janeiro. 1971.

AZEVEDO, Tarik Rezende de; TARIFA, José Roberto (Org.). Os Climas da Cidade de São Paulo – Teoria e Prática. Universidade de São Paulo. GEOUSP – Coleção Novos Caminhos, 4), 199 pág. São Paulo.

CAMPOS, Ernesto de Souza. História da Universidade de São Paulo. São Paulo. Universidade: Reitoria. 1954.

CONTI, José Bueno. A Geografia Física e as relações sociedade/natureza no mundo tropical. São Paulo. Humanitas Publicações – FFLCH/USP. 1997.

CONTI, José Bueno. Clima e Meio Ambiente. São Paulo, Atual, 1998.

COTRIM, Gilberto. História do Brasil. Um olhar crítico. Editora Saraiva, São Paulo. 1ª. Edição. 1999.

FIGUEIRA, Divalte Garcia. História. Ática. São Paulo, 2002.

GARCIA, Othon Moacyr. Comunicação em Prosa Moderna: Aprender a Escrever, Aprendendo-se a Pensar, 17ª edição, Rio de Janeiro, Editora Fundação Getúlio Vargas, 1997.

KOCH, Zig. Araucária: a floresta do Brasil meridional. Olhar Brasileiro Editora Ltda. Curitiba. 2002.

LOMBARDO, Magda Adelaide. Ilha de Calor nas Metrôpoles – O Exemplo de São Paulo. Editora Hucitec. São Paulo, 1985.

MARTINS, Antonio Egydio, 1860-1922. São Paulo Antigo, 1554-1910/Antonio Egydio Martins; coordenação Paula Porta. São Paulo. Paz e Terra, 2003 (Coleção São Paulo; No. 4). 1ª. Edição 1911/1912. Editora Paula Porta. São Paulo.

MONBEIG, Pierre. La Croissance de la Ville de São Paulo. Institut de Revue de Géographie Alpine. Grenoble. França. 1953.

MONTEIRO, Carlos Augusto Figueiredo. O Estudo Geográfico do Clima. In: Cadernos Geográficos, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. Ano. 1, no. 1. Maio de 1999.

MONTEIRO. Carlos Augusto Figueiredo. Geossistemas – A História de uma Procura. São Paulo. Contexto. 2000.

PONTUSCHKA, Nidia Nacib (Org.). Um Olhar sobre o Campus – São Paulo. Perspectiva Socioambiental. São Paulo. Faculdade de Educação. 1999.

PRADO JUNIOR, Caio. O Fator Geográfico na Formação e no Desenvolvimento da Cidade de São Paulo. Boletim da AGB, ano 1, No. 3. Pág.239-262. 1935.

PRADO JUNIOR, Caio. História Econômica do Brasil, 25ª edição. 1ª. edição 1945 São Paulo. Editora Brasiliense. 1980.

SALGUEIRO, Heliana Angotti (Coord.). Pierre Monbeig: A Paisagem na Ótica Geográfica. In: Paisagem e Arte – A Invenção da Natureza, a Evolução do Olhar. CBHA – Comitê Brasileiro de História da Arte. São Paulo. 2000.

SANTOS, Paulo Marques dos. O Serviço Meteorológico do Instituto Astronômico e Geofísico da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1964.

SEVCENKO, Nicolau. A Revolta da Vacina, Coleção História em Aberto. Editora Scipione. São Paulo. 1993.

THERY, Hervé; DROULERS, Martine (Orgs.). Pierre Monbeig – Un Géographe Pionnier. IHEAL – Institut des Hautes Études de l’Amérique Latine. Paris. 1961.

VESENTINI, José William. Sociedade e Espaço. Geografia Geral e do Brasil. 26ª. Edição. Editora Ática. São Paulo. 1996.

JORNAIS – ARTIGOS ASSINADOS

Jornal da USP, ano XVIII, no. 647. São Paulo. Junho de 2003.

BOLETINS

Boletim Paulista de Geografia, Ano 1, No. 3, outubro de 1949.

Boletim Paulista de Geografia, No. 50, março de 1976.

Boletim Paulista de Geografia, No. 68. Numero Especial Comemorativo dos 40 anos de fundação do Boletim.

Boletim Paulista de Geografia, No. 79. São Paulo. Julho de 2003.

Cultura & Roteiro de Turismo, no. 30. Anhembi. São Paulo, janeiro de 2004.

Departamento de Geofísica, 20 anos, 1973-1993. Universidade de São Paulo. Instituto Astronômico e Geofísico. 1993.

Enciclopédia Mirador Internacional. Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicações Ltda. São Paulo – Rio de Janeiro. 1981.

GEOUSP – Espaço e Tempo. Revista da Pós Graduação em Geografia No. 7. Humanitas. FFLCH-USP. São Paulo. Junho de 2000.

INFORME. Informativo da FFLCH – USP. Nova Série no. 30. Maio de 2002.

INFORME – Informativo da FFLCH- USP. Edição Especial 1999-2001. Publicação Comemorativa dos 70 anos da FFLCH/USP. São Paulo: SDI/FFLCH/USP, 2002.

Memória - FFCL - FFLCH. Comissão Organizadora dos 70 anos da FFLCH-USP. São Paulo. 2002.

Novo Dicionário Enciclopédico luso-brasileiro. Lello & Irmão Editores. Porto. 1961.

Novo Dicionário de Historia do Brasil. Organização Geral: Departamento Editorial das Edições Melhoramentos. Cia Melhoramentos de São Paulo. 1970.

USP - O ESPAÇO DA. Presente e Futuro. Universidade de São Paulo. Prefeitura da Cidade Universitária Armando de Salles Oliveira. São Paulo. 1985.

FONTES PESQUISADAS

Arquivos

Centro de Apoio à Pesquisa em História “Sergio Buarque de Holanda” - CAPH
Arquivo da Administração da FFLCH – Universidade de São Paulo.

Catálogo de Dissertações e Teses da USP.

Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras – anos 1934/1935.

Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras – Ano 1936

Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras – Ano 1937/1938

Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras – Ano 1939/1949

Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras – Ano 1950

Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras – Ano 1951

Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras – Ano 1952

Guia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, ano de 1935

Guia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, ano de 1937

Guia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, ano de 1948

Guia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, ano de 1951

Guia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, ano de 1953

Guia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, ano de 1954

Programas aprovados pela Congregação para o Ano Letivo de 1953.

Programas Aprovados pela Congregação para p Ano Letivo de 1954.

Programas Aprovados pela Congregação para o Ano Letivo de 1965.

Programas Aprovados pela Congregação para o Ano Letivo de 1967.

Programas Aprovados pela Congregação para o Ano Letivo de 1968.

Programas Aprovados pela Congregação para o Ano Letivo de 1970.

Programas Aprovados pela Congregação para o Ano Letivo de 1978.

Programas Aprovados pela Congregação para o Ano Letivo de 1979.

Decretos e Portarias

Decreto 6283 de 25 de janeiro de 1934 que cria a Universidade de São Paulo

Decreto 7069 de 6 de abril de 1935. Regulamentação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Boletim Informativo da FFCL, ano 1, no. 3 de 03-10-1970.

Decreto 12038 de 1 de julho de 1941, aprova o Regulamento da FFCL.

Decreto 12511 de 21 de janeiro de 1942, reorganiza a FFCL

Decreto 2594 de 08 de setembro de 1955. Dispõe sobre o desdobramento dos Cursos de Geografia e História.

Decreto 25701 de 04 de abril de 1956. Desdobra os Cursos de Geografia e História.

Portaria GR 80 de 09 de agosto de 1963. Regulamenta o Instituto de Geografia.

Decreto 52326 de 16 de dezembro de 1969, fixa novos Estatutos para a USP

Portaria GR 1023 de 15 de janeiro de 1970. Dispõe sobre as antigas Cátedras.

Portaria GR 1024 de 15 de janeiro de 1970, regulamenta as disciplinas integrantes subordinadas e autônomas.

Decreto 52483 de 03 de julho de 1970, altera a carreira de Docente.

Portaria GR 1380 de 01 de fevereiro de 1971. Estabelece normas relativas às atividades didáticas na USP. Períodos semestrais e codificação das disciplinas.

Bibliotecas

Biblioteca do Departamento de Geografia e História da FFLCH/USP.
Biblioteca Central da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP.
Biblioteca do IEB – Instituto de Estudos Brasileiros.

TESES

AZEVEDO. Tarik Rezende de. Derivação antrópica do clima na Região Metropolitana de São Paulo abordada como função do ritmo semanal das atividades humanas. Tese apresentada o Curso de Pós Graduação em Geografia Física, do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, como parte dos requisitos para obtenção do Título de doutor. Janeiro de 2001, sob orientação do Prof. Dr. José Roberto Tarifa.

FREITAS. Sonia Maria de. Reminiscências da USP – 1934-1954. Dissertação de Mestrado apresentada na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP sob a orientação do Professor Carlos Guilherme Mota. 1993.

MARTINEZ. Paulo Henrique. A dinâmica de um pensamento crítico: Caio Prado Junior (1928-1935). Tese apresentada ao Departamento de História da FFLCJ/USP para obtenção do título de Doutor em História Social, sob orientação do Professor Doutor Ulysses Telles Guariba Netto. São Paulo. 1998.

MONTEIRO. Carlos Augusto de Figueiredo. Teoria e Clima Urbano. Tese de Livre Docência apresentada ao Departamento de Geografia da USP. 1975.

SANTOS. Wilson dos. A obra de Aroldo de Azevedo – uma Avaliação. Dissertação de Mestrado apresentado no Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da UNESP – Rio Claro. 1984.

	CADEIRAS	CATEDRATICOS	DOCENTES
1934	Geografia Física e Geografia Humana	Pierre Deffontaines	Pierre Deffontaines
1935	Geografia Física e Geografia Humana	Pierre Monbeig	Pierre Monbeig
1936	Geografia Física e Geografia Humana	Pierre Monbeig	Auxiliar: João Dias Silveira,
1937	Geografia Física Geografia Humana	Emmanoel De Martonne Pierre Monbeig	Auxiliar: João Dias Silveira, que ministrou Curso de Climatologia
1938	Geografia Física Geografia Humana	Emmanoel De Martonne Pierre Monbeig	Assistente: João Dias da Silveira. Auxiliar: Renato Silveira Mendes
1939	Geografia Física Geografia Humana	João Dias da Silveira (Contratado) Pierre Monbeig	Assistente: Assistente: Maria Conceição Vicente de Carvalho; Auxiliar: Renato Silveira Mendes
1940	Geografia Física Geografia Humana	João Dias da Silveira Pierre Monbeig	Assistente: Maria Conceição Vicente de Carvalho; Auxiliar: Renato Silveira Mendes
1941	Geografia Física Geografia Humana	João Dias da Silveira Pierre Monbeig	Assistentes: Maria Conceição Vicente de Carvalho; Nice Lecocq Muller; Auxiliar: Renato Silveira Mendes
1942	Geografia Física Geografia Humana Geografia do Brasil (criação)	João Dias da Silveira Pierre Monbeig Aroldo Edgard Azevedo (interino)	Assistente: Elina Oliveira Santos. Assistentes: Maria Conceição Vicente de Carvalho; Nice Lecocq Muller; Auxiliar; Renato Silveira Mendes Auxiliares: José Ribeiro de Araújo Filho; Regina Carneiro
1943	Geografia Física Geografia Humana Geografia do Brasil	João Dias da Silveira Pierre Monbeig Aroldo E. Azevedo	Assistente: Elina Oliveira Santos. Assistentes: Maria Conceição Vicente de Carvalho; Nice Lecocq Muller; Ary França Auxiliar: Renato Silveira Mendes Auxiliares: José Ribeiro de Araújo Filho; Regina Carneiro
1944	Geografia Física Geografia Humana Geografia do Brasil	João Dias da Silveira Pierre Monbeig Aroldo E. Azevedo	Assistente: Elina Oliveira Santos Assistentes: Maria Conceição Vicente de Carvalho; Nice Lecocq Muller; Ary França Auxiliares: Maria de Lourdes P. S. Radesca; Renato da Silveira Mendes Assist.: José Ribeiro Araújo Filho Auxiliar: Regina Carneiro

1945	Geografia Física Geografia Humana Geografia do Brasil	João Dias da Silveira Pierre Monbeig Aroldo E. Azevedo (Cat.)	Assistente: Elina Oliveira Santos Assistentes: Maria Conceição Vicente de Carvalho; Renato da Silveira Mendes; Nice Lecocq Müller; Ary França Assist.: José Ribeiro Araújo Filho Aux. Antonio Rocha Penteado
1946	Geografia Física Geografia Humana Geografia do Brasil	João Dias da Silveira Pierre Monbeig Aroldo E. Azevedo	Assistente: Elina Oliveira Santos; Assistentes: Ary França; Renato da Silveira Mendes; Nice Lecocq Muller; Assist.: José Ribeiro Araújo Filho Aux.: Antonio Rocha Penteado
1947	Geografia Física Geografia Humana Geografia do Brasil	João Dias da Silveira Roger Dion Aroldo E. Azevedo	Assistente: Elina Oliveira Santos Assistentes: Ary França; Renato da Silveira Mendes; Nice Lecocq Muller; Assist. Jose Ribeiro Araújo Filho Aux.: Antonio Rocha Penteado
1948	Geografia Física Geografia Humana Geografia do Brasil	João Dias da Silveira Pierre Gourou Aroldo E. Azevedo	Assistente: Elina Oliveira Santos Assistentes: Ary França; Renato da Silveira Mendes; Nice Lecocq Muller; Assist.: José Ribeiro Araújo Fo. Aux.: Antonio Rocha Penteado;
1949	Geografia Física	João Dias da Silveira	Assistentes: Elina Oliveira Santos
	Geografia Humana Geografia do Brasil	(Catedrático) Aroldo E. Azevedo (interino) Aroldo E. Azevedo	Paulo Pereira de Castro; Maria de Lourdes P. S. Radesca Técnico de Laboratório: Aziz Nacib Ab'Saber Assistentes: Ary França; Nice Lecocq Muller; Renato da Silveira Mendes Assist. José Ribeiro Araújo Filho Auxiliares: Antonio Rocha Penteado; Ely Goulart Pereira de Araújo.
1950	Geografia Física Geografia Humana Geografia do Brasil	João Dias da Silveira Ary França (interino) Aroldo E. Azevedo	Assistente: Elina Oliveira Santos Auxiliares: Aziz Nacib Ab Saber; Maria de Lourdes P.S. Radesca; João Soukoup (Cartografia) Assistentes: Nice Lecocq Muller; Renato da Silveira Mendes. Assist. José Ribeiro Araújo Filho Auxiliares: Antonio Rocha Penteado; Ely Goulart Pereira de Araújo.

1951	Geografia Física	João Dias da Silveira	Assistente: Elina Oliveira Santos Auxiliares: Aziz Nacib Ab'Saber; Maria de Lourdes P.S. Radesca
	Geografia Humana	Ary França (interino)	Assistentes: Nice Lecocq Muller; Renato da Silveira Mendes
	Geografia do Brasil	Aroldo E. de Azevedo	Assist: Jose Ribeiro Araújo Filho Auxiliar: Antonio Rocha Penteado
1952 Geografia/ Historia separados	Geografia Física	João Dias da Silveira	Assistente: Elina Oliveira Santos Auxiliares: Aziz Nacib Ab'Saber; Maria de Lourdes P.S. Radesca; João Soukoup (Cartografia)
	Geografia Humana	Ary França (Catedrático)	Assistentes: Nice Lecocq Muller; Renato da Silveira Mendes
	Geografia do Brasil	Aroldo E. Azevedo	Assist: Jose Ribeiro Araújo Filho Auxiliar: Antonio Rocha Penteado
1953	Geografia Física	João Dias da Silveira	Assistente: Elina Oliveira Santos Auxiliares: Aziz Nacib Ab'Saber; Maria de Lourdes P.S. Radesca; João Soukoup (Cartografia)
	Geografia Humana	Ary França	Assistentes: Nice Lecocq Muller; Renato da Silveira Mendes
	Geografia do Brasil	Aroldo E. Azevedo	Assist: José Ribeiro Araújo Filho Auxiliare: Antonio Rocha Penteado
1954	Geografia Física	João Dias da Silveira	Assistente: Elina Oliveira Santos Auxiliares: Maria de Lourdes P.S. Radeska; João Soukoup (Cartografia)
	Geografia Humana	Ary França Pierre Monbeig (professor visitante)	Asistente: Nice Lecocq Müller Auxiliar: Pasquale Petrone
	Geografia do Brasil	Aroldo E. Azevedo	Asist. José Ribeiro Araujo Filho
	Geografia Regional	Renato Silveira Mendes (contratado)	Auxiliares: Antonio Rocha Penteado; Aziz Nacib Ab'Saber

ANEXO - DISCIPLINAS DA GEOGRAFIA CODIFICADAS

CODIGO FLG	DISCIPLINA	OBRIGAT/OPCIONAL	SEMESTRE
101	Introdução a Ciencia Geografica	Basica	Primeiro
102	Introdução a Geografia Fisica	Basica	Segundo
103	Introdução a Geografia Humana	Basica	Segundo
204	Cartografia I	Basica	Primeiro
205	Cartografia II	Basica	Segundo
306	Pedologia	Basica	Segundo
308	Geomorfologia Estrutural	Basica	Primeiro
309	Geomorfologia Climatica e Litoranea	Basica	Segundo
311	Hidrografia	Basica	Segundo
312	Biogeografia	Basica	Segundo
313	Fundamentos de Climatologia	Basica	Primeiro
314	Climatologia Sistemática e Regional	Basica	Segundo
413	Geografia da População	Basica	Primeiro
414	Geografia Agraria	Basica	Primeiro
415	Geografia Urbana	Basica	Segundo
416	Geografia das Industrias	Basica	Segundo
417	Geografia da Energia	Basica	Primeiro
419	Geografia do Comercio	Basica	Primeiro
520	Geografia Regional I	Basica	Primeiro/Segundo
521	Geografia Regional II	Basica	Primeiro/Segundo
522	Panorama da Geografia do Brasil	Basica	Primeiro
523	Geografia Regional do Brasil I	Basica	Primeiro/Segundo
524	Geografia Regional do Brasil II	Basica	Primeiro/Segundo
602	Geomorfologia	Basica	Segundo
603	Geografia Humana e Economica Geral	Basica	Primeiro
604	Geografia Economica Geral e do Brasil	Basica	Primeiro
605	Geografia Humana Geral e do Brasil	Basica	Primeiro
625	Fisiologia da Paisagem	Basica	Segundo
626	Organização do Espaço Regional	Basica	Primeiro
627	Recursos Naturais	Basica	Primeiro
628	Planejamento	Basica	Segundo
629	Orientação p/pesquisa em Geografia Física	Optativa	Primeiro
630	Orientação p/pesquisa em Geografia Humana	Optativa	Segundo
631	Aerofotogeografia	Optativa	Segundo
633	Sensoriamento Remoto Aplicado à Geografia	Optativa	Primeiro
634	A Analise Ecologica em Geografia Humana	Optativa	Segundo

ANEXO - DISCIPLINAS DA GEOGRAFIA

COD.FLG.	DISCIPLINA	OBRIGAT./OPCIONAL	SEMESTRE
131	Historia do Pensamento Geografico	Obrigatoria	Primeiro
132	Teoria e Metodo da Geografia I	Obrigatoria	Segundo
141	Introdução a Cartografia	Obrigatoria	Primeiro
142	Elementos de Cartografia Sistem. I	Obrigatoria	Segundo
150	Fundamentos Naturais da Geografia	Obrigatoria	Primeiro
160	Fundam. Econ.Sociais Polit. Da Geo	Obrigatoria	Primeiro
162	Geografia Economica	Obrigatoria	Segundo
172	Tecn. De Campo e Lab; em Geo	Optativa	oitavo
243	Cartografia Tematica	Obrigatoria	Terceiro
244	Sensoriamento Remoto Apl.a Geog.	Obrigatoria	Quarto
251	Geomorfologia I	Obrigatoria	Terceiro
252	Geomorfologia II	Obrigatória	Quinto
253	Climatologia I	Obrigatoria	Terceiro
254	Pedologia	Obrigatoria	Quarto
263	Geografia Economica II	Optativa	setimo
264	Geografia Social	Optativa	oitavo
273	Iniciação a Pesquisa em Geog. I	Obrigatoria	Terceiro
274	Iniciação a Pesquisa em Geo. II	Optativa	oitavo
284	Teoria da Região e Regionalização	Optativa	quarto
335	Geografia dos Recursos Naturais	Optativa	setimo
336	Planejamento	Obrigatória	oitavo
355	Climatologia II	Obrigatoria	Quarto
356	Biogeografia	Obrigatória	Sexto
365	Geografia Politica	Obrigatória	Quinto
385	Regionalização do Espaço Mundial	Obrigatoria	Terceiro
386	Regionalização do Espaço Brasil.	Obrigatoria	Quarto
433	Teoria e Método da Geografia II	Obrigatória	Nono
435	Trabalho de Campo em Geografia I	optativa	setimo
437	Teoria Geografica da Paisagem	optativa	oitavo
438	Trab. De Campo em Geografia II	optativa	oitavo
440	Historia Economica Geral e Brasil	Obrigatoria	Primeiro
496	Tab.de Grad.Indiv. Em Geo I	Obrigatória	Nono
499	Trab. De Grad. Indiv. Em Geo II	Obrigatoria	decimo
540	Aerofotogeografia	optativa	quinto
541	Analise e Interpret.de Cartas Topog.	optativa	quinto
542	Cartografia Tematica da Geografia	optativa	quarto
545	Cartografia Ambiental	optativa	oitavo
552	Solos Tropicais	optativa	setimo
553	Homem e Esp. Na Pre Hist.-Geo arq.	optativa	quinto
560	Geografia Urbana I	Obrigatória	Quarto
561	Geografia da População	optativa	oitavo
562	Geografia das Industrias	optativa	oitavo
563	Geografia Agraria I	Obrigatoria	Terceiro
564	Geografia do Turismo	optativa	oitavo
565	Geografia Urbana II	Optativa	setimo
566	Geografia Agraria II	optativa	oitavo
571	Micoinformatica Instrumentam Go.	Optativa	setimo
572	Introdução ao Sistema Geo de Inf.	Optativa	setimo

ALMEIDA, Regina Araújo (VASCONCELOS, Regina)

Graduação em História: 1976.

Graduação em Geografia:- 1982.

Mestrado:- 1988. Tema:- O Tratamento Gráfico do Composto Térmico no Estado de São Paulo: Um Ensaio Metodológico.

Orientador:- Augusto Humberto Vairo Titarelli (Mestrado).

Doutorado:- 1993. Tema: Cartografia Total e o Efeito Visual: uma Avaliação das Etapas de Produção e Uso do Mapa: Um Ensaio Metodológico.

Orientador:- Jose Roberto Tarifa (Doutorado)

Publicações:-

1983 - Estimativa e Representação da Temperatura no Brasil. In:- Revista do Departamento de Geografia da FFLCH USP, no. 2, pp 19 a 44.(J.R. Tarifa).

AZEVEDO, Aroldo Edgard de.

Publicações;

1935

- O Ensino Secundário da Geografia. Geografia I, No. 4,(77-83). São Paulo. Sugestões enviada a Secretaria da Educação. Escrita em conjunto com o Professor Pierre Monbeig, e Maria da Conceição Vicente de Carvalho.

1936

- O Ensino da Geografia no Curso Secundário. Geografia II, No. 4, pág. 67-69. SP.

1939

- A Expansão dos Povos Amarelos às Margens do Pacífico. Revista de Ciências Econômicas, I, no. 3. SP.

1940

- Conseqüências da Expansão Amarela às Margens do Pacífico. Revista de Ciências Econômicas, II, n. 1. SP.

- Alvorecer das Vias Férreas. Revista de Ciências Econômicas, II, no. 5. São Paulo.

1941

- Goiânia, uma Cidade "criada". Revista Brasileira de Geografia, III, no. 1, pág. 3-19.RJ.

- Mauá, Bandeirante do Século XIX. Revista de Ciências Econômicas III, no. 1. S. Paulo.

- Fundamental of Economic Geography, de Bengson e Van Royen. Revista de Ciências Econômicas, III, no.2. SP.

1942

- A População da Terra. In: Revista de Ciências Econômicas, ano IV no. 2. São Paulo.

- Movimentos da População. In: Revista de Ciências Econômicas, ano IV no. 5. S.Paulo.

- El Recôncavo de la Bahia. In: Revista Geográfica Americana. Ano IX, vol. XVIII, no. 18. Buenos Aires. Argentina.

1943

- Monografias Regionais (Planos sumários para pesquisa de caráter geográfico). São Paulo Editora. SP.; Boletim Geográfico, do Conselho Nacional de Geografia, Ano I, no. 9.RJ.

- Subúrbios de São Paulo: Primeiros Estudos. Revista Anuário. Faculdade de Filosofia "Sedes Sapientiae". São Paulo.

-Um Continente e um só Destino. In: Revista de Ciências Econômicas, ano V, no. 10. SP.

-Dicionário Enciclopédico Brasileiro. Colaboração na parte geográfica. Livraria do Globo.Porto Alegre.

-Pequena História da Geografia. In: Revista de Ciências Econômicas, ano V, no. 3. São Paulo.

1944

-A Imigração no Brasil de após Guerra. Boletim Geográfico do Conselho Nacional de Geografia, Ano 1, No. 11. Pág. 37-43. Rio de Janeiro.

ANEXO - DISCIPLINAS DA GEOGRAFIA

573	Teoria e Metodo em Geoprocessam.	Optativa	setimo
575	Geomorfologia III	Optativa	setimo
576	Geo. Reg. IV- America Latina	Optativa	oitavo
577	Geo Reg. III - Europa	Optativa	setimo
578	Geo. Reg. II - Oriente Medio	optativa	oitavo
579	Geo. Reg. I - Africa do Sul	Optativa	setimo
582	Geografia do Estado de S,Paulo	optativa	oitavo
583	Geo. Regional do Brasil I	Optativa	setimo
584	Geo. Regional do Brasil II	Optativa	oitavo
585	Geo. Regional do Brasil III	Optativa	setimo
586	Geo; Regional do Brasil IV	Optativa	oitavo
590	Estagio Superv. Geomorfologia	Optativa	Quinto
591	Estagio Suoerv. Climatologia	optativa	setimo
592	Estagio Superv. Sensor. Remoto	optativa	Sexto
593	Estagio Superv. Analise de Solos	Optativa	Nono
595	Geografia Critica e Ensino de 1 e 2	Optativa	Nono
597	Estagio Superv. Em Geoprocessam.	optativa	setimo
620	Geologia Geral	Obrigatoria	Segundo
638	Introd. Est. Urbaniz. No 3o.Mundo	optativa	Nono
1550	Hidrografia	optativa	Sexto

FLG

ANEXO D – Bibliografia de alguns Professores Pioneiros.

AB'SABER. Aziz Nacib

1947 – Geomorfologia da Região de Jaraguá-SP. Anais da Associação de Geógrafos Brasileiros, vol. II.

1951 – (Costa Jr., Miguel) – Contribuição ao Estudo do Sudoeste Goiano. Boletim Geográfico, ano IX. Rio de Janeiro, Maio de 1951.

1952 – Paisagens e Problemas Rurais da Região de Santa Izabel-SP. Boletim Paulista de Geografia, no. 10. Março de 1952.

1952 – A Cidade de Santa Izabel. Paulistiana no. 44. Mar/mai 1952.

1952 – Bases Geoeconômicas da Indústria Siderúrgica Brasileira em Panorama. Revista Panamericana de Cultura, vol. I, pág. 2. Washington. EUA.

1952 – A Cidade de Salvador. Boletim Paulista de Geografia. No. 11. Julho de 1952.

1952 – Notas sobre o Povoamento e a Geografia Urbana do Sudoeste de Goiás. Anuário da Faculdade de Filosofia "Sedes Sapientiae". São Paulo. 1951/1952.

1953 - Contribuição ao Estudo do Sudoeste Goiano. Boletim Paulista de Geografia. Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros. São Paulo, no. 4, vol.1. (& Costa Jr.).

1954 – A Geomorfologia do Estado de São Paulo. Pág. 197. In: Aspectos Geográficos da Terra Bandeirante. Simpósio organizado pelo Conselho Nacional de Geografia. Rio de Janeiro.

1955 – Bacia Paraná Uruguai. Estudo de Geomorfologia Aplicada, pág. 76-93. In: Condições Geográficas e Aspectos Geoeconomicos da Bacia Paraná Uruguai. Estudo elaborado pela AGB. São Paulo. 1955.

1957 - O Problema das Conexões Antigas e da Separação da Drenagem do Paraíba e Tiete. Boletim Paulista de Geografia. São Paulo, no. 26 julho de 1957, pp.38-49.

1957 - Os Sítios Urbanos na Região Serrana do Planalto Atlântico. Geomorfologia do Sítio Urbano de São Paulo. Boletim Paulista de Geografia. S.P. FFLCH-USP, no.12, pp.93-100.

1960 – Vinte e Cinco Anos de Geografia em São Paulo (1934-59). BPG. 34. 71-82. São Paulo.

1960 - Posição das Superfícies Aplainadas no Planalto Brasileiro. Notícias Geomorfológicas. Campinas, 5, abril (52-54).

1960 - Fundamentos Geográficos da História Brasileira. In: Holanda, Sergio Buarque de. Hist. Geral da Civilização Brasileira: Época Colonial. S.P. Difusão Européia do Livro, vol. 1, pp.55-71.

1964 - O Relevo Brasileiro e seus Problemas. In: Azevedo, Aroldo de (dir.). Brasil, as Bases Físicas. São Paulo, Nacional, vol. 1, pp.135-250.

S/data :- Amazônia: Fauna e Flora; Cerrados; Caatingas; Sertões e Sertanejos. Fronteiras Paraná e Rio Grande do Sul. Presença do Brasil. Rio de Janeiro.

S/data :- Painel das Interferências Antrópicas na Fachada Atlântica do Brasil. Litoral e Retroserra imediata. II Simpósio de Ecossistemas da Costa Sul e Sudeste Brasileira: Estrutura, Função e Manejos. ACIESP, pp.1-26.SP.

S/data :- Rincões e Querências. Back Wards and Rangelands. Roncones Y Querencias. Fronteira. O Brasil Meridional. Rio de Janeiro, Alumbramento.

S/data :- O Sudoeste de Goiás. Anais da AGB. São Paulo, vol. III tomo I, 1951 pg.133-217.

1966 - O Domínio Morfoclimático Amazônico. Geomorfologia. São Paulo. USP. IGEOG no. 1.

1966 - O Domínio dos Mares de Morros no Brasil. Geomorfologia. São Paulo. USP IGEOG, 2.

1966 - Superfícies Aplainadas e Terraços na Amazônia. Geomorfologia. USP IGEOG no.4.

1967 - Domínios Morfológicos e Províncias Fitogeográficas no Brasil. Orientação. USP, 3 (45/48)

1967 – Problemas Geomorfológicos da Amazônia Brasileira. Atlas do Simpósio s/a Biota Amazônica. Belém. CNPQ vol.1.

1969 - Participação das Superfícies Aplainadas nas Paisagens do Rio Grande do Sul. Geomorfologia. IG/USP. No. 11.SP.

1969 – Partic. das Superf. aplainadas nas Paisagens do NE Brás. Geomorfologia. IG/USP, 19.

- 1969 - Um Conceito de Geomorfologia a Serviço das Pesquisas sobre o Quaternário. Geomorfologia (IG/USP)18.
- 1969 - Uma Revisão do Quaternário Paulista: do Presente para o Passado. Revista Brasileira de Geografia. Rio de Janeiro, ano 31, no, 4, p-1-51.
- 1971 - A Organização Natural das Paisagens Inter e Subtropicais Brasileiras. Simpósio sobre o Cerrado. São Paulo/Rio de Janeiro. Edusp (e) Edgard Blucher/Editora Alumbamento (e) Livro-Arte Ed. no. 3 pp.1-4.
- 1974 - O Domínio Morfoclimático Semi-árido das Caatingas Brasileiras. Geomorfologia 43 IG
- 1976 - & Chacel, Fernando. Modelo de Curso de Planejamento Paisagístico. Brasília. Departamento de Documento e Divulgação.
- 1977 - Os Domínios Morfoclimáticos na América do Sul - 1a. Aprox. - Geomorfologia 52 IGUSP
- 1977 - Espaços Ocupados pela Expansão dos Climas Secos na América do Sul por ocasião dos Períodos Glaciais Quaternários. In:- Paleoclimas no. 3 IG USP
- 1977 - Domínios Geomorfológicos e Fitogeográficos do Brasil. São Paulo. IGEOG/USP.
- 1977 - Potencialidades Paisagísticas Brasileiras. São Paulo. IGEOG/USP, 55: 1-27.
- 1977 - Problemática da Desertificação e da Savanização no Brasil Intertropical. Geomorfologia 53, IG/USP.
- 1982 - Contribuição à Geomorfologia da Área do Cerrado. Simpósio s/o Cerrado. São Paulo/USP pp.117-
- 1984 - Ecossistemas Continentais. In. Kacowicz, Zélia & Oliveira, E.M. (coord). Relatório da Qualidade do Meio Ambiente (Roma). Brasília, Sema.
- 1988 - O Pantanal Mato-Grossense e a Teoria dos Refúgios. Revista Brasileira de Geografia. Rio de Janeiro, IBGE-CNG, ano L, tomo 2, numero especial, pp. 9-57.
- 1990 - Floram, Nordeste Seco. Revista de Estudos Avançados. S. Paulo IEA/USP. Pp.149-174.
- 1990 - Um Plano Diferencial para o Brasil (Reflorestamento e Florestamento). Revista de Estudos Avançados. São Paulo. IEA/USP. Pp.19-62.
- 1992 - A Revanche dos Ventos: Derração de Solos Areníticos e Formação de Areias na Campanha Gaúcha. Revista Ciência e Ambiente. Florianópolis. UFSC no. 11 jul-dez 1992.
- 1992 - A Serra do Japi: Sua Origem Geomorfológica e a Teoria dos Refúgios. In: Morellato, Patricia (org.) Hist. Natural da Serra do Japi. S.Paulo/Campinas. Fapesp/Edit.Unicamp.12-23.
- 1996 - Amazônia: do Discurso à Práxis. São Paulo. Edusp.
- 1996 - A Formação Boa Vista. O Significado Geológico e Geoecológico.
- 1996 - Geomorfologia do Corredor Carajás - São Luiz. In: Ab'Saber, Aziz Nacib. Amazônia: do Discurso à Práxis. São Paulo. Edusp. Pp.67-89.
- 1998 - Bases for the Study of Ecosystems of Brazilian Amazonia. In: Freitas, Maria de Lurdes Davies de (coord.). Amazônia, Heaven of a New World, Rio de Janeiro, Campus. Pág. 155-176. Tradução para o português na Revista do IEA-USP no. 45.
- 1999 - Sertões e Sertanejos: Uma Geografia Humana Sofrida. Revista de Estudos Avançados. IEA-USP, Vol. 13, no.36, pp.7-59. Mais fragmentos de leitura pp.60-68 e pp. 115-143.
- 2001 - Formas de Relevo. Texto Básico. Projeto Brasileiro para o Ensino de Geografia. São Paulo.Edart, 5/ 2001.
- 2001 - O Domínio Tropical Atlântico. In: Tirapelli, Percival. Patrimônios da Humanidade no Brasil. São Paulo, Metalivros, pp.79-86.
- 2001 - O Litoral Brasileiro. São Paulo. Metavideo.
- 2001 - Serra da Capivara: Patrimônio da Humanidade no Brasil. S.P. Metalivros-, pp.44-48.
- 2002 - Linguagem & Ambiente. Scientific American Brasil. São Paulo, ano 1, no. 1, pg.98
- 2002 - Cerrados & Mandacarus. Scientific American Brasil. São Paulo, ano 1, no.4 set.2002.
- 2002 - Paisagens de Exceção e Canyons Brasileiros. Scientific American Brasil. S.P.no.6, p.98
- 2003 - Os Domínios da Natureza no Brasil: Potencialidades Paisagísticas. S.P. Ateliê Editorial

1944 - continuação

- A Imigração no Brasil de após-guerra. In: Revista de Organização Científica. IDORT. S.Paulo.
- A Imigração no Brasil de após-guerra. In: Boletim do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, Ano X, no. 120 Agosto. Rio de Janeiro
- O Império Colonial Português e o Brasil: um Esboço de Geografia Política. Anais do IX Congresso Brasileiro de Geografia, vol. V, CNG. Rio de Janeiro.
- O Vale do Paraíba: Trecho Paulista. Anais do IX Congresso Brasileiro de Geografia, vol. V, CNG. Rio de Janeiro.
- Terminologia Físico Geográfico do Brasil, do Alm. Dario Paes Leme de Castro. Economic Geography of South America, de Whitbeck e Willians; Land der Zukunft – Reise in Brasilien. De Herman Ullman. Revista Bibliográfica da Reitoria da USP, no. 2, São Paulo.
- Os Subúrbios de São Paulo e suas Funções. Boletim AGB, ano IV, no. 4. São Paulo.
- Os Concursos de Geografia para o Magistério Secundário. Bol. AGB, ano IV, no. 5.SP.
- A Cidade de Salvador. In: Recôncavo da Bahia. Boletim 38, Geografia no. 1. FFCL/USP. SP.

1945

- O Ensino da Geografia Européia nos Cursos Secundários. Boletim Geográfico No. 32, paginas 1078-1079. Rio de Janeiro.
- A Penha e suas "vilas" Satélites. Revista Anuário. Faculdade de Filosofia Sedes Sapientiae. São Paulo.
- Subúrbios Orientais de São Paulo. Tese de Concurso à Cátedra de Geografia do Brasil da FFCL/USP. 184 páginas. São Paulo.

1946

- A Região de Juazeiro e Petrolina. Boletim da FFCL/USP, no. 55. Geografia no. 2. S.Paulo.
- Considerações em torno da Geografia e do seu Ensino (aula inaugural dos Cursos da FFCL/USP). Depto. de Geografia no, 1 São Paulo.
- Dez Anos de Ensino de Geografia Superior (Defeitos a Corrigir. Algumas sugestões). In: Revista Brasileira de Geografia, VIII, no. 2, pág. 227-238. RJ.
- Dez Anos de Ensino de Geografia Superior (Defeitos a corrigir. Algumas sugestões). In: Boletim Geográfico do Conselho Nacional de Geografia, ano IV, no.39. Junho. Rio de Janeiro.
- Um Continente e um só Destino. In: Construir. Publicação Anual do Centro Acadêmico Sedes Sapientiae. São Paulo.
- A França é uma só. In: Boletim da Aliança Francesa. Julho. São Paulo.

1947

Retrato Geo-econômico do Brasil. In: Boletim da Cia. Mogiana de Estradas de Ferro. Ano 11, no. 1. São Paulo.

1948

- Geografia do Brasil: A Terra, o Homem, a Economia.
- Cristóvão Colombo, homem-problema. In: Anuário da Faculdade de Filosofia "Sedes Sapientiae". São Paulo.
- Le Brésil à la veille d'une révolution pétrolière. In: Annales (Economies, Societes, Civilisations). Ano III, no. 4. outubro-dezembro. Paris.

1949

- O Planalto Brasileiro e o Problema da Classificação de suas Formas de Relevo. Boletim Paulista de Geografia no. 2, 43-53. São Paulo.
- (J.D. da Silveira). O Ensino da Geografia na FFCL/USP, no. 3. pág 76-83. S. Paulo.
- (F. Ruellan). Excursão à Região de Lorena e à Serra de Bocaina. Anais da AGB, vol I, pág. 19 a 36. São Paulo.
- Palavras de apresentação. In: Boletim Paulista de Geografia, no. 1, março. São Paulo.
- O XVI Congresso Internacional de Geografia. In: O Estado de São Paulo, de 7 de junho. SP.
- Lembranças de Portugal. In: Paulistânia no. 29, maio/junho. São Paulo.

1949 - continuação

- O Ensino da Geografia na Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo (em colaboração com o Professor João Dias da Silveira). In: Boletim Paulista de Geografia, no. 3. outubro. São Paulo.

1950

- Recôncavo da Bahia: Estudo de Geografia Regional. Revista da USP. No. 1 – São Paulo.
- “Os sertões” e a Geografia. Boletim Paulista de Geografia. No. 5, 23-44. São Paulo.
- “La Méditerranée et le Monde Méditerranéen à l’époque de Philippe II” de Fernand Braudel. BPG 5 (68-69).
- Contribuição à Geologia dos Derrames Basálticos do Sul do Brasil, de Vitor Leinz. BPG 5 (70-71). São Paulo.
- (P.C. Florenzano). São Paulo – Metrópole Moderna (fotografias comentadas). Boletim Paulista de Geografia no. 5, pág. 53-60. SP..
- Regiões Clímatobotânicas do Brasil. Bol. Paulista de Geo. No. 6, pág 32-43. S.Paulo.
- Juazeiro e Petrolina, Cidades Gêmeas. Revista do Inst. Hist. e Geográfico de S.Paulo.
- Barão de Cocais – Estudo Geográfico de um Pequeno Centro Siderúrgico de Minas Gerais. Anais da AGB SP

1951

- La Capitale: Salvador (ou Bahia). Em: Salvador et le Recôncavo da Bahia. Cahiers d’outre Mer, no. 15. Bordeaux.
- (D.L. de Mattos). Viagem ao Maranhão. Bol. da FFCL/USP, 120 Geografia no. 6. S.Paulo
- Programa de Geografia para o Curso Secundário. Bol. Geog. IX, 101, Pág. 555-558. RJ.
- Teresina, Capital do Piauí (fotos comentadas). Bol. Paul.Geo. No 8, pág. 59-67. SP.
- Paisagens Culturais da Baixada Fluminense, de Renato Silveira Mendes. Boletim Paulista de Geografia, No. 8, pág 72. São Paulo.
- São Paulo, Cidade Tentacular. Paulistânia, no. 38. São Paulo.
- Brazilian cities: a sketch of Urban Geography. Revue Canadienne de Géographie no.V, Montreal

1952

- Didática e Divulgação Geográfica. Anais da I Reunião Pan-Americana de Consulta sobre Geografia. Instituto Pan Americano de Geografia e História, Vol. I, Rio de Janeiro.
- Última Etapa da Vida do Barão de Santa Eulália. Ocaso do II Império através de Documentos Inéditos. Separata da Revista de História, No. 10 abril/junho 1952. S.Paulo.
- Paisagens do Rio Grande do Sul (impressões de viagem). Boletim Paulista de Geografia No. 12, pág. 47-64. Outubro de 1952. São Paulo.
- Relevo e Estrutura da Cadeia dos Cárpatos. Boletim Paulista de Geografia No. 10, mar/ 52.
- Regiões e Paisagens do Brasil, vol. 274. Coleção Brasileira. Cia. Editora Nacional.

1953

- Cinco Anos de Existência. BPG, no. 13, 3-4. São Paulo
- Cuiabá. Capital de Mato Grosso (Fotos comentadas) BPG. No.15, 69-79. São Paulo.
- São Luis do Maranhão (Primeiros Estudos). Anais da AGB, vol. V, tomo I, 25-40. S.P.
- São Paulo. Stadt des dynamischen Wachstums. Stadten Jahrbuch, Vol. 3, 31-42. S.P.

1954

- Abertura do 1º Congresso Brasileiro de Geógrafos Anais da AGB, vol 8, t.1, São Paulo.
- Estado atual dos Estudos de Geografia Urbana no Brasil. Reunião Cultural da AGB (17.09.54)
- Aspectos da Lorena Imperial (um Esboço de Geografia Urbana Retrospectiva). São Paulo Editora. São Paulo.
- A Geografia em São Paulo e sua Evolução. BPG, No. 16, 45-65. São Paulo.
- Regiões e Paisagens do Brasil. Editora Nacional. Série Brasileira, 2ª. Edição. S.Paulo.
- O Auto de Aclamação d’El Rei D. José I.

1955

- Professor José Veríssimo da Costa Pereira (1904-55). BPG. 21; 3-10. São Paulo
- A Geografia a Serviço da Política. BPG. No. 21; 42-68. São Paulo.

1956

- A Cidade de São Paulo. Estudo de Geografia Urbana.
- Os Geógrafos Paulistas e o XVIII Congresso Intern. de Geografia. BPG 23: 3-4. S. Paulo
- Vilas e Cidades do Brasil Colonial (Ensaio de Geografia Urbana Retrospectiva) Boletim da FFCL/USP no.208 Geografia no. 11; São Paulo.
- (P.Deffontaines). Paisagens de Mato Grosso. BPG no. 24. 99-104. São Paulo.

1957

- Manual Bibliográfico da Geografia Paulista (Comissão de Geografia Regional do CNG. Pres. e Relator geral). IBGE-CNG. São Paulo.
- Cuiabá – Estudo de Geografia Urbana. Anais da AGB. Vol. II, tomo II. São Paulo
- Embriões de Cidades Brasileiras. BPG. No 25. 31-69. São Paulo.
- Arraiais e Corrutelas. BPG no. 27. 3-26. São Paulo.

1958

- A Cidade de São Paulo (Estudo de Geografia Urbana). Organizador e dois capítulos. Editora Nacional. 3 volumes. Ilustrada. 14, São Paulo.
- Keimzellen brasilianischer Stadte. "Stadtlen Jahrbuch" tomo 6. São Paulo.
- Contribuição para um Vocabulário Geológico (A-L). BPG. No. 29. 65-96. São Paulo
- Dez Anos de Existência. BPG. No.30. 3-4; São Paulo.
- Contribuição para um Vocabulário Geológico (M-Z). BPG no. 30. 63-93. São Paulo.
- Geografia das Metrôpoles Brasileiras. Anais da AGB. Vol XII

1959

- Aldeias e Aldeamentos de Índios. BPG. No.33. 23-40. São Paulo.
- Alexander von Humboldt, Naturalista e Geógrafo. BPG. No. 32. 54-72. São Paulo.
- El Brasil y el fenómeno de la Urbanización. Estuário no. 4 e 5. Montevideú.

1960

- Panorama da Produção Agro Pecuária Brasileira em 1958: Uma Análise Estatística Geográfica. Boletim da FFCL/USP no. 234. Geografia no. 13. São Paulo.
- São Paulo, Metrôpole do Planalto. Em: A Marcha do Café e as Frentes Pioneiras. Guia de Excursão no. 3. XVIII. Congresso Internacional de Geografia. CNG. Rio de Janeiro.
- Doutor Rodrigues, Barão de Sta. Eulália (A vida de um Barão do Café). Ver. História, no.44 (separata) SP.
- Estrutura Econômica do Rio Grande do Norte. BPG no.35:> 55-73. São Paulo.
- A Obra de Gilberto Freyre examinada à luz da Geografia. BPG. No.36: 74-82; São Paulo.

1961

- Notas sobre o Ensino da Geografia em Universidades dos Estados Unidos. BPG. No. 37, paginas 66-90. São Paulo.
- O Livro Didático: sua Grande Missão e suas Condições Mínimas. BPG 38 (38-42) S. P.
- São Paulo: da Vila Quinhentista à Metrôpole Regional. BPG. No; 39, 12-46. São Paulo.
- Garanhuns – Estudo de Geografia Urbana. Anais da AGB, vol IX, tomo II. S.Paulo.
- Geografia das Metrôpoles Brasileiras. Os Estudos Existentes: seus Caracteres e sua Orientação. Anais Da AGB. Vol. XI. São Paulo;

1962

- José Vicente de Azevedo, sua Vida e sua Obra (1859-1944). Ed. Biblos. São Paulo.
- Em Defesa da Geografia. Boletim Geográfico no. 168. 291=294. Rio de Janeiro.
- Arnolfo Azevedo, Infância e Adolescência, 1868-1887. Ed. Nacional. São Paulo.
- O Brasil e o Mundo. Cia Editora Nacional. São Paulo.

1963

- Pinheiros – Aspectos Geográficos de um Bairro Paulistano. EDUSP. São Paulo.
- Arnolfo de Azevedo, Acadêmico de Direito (1887-1891). Ed. Nacional. São Paulo.
- Arnolfo Azevedo.: Início da Vida Pública (1891-1899). Editora Nacional.; São Paulo.

1964

- Brasil: a Terra e o Homem. 4 Volumes. – As Bases Físicas (Direção, Organização e um Capítulo). Editora Nacional e EDUSP, série Brasileira. São Paulo.

1965

- A Baixada Santista – (Aspectos Geográficos) Coordenação Geral. EDUSP, 4 vol. S.P.
- Rondon, o Geógrafo. Boletim Paulista de Geografia no.42, 51-63. São Paulo.
- Cochranes do Brasil (A vida e a Obra de Tomás Cochrane e Ignácio Cochrane). Editora Nacional, série Brasileira, no.327. São Paulo.
- O Conceito Antigo de Geografia deve ser Sepultado. Boletim Geográfico 1768: 107-109. Rio de Janeiro.
- O Mundo Antigo – (Expansão Geográfica e Evolução da Geografia) DESA e EDUSP, col. BURITI 9. S. Paulo.

1968

- As Regiões Brasileiras. Cia Editora Nacional. São Paulo.
- Arnolfo Azevedo, o Fazendeiro (1898-1919) Editora Nacional. São Paulo.
- Arnolfo Azevedo – Parlamentar da 1ª. República (1868-1942). Editora Nacional. Série Brasileira, 346. SP.

1969

- Geografia do Brasil: Bases Físicas, Vida Humana e Vida Econômica. Nacional. S. Paulo.
- Os Continentes. Editora Nacional. São Paulo
- O Mundo em que Vivemos. Editora Nacional. São Paulo.

1970

- O Brasil no Mundo: Nosso Mundo, Nossa Terra. Nacional. São Paulo.
- Brasil: a Terra e o Homem, vol II. As Bases Humanas (Direção, organização e um capítulo). Editora Nacional. São Paulo.

1971

- O Brasil e suas Regiões. Editora Nacional. São Paulo

1973

- Geografia do Brasil: Bases Físicas, Vida Humana e Vida Econômica. Nacional. S. Paulo.

1974

- A Geografia Francesa e a Geração dos Anos 70 (Entregue para publicação na AGB no dia de sua morte).

1976

- A Geografia Francesa e a geração dos anos 70. Boletim Comemorativo da AGB no.50, de Março, reedita o último artigo escrito de Aroldo de Azevedo.

AROLDO DE AZEVEDO - LIVROS DIDATICOS:- Além das obras resultantes de suas pesquisas e estudos. Escreveu muitos livros didáticos, usados por diversas gerações de estudantes em todo o Brasil. Sempre editados pela Companhia Editora Nacional, São Paulo.

1934 – Geografia Humana: A Exploração da Terra, a Geografia para Cursos Pré Jurídicos.

1935 – Geografia, 2^a. 3^a. e 4^a. série Ginásial.

1936 – Geografia – 1^a. série Escolar e 5^a. série.

1938 – Geografia do Brasil para o Curso Comercial

1941 – Geografia para a 1^a. Série do Curso Secundário.

1943 – Geografia Geral, Tomo I destinado à 1^a. Série Ginásial.

1943 – Geografia Geral. Tomo II, destinado à 2^a. Série Ginásial.

1944 – Geografia do Brasil, Tomo I, destinado à 3^o. Série Ginásial.

1944 – Geografia do Brasil. Tomo II, destinado à 4^a. Série Ginásial.

1947 – Geografia das Crianças. Obra Destinada ao Ensino Primário.

1947 – Geografia Física, destinada à 1^a. Série Colegial.

1948 – Geografia Geral: Geografia Astronômica, Geografia Física; Geografia Humana.

1949 – Geografia Regional. Obra destinada à 2^a. Série Colegial.

1950 – Geografia Humana do Brasil, 3^o. Ano Colegial.

1951 – Leituras Geográficas, 1^a. 2^a. 3^a. e 4^a. Séries

1956 – Programa de Admissão.

1958 – Leituras Geográficas, Curso Ginásial.

1960 – Geografia Geral: A Terra no Espaço. Estrutura da Terra. Os Grupos Humanos. Vida Econômica.

1961 – Geografia Geral: Geografia Física e Humana dos Continentes.

1962 – As Regiões Brasileiras.

1963 – Terra Brasileira.

1963 – Os Continentes (antiga Geografia Geral) 2^a. série.

1964 – O Mundo em que vivemos

1966 – As Regiões Brasileiras (nova edição).

1968 – Os Continentes (nova edição)

1969 - Geografia do Brasil

1970 - O Brasil no Mundo.

1971- O Brasil e suas Regiões.

1974 – o Mundo que nos rodeia.

BERNARDES, Lysia Cavalcanti (Maria Lysia Cavalcante Bernardes)

Áreas de Atuação: Professora da Faculdade Catarinense de Filosofia (atual Universidade Federal de Santa Catarina).

Orientadora do Prof. Carlos Augusto Monteiro Figueiredo na UFSC.

Publicações:-

1956 – Plaine Littorale et Region Sucrière de L'etat de Rio de Janeiro. Union Geographique Internationale. Rio de Janeiro. Tradução Pierre Monbeig.

1956 - O problema das Frentes Pioneiras no Estado do Paraná. Revista Brasileira de Geografia Ano XV, no. 3. CNG Rio de Janeiro.

1957 – Planície Litorâneas e Zonas Canavieiras do Estado do Rio de Janeiro.

1964 – O Rio de Janeiro e sua Região. Rio de Janeiro. IBGE.

1978 – Propriedade e Natureza da Geografia.

1990 – Rio de Janeiro.

COLANGELO, Antonio Carlos.

Graduação em Geografia USP: 1979-1984

Mestrado: 1990 - Orientadora: Olga Cruz

Tema: Movimento de Massa e Evolução Geomorfológica das Vertentes Marginais do Lago da Barragem de Paraibuna-SP.

Doutorado: 1995 – Orientador:- Augusto Humberto Vaito Titarelli

Tema: Movimento de Massas e Evolução Geomorfológica das Vertentes no Alto do Vale do Paraíba do Sul em São Luis do Paraitinga -SP

ATUAÇÃO PROFISSIONAL:-

Professor de Geografia Física. Disciplinas: Geomorfologia I; Geomorfologia II; Geomorfologia para o Curso de Geologia; Fundamentos Naturais da Geografia; Iniciação a Pesquisa em Geografia I; Iniciação a Pesquisa em Geografia II; Estagio e Supervisão em Geomorfologia; Estagio e Supervisão em Sensoriamento Remoto; Técnica de Campo e Laboratório em Geografia.

CONTI, José Bueno.

Trabalhos em Eventos

1982 – The Hall in São Paulo State (Brazil). In: Latin American Regional Conference. Rio de Janeiro. International Geographic Union – UGI. Vol. II, pág. 297-299.

1984 – Rainfall Temporal Behavior in Itabaiana and Estancia Municipalities en the Period 1921-1950. In: Symposium of Meteorological Aspects of Tropical Droughts. Fortaleza . Second Meteorological Organization., pg. 63-66.

1985 – Depoimento sobre a Produção da Geografia Física na Universidade de São Paulo. In: Boletim de Geografia Brasileira. Rio Claro. Associação de Geografia Teorética, pág. 253-257.

1985 – Conteúdo Programático da Prática de Ensino de Geografia. In: Encontro Nacional de Professores de Prática de Ensino de Geografia. Rio Claro. UNESP. Pág. 54-58.

1989 – A Questão do Ensino Universitário. In: Simpósio de Geografia Física Aplicada. 1989. Nova Friburgo. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Vol. 2, pág. 89-92.

1989 – A Desertificação como Problema Ambiental. In: VI Jornadas Cuyanas de Geografia. Mendoza. Universidad Nacional de Cuyo. Pág. 10.

1991 – Desertificação. In: Workshop sobre Proteção e Controle das Terras por meio de Combate ao Desmatamento. Desertificação e Seca. Piracicaba. Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz" – ESALQ. Pág. 52-54.

1991 - Desertificação em Áreas Tropicais. In: III Encontro de Geógrafos de América Latina, Toluca. Universidad Autónoma Del Estado de México. Vol. II, pág. 365-376.

1993 - Estudo de Desertificação com Base em Análise de Séries Temporais. In: IV Encontro de Geógrafos de América Latina. Mérida. Venezuela. Universidad de los Andes. Pág. 335-344.

1994 - O Conceito de Desertificação. In: V Encontro Brasileiro de Geógrafos. Associação de Geógrafos Brasileiros. Curitiba-PR. Anais da AGB. vol I, pág. 366-370.

1994 – Climatologia. In: V Encontro Brasileiro de Geógrafos. Associação de Geógrafos Brasileiros. Curitiba-PR. Anais da AGB. Vol. 1, pág. 595-596.

1995 – Contribuição para o Desenvolvimento da Geografia Física no Campo Acadêmico. In: Simpósio Nacional de Geografia Física. Goiânia-GO. Anais do VI Simpósio Nacional de Geografia Física Aplicada. Vol. 1, pág. 26-27.

1997 – Epistemologia, Métodos e Técnicas em Geografia Física/Climatologia. In: VII Simpósio Brasileiro de Geografia Física Aplicada. Curitiba-PR. Anais. Vol. 1, pág. 20-23.

1998 – A importância da Climatologia para o Ensino. In: III Simpósio Brasileiro de Climatologia. Salvador-BA. Universidade Federal da Bahia.

1998 – Geografia, Zonalidade e Paisagem. In: III Encontro Interdisciplinar sobre o Estudo da Paisagem. Rio Claro-SP. Cadernos Paisagens. Editora UNESP, Vol. 2, Pág. 147-154.

- 2000 – Climatologia: Geográfica e Educação Ambiental. In: Simpósio Brasileiro de Climatologia Geográfica. Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- 2001 – Os Geógrafos e a Paisagem. In: VIII Encuentro de Geógrafos de América Latina. Universidad de Chile. Santiago.
- 2003 – Calamidade Natural no Sudeste Brasileiro. In: Anais do 9º. Encuentro de Geografia de América Latina. Universidad Nacional Autónoma de México. Mérida.México.
- 2004 – A Questão Climática no Nordeste Brasileiro e os Processos de Desertificação. In: Anais do VI Simpósio Brasileiro de Climatologia Geográfica. Universidade Federal de Sergipe. Aracajú-SE.

Livros publicados ou organizados

- 1975 – Nossa Terra, Nossa Gente. São Paulo. Cia Editora Nacional. Vol 1. 150 pág. (Rodrigues A.A.B.; Rodrigues, J.A.).
- 1975 – Circulação Secundária e o Efeito Orográfico na Gênese das Chuvas na Região Lesnordeste Paulista. Instituto de Geografia da USP. São Paulo. Vol. 1, 82 pág.
- 1976 – Nossa Terra, Nossa Gente. Visões Regionais. Cia Editora Nacional. São Paulo. Vol. 2, 136 pág. Rodrigues, A.A.B.; Rodrigues, J. A.).
- 1977 – Terras e Gentes de Nosso Mundo. Cia. Editora Nacional, São Paulo, Vol. 1, 164 pág. (Rodrigues , A.A.B.; Rodrigues, J.A.).
- 1998 – Clima e Meio Ambiente. Coordenação: Sueli Ângelo Furlan; Francisco Scarlatto. Editora Atual. Série Meio Ambiente. São Paulo. 89 páginas.

Capítulos de Livros Publicados e Alguns Periódicos.

- 1976 – Aroldo de Azevedo. Boletim Paulista de Geografia No. 50. 31-35.
- 1978 – Poluição e Urbanização: O caso de São Paulo. Suplemento Cultural "O Estado de São Paulo", ano 3, 107, 19-11-78.
- 1979 - Crescimento Urbano e Condições Climáticas – "O Estado de São Paulo" - ano 3 no. 149 em 09-09-1979.
- 1983 – Os Estudos Sociais. O Último Combate do Professor Eurípides. In: Souza. A.C.M. (org.). "Eurípides Simões de Paula. In Memoriam". São Paulo, pág. 395-400.
- 1985 - Desertificação. In:- Revista Orientação no. 6. IG USP
- 1989 – O Meio Ambiente Tropical. Geografia. Rio Claro. Ageteo 14.
- 1993 – Considerações sobre Mudanças Climáticas Globais e Regionais. Rio Claro: Unesp/Agetro. Boletim de Geografia 23 (45-46); 31-34.
- 1995 – Espaço e Método e a Geografia Física. In: Souza, M.A.A. (Org.). O Mundo do Cidadão. O Cidadão do Mundo. São Paulo, pág. 342-343.
- 1996 – Geoecologia: O Clima, os Solos e a Biota. In. Ross, J.L.S. (org.). Geografia do Brasil. São Paulo, pág. 150-186.
- 1996 - A Climatologia e a Defesa da Natureza. Boletim Climatológico. No. 2. UNESP Presidente Prudente.
- 1997 – A Natureza nos Caminhos do Turismo. In: Rodrigues, A.A.B. (org.). Turismo e Meio Ambiente: Reflexões e Propostas. São Paulo. Pág. 17-26.
- 1999- A Geografia Física e as Relações Sociedade/natureza no Mundo Tropical. In: Carlos, A.F.A. (org.). Novos Caminhos da Geografia, São Paulo, pág. 9-26. Humanitas. São Paulo.
- 2000 - Considerações sobre Mudanças Climáticas Globais. In: Santanna Neto, J.L.; Zavatiní, J.H. (org.). Variedade e Mudanças Climáticas. Implicações Ambientais e Socioeconômicas. Editora da Universidade Estadual de Maringá. Maringá. PR Pág. 17-28.

Professor José Bueno Conti - continuação

- 2003 – A Desertificação como Forma de Degradação Ambiental no Brasil. In: Wagner Costa Ribeiro (Org.). Patrimônio Ambiental Brasileiro. São Paulo, pág. 167-187.
- 2003 – Ecoturismo: Paisagem e Geografia. In: Rodrigues, A.A.B. (Org.). Ecoturismo no Brasil: Possibilidades e Limites. 1ª. Edição São Paulo, pág. 59-69.
- 2004 – São Paulo – A Metrópole do Tropicó Umido. In: Carlos A.F.A. e Oliveira, A.U. (Org.). Geografias de São Paulo, São Paulo, pág. 157-170.
- 2004 – A Metrópole do Tropicó Umido. In: Carlos, A.F.A. e Oliveira, A.U. (Org.). Geografia de São Paulo – Representação e Crise da Metrópole. São Paulo, Pág. 157-170.

DEFFONTAINES, Pierre.

Publicações:-

- 1932 – Tese de Doutorado: Lês hommes et leur travaux dans lês pays de la Morenne Garonne
- 1932 – La vie forestière em Tchecoslovaquie.
- 1932 – Geographie Humaine de la France (2º. Volume de "L'Histoire de la Nation française" de Gabriel Hanotaux em colaboração com Jean Brunhes).
- 1934 – Contratado para inaugurar o Curso de Geografia Física e Humana na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, onde ministrou a aula inaugural.
- 1934 – Em setembro funda a Associação dos Geógrafos Brasileiros.
- 1935 – Após um ano em São Paulo, foi para o Rio de Janeiro realizar o mesmo feito junto a Universidade do Brasil. Foi substituído pelo professor Pierre Monbeig.
- 1935 – Reedição da Geographie Humaine de Jean Brunhes, 3 volumes.
- 1935 – Direção de uma coleção publicada pelos editores Galimaud, intitulada Geographie Humaine, sendo de sua autoria o volume "L'Homme et la forêt".
- 1935 – As feiras de Burros de Sorocaba. Bol. AGB..Ano 1, no. 3 Pág.263.
- 1935 – Regiões e Paisagens do Estado de São Paulo (Primeiro esboço de Divisão Regional) Revista "Geografia" da AGB no. 2. São Paulo. 1935.
- 1936 – Diretor de uma coleção de cartas murais escolares, publicada em Paris.
- 1936 – Autor de diversos artigos sobre o Brasil, notadamente "Pays et paysages de l'Etat de São Paulo: première esquisse de divisions regionales". "Annales de Geographie" período de janeiro a março de 1936.
- 1943 – O que é a Geografia Humana. Bol. Geográfico, no. 3. Rio de Janeiro.
- 1948 -Une Évolution Agricole en Pays Tropicaux: L'Agriculture au Brasil – Annales de Géographie, 274 – Paris.
- 1953 – Valeur et limite de l'explication religieuse en Géographie Humaine, Diogene, pg.54-78

LAGANA, Liliana (Fernandes)

Ingresso na Universidade:-

Bacharelado e Licenciatura:- 1962.

Mestrado:- 1969. Tema:- O Bairro dos Pires: Estudo de Geografia Agrícola.

Orientador:- Nice Lecoq Muller (Mestrado).

Doutorado:- 1972. Tema:- Bairros Rurais do Município de Limeira-SP.: Estudo Geográfico.

Orientador:- Pasquale Petrone (Doutorado)

ATUAÇÃO PROFISSIONAL:-

Publicações:-

1996 – Terra Vermelha. Revista do Imigrante. Centro de Estudos Migratórios IX, no 26; 5-6.

LOMBARDO - Magda Adelaide

Publicações: –

1972 - Uso da Terra no Vale do Paraíba através de Dados de Sensoriamento Remoto. Relatório Final. São José dos Campos, INPE, RPE.

1972 - Estudos Radiométricos da Ilha de Calor. INPE,

1981 – Estudos Radiométricos da Ilha de Calor, INPE 2156, RPE 375.5 – São José dos Campos, julho 1981.

1983 - VII Simpósio Internacional de Sensoriamento Remoto – EUA

1983 – Use of Infrared Images in the Delimitation of Sao Paulo's Heat Island, VII Intl. Symposium on Remote Sensing of Environment, May 9th, Ann Arbor, Michigan, EUA.

1984 - VIII Simpósio Internacional de Sensoriamento Remoto – França

1985 - Ilha de Calor nas Metrôpoles – O Exemplo de São Paulo. HUCITEC. São Paulo

1994 – Mudanças Climáticas Recentes e Ação Antrópica. Revista do Dept. de Geografia No 8,

1996 - Mudanças Climáticas: Consideração sobre Globalização e Meio Ambiente. In:- Boletim Climatológico. Ano 1, no. 2 UNESP - Presidente Prudente.

1996 - O Clima e a Cidade. In:- Boletim Climatológico. Ano 1, no. 2 - UNESP Pres. Pudente.

1996 - Aplicações das Técnicas de Sensoriamento Remoto e Sistemas de Informação Geográfica nos Estudos Urbanos. In:- Revista do Departamento de Geografia, no. 10 FFLCH.

MENDES. Renato da Silveira

Ingresso na Universidade: 1936

Licenciatura e Especialização:- 1938

Doutorado:- 1948. Tema:- Paisagens Culturais da Baixada Fluminense.

Orientador:- Pierre Gourou

ATUAÇÃO PROFISSIONAL:-

Professor Assistente de Geografia Humana

MONBEIG, Pierre. (1908-1987)

Publicações:- Existem centenas de artigos em periódicos brasileiros e estrangeiros. Destacamos;

1930 – "Le pays d'Yvelines"

1931 – "Congrès International de Géographie". Paris. Comunicação na Seção de Geo.Humana.

1931 – "Collaboration aux Annales de Géographie".

Principais artigos: Transformações Econômicas nas "Huestas" e na região Alicante e Murcia.

1932 – Madrid.

1932 – "Colaboration aus Annales d'Histoire Economique et Sociale".

Principais Artigos: As Baleares do Século XVIII (1932); A Reforma Agrária na Espanha (1933).

Lês Importations de Fruits Frais em Gran Bretagne (1934).

1939 – Um Voyage de São Paulo à Goiânia. Étude sur lês zones d'influence pauliste. Bulletin de l'Association des Géographes Français.

1939 – Lê Brésil, mise au point – L'information géographique.

1940 - Ensaios de Geografia Humana Brasileira. Martins Editora. São Paulo.

1940 – The colonial Nucleus of Barão de Antonina. Geographical Review.

1941 – O Estudo Geográfico das Cidades. Revista do Arquivo Municipal, no. 73. São Paulo

1941 – Algumas observações sobre Marília, cidade pioneira. Revista do Arquivo Municipal de São Paulo.

1942- O homem e as riquezas naturais. Observador Econômico e Financeiro.

1943 – Crise des Sciences de L'Homme.

1944 – Notas Relativas à Evolução das Paisagens Rurais no Estado de São Paulo. Boletim Geográfico no. 16 pág. 428. Conselho Nacional de Geografia, julho de 1944.

- 1944 – Estudos Geográficos. Boletim Geográfico no. 11. São Paulo.
- 1944 – Observações relativas à distribuição das densidades de população no Estado do Ceará. Boletim da Associação dos Geógrafos Brasileiros No. 5.
- 1944 – Em colaboração com João Dias da Silveira. Seis Anos de Ensino de Geografia na Universidade de São Paulo. Anais do IX Congresso Brasileiro de Geografia.
- 1945 – A Zona Pioneira do Nordeste do Paraná. Boletim Geográfico No. 25.
- 1945 – Pesquisas Geográficas. Boletim Geográfico No. 31.
- 1945 – A Geografia no Ensino Secundário. Boletim Geográfico No. 26.
- 1946 – Os Problemas do Cacau no Sul do Estado da Bahia. Boletim Geográfico No. 24.
- 1949 – Évolutions des Genres de Vie Ruraux Traditionels dans l'ê Sud-Est de Brésil. Annales de Géographie, 1949, no.309, pg. 35-43.
- 1952 – Pionniers et Planteurs de São Paulo. Livrarie Armand Colin. Paris.
- 1953 - La Croissance de la Ville de São Paulo. Institut et Revue de Géographie Alpine – Grenoble (França).
- 1953 – Os Modos de Pensar na Geografia. BPG. No. 15, outubro de 1953
- 1953 – As Estruturas Agrárias da Faixa Pioneira Paulista. Boletim Geográfico No. 16, pág. 455-465. Conselho Nacional de Geografia. Rio de Janeiro.
- 1954 – Resumo da Geografia Econômica do Café. In: Diários Associados, Edição Especial dedicado ao Café. 15 de julho de 1954. SP. Transcrito no Boletim Geográfico no. 122. setembro/outubro 1954. Rio de Janeiro.
- 1954 – L'ê Brésil.
- 1957 – Novos Ensaios da Geografia Humana Brasileira. Difel. São Paulo.
- 1957 – Pequeno Ensaio sobre Geografia Econômica do Café. In. Novos Estudos de Geografia Humana Brasileira. Difusão Européia do livro. São Paulo. 1957.
- 1957 – Papel e Valor do Ensino da Geografia e de sua Pesquisa. Em Novos Estudos de Geografia Humana Brasileira. Difusão Européia do Livro. São Paulo.
- 1958 - Aspectos Geográficos do Crescimento de São Paulo, Anhembi, São Paulo, 1958.
- 1958 – O Brasil. Tradução da obra publicada na França em 1954.
- 1975 – Continuité et Changement au Brésil.
- 1975 – Colonisation, Peuplement et Plantation de Cacao dans de Sud de L'etat de Bahia.
- 1977 – Amazonies Nouvelles.
- 1977 – Table Ronde sur L'impact National, Régional, Local des Grands Foyers Energético Miniers et Industries Nouveaux (Paris).
- 1977 – Foyers Industriels Nouveaux en Amérique Latine, Afrique noire et Asie.
- 1981 – Les Phénomènes de "frontiere" dans les Pays Tropicaux..
- 1984 – Pioneiros e Fazendeiros de São Paulo. Hucitec. São Paulo. Tradução da obra publicada na França em 1952.

MONTEIRO - Carlos Augusto de Figueiredo

Publicações:- No período em que esteve na USP teve inúmeras obras publicadas. Destacamos:

- 1951 - Notas para o Estudo do Clima do Centro Oeste Brasileiro. Revista Brasileira de Geografia (Rio de Janeiro). Ano 13, no. 1, pág. 3-46. jan/mar 1951. (1a. Obra publicada)
- 1962 – Da Necessidade de um Caráter Genérico à Classificação Climática: Algumas Considerações Metodológicas a propósito do Estudo no Brasil Meridional. Revista Geográfica no. 31, pag. 29 a 44. Instituto Pan Americano de Geografia e Historia. Rio de Janeiro.
- 1962 - Aspectos Geográficos do Baixo São Francisco: Relatório das Pesquisas de Campo realizado durante a 18a. Assembléia Geral em Penedo (AL), julho de 1962. AGB - S. Paulo
- 1963 – O Clima na Região Sul. In: Geografia Regional do Brasil. A Região Sul. Vol. IV, tomo I, cap. III. Rio de Janeiro. Biblioteca Geográfica Brasileira. IBGE. CNG.

Carlos Augusto Figueiredo Monteiro (continuação)

- 1963 - Sobre a Análise Geográfica de Sequências de Tipos de Tempo (Pequeno ensaio metodológico sobre o estudo do Clima no escopo da Geografia). Revista Geográfica No. 58, tomo 32. pág. 169-179. Instituto Pan Americano de Geografia e História. Rio de Janeiro.
- 1964 - Sobre um Índice de Participação das Massas de Ar e suas Possibilidades de Aplicação à Classificação Climática. Instituto Pan Americano de Geografia e História - Rio de Janeiro. Revista Geográfica Brasileira no. 61, pág. 59-69. 2^o. Semestre de 1964.
- 1969 - A Frente Polar Atlântica e as Chuvas de Inverno na Fachada Sul-oriental do Brasil. (Contribuição metodológica à análise rítmica dos tipos de tempo no Brasil) - Teses e Monografias no. 1, 68 páginas. Ilustrada.
- 1971 - Comparação da Pluviosidade nos Estados de São Paulo e Rio Grande do Sul nos Invernos: 1957 e 1963. In:- Climatologia no. 3. 5 páginas. Ilustrada. Instituto de Geografia USP.
- 1971 - Análise Rítmica em Climatologia: Problemas de Atualidade Climática em São Paulo e Acheegas para um Programa de Trabalho. In:- Climatologia no. 1 - IG USP. 21 páginas.
- 1973 - A Dinâmica Climática e a Gênese das Chuvas no Estado de São Paulo - Um Estudo Geográfico sob a forma de ATLAS. IG USP. São Paulo. 129 páginas.
- 1973 - A Climatologia no Brasil ante a Renovação atual da Geografia. Simpósio: A Renovação da Geografia. 25a. Reunião Anual da SBPC; RJ, julho 1973. IGUSP. Métodos em Questão 6.
- 1975 - LD - Teoria e Clima Urbano. Teses e Monografias no. 25. IG USP.
- 1976 - O Clima e a Organização do Espaço no Estado de São Paulo: Problemas e Perspectivas. Teses e Monografias no. 28. IG USP
- 1977 - Contribuição ao Estudo de Clima Urbano de Marabá: uma Abordagem de Campo Subsidiária ao Planejamento Urbano. In:- Climatologia no. 7. (J. R. Tarifa).
- 1978- Apontamentos para uma avaliação da Geografia no Brasil (1934/77) 3^o. Encontro Nacional de Geografia - Fortaleza - CE.
- 1978- Derivações Antropogênicas dos Geossistemas Terrestres no Brasil e Alterações Climáticas: Perspectivas Urbanas e Agrárias ao Problema da Elaboração de Modelos de Avaliação. Simpósio a Comunidade Vegetal como Unidade Biológica, Turística e Econômica, 1. São Paulo. Anais. Acad. de Ciências do Est. de S. Paulo. Publicação ACIESP nº 15 pág. 43-76.
- 1980 - A Geografia no Brasil (1934-1977): Avaliação e Tendências. Teses e Monografias no.57.
- 1980 - Environmental Problems in Sao Paulo Metropolitan Area: the Role of Urban Climate with Special Focus on Flooding, 24th. International Geographic Congress, Japan, September 1980.
- 1981 - A Questão Ambiental no Brasil (1960-80), S. Paulo. IG/USP. Teses e Monografias, 42.
- 1984 - Geografia e Ambiente. São Paulo. IGOG/USP. Série Orientação, 5: 19-27.
- 1987 - Qualidade Ambiental - Recôncavo e Regiões Limitrofes. Salvador. Centro de Estatística e Informações. 48 páginas e 3 cartas.
- 1988 - On the Desertification in Northeast Brazil and Man's Role in this Process, Reimpresso de Latin American Studies, set. 1988 da Univ. Tsukuba/Japan. Florianópolis, UFSC. 40 pg.
- 1990 - Por um Suporte Teórico e Prático para Estimular Estudos Geográficos de Clima Urbano do Brasil; Geosul no. 9 - pág.7/19 (a). Departamento de Geociências da UFSC.
- 1990 - Adentrar a Cidade para tomar-lhe a Temperatura. Geosul nº 9. Dept. Geociências UFSC.
- 1990 - A Cidade como Processo Derivador Ambiental e Estrutura Geradora de um "Clima Urbano". In:- Geosul no.9. Depto. de Geociências da UFSC.
- 1990 - Cidade e Ambiente Atmosférico. In:- Geosul no.9. Depto. de Geociências da UFSC.
- 1990 - O Campo Térmico na Cidade de Florianópolis: Primeiros Experimentos. In:-Geosul no.9. Depto. de Geociências da UFSC. (& Sezerino, M.I.)
- 1991 - Clima e Excepcionalismo - Cadernos de Geografia - UFSC.
- 1999 - O Estudo Geográfico do Clima. In:- Cadernos Geográficos no. 1. UFSC. Florianópolis.
- 2000 - Geossistemas: a História de uma Procura. Contexto. São Paulo.
- Fluvial Hazards and the Disorganization of Urban Life in Greater São Paulo. AFOLABI.

MULLER:- Nice Lecoq (Nice Magalhães Lecocq)

Ingresso na Universidade: 1938

Bacharelado e Licenciatura: 1940

Especialização em Geografia:- 1941

Doutorado:- 1946. Tema:- Tipos de Sitiantes em Algumas Regiões do Estado de São Paulo.

Orientador:- Pierre Monbeig

Livre Docência:- 1967. Tema:- Contribuição ao Estudo do fato Urbano e da Organização do Espaço no Vale do Paraíba.

Atuação profissional:- Professora Assistente do Departamento de Geografia.

Publicações:-

1944 – A exploração de Madeira na Alta Sorocabana. Anais da IX Cong. Brasileiro de Geografia

1949 – Uma vila no Litoral Paulista: Icapara. Boletim Paulista de Geografia. No 1.

1949 – Oxford, cidade de ontem e de hoje, Boletim Paulista de Geografia No. 2.

1951 – Imprensa – o Incunábulo e a Emancipação do Livro Impresso.

1952 – Paisagens Rurais no Município de Campinas. Anais da AGB. Vol. II. 1947.

1956 – Contribuição ao Estudo do Norte do Paraná – BPG No.22, março.

1966 – Bairros Rurais do Município de Piracicaba. BPG. No. 43.

1966 – Evolução e Estado atual dos Estudos de Geografia Urbana no Brasil. In: Simpósio de Geografia Urbana, Buenos Aires, junho de 1966. Instituto Pan Americano de Geografia e História, Publicação 274, 1968 Rio de Janeiro, pág. 13-58.

1969 – Industrialização do Vale do Paraíba. IGUSP, 1969.

1969 – Fato Urbano no Vale do Paraíba.

SETZER. José.

Livre Docência no Departamento de Geografia da USP em 1949.

Tema:- Origem das Terras Pretas de Bage – RS.

Destacou-se como pesquisador em Clima e Pedologia.

Publicações:-

1941 – Os Principais Tipos de Solos Paulistas. Separata da Diretoria de Publicidade da Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio do Estado de São Paulo.

1944 – Os Problemas dos Cafezais Novos em Terras Roxas Cansadas. Boletim do Curso de Aperfeiçoamento e Especialização No.3;. Ministério da Agricultura. Rio de Janeiro.

1945 – Noções Gerais de Pedologia. Boletim Geográfico no. 3. Ano II.

1946 - Contribuição para o Estudo do Clima do Estado de São Paulo. Separata atualizada do Boletim do Departamento de Estradas de Rodagem, vol. IX a XI de outubro de 1943 a outubro de 1945. Escolas Salesianas, São Paulo.

1949 – Sobre a Ecologia do Café. Separata do Boletim de Agricultura. 1945. Diretoria de Publicidade Agrícola – Secretaria da Agricultura. São Paulo. 1949.

1949 – Os Solos do Estado de São Paulo. Relatório técnico com considerações práticas. Biblioteca Geográfica Brasileira. Conselho Nacional de Geografia, Publicação No. 6, serie A. Rio de Janeiro.

1951 – Alguns Problemas de Recuperação do Solo no Estado de S, Paulo (com sugestões para a sua solução). Reimpressão autorizada do “Digesto Econômico” e da Revista Rural Brasileira. Gráfica São José. São Paulo.

1955 – A Natureza e o Aproveitamento Racional dos Solos da Bacia Paraná-Uruguai, paginas 132-227 In:- Condições Geográficas e Aspectos Geoeconomicos da Bacia Paraná Uruguai. Estudo elaborado pela AGB. São Paulo.

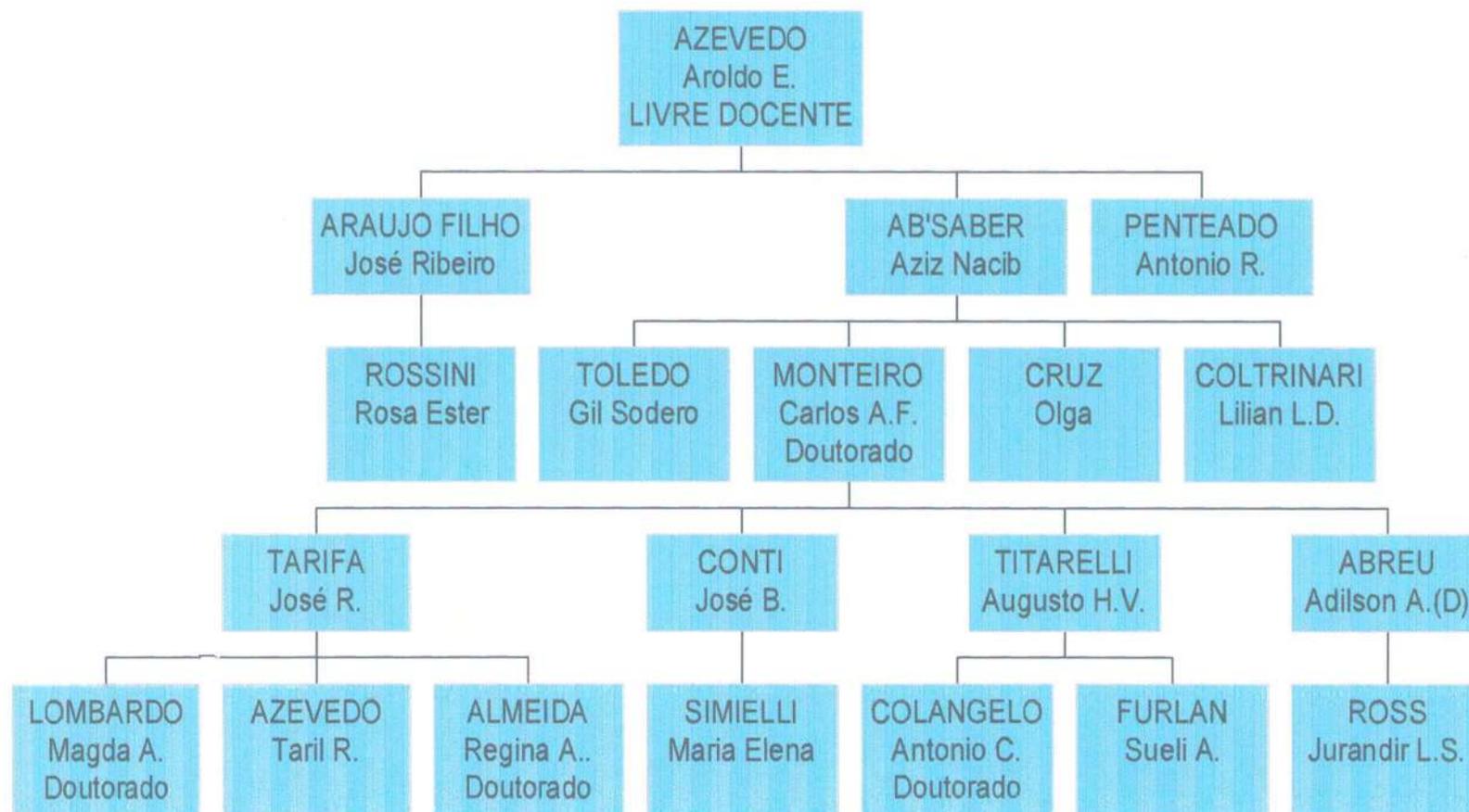
1966 - Atlas Climático e Ecológico do Estado de São Paulo. Editado pela Comissão Interestadual da Bacia Paraná-Uruguai e Centrais Elétricas de São Paulo. São Paulo.

TARIFA - José Roberto

PUBLICAÇÕES; -

- 1971 – (Monteiro, C.A.F.) – Balanço de Energia em Seqüência de Tipos de Tempo: Uma Variação no Oeste Paulista. Presidente Prudente. 1968-1969. Climatologia 5, IGUSP. S. Paulo.
- 1971 – Sucessão de Tipos de Tempo e Variação do Balanço Hídrico no Extremo Oeste Paulista. IGUSP. Teses e Monografias II. São Paulo.
- 1972 – Análise Climatológica para fins de Implantação do Parque Metropolitano Sul (SP) Gegrans – Montreal Engenharia (+Mello, M.H. de A).
- 1973 – O Clima de Manaus: uma Abordagem Geográfica para fins de Planejamento. IAC. Serete S.A. Engenharia.
- 1973 - Análise de Regressão como Subsídio ao Desenvolvimento das Cartas de Isotermas e Isoietas. In:- Revista Geográfica no. 78.
- 1974 – Doutorado; - Fluxos Polares e as Chuvas de Primavera-Verão no Estado de São Paulo - Uma Análise Quantitativa à Gênese do Processo Genético –IGUSP - Teses e Monografias 19.
- 1976 – Sobre um Programa de “Climatologia Experimental” na PMSP – BPG 52 (101/119) S.P.
- 1977 – Contribuição ao Estudo de Clima Urbano de Marabá: uma Abordagem de Campo Subsidiária ao Planejamento Urbano, IG USP série Climatologia no. 7 (+ Monteiro).
- 1977 – Análise Comparativa da Temperatura e Umidade na Área Urbana e Rural de São José dos Campos (SP) Brasil, Geografia, 2 (4) 59-80 –UNESP - Rio Claro.
- 1981 - Análise, Topo e Microclimática. Trabalho de Campo. O caso de S. José dos Campos - Climatologia II – SP
- 1982 – Climatic Hazards in Southeast Brazil in IGU – Environmental Problems Guide Book, paginas 165 a185.
- 1982 – The Local Climate of Sao Luis Island: an Environmental Approach. Trabalho apresentado na Conferência Regional Latino Americana da União Geográfica Internacional. São Paulo.
- 1983 - Estimativa e Representação da Temperatura no Brasil. In:- Revista do Depto. de Geografia da FFLCH USP no. 2, pp. 19 a 44. (& Regina Vasconcellos)
- 1983 – O Homem e as Mudanças Climáticas no Brasil, Trabalho apresentado no 3o. Congresso de Agrometeorologia, Campinas, julho 1983. Soc. Brás.de Agrometeorologia (Mello, H.M.de A.)
- 1985 – Qualidade do Ar. In: Qualidade Ambiental. SEMPLA – Série Doc. PMSP. Pp.15-17.
- 1985 – Clima: Elementos Naturais in: Qualidade Ambiental. SEMPLA – Série Documentos Prefeitura do Município de São Paulo. pp 13-14.
- 1991 – Qualidade do Ar no Município de S. Paulo. Trabalho em 11 mapas 1:50000 para a PMSP
- 1991 - As Enchentes e a Desorganização Urbana na Cidade de São Paulo - Programa à Fundação Mac Arthur
- 1993 - Unidades Climáticas na Região Metropolitana de São Paulo. (inédito)
- 1999 - O Clima no Campo. In:- GEOUSP Espaço e Método no. 6 DG. - FFLCH USP
- 1999 - Unidades Climáticas da RMGSP -Depto de Geografia USP - (inédito)
- 2001 - Os Climas na Cidade de São Paulo (org.) GEOUSP.
- 2001 – Unidades Climáticas da Cidade de São Paulo (1ª. Aproximação) in: Atlas Ambiental do Município de São Paulo – FASE I. SIVMA e Séc. Plan. Da PMSP (+Armani, G).

ORIENTANDOS DO PROF. AROLDO AZEVEDO



ALUNOS QUE SE TORNARAM DOCENTES

